



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



ANAIS



V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA

**II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE
HUMANA, ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



LEPESPE
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte
UNESP - Rio Claro

Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicologia do Esporte

Instituto de Biociências – UNESP – Rio Claro



SUMÁRIO

HISTÓRICO	1
LEPESPE.....	1
COMISSÃO ORGANIZADORA	4
BOAS VINDAS!!!	5
PROGRAMAÇÃO OFICIAL.....	6
RESUMOS	10
A CRIANÇA E O ESPORTE: UM ESTUDO SOBRE A IDADE COM QUE AS CRIANÇAS INICIAM UMA PRÁTICA ESPORTIVA NOS CENTROS DESPORTIVOS	11
A GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO POSITIVO DOS ESTADOS EMOCIONAIS	12
A INFLUÊNCIA DA DANÇA E DA ATIVIDADE LÚDICA NOS ESTADOS EMOCIONAIS DE TRABALHADORES	13
A INICIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO DA TORCIDA E O USO DE REDES SOCIAIS: UM RECORTE DA TORCIDA DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS	14
A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE ESCALADA INDOOR PARA UM GRUPO DE IDOSOS ATIVOS.....	15
ACOMPANHAMENTO DOS PAIS NO RENDIMENTO DO FILHO: UM ESTUDO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE	16
ALEXITIMIA E FATORES DE DECISÃO DE CARREIRA DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	17
ALIENAÇÃO E EDUCAÇÃO: INTERPRETAÇÃO DAS VARIÁVEIS NO ESPORTE	18
ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM ADOLESCENTES ESPORTISTAS: CONSTATAÇÕES	19



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



ANÁLISE COMPARATIVA DE ESCORES EM COBRANÇAS DE PÊNALT ENTRE ATLETAS EXPERIÊNTES E NÃO EXPERIÊNTES NO FUTEBOL DE CAMPO: COLABORAÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE.	20
ANÁLISE DA VERGONHA EM INICIANTE DO VOLEIBOL.....	21
ANÁLISE DAS VARIÁVEIS MOTIVACIONAIS (SAÚDE E ESTÉTICA) DE ATLETAS PÓS-LESÃO NA MODALIDADE ESPORTIVA VOLEIBOL.....	22
ANÁLISE DE COMPATIBILIDADE ENTRE TREINADORES E ATLETAS INFANTO-JUVENIS DE TAEKWONDO	23
ANÁLISE DO PERFIL DE LIDERANÇA DE TREINADORES DE FUTEBOL ATRAVÉS DE VÍDEOS: UM ESTUDO DE CASO COM UMA EQUIPE PORTUGUESA.....	24
ANÁLISE DOS ESTADOS DE HUMOR NO FUTSAL: COMPARAÇÃO PRÉ E PÓS-JOGO.....	25
ANÁLISE E COMPARAÇÃO DOS ESTADOS DE HUMOR DE ATLETAS DE FUTSAL E FUTEBOL	26
ANOREXIA X VIGOREXIA – À PROCURA DO CORPO PERFEITO.....	27
APARÊNCIA FÍSICA EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA	28
ARBITRAGEM NO FUTEBOL E A FALTA DE PROFISSIONALIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE	29
AS PESQUISAS SOBRE QUALIDADE DE VIDA E ATIVIDADES FÍSICAS NOS ANAIS DO CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.....	30
ASSOCIAÇÃO ENTRE A MORTALIDADE POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO E SEDENTARISMO EM IDOSOS: UM ESTUDO DE AUTÓPSIAS.	31
ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO MUNICÍPIO DE MUZAMBINHO-MG: CONFRONTANDO EXPECTATIVAS, REALIDADE, CAPACITAÇÃO E A MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR EM CONTEXTOS INCLUSIVOS.....	32
AUTOESTIMA E APARÊNCIA DO CORPO EM IDOSOS INICIANTE EM UM PROGRAMA DE EXERCÍCIOS: COMPARAÇÃO ENTRE EUTRÓFICOS E SOBREPESADOS.....	33
AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ESCOLARES DE 7 A 11 ANOS.....	34
AVALIAÇÃO FUNCIONAL E DESCARGA DE PESO EM ATLETAS DE FUTEBOL EM CATEGORIAS DE BASE.....	35
BASES PSICOLÓGICAS PARA A INSERÇÃO DA DANÇA NA ESCOLA	36



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



CENTRO INTERPROFISSIONAL DE PESQUISA E ESTUDO DO ESPORTE: AÇÕES INTERDISCIPLINARES NA UNIFESP - CAMPUS BAIXADA SANTISTA	37
CLUBE SEDE NA ESTREIA DA COPA SÃO PAULO DE FUTEBOL JÚNIOR, FAZ DIFERENÇA?	38
COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE APTIDÃO FUNCIONAL ENTRE IDOSOS SEDENTÁRIOS E FISICAMENTE ATIVOS EM RESULTADO DA APLICAÇÃO DA BATERIA DE TESTES AAHPERD (AMERICAN ALLIANCE FOR HEALTH, PHYSICAL EDUCATION, RECREATION AND DANCE)	39
CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO.....	40
CONSTRUÇÃO DE HÁBITOS E VALORES ATRAVÉS DE PRÁTICAS ESPORTIVAS: UM EXEMPLO DE INTERVENÇÃO DIALÓGICA NO ESPORTE SOCIOEDUCACIONAL	41
CONSTRUÇÃO DE TEMAS ESCOLARES COM OS ALUNOS, REFORÇO AOS SEUS INTERESSES E NECESSIDADES: EXPERIÊNCIAS DE BOLSISTAS DO PIBID UFSCAR.....	42
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA O PARADESPORTO AQUÁTICO ..	43
COPING EM SITUAÇÃO DE COMPETIÇÃO:	44
ESTUDO COM ESGRIMISTAS PARALÍMPICOS	44
CORPO, MÍDIA E CULTURA INDUSTRIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. .	45
DOS MAROMBAS AOS MODELOS: CORPOS MASCULINOS E FEMININOS EXIBIDOS NOS SÍTIOS DOS ESPAÇOS FITNESS.	46
ED. FÍSICA ESCOLAR, CADEIRA DE RODAS E DEFICIÊNCIA FÍSICA! E AGORA?!... A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO INCLUSIVO E SEU PAPEL MOTIVACIONAL NA ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA	47
EM QUADRA, OS HOMENS: REFLEXÕES SOBRE MASCULINIDADES NAS PRÁTICAS CORPORAIS.....	48
ENTRE O UNIVERSO DESPORTIVO E CORPORATIVO: REFLEXÕES SOBRE RESILIÊNCIA NO PROJETO CORPORAÇÃO.....	49
ESCALA DE AUTOESTIMA DE PRATICANTES REGULARES DE ATIVIDADES ESPORTIVAS: ANÁLISES PSICOMÉTRICAS	50
ESGRIMISTAS PARALÍMPICOS: ESTUDO COMPARATIVO DE ESTILOS DE COPING APÓS UMA COMPETIÇÃO INTERNACIONAL.....	51
ESPORTISTAS E TWITTER: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE 2011 E 2013..	52



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



ESTADO DE HUMOR DE SERVIDORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS APÓS UMA SESSÃO DE GINÁSTICA LABORAL: COMPARAÇÃO ENTRE GÊNERO	53
ESTADOS DE ÂNIMO DE IDOSOS PRATICANTES DE UM PROGRAMA DE ATIVIDADE FÍSICA	54
ESTADOS DE HUMOR EM ATLETAS DE FUTEBOL E FUTSAL: UMA COMPARAÇÃO DURANTE O PERÍODO COMPETITIVO	55
ESTADOS EMOCIONAIS E FUTEBOL: UMA ANÁLISE DE EQUIPES JUNIORES	56
ESTUDO DE CASO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A FORÇA MUSCULAR DE MEMBROS INFERIORES E FATORES MOTIVACIONAIS EM NADADORA COM MIELOMENINGOCELE.	57
ESTUDO DESCRITIVO DE ESTILOS DE ENFRENTAMENTO DE ESGRIMISTAS PARALÍMPICOS: DIFERENÇAS SEGUNDO O SEXO E TEMPO DE PRÁTICA.	58
EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO INVENTÁRIO DE COMPARAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DO ESPORTE	59
FATORES PSICOLÓGICOS E COGNITIVOS EM ATLETAS DE FUTEBOL	60
FORÇA MUSCULAR MÁXIMA PALMAR COM ATLETAS DE BASQUETE E FUTSAL	61
FUTEBOL DE CAMPO FEMININO: ASPECTOS PSICOLÓGICOS E COGNITIVOS	62
GINÁSTICA NA ESCOLA: DIFICULDADES E AUTOEFICÁCIA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	63
IMPACTO PSICOLÓGICO DAS LESÕES NO RENDIMENTO ESPORTIVO: VISÃO DE ATLETAS UNIVERSITÁRIOS DE FUTEBOL E FUTSAL	64
INDICADORES DA TOMADA DE DECISÃO DO GUARDA REDES NA MARCAÇÃO DA GRANDE PENALIDADE NO FUTEBOL	65
INFLUÊNCIA DOS ESTADOS EMOCIONAIS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES RECÉM FORMADOS	66
JOGOS COOPERATIVOS: PERCEPÇÃO DO AMBIENTE E RESILIÊNCIA	67
JOVENS COM EPILEPSIA: RELAÇÕES ENTRE ATIVIDADE FÍSICA E AUTOESTIMA	68
LIDERANÇA NA GESTÃO DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO: INFLUÊNCIA NA UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS VIRTUAIS	69



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



MEDO E VERGONHA COMO BARREIRAS A SEREM SALTADAS: UMA EXPERIÊNCIA COM ATLETISMO DE BOLSISTAS DO PIBID/UFSCAR	70
MOTIVAÇÃO DOS ATLETAS FEDERADOS PARA A PRÁTICA DO ATLETISMO DE COMPETIÇÃO.....	71
MOTIVAÇÃO E EXERCÍCIO FÍSICO EM PRATICANTES DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA NA CIDADE DE CAMPINAS/SP.....	72
MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	73
MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA: RESULTADOS PRELIMINARES.....	74
MOTIVOS PARA A BUSCA DO CORPO PERFEITO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA.....	75
MOTIVOS QUE LEVAM IDOSAS A ADERIREM À PRÁTICA DE DANÇA.....	76
MUNDOS VIRTUAIS: ZONAS DE IMORTALIDADE E BELEZA	77
MUNDOS VIRTUAIS E NARCISISMO: POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO	78
NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E AUTOPERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DOS ALUNOS DO ENSINO INTEGRADO DO IFSULDEMINAS - CÂMPUS MUZAMBINHO	79
NOVAS TECNOLOGIAS E O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL	80
O AMBIENTE NAS AULAS DE DANÇAS DE SALÃO: AUXILIANDO NA ADERÊNCIA À PRÁTICA.	81
O ENFRENTAMENTO DE PROBLEMAS EM ATLETAS JUVENIS	82
O QUE MOTIVAM AS ADOLESCENTES A DANÇAREM “JAZZ”?	83
OS ESTADOS DE HUMOR DE PRATICANTES DE HANDEBOL E FUTEBOL NOS JOGOS REGIONAIS DE 2012: HOMENS E MULHERES NA “CONCENTRAÇÃO ESPORTIVA”.....	84
OVERTRAINING: ESTUDO DE CASO DE UMA EQUIPE MASCULINA DE HANDEBOL DURANTE OS JOGOS REGIONAIS DE ITATIBA 2013.	85
PANORAMA DAS PESQUISAS E LINHAS TEÓRICAS DA MOTIVAÇÃO NAS CIÊNCIAS DO ESPORTE E EXERCÍCIO: REVISITANDO MODELOS E TEORIAS DA MOTIVAÇÃO APLICADOS À MOTRICIDADE HUMANA E PRÁTICAS CORPORAIS	86
PSICOLOGIA DO ESPORTE, TECNOLOGIAS E NOVAS MÍDIAS: A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA DO ESPORTE (LEPESPE) DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA.....	87



V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.



QUALIDADES MÉTRICAS DA DIMENSÃO “FADIGA” DA VERSÃO BRASILEIRA DO TESTE POMS EM ATLETAS DE VOLLEYBALL FEMININO	88
QUALIDADES MÉTRICAS DA DIMENSÃO “CONFUSÃO” DA VERSÃO BRASILEIRA DO TESTE POMS EM ATLETAS DE VOLLEYBALL FEMININO ...	89
REFLEXÕES CONCEITUAIS DA MOTIVAÇÃO E APLICAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL	90
RELAÇÃO ENTRE SINTOMAS DEPRESSIVOS, HABILIDADE MOTORA E O HEMISFÉRIO ACOMETIDO PELO AVCI	91
RISCO DE TRANSTORNO ALIMENTAR, IMAGEM CORPORAL E ANTROPOMETRIA DE ATLETAS DO SEXO FEMININO	92
SITUAÇÕES QUE CAUSAM O MEDO EM ATLETAS DE FUTSAL.....	93
SOB RÉDEAS CURTAS, DE CABELOS LONGOS: REFLEXÕES SOBRE MULHERES NO HIPISMO.....	94
TREINAMENTO MENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAMPO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE	95
UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DAS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS EM MEIO A NÃO DEFICIENTES	96
VIABILIDADE DE APLICATIVOS PARA QUESTIONÁRIOS POR MEIO DE TABLETS PARA A ÁREA CIENTÍFICA.	97
VIGOREXIA COMO RESULTADO DO PADRÃO ESTÉTICO CONTEMPORÂNEO: INFLUÊNCIAS SOCIAIS E PESSOAIS.....	98
VIVÊNCIAS EXTRA ESCOLARES: UM ESTÍMULO PARA NÃO PRATICANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ANÁLISES SOBRE ADEÇÃO ÀS PRÁTICAS CORPORAIS	99
YOGA: MOTIVOS QUE LEVAM À PRÁTICA.	100
RESUMOS EXPANDIDOS	101
A INICIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO DA TORCIDA E O USO DE REDES SOCIAIS: UM RECORTE DA TORCIDA DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS.....	102
ACOMPANHAMENTO DOS PAIS NO RENDIMENTO DO FILHO: UM ESTUDO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE	106
ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM ADOLESCENTES ESPORTISTAS: CONSTATAÇÕES.....	116



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



ANÁLISE DAS VARIÁVEIS MOTIVACIONAIS (SAÚDE E ESTÉTICA) DE ATLETAS PÓS-LESÃO NA MODALIDADE ESPORTIVA VOLEIBOL.....	122
ANÁLISE DE COMPATIBILIDADE ENTRE TREINADORES E ATLETAS INFANTO-JUVENIS DE TAEKWONDO	126
ANÁLISE DO PERFIL DE LIDERANÇA DE TREINADORES DE FUTEBOL ATRAVÉS DE VÍDEOS: UM ESTUDO DE CASO COM UMA EQUIPE PORTUGUESA.....	130
ANÁLISE DOS ESTADOS DE HUMOR NO FUTSAL: COMPARAÇÃO PRÉ E PÓS-JOGO	135
ARBITRAGEM NO FUTEBOL E A FALTA DE PROFISSIONALIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE	139
AVALIAÇÃO INICIAL DO TRAUMA DURANTE A PRÁTICA ESPORTIVA: CONCEITOS NORTEADORES PARA AS PRÁTICAS AVANÇADAS DE ENFERMAGEM	142
CLUBE SEDE NA ESTREIA DA COPA SÃO PAULO DE FUTEBOL JÚNIOR, FAZ DIFERENÇA?	150
CORPO, MÍDIA E CULTURA INDUSTRIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	153
GOLEIROS DE FUTEBOL DE CAMPO: INTERFERÊNCIA DA ANSIEDADE NO RENDIMENTO ATLÉTICO	157
NOVAS TECNOLOGIAS E O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL	163
OS ESTADOS DE HUMOR DE PRATICANTES DE HANDEBOL E FUTEBOL NOS JOGOS REGIONAIS DE 2012: HOMENS E MULHERES NA “CONCENTRAÇÃO ESPORTIVA”.....	166
OVERTRAINING: ESTUDO DE CASO DE UMA EQUIPE MASCULINA DE HANDEBOL DURANTE OS JOGOS REGIONAIS DE ITATIBA 2013.	170
TREINAMENTO MENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAMPO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE	175
PALESTRAS E MESAS	179
A PSICOLOGIA DO ESPORTE E SEUS OLHARES SOBRE A COPA DAS CONFEDERAÇÕES	180
ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO, O CORPO TRANSFORMADO E AS NOVAS MÍDIAS	185
AÇÃO COMUNICATIVA E TWITTER: O DISCURSO COMO FORMA DE EXPRESSAR VIOLÊNCIA.....	189



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA INSTRUMENTAL NOS ÁRBITROS DE FUTEBOL PROFISSIONAL	194
ENSINAR ESPORTES E A QUESTÃO DE VALORES	197
EXPERT COACH NO ESPORTE	199
NOVAS MÍDIAS E ESPORTE: UM OLHAR DA PSICOLOGIA DO ESPORTE ..	203
NOVOS OLHARES PARA A ADMINISTRAÇÃO NO ESPORTE: MEGA EVENTOS E SEUS LEGADOS	210
ORGANIZAÇÃO DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: NOVOS OLHARES PARA O GESTOR ESPORTIVO	213
PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO CANADÁ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	218
PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PORTUGAL *	223
PSICOLOGIA DO ESPORTE NA ÉPOCA DA CIBERPSICOLOGIA OU DA NETNOPSICOLOGIA	227
REFLEXÕES POSSÍVEIS: ENCAMINHAMENTOS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR - UM ESTUDO DE CASO.	231
USO DE VARIÁVEIS LATENTES COMO AVANÇO NOS ESTUDOS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE: ESTUDO DE CASO COM A TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO	237
VIOLÊNCIA INSTRUMENTAL E AS LUTAS/ OU ESPORTIVA.....	243



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



V Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana

**II Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade
Humana, Esporte, Recreação e Dança**

12, 13 e 14 de setembro de 2013



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



UNESP - Campus Rio Claro Instituto de Biociências (IB)

Diretor : Professor Doutor Jonas Contiero

Vice Diretora: Professora Doutora Adelita Aparecida Sartori Paoli

Departamento de Educação Física

Chefe do D.E.F (gestão 2012-2013): Professora Doutora Cynthia Y.
Hiraga

Vice-chefe: Profa. Dra. Eliane Mauerberg de Castro

Coordenação de Curso de Graduação: Prof^a. Dr^a. Sara Quenzer
Matthiessen



HISTÓRICO

O **V Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana do Instituto de Biociências**, Rio Claro, é uma realização do LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte), sediado no Departamento de Educação Física, UNESP, campus de Rio Claro. Teve apoio do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias e do Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências - Rio Claro, de modo a garantir a infra-estrutura necessária para um pleno desenvolvimento, além de contar com recursos humanos dos próprios membros deste Laboratório, nas pessoas dos graduandos, **mestrandos** e doutorandos. Com o passar do tempo e a procura pelo evento, num nível nacional, intitulou-se este ano de **II Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança**.

O LEPESPE é um laboratório credenciado na instituição e no CNPq, junto aos grupos de pesquisas e realiza suas reuniões semanalmente, as terças-feiras, nas dependências do IB. Os trabalhos de pesquisas são realizados nos espaços do laboratório, junto ao Departamento de Educação Física, ocupando espaço ideal para atender as necessidades dos jovens pesquisadores que compõem o grupo, da graduação à pós-graduação, passando pelos profissionais formados que por ali transitam.

Do ponto de vista logístico, o fato de estar sediado em Rio Claro favorece o entrosamento com equipes de alto nível da região, escolas de ensino básico, fundamental e médio e demais grupos de ensino superior. O suporte técnico oferecido pelo Departamento de Educação Física e o relacionamento mantido com outros grupos e laboratórios de pesquisas, na área, favorece o desenvolvimento de projetos inovadores. A interface com a tecnologia tem sido garantida por meio de projetos idealizados no laboratório ou em entrosamento com outros grupos já estabelecidos, que buscam parceiros em seus avanços. Vamos a alguns detalhes técnicos deste grupo.

LEPESPE

Histórico da constituição

A existência do LEPESPE se deve à necessidade de aplicar os conhecimentos acadêmicos adquiridos em cursos e outros laboratórios às aulas de Psicologia do Esporte, Aspectos Psicopedagógicos da Educação Física Escolar, Mídia corpo e esporte e Fundamentos da Psicologia da Motricidade Humana, e avançar em direção aos novos conhecimentos que a interface existente entre esporte-psicologia-tecnologias possa possibilitar. O viés da Tecnologia surge em decorrência do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (PPG-DEHUTE) estar sediado no Campus de Rio Claro, e possibilitar o entrosamento entre cada uma das faces interligadas e apontadas acima.

Busca fortalecer as discussões e trabalhos desenvolvidos pelos docentes da linha de pesquisa "Estados emocionais e movimento", "Corpo, Rendimento e Tecnologia" e "Corpo, Cultura e Tecnologia", do Departamento de Educação Física e do PPG-DEHUTE/ Instituto de Biociências/UNESP e fundamenta teórica e praticamente a análise e discussão de elementos comuns ao meio esportivo, à psicologia e à tecnologia.



V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA, II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.



Com a dinâmica mantida por seus membros, o LEPESPE possibilita sugerir e encaminhar questionamentos relativos à psicologia e sua aplicação no esporte e nos anais tecnológicos que emolduram este quadro; são funções deste grupo de pesquisadores: gerar conhecimentos e desenvolver projetos, aplicando o mais inovador dos referenciais teóricos e tecnológicos, fortalecer e incrementar o LEPESPE, levando-o a apresentar à comunidade científica novas e emergentes propostas de atuação de seus membros, por meio da comunicação de seus trabalhos e estudos.

O laboratório mantém uma relação de parceria com outros grupos de pesquisas (Instituto Superior de Psicologia Aplicada/Lisboa-Portugal; Grupo de Pesquisa em Psicologia do Exercício e do Esporte/Universidade São Judas Tadeu e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física/Dep. Educação/IB/UNESP), Núcleo de Estudos da Psicologia do Desporto (Universidade do Minho), Núcleo de Estudos em Psicologia do Esporte (Universidade de Quebec em Trois-Rivières - Canadá) e Núcleo de Estudos da Ciência Cognitiva (UNISAL) com quem vem fazendo o intercâmbio necessário para o perfeito entrosamento.

Teve uma pesquisa interinstitucional aprovada pela FAPESP, numa ligação junto à Universidade São Francisco/Faculdade de Psicologia e inicia um processo de pesquisa interdisciplinar junto à UniMinho- Portugal. O LEPESPE é coordenado pelo Prof Afonso Antonio Machado e tem como membros pesquisadores: Daniel Presoto, Altair Moioli, Marcelo Callegari Zanetti, Marcos Alencar Abaide Balbinotti, Carlos Abaide Balbinotti, Ricardo Saldanha, Daniel Bartholomeu, José Maria Montiel, Fernando César Gouvêa, Flávio Rebutini, Gisele Maria Schwartz e Maria Regina Ferreira Brandão, todos professores universitários brasileiros atuantes na área e orientadores de programas de mestrado e doutorado.

Este laboratório ainda tem como membros participantes os demais profissionais: Cristina Akiko Iizuka (Austrália), Gustavo Lima Isler, Henrique Moura Leite Bottura (FM-USP), Mauro Klébis Schiavon, Flavio F. Dezan, Marta Aurélia Campos Silveira (UFMA), Hélio Cozza, além de alunos da graduação da UNESP, UNIARARAS e UNIMEP.

Área física disponível

São duas salas de dezesseis metros quadrados, onde realizamos nossas pesquisas, entrevistas e pequenas reuniões de supervisão ou orientação de projetos.

Equipamentos

Atualmente dispomos de quatro computadores, ligados na rede, por meio do provedor da UNESP, e um conjunto de livros que possibilitam o avanço e desenvolvimento dos membros que desenvolvem seus trabalhos no próprio LEPESPE. O acervo tem perto de 350 dissertações e teses, além de livros atuais e clássicos e revistas da área, disponíveis para os participantes do LEPESPE.

Cooperações com outros centros

O laboratório mantém uma relação de parceria com outros grupos de pesquisas como Instituto Superior de Psicologia Aplicada/Lisboa-Portugal (Prof. Dr. Duarte Araujo); Grupo de Pesquisa em Psicologia do Exercício e do Esporte/Universidade São Judas Tadeu (Profa. Dra. Regina Brandão); Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física/Dep. Educação/IB/UNESP(Prof. Dr. Samuel Netto), Núcleo de Estudos da Psicologia do Desporto da Universidade do Minho (Prof. Dr. Rui Gomes) e Núcleo de Estudos da Ciência Cognitiva (UNISAL, Prof. Dr. Daniel Bartholomeu e José Maria Montiel) e Núcleo de



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



Estudos em Psicologia do Esporte (Universidade de Quebec em Trois-Rivières - Canadá; Prof. Dr. Marcos Abaide Balbinotti) e Grupo de Estudos em Psicologia Aplicada ao Esporte (UFRGS, Prof. Dr. Carlos Abaide Balbinotti) com quem vem fazendo o intercâmbio necessário para o perfeito entrosamento. Em 2012 foram firmados contatos de parceria com a Universidade de Aveiro, de Coimbra e Nova Lisboa, por meio de docentes presentes no II Congresso Internacional de Sexualidade e Gênero, em novembro, na cidade de Araraquara-SP.

Perspectiva futura

Com a implantação do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – IB - Rio Claro: estamos iniciando uma nova fase de desenvolvimento de tecnologias, em que passamos a elaborar e validar instrumentos de pesquisas, em Psicologia do Esporte. No Brasil, é muito escasso o volume de pesquisas que resultem em validação de instrumentos específicos da Psicologia do Esporte. Já temos material coletado e os primeiros ensaios estatísticos já avançam para a validação de testes que avaliam a agressão e a ansiedade no esporte; testes para analisar o estado de humor e sua alteração, durante o decorrer de uma partida esportiva; teste para avaliar personalidade de atletas e sua predisposição diante de modalidades coletivas e individuais, numa parceria com Dres Rui Gomes (Portugal), Marcos A. Balbinotti (Canadá) e Daniel Bartholomeu (UNISAL).

Convênios

Estabeleceu-se a aproximação entre o grupo de estudos português (Instituto Superior de Psicologia Aplicada- ISPA), por intermédio de seu líder, Dr. Pedro Almeida, além dos contatos com a Universidade de Quebec-Canadá, cuja finalidade é desenvolver programas inter-institucionais e o intercâmbio de membros dos laboratórios, que tende a se implementar com o desenvolvimento dos trabalhos e a internacionalização de seus membros. A participação no Congresso Europeu de Psicologia do Esporte, na Ilha da Madeira, em 2011, foi fundamental para tais contatos e avanços no intercâmbio.

Proposta

Este ano, 2013, contamos mais uma vez com a presença da Editora Fontoura que sedimenta a parceria estabelecida com o LEPESPE. A Editora Fontoura é grande incentivadora de talentos e profissionais de projeção no cenário nacional, conforme notamos em seu desenvolvimento. Desta forma, ela participa com dois grandes marcos, pensando na produção científico-acadêmica da Psicologia do Esporte: o lançamento do livro “Psicologia do Esporte: da escola ao treinamento esportivo”, obra organizada mediante cooperação entre dois grupos distantes: LEPESPE e Núcleo de Estudos em Psicologia do Desporto (da UniMinho-Pt), que teve lançamento simultâneo, acontecendo no evento e em Braga, Portugal, junto ao Prof. Dr. Rui Gomes.



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



COMISSÃO ORGANIZADORA

Presidente do Seminário

- Professor Doutor Afonso Antonio Machado

Comissão Científica

- Professor Mestre André Aroni
- Professor Doutor Altair Moioi
- Professor Doutor Marcelo Callegari Zanetti
- Professor Doutor Flávio Rebustini
- Professor Mestre Gustavo L. Isler

Comissão Recepção e Secretaria:

- Vivian Oliveira
- Luciana Botelho Ribeiro
- Renata Teixeira

Comissão de Divulgação e Inscrição

- Cláudio Gomes Barbosa
- Guilherme Bagni

Comissão financeira

- Professor Mestre André Aroni
- Professor Mestre Claudio Gomes Barbosa
- Guilherme Bagni

Comissão de Certificados e Anais

- Lucas Ribeiro Cecarelli
- Eric Matheus Rocha Lima
- Professor Mestre Gustavo Lima Isler
- Professor Dndr Mauro K. Schiavon
- Raphael Moura

Comissão de Apoio

- Eric Matheus Rocha Lima
- Guilherme Bagni
- Renato Henrique Verzani
- Kauan Galvão Mourão
- Lucas Ribeiro Cecarelli
- Henrique Michellin
- Arthur Pio
- Matheus Oliveira

Comissão de Avaliação do Evento

- Professor Cláudio Gomes Barbosa

Comissão Cultural

- Vivian de Oliveira
- Arthur Pio



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



BOAS VINDAS!!!

Mais um evento científico tem início e muitas expectativas estão planando entre a comissão organizadora, convidados e congressistas. A seriedade e dedicação empregada na preparação de cada atividade é algo de muito importante e merece ser destacada, em especial por se tratar de um dos grandes congressos nacionais da área. Estamos, portanto, diante do atual e bem-vindo desafio: o **V Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana e II Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança**, cujo objetivo é ampliar horizontes do saber e promover os novos nomes da novíssima e atenta elite que formata a massa crítica da Psicologia do Esporte Brasileira.

Como já dito, na versão anterior, a Psicologia do Esporte Brasileira, atual, não depende mais de ícones que balizem seus saberes e fazeres: novas gerações de pesquisadores adquiriram vida própria, autonomia e autoridade para muito além de seus criadores e estão em franca atividade, exercendo seus saberes e suas provocações. Isto também nos remete à situações paradigmáticas que cobram retoques, aproximações e intervenções diante de grupos mais resistentes e pouco afeitos a mudanças. É o caminhar da Ciência que se faz presente.

Nos mesmos moldes que em versões anteriores, porém mais experientes, começamos nosso evento muito entusiasmados e confiantes no seu produto final. Podemos garantir que estamos atuando com um grupo de primeiríssimo nível, docentes universitários e pesquisadores jovens que darão sustentação a fase de transição que a Psicologia do Esporte Brasileira irá enfrentar, em breve.

Como coordenador do Laboratório de Estudo e Pesquisas em Psicologia do Esporte e do **V Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana e I Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança** cumpre-me agradecer pela escolha do evento e pelo interesse em ter seu trabalho divulgado neste evento científico-acadêmico, além de desejar uma boa imersão neste mundo que analisará a Psicologia do Esporte, com afinco e precisão.

***Afonso Antonio Machado, Prof. Dr.
Presidente do congresso***



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



PROGRAMAÇÃO OFICIAL

HORÁRIO	TIPO	12/09 - QUINTA-FEIRA
17:00 - 19:00	CREDENCIAMENTO	Credenciamento e retirada de materiais
19:20 - 19:30	TELEDEPOIMENTO	Prof.Dr. Sidôneo Serpa FMH Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa - Portugal Presidente da ISSP - International Society of Sport Psychology
19:30 - 20:30	PALESTRA DE ABERTURA	Palestra de Abertura: Psicologia do Esporte na época da Ciberpsicologia ou da Netnopsicologia Prof. Dr. Afonso Antonio Machado Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP

HORÁRIO	TIPO	13/09 - SEXTA-FEIRA
08:30 - 10:00	MESA REDONDA	A mídia: receptora e promotora de situações na psicologia do esporte. Moderador: Prof. Dr. Marcelo Callegari Zanetti Palestrante 1: Milton Leite Jornalista e Locutor Esportivo da Rede Globo de Televisão Palestrante 2: Prof. Dr. Flavio Rebustini Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP Rio Claro – SP Palestrante 3: Prof. Dra. Vera Regina Camargo Toledo Laboratório de Jornalismo (LABJOR) - UNICAMP
10:00 - 10:30		APRESENTAÇÃO DE PAINEL COFFEE BREAK
10:30 - 12:00	MESA REDONDA	Violência instrumental e as lutas / ou esportiva Moderador: Prof. Ms. André Aroni Palestrante 1: Prof. Dndo. Leonardo Pestillo de Oliveira Centro Universitário de Maringá (CESUMAR) Palestrante 2: Prof. Raphael Moura Rolim Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP Rio Claro – SP Palestrante 3: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



HORÁRIO	TIPO	13/09 - SEXTA-FEIRA
		Rio Claro – SP
12:00 - 14:00		
14:00 – 14:10	TELEDEPOIMENTO	Prof. Dr. Marcos Alencar Abaide Balbinotti Université du Québec à Trois-Rivières – Canadá.
14:10 - 15:30	MESA REDONDA	Perspectivas da psicologia do esporte no Canadá, Portugal e EUA : visão de doutorandos- bolsistas
		Moderador: Prof. Cláudio Gomes Barbosa
		Palestrante 1: Prof. Dr. Marcelo Callegari Zanetti (Canadá) Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP Rio Claro – SP
		Palestrante 2: Prof. Dr. Altair Moioli (Portugal) Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP Rio Claro – SP
		Palestrante 3: Prof. Dndo. João Ricardo Nickenig Vissoci (EUA) Unidade de Ensino Superior de Ingá – PR
15:30 - 15:45		
15:45 – 16:45	PALESTRA	Expert Coach No Esporte.
		Prof. Dr. Varley Teoldo Costa Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
16:45 - 17:45	PALESTRA	A psicologia do esporte e seus olhares sobre a Copa das Confederações
		Profª. Dra. Mª. Regina F. Brandão Universidade São Judas Tadeu – SP
17:45 - 18:45	SALAS TEMÁTICAS	Geografia do Esporte e os espaços de atuação do especialista em psicologia do esporte : Luís Fernando Gonçalves e Raphael de Moura Rolim
		Vulnerabilidade na rede social e o mundo esportivo : Guilherme Bagni e Vivian Oliveira
		Psicologia do esporte e fisioterapia: olhares para as lesões esportivas : Luciana R. Botelho e Renata Ferretti-Rebustini
		Psicologia do Esporte e educação física escolar : Renato Henrique Verzani e Lucas Cecarelli



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



HORÁRIO	TIPO	13/09 - SEXTA-FEIRA
		Vergonha e medo na atividade física: André Aroni e Matheus Oliveira
		Educação Física; Facebook e emoções: Mauro Klébis Schiavon e Marcela Tomé
		Novas mídias e a psicologia do esporte: Eric Matheus Rocha Lima e Kauan Galvão Morão
		Estresse psicológico e atividade física: Gustavo Lima Isler e Henrique Michelin

HORÁRIO	TIPO	14/09 – SÁBADO
08:30 - 10:00	PALESTRA	Academias de musculação, o corpo transformado e as novas mídias. Prof. Dr. Afonso Antonio Machado Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP Rio Claro – SP
10:00 - 10:30		APRESENTAÇÃO DE PAINEL
		COFFEE BREAK
10:30 - 12:00	MESA REDONDA	Estados Emocionais e Atividades Físicas Palestrante 1: Profª. Drª Gisele Maria Schwartz Universidade Estadual Paulista – UNESP – Rio Claro – SP Palestrante 2: Profª. Drª Priscila Valim Rogatto Universidade Federal de Lavras – UFLA – MG
12:00 - 14:00		
14:00 - 15:30	MESA REDONDA	Contribuição da Psicologia do Esporte na Educação Física Escolar Moderador: Prof. Dr. Altair Moioli Palestrante 1 Profª. Drª. Suraya Cristina Darido Laboratório de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar - UNESP Rio Claro – SP Palestrante 2 Profª. Arlete Guisso Scaramuzza Portillo Nicoletti Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível
15:30 - 16:00		APRESENTAÇÃO DE PAINEL



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



HORÁRIO	TIPO	14/09 – SÁBADO
		COFFEE BREAK
16:00 - 16:10	TELEDEPOIMENTO	Prof. Dr. Rui António Gomes: Universidade do Minho em Braga – Portugal
16:10 - 17:30	MESA REDONDA	Novos olhares para a administração no esporte: megaeventos e seus legados
		Moderador: Prof. Dndo. Mauro Klébis Schiavon
		Palestrante 1: Prof. Claudio Gomes Barbosa Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP Rio Claro – SP
		Palestrante 2: Prof. Ms. André Aroni Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - UNESP Rio Claro – SP



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



RESUMOS



A CRIANÇA E O ESPORTE: UM ESTUDO SOBRE A IDADE COM QUE AS CRIANÇAS INICIAM UMA PRÁTICA ESPORTIVA NOS CENTROS DESPORTIVOS

LOPES, F. J.¹, ZANETTI, M. C.^{1,2}, CECARELLI, L. R.¹, MACHADO, A. A.¹

¹LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil, ²UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil

(Introdução) Através das influências emergidas pelos agentes desportivos, meio de comunicações, vemos os clubes, academias, centros de treinamentos atual, abrindo as portas cada vez mais cedo para os jovens, mesmo ainda que, em idade tenra, estimulando os mesmos a treinarem horas e horas diárias, semanais e mensais em uma única modalidade esportiva. Para que as crianças tenham uma prática adequada, de acordo com suas necessidades e anseios, tornam-se que suas experiências motoras e de iniciação esportiva sejam positivas tanto, dos pontos de vista psicomotores, afetivos, sociais e cognitivos. Contudo a otimização do treinamento infantil e de jovens requer um conhecimento básico das condições vigentes em cada faixa etária. Somente este conhecimento possibilita estabelecer um treinamento adequado às necessidades de crianças e jovens. **(Justificativa)** A razão pela qual se deu elaborar este trabalho, é por se tratar de um assunto de muita relevância para a pedagogia do esporte, mais muito pouco estudada. **(Objetivo)** Verificar a idade com que as crianças iniciam uma prática desportiva nos centros desportivos. **(Metodologia)** Foram investigados 5 (cinco) centros desportivos na cidade de São José do Rio Pardo-SP. Para tal, elaboramos uma entrevista semiestruturada com os coordenadores e/ou dirigentes dos centros investigados. Para análise dos dados, utilizamos a técnica de Bardin (2011), apoiando-se na análise de conteúdo. **(Resultados)** Vemos, que a idade que os centros da cidade em questão se dispõe a matricular seus jovens no esporte se encaixa na média de 7 anos de idade para os esportes individuais e 7.27 anos para com os esporte coletivos. **(Discussão)** A partir dos dados apresentados, notamos que há uma divergência em relação aos dados obtidos por nós em comparação com a literatura pesquisada. A mesma, apresenta a média de 8.9 anos para esportes individuais e 11.7 com os esporte coletivos. Assim sendo, é difícil estabelecer uma idade específica ideal para a iniciação esportiva. **(Conclusão)** Constatamos que a média de idade mais coerente para se iniciar uma prática desportiva se encontra na faixa de 8 a 12 anos de idade.

A GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO POSITIVO DOS ESTADOS EMOCIONAIS

FRANCO, C. M. C.; MOIOLI, A. NICOLETTI, L. P.
UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP – Campus JK

INTRODUÇÃO: Os estados emocionais são definidos como conjunto de complexos motivos objetivos e subjetivos que interferem tanto fisiologicamente quanto cognitivamente na vida do ser humano, podendo ser de forma positiva ou negativa. Através do movimento o ser humano se comunica e expressa suas emoções. Nesse sentido, o cenário da prática da Ginástica Artística propicia um ambiente de experiências únicas para superações de desafios principalmente sobre si mesmo, com situações de voos, equilíbrios, inversões em superfícies e alturas que permitem explorar o desenvolvimento psicoafetivo da autoconfiança, do medo e da ansiedade.

JUSTIFICATIVA: Os relacionamentos interpessoais dependem da expressão, das emoções fatores importantes para o convívio do indivíduo com seu meio social. A emoção e o movimento apresentam relação de reciprocidade, portanto torna-se evidente a necessidade de explorar as contribuições psicoafetivas que os movimentos proporcionam a seus praticantes. **OBJETIVOS:** Analisar quais são as contribuições que a prática da Ginástica Artística pode promover para o desenvolvimento psicoafetivo de seus praticantes. **METODOLOGIA:** A investigação caracteriza-se como revisão de literatura, através do levantamento e análise do que foi publicado sobre esses fenômenos atualmente, em periódicos e artigos nacionais, tendo como fonte de pesquisa dados on-line disponibilizados nas bibliotecas digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O presente estudo possibilitou compreender os fenômenos psicoafetivos e suas manifestações no contexto da prática da ginástica artística. Dentre os estudos mais recentes permeiam os relatos de experiências cotidianas dos ginastas que enfrentam situações que exigem autoconfiança e controle da ansiedade. Ainda precisam lidar com situações de medo nos treinamentos ou nas competições. Outros estudos ainda propõem que a intervenção do professor é de notável importância no auxílio para lidar com essas emoções, intensificando a relação professor-aluno. Porém, apesar desses dados em que se observa a importância da intervenção e mediação do professor ou do técnico administrando as alterações dos estados emocionais dos alunos para que o desenvolvimento psicoafetivo possa potencializar positivamente o seu desenvolvimento, desempenho e interação social, ainda assim, há necessidade de maiores subsídios teóricos e práticos no que tange o campo da psicologia do esporte principalmente nos termos da Ginástica Artística.

Palavras-Chave: Estados emocionais. Ginástica Artística. Desenvolvimento Psicoafetivo. Psicologia do Esporte.



A INFLUÊNCIA DA DANÇA E DA ATIVIDADE LÚDICA NOS ESTADOS EMOCIONAIS DE TRABALHADORES

ANDRADE, P.D.A.C.; FARIA, A.C.; SAITO, G.S.; GRIMALDI, G.; DEUTSCH, S.
Faculdade de Educação Física – UNESP – Rio Claro - SP

A Ginástica Laboral é uma prática de atividade física realizada no ambiente de trabalho. Ela contribui para a melhoria das capacidades físicas gerais do indivíduo, preparando e compensando seu corpo, ajudando-o a realizar as suas tarefas diárias contribuindo na manutenção e melhoria dos aspectos psicológicos através de interações interpessoais e intrapessoais. Com o passar dos anos, o mercado de trabalho começou a exigir cada vez mais dedicação do trabalhador, não se preocupando na mesma medida com a sua qualidade de vida no local de trabalho, provocando um maior cansaço e sensação de esgotamento, possibilitando aos indivíduos maiores chances de se acidentar ou desenvolver doenças. Tendo em vista a importância da presença de atividade física no dia-a-dia das pessoas, o Projeto de Ginástica Laboral da UNESP, campus de Rio Claro, têm procurado novas formas de melhorar não só os aspectos físicos, mas também os aspectos emocionais dos trabalhadores. As aulas de ginástica laboral preparatória e compensatória acontecem duas vezes por semana, no Instituto de Geociências e Ciências Exatas, na Biblioteca, no Restaurante Universitário e no Sistema Técnico de Informática da UNESP, atendendo cerca de 50 trabalhadores. Atualmente são desenvolvidas, por um professor responsável, um colaborador e três estagiários, atividades de flexibilidade, relaxamento, dinâmicas lúdicas e dança. Através das pesquisas realizadas, foi observado que as atividades lúdicas e as atividades de dança são mais aceitas e de fácil introdução ao ambiente de trabalho. Além disso, ambas colaboram para a melhoria dos estados emocionais dos trabalhadores, que ao praticá-las têm momentos de diversão, descontração, interação com o outro e de lazer, fatores que influenciam positivamente na melhoria dos estados emocionais dos trabalhadores. Em reuniões realizadas no projeto, foi discutida a possibilidade de trabalhar com maior ênfase os diferentes tipos de dança e as dinâmicas lúdicas nas aulas de ginástica laboral, a fim de beneficiar cada vez mais a qualidade de vida destes trabalhadores.

Palavras-Chave: Ginástica laboral, Estados emocionais, Dança, Atividade lúdica, Qualidade de vida.



A INICIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO DA TORCIDA E O USO DE REDES SOCIAIS: UM RECORTE DA TORCIDA DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

GONÇALVES, L.F., ROLIM, R.M., BARBOSA, C.G., BAGNI, G., MACHADO, A.A.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Atualmente vivemos em um mundo que é movido pelas interações sociais; são diversas ferramentas de interação direta e indireta que circulam pela denominada rede. A comunicação é imprescindível no cotidiano de todos, de modo que a rede social no mundo contemporâneo tem papel de grande valia nas interações que ocorrem em meio à sociedade. É relevante exaltar o uso dessas ferramentas pelos atletas de futebol de campo, que cada vez mais fazem uso deste meio para difundir as notícias de seu dia-a-dia com os torcedores. Os seguidores aparecem de todas as formas e lugares, todos querem saber as ocorrências cotidianas dos então denominados “boleiros”, ficam na rede à espera de uma enquete ou de uma outra forma de participar diretamente sobre alguma decisão que envolve um jogador ou sua equipe de futebol. O presente trabalho nos mostra um recorte de 270 torcedores que seguem o grupo virtual denominado *Palmeirenses* no FACEBOOK®, a amostragem é composta de pessoas de ambos os sexos, idades distintas e diversas regiões geográficas brasileiras, que demonstraram pela coleta de dados *online* sua interação com os veículos de comunicação e interação social proposta pela *web 3.0*, sendo que estas interações envolvem direta ou indiretamente a equipe paulista de futebol de campo. Os resultados obtidos mostram que 41% dos entrevistados seguem a equipe de futebol em mais de uma rede social, e 54% do montante total considera compulsivo o uso de diversas redes para fazer acompanhamento das notícias envolvendo a Sociedade Esportiva Palmeiras. O presente estudo é o primeiro passo para demonstrar a intervenção em relação direta de torcida/atleta durante as competições de esportes de alto rendimento, levando em consideração que a interação é direta, podendo de certa forma causar uma sobrecarga de sentimentos, esta que pode fazer com que ocorram mudanças de comportamento no atleta durante a fase competitiva.

Palavras chave: Desenvolvimento humano, tecnologias, torcida.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE ESCALADA INDOOR PARA UM GRUPO DE IDOSOS ATIVOS

*MACHADO, R. P. T., VALIM-ROGATTO, P. C., ROGATTO, G. P.
LAPPEX – UFLA – MINAS GERAIS*

A escalada esportiva vem crescendo e despertando interesse entre o público geral, sobretudo após o surgimento das paredes artificiais. Esta modalidade se caracteriza por seu trabalho de cooperação, contemplando objetivos tanto lúdico como de rendimento, sendo útil nos processos de inclusão social, superação e elevação do grau de autoestima. Por carregar o estereótipo de esporte praticado por jovens e seu aspecto de risco, a escalada muitas vezes deixa de ser oferecida para diferentes grupos etários. Assim, o objetivo do estudo foi investigar o significado da primeira experiência de participação em uma aula prática de escalada indoor para idosos fisicamente ativos. A amostra foi composta por oito idosos de ambos os sexos com média de idade de $68,4 \pm 7,9$ anos que participaram de uma aula prática de escalada indoor, em uma população de 30 idosos que frequentavam o programa “Atividade Física e Saúde para a Vida”, que envolve atividades físicas diversificadas realizadas duas vezes por semana na Universidade Federal de Lavras. A escalada foi realizada individualmente sob a supervisão de dois monitores experientes em técnicas de segurança. Utilizou-se a técnica de “top-rope”, ou seja, com a corda de segurança presa no topo da parede de 6,5 metros e livre escolha para ascensão. As agarras eram de fácil domínio não exigindo nenhuma técnica específica para o desempenho da escalada. Os idosos realizaram a escalada até o ponto onde se sentiam capazes, e podiam descansar durante a subida. A descida foi feita de maneira livre pelo idoso, baixado ao solo por controle do monitor. Após a realização da atividade, os idosos foram convidados a relatar suas experiências sem qualquer direcionamento dos pesquisadores. Os relatos foram analisados pelo método de “Análise de conteúdo”, considerando-se as menções mais frequentes. Percebeu-se que grande parte dos idosos relatou surpresa com a atividade proposta. Tal impressão parece dever-se ao fato deles pensarem que essa atividade nunca seria possível para aquele grupo etário. Embora a maioria tenha destacado que se sentia incapaz de realizar a atividade antes da experiência e apesar de nenhum dos idosos ter conseguido escalar toda a parede (cerca de dois metros), foi identificada grande satisfação com seus desempenhos sendo a descida tratada como algo prazeroso. A percepção de incapacidade prévia à realização da escalada, foi superada após a realização da atividade proposta, gerando uma sensação de conquista e autoeficácia. A descida pós-escalada foi referenciada como uma experiência prazerosa que, em alguns casos, remeteu à infância.

Palavras-Chave: Escalada; Idoso, Autoeficácia.



ACOMPANHAMENTO DOS PAIS NO RENDIMENTO DO FILHO: UM ESTUDO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

ROCHA LIMA, E.M.; CECARELLI, L.R.; ISLER, G.L.; MACHADO, A.A.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: A família é extremamente importante na vida de um jovem, pois fornece o suporte nas escolhas do mesmo em vários contextos, sendo o esporte um tópico de elevada importância, pela adequação motora e também pelo lado social. A presença familiar no esporte, de modo constante, tende a levar o filho a uma condição adequada para que tenha atitudes responsáveis na modalidade e também enquanto não estiver praticando. **Objetivo:** O objetivo do estudo consiste em avaliar de que modo a família acompanha a prática esportiva de seu respectivo filho e como influencia no rendimento do mesmo. **Método:** O instrumento utilizado é o Inventário Fatorial de Práticas Parentais Relacionadas ao Desenvolvimento do Talento no Esporte (IFATE), construído por Silva (2009). O presente Inventário, onde foram utilizadas a teoria e o modelo de elaboração de instrumental psicológico proposto por Pasquali (1999), já é validado. A amostra consiste em 14 indivíduos do gênero masculino, entre 13 e 17 anos de idade, praticantes de futebol e basquete com constante participação em competições. Para este trabalho, foi feita uma análise do fator 5 do questionário, que se refere às “Expectativas da família sobre o desempenho do filho”. As respostas variam de 1 a 4, sendo que cada número corresponde a uma frequência diferente: (1) nunca ou quase nunca; (2) algumas vezes; (3) muitas vezes; (4) sempre ou quase sempre. **Resultados e Discussão:** Como resultados, houve um predomínio de respostas referentes aos números 3 e 4, o que evidencia o constante envolvimento e o nítido cenário em que os responsáveis acreditam na capacidade de seus respectivos filhos e tratam o tema com adequada importância. A presença dos responsáveis em treinamentos e partidas, e seguidos diálogos sobre o assunto que possibilitam uma execução com boa qualidade, podem contribuir para o quadro obtido. **Conclusão:** Neste grupo, a família acompanha a prática esportiva do filho com ideal presença, proporcionando uma influência positiva na participação e no rendimento do mesmo.

Palavras-chave: Família, Esporte, Estados Emocionais, Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Psicologia do Esporte

ALEXITIMIA E FATORES DE DECISÃO DE CARREIRA DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

¹WIETHAEUPER, D., ^{1,2}BALBINOTTI, M. A. A., ^{2,3}ZANETTI, M. C., ²MACHADO, A. A.

¹Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC – Canadá, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil, ³UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil

Alexitimia é definida como a incapacidade ou dificuldade, em alguns indivíduos, de descrever emoções e estados de ânimo. Trata-se de um construto multidimensional caracterizado por: (a) dificuldade de identificar sentimentos e de distinguí-los das sensações corporais e emoções; (b) dificuldade de descrever sentimentos a outros; (c) um estilo cognitivo concreto e baseado na realidade tão somente - também entendido como pensamento operatório concreto. Este construto tem recebido considerável atenção na literatura psicológica e tem sido positivamente correlacionado à escores mais baixos de inteligência verbal e não verbal, e índices mais baixos de inteligência emocional. Poucas pesquisas tem sido realizadas na tentativa de explorar o construto da alexitimia com medidas de maturidade de carreira. Esta última é definida como a capacidade dos indivíduos de realizar as tarefas afetivas e cognitivas, próprias à etapa do desenvolvimento de carreira às quais pertence. A presente pesquisa tem por objetivo verificar o impacto da alexitimia (medida pela Escala Toronto de Alexitimia - ETA-20), sobre a maturidade de carreira (medida pelo Questionário de Educação à Carreira – QEC). A amostra foi constituída de 592 estudantes brasileiros universitários, de cursos de Educação Física de quatro universidades gaúchas, com idades variando de 16 à 51 anos, de ambos os sexos (224 homens e 368 mulheres). Análises de regressão múltipla foram realizadas para avaliar o impacto de cada uma das três dimensões da alexitimia medidas pelo ETA-20 sobre cada uma das cinco dimensões da maturidade de carreira medidas pela QEC (auto-conhecimento, fonte de informação, planejamento de carreira, fatores decisoriais, e conhecimento ocupacional). Resultados: utilizando o método Bonferroni para controlar o erro tipo I, o coeficiente de determinação indicou que 13% da variação dos fatores decisoriais do QEC foram explicadas pela dificuldade de identificar sentimentos (ETA-20). Isto significa que os indivíduos com dificuldade de identificar sentimentos apresentam maiores dificuldades na decisão de carreira. Estudos posteriores são necessários a fim de testar esta relação em outras amostras.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Psicometria. Alexitimia. Maturidade. Estudantes.



ALIENAÇÃO E EDUCAÇÃO: INTERPRETAÇÃO DAS VARIÁVEIS NO ESPORTE

REIS, A.L.; CECARELLI, L.R.; MARTINS, M.O.
Faculdade de Educação Física – UNESP – Rio Claro - SP

“O universo do esporte compreende espetáculo, profissão, ciência, arte, política, lazer (ativo e passivo), prática, técnica, educação e investigação” (FEIO, 1978 apud MOLINA NETO, 1996, p. 11). De acordo com De Rose Jr (2002) treinar, competir, vencer, prêmios, são palavras comuns no cotidiano dos jovens que praticam esporte ou que o vislumbram como grande possibilidade de sucesso. Para Betti (2001) o esporte está na mídia e por este fato se torna o esporte da mídia. Deste modo, torna-se importante compreender como se dá a alienação no meio esportivo e quais os modos que isto ocorre. Para tal, este estudo buscou quais os principais modos de alienação no esporte e qual o papel do professor frente a este cenário. Por intermédio de um estudo bibliográfico, buscamos depoimentos, relatos e estudos de caso que ofereçam material suficiente para nossa análise e interpretação, de modo a poder colaborar com a área de estudo e avançar para propostas que não sejam descabidas ou atadas ao sistema vigente. A partir da análise do material destacamos alguns dos principais modos como a alienação se apresenta: 1 – Esporte como saúde; 2 – Fama (“dinheiro fácil”); 3 – Mercantilização. Uma grande mentira sobre o esporte é a que diz ser, o esporte, saúde. Na verdade, de saúde, não tem nada e na prática esportiva profissional o que temos são lesões e uma atividade que perdeu seu sentido para o esportista. Outro ponto importante, como retrata Cecarelli (2010) refere-se ao conceito ilusório de que o atleta profissional de futebol é muito bem remunerado, muito famoso, consegue tudo o que quer, inclusive mulheres, carros importados e mansões. Porém, sabe-se que isso não passa de mera ilusão. Ainda segundo o autor acima, este utiliza-se do futebol para retratar algo presente na grande maioria dos esportes profissionais, quando enfatiza que os atletas deixam de ser vistos como seres humanos e passam a ser simples mercadorias para agentes e empresários, diretores, patrocinadores, torcedores e mídia.

Deste modo, destacamos a fundamental importância do professor no auxílio e discussão das realidades do meio esportivo, assim como as informações e verdades transmitidas pelos meios midiáticos.

Palavra-chave: Desenvolvimento Humano e Tecnologias; Estados Emocionais; Alienação; Esporte.



ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM ADOLESCENTES ESPORTISTAS: CONSTATAÇÕES

CAMARGO, H.M.D., MACHADO, A.A., ROLIM, R.M., MORÃO, K.G.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: A preparação psicológica do esportista é um dos meios preventivos mais eficazes para evitar que as tensões próprias da competição interfiram no rendimento atlético. Desde a aparição do conceito de preparação psicológica, com suas técnicas especializadas, sustentadas em bases científicas inquestionáveis observamos o rendimento atlético crescer e superar patamares desconhecidos.

Justificativa: Em grupos de atletas jovens as tensões psicológicas nas competições têm causado problemas sérios, interferindo nos baixos resultados, motivando esta pesquisa.

Metodologia: Baseado nos critérios da pesquisa qualitativa, do tipo participante, a população pesquisada foi de 126 esportistas universitários, de futebol de campo, basquetebol, handebol e voleibol, masculino, idades entre 17- 23 anos. Por meio de questionário (de perguntas semi-estruturadas) com 20 perguntas, em que se permitiu responder mais de uma indagação; sondou-se a frequência, tipo e incidência de tensões psicológicas em cada momento da competição; indagou, ainda, a prática psicológica adotada como preparação.

Resultados: do universo investigado foi constatado que 73% dos pesquisados não receberam o preparo psicológico, por desconhecimento de seus técnicos; 12% dos técnicos são adeptos de mentalização, relaxamento e treinamento autôgeno.

Discussão: Os profissionais que atuam com estes atletas, no universo profissional da Psicologia do Esporte, compõem um universo de 32% de psicólogos, 48% de professores de educação física, 12% de fisioterapeutas, e 8% de leigos. Os atletas têm claro o tipo de profissional que pode ajudá-los no preparo para as competições, ainda que não disponham de suas ajudas ou de seu trabalho. Ainda hoje, muito mais do que o preparo psicológico, grandes equipes preferem ampliar seu quadro de profissionais contratando fisiologistas, preparadores físicos, nutricionistas, massagistas, ao invés de se preocuparem com a visão integral do homem em treinamento.

Conclusão: Preliminarmente assume-se a conclusão da necessidade de maior interferência da Psicologia do Esporte na prática do esporte de alto nível, bem como da maior divulgação de seus estudos e práticas no meio esportivo, de modo a desvendar sua real utilização: o equilíbrio e a possibilidade de interação constante. Conclusivamente, os aspectos psicológicos ocupam lugares de primeira grandeza, num treinamento esportivo, em especial para que seus atletas possam se auto-conhecer e a seu grupo, além de poderem operacionalizar mudanças importantes para si e para sua equipe, em momentos competitivos, inclusive.

Palavras chaves: tensão psicológica; adolescentes; competição esportiva

ANÁLISE COMPARATIVA DE ESCORES EM COBRANÇAS DE PÊNALTÍ ENTRE ATLETAS EXPERIÊNTES E NÃO EXPERIÊNTES NO FUTEBOL DE CAMPO: COLABORAÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE.

CARLOS, L. C., OLIVEIRA, L. L. V., MACHADO, A. A.
Faculdade de Educação Física – UNESP – Rio Claro – SP

Introdução: O estresse psicológico é um importante fator que ocasiona uma queda no desempenho de atletas. No Brasil o esporte de maior visibilidade, mais assistido e comentado pela mídia é o futebol. Tendo em vista isso a prática dessa modalidade em alto nível pode gerar certo estresse, dentre as situações estressoras temos o pênalti, considerado a melhor oportunidade de marcar o gol e a mais fácil, exatamente por isso essa situação não admite falhas. Para lidar com esse estresse um fator encontrado na literatura que tem demonstrado uma diminuição desse medo é a experiência de um indivíduo em realizar determinada tarefa. **Justificativa:** Tendo em vista a habilidade e técnica dos atletas, seria inadmissível não conseguir converter uma penalidade máxima, no entanto esse momento fatídico do futebol é multifatorial, não depende somente da técnica, o psicológico tem a mesma, se não maior influência sobre o desempenho dos atletas, portanto quanto mais inúmeras influências externas e mais focado no ato técnico o atleta pode ter mais chances de sucesso. **Objetivo:** O objetivo desse estudo é avaliar se a experiência pode ser um fator determinante para o êxito em cobranças de pênalti. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa visando dados quantitativos sobre as cobranças de pênalti do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2010, os dados foram obtidos através do site www.uol.com.br. Foram coletadas as cobranças de atletas com 15 anos ou mais como profissional (>15) e com 3 anos ou menos de profissionalismo (<3), para comparação dos scores. **Resultados:** Após a análise, foi possível observar que os atletas “ >15 ” cobraram 29 penalidades durante o campeonato, das quais, 24 foram convertidas em gol e 5 desperdiçadas. Já os atletas com “ <3 ” cobraram 24 penalidades, das quais, 16 foram convertidas em gol e 6 desperdiçadas. Portanto os atletas mais experientes (>15) acertaram 83 % das cobranças, já os menos experientes (<3) obtiveram 67% de aproveitamento. **Discussão:** Analisando os resultados, pode-se dizer que os atletas com mais experiência no esporte e possivelmente na tarefa obtiveram um score maior do que os atletas menos experientes, podendo ser justificado pelo maior número de vezes que este ato foi realizado e também pela capacidade dos mais experientes de sofrerem menos influência psicológica negativa. **Conclusão:** Conclui-se que atletas mais experientes obtiveram um melhor desempenho em cobrança de pênaltis quando comparados com os menos experientes.

Palavras chave: Futebol; Pênalti; Estresse Psicológico; Experiência.

ANÁLISE DA VERGONHA EM INICIANTE DO VOLEIBOL

MACEDO, T. P. MAGRE. F. L.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Neste trabalho abordaremos a relação existente entre vergonha e iniciação, especificamente no voleibol. Entende-se iniciação esportiva segundo Sánchez (1986) “o período em que a criança começa a aprender de forma específica a prática de um ou vários desportos”. Sendo assim devemos analisar esta relação entre vergonha e iniciação, pois é algo que está diretamente ligado à educação física, e muito presente no cotidiano do profissional da área. O objetivo desse trabalho será analisar por meio de um questionário qual a concepção que os indivíduos têm sobre vergonha na iniciação, qual sua interferência para tal modalidade (voleibol) e quais maneiras de solucionar tais interferências. Para realizar este estudo foi aplicado um questionário com 5 perguntas à respeito da vergonha na iniciação esportiva, mais precisamente no voleibol. O público escolhido foi alunos que tiveram seu primeiro contato com voleibol. As questões foram abertas, sendo no total 10 participantes. Através dos resultados obtidos, nota-se que a maioria dos participantes acredita que vergonha na iniciação do voleibol está relacionada ao medo, principalmente, e que essa pode interferir de forma a fazê-lo com que perca a vontade da prática do esporte ou gerando um medo excessivo em errar. Diante dessas situações, os amigos ou professores são quem mais interfere para tentar ajudá-los, principalmente através do incentivo. A maioria dos participantes relata que há principalmente um aumento na confiança após esse tipo de ajuda. A partir da interpretação dos resultados, para a maioria deles a vergonha está relacionado ao medo, já para Damásio (1996), o conceito de vergonha pode ser compreendido como sendo uma emoção, já que ela acarreta uma série de alterações no estado de ativação do corpo, provocando mudanças fisiológicas, através, principalmente, do sistema visceral. Interpretando os resultados nota-se também que para os entrevistados a vergonha na iniciação atrapalha de forma negativa os praticantes da modalidade, como comprova Samulski (2002), a vergonha pode ser manifestada após uma ação com consequências negativas. Por fim relata-se que o incentivo vindo de professores ou amigos age de forma positiva na prática dos iniciantes. Conclui-se que a vergonha na iniciação é algo presente nas escolas e locais onde se pratica o voleibol e que a vergonha é um fator que interfere negativamente na prática dos iniciantes, para os entrevistados a vergonha está diretamente relacionada ao medo e através de incentivos de amigos e professores esse efeito negativo da vergonha pode ser contornado positivamente.

Palavras-chave: vergonha, iniciação, voleibol.

ANÁLISE DAS VARIÁVEIS MOTIVACIONAIS (SAÚDE E ESTÉTICA) DE ATLETAS PÓS-LESÃO NA MODALIDADE ESPORTIVA VOLEIBOL

RIBEIRO, L.B., SCHIAVON, M.K., DE OLIVEIRA, V., MACHADO, A. A.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

A motivação pode ser considerada uma importante variável a se estudar na área da Psicologia do Esporte, uma vez que esta influencia o indivíduo de diversas maneiras. O atleta está vulnerável a diversas situações e com isso precisa ter um preparo físico e psicológico favorável. Quando este não se adapta ou consegue um equilíbrio perante os desafios, começam a surgir diversos problemas sendo um deles a lesão esportiva. As lesões são fatores influentes no esporte que podem levar o atleta a abandonar a sua rotina diária, trazendo diversos fatores desfavoráveis junto a essa lesão. É sabido que as causas das lesões são diversas e podem acontecer em diferentes intensidades e variações influenciando de forma significativa na recuperação da lesão. O objetivo deste estudo foi avaliar a motivação de atletas de voleibol que sofreram algum tipo de lesão. Foram avaliados 32 indivíduos, atletas e ex-atletas de voleibol de ambos os sexos com média de idade ($37,06 \pm 10,2$). Utilizou-se o Inventário de Motivação para a Prática Regular de Atividade Física - IMPRAF- 54 que é um inventário que avalia 6 dimensões associadas à motivação para a realização de atividade física regular. São 54 itens agrupados de seis em seis, sendo estes: controle de estresse, saúde, sociabilidade, competitividade, estética e prazer. As respostas foram dadas conforme uma escala bidirecional, do tipo Likert, graduada em 5 pontos, sendo (1) “isto me motiva pouquíssimo” a (5) “isto me motiva muitíssimo”. Este trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado que foram utilizados apenas parte dos dados coletados e as dimensões analisadas foram saúde e estética. De acordo com os dados coletados os atletas se sentem motivados em cuidar da saúde com média $4 (\pm 0,95)$ e também se sentem motivados a manter uma boa estética com média $3,2 (\pm 1,05)$. Pode-se concluir analisando esses dados, que apesar dos atletas avaliados terem sofrido lesões e possíveis fatores psicológicos em desequilíbrio se preocupam em manter uma boa estética e buscam uma boa saúde. Com isso confirmamos a importância do trabalho de manter o equilíbrio psicológico em condições de estresse físico/psicológico, pois o resultado final de recuperação do tratamento e volta as quadras será facilitado.

Palavras-chave: motivação, lesão, atletas, voleibol.

ANÁLISE DE COMPATIBILIDADE ENTRE TREINADORES E ATLETAS INFANTO-JUVENIS DE TAEKWONDO

ROLIM, R.M., ARONI, A.L., BAGNI, G., GONÇALVES, L.F., MACHADO, A.A.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: O contexto esportivo é cercado por questões psicológicas que podem ajudar ou prejudicar o rendimento de um atleta e a relação entre o treinador e o aluno está diretamente ligada a estabilidade afetiva e aos objetivos propostos entre as partes. **Justificativa:** A relação entre treinador e atleta é bastante complexa. O mesmo profissional pode lidar bem com determinados alunos e, no mesmo contexto, ter um mal entendimento com outros. As características, vivências e experiências de cada membro do par educacional podem influenciar no processo de confiança entre as partes, que pode gerar conflitos ou aproximações mútuas. **Objetivo:** Este trabalho buscou analisar a compatibilidade entre treinadores e atletas masculinos infanto-juvenis no taekwondo. O objetivo deste estudo é analisar as características compatíveis do treinador com seus atletas, em um esporte individual, no contexto escolar, observando as implicações que podem ser geradas a partir do entendimento ou não entre as partes durante os treinos e competições. **Metodologia:** A amostra final foi composta por 53 atletas que se preparam para as competições colegiais em 2013, estando entre 12 a 22 anos de idade. A presente pesquisa caracteriza-se por ser do tipo descritiva e de natureza qualitativa. O instrumento de coleta utilizado foi o MCTA (Medida de Compatibilidade Treinador-Atleta), desenvolvida por Gomes (2008) e adaptada por Gomes e Paiva (2010), a partir dos trabalhos de Kenow e Williams (1999) e Williams e colaboradores (2003). **Resultados:** Apontaram para compatibilidades próximas ao máximo determinado pelo questionário MCTA. **Discussão:** 92% dos pesquisados estão no ensino básico, sendo importante o alerta para a continuidade na formação escolar, necessitando um incentivo para os avanços nos estudos e a orientação para os que pretendem ingressar no curso superior, sem que, com isso, precisem abandonar o taekwondo, seguindo uma carreira paralela, seja esta amadora ou profissional no esporte. **Conclusão:** Os adolescentes vivem um processo de transição da adolescência para a fase adulta, que resulta em identificações sociais e construção da personalidade, recebendo estímulos voltados para o rendimento e resultados, daí a importância de um trabalho específico do treinador voltado na interação e estabelecimentos de vínculos empáticos com seus atletas. Daí a importância da necessidade de uma orientação bem conduzida para com os jovens atletas evitando abandonos e transtornos psicológicos.

Palavras-chave: taekwondo, compatibilidade, treinador, atleta.

ANÁLISE DO PERFIL DE LIDERANÇA DE TREINADORES DE FUTEBOL ATRAVÉS DE VÍDEOS: UM ESTUDO DE CASO COM UMA EQUIPE PORTUGUESA

DE OLIVEIRA, V., ROCHA LIMA, E.M., ARONI, A. L., BAGNI, G., RIBEIRO, L.B., MACHADO, A. A.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SP

Introdução: De acordo com Singer (1977), a liderança é entendida como uma relação de interação entre a personalidade do indivíduo e a situação. Machado (2008) afirma que a liderança é de extrema importância para os profissionais que orientam grupos sociais na busca do máximo empenho e dedicação para a realização de metas. Quando pensamos em uma equipe esportiva como um grupo social em busca de um objetivo em comum, a presença da liderança é fundamental, e geralmente esta se concentra na figura do treinador. Samulski (2002) descreve cada uma das dimensões que formam o comportamento do líder, caracterizando assim os estilos de liderança (democrático e autocrático) e os estilos de interação (suporte social, reforço, treino-instrução e situacional). **Justificativa:** Como a liderança é essencial no esporte, é importante estudar esse fenômeno para traçar o perfil de líderes, nesse caso, de treinadores, para auxiliar futuramente o trabalho destes profissionais. **Objetivos:** Este estudo tem como objetivo analisar os comportamentos do treinador de uma equipe de futebol sub-17 portuguesa e traçar o seu perfil quanto aos estilos de liderança e de interação. **Procedimentos Metodológicos:** Inicialmente foi filmada uma sessão de treino de uma equipe portuguesa sub-17 de futebol de campo. As imagens foram posteriormente assistidas e as ações do treinador foram analisadas e descritas. **Resultados:** Pela análise do vídeo percebemos que o treinador apresenta e instrui as atividades, além de demonstrar como devem ser realizadas, sem participar delas ativamente. É o treinador o responsável pela divisão dos times antes do jogo, e é o mesmo que evidencia certa afetividade com os alunos quando cumprimenta muitos deles ao término do treino. **Discussão:** Partindo da definição de Samulski (2002), treinador autocrático é aquele que é independente na tomada de decisões. Sobre o estilo de interação, o mesmo autor define treino-instrução como o estilo em que há ênfase no treino exigente e rigoroso, onde o treinador explica e dá apoio durante as atividades. Essas duas definições vão de encontro ao comportamento apresentado pelo treinador em questão. **Conclusão:** Desta forma, podemos concluir que o treinador da equipe analisada por meio do vídeo possui o estilo de liderança autocrático. Sobre o estilo de interação, concluímos que o treino-instrução é o que mais se adequa ao comportamento deste treinador. Ressaltamos que foi analisado apenas um vídeo, que pode não representar a conduta frequente do treinador. Sugerimos novos estudos sobre o tema com diferentes equipes, faixas etárias e países.

Palavras-chave: Tecnologias; Liderança; Futebol.

ANÁLISE DOS ESTADOS DE HUMOR NO FUTSAL: COMPARAÇÃO PRÉ E PÓS-JOGO

BAGNI, G. 1; SCHIAVON, M. K. 1; ROLIM, R. M. 1; GONÇALVES, L. F. 1; MACHADO, A. A. 1.

1 - UNESP/IB/RIO CLARO – LEPESPE

(Introdução) O treinamento esportivo é composto por fatores, tais como técnico, tático, físico e psicológico, na maioria das vezes a atenção da comissão técnica recai muito mais sobre os três primeiros, deixando o fator psicológico em segundo plano. Os estados de humor tem variação ao longo do dia, isso não seria diferente no caso dos atletas, ressalta-se que essas variações, por menores que possam ser, podem causar uma grande diferença no rendimento dos atletas. **(Objetivo)** Este trabalho tem como objetivo comparar a variação dos estados de humor nas condições pré e pós-jogo, buscando compreender suas possíveis alterações. **(Procedimentos Metodológicos)** Para esta pesquisa foram avaliados os estados de humor por meio da Escala de Humor de Brunel (BRUMS) (ROHLFS et.al., 2008), composta por 24 itens para resposta em escala Lickert, que vai de 0 “nada” a 4 “extremamente”. Após serem tabulados, os itens são agrupados em 6 fatores, cada um deles é composto por quatro itens, sendo considerados negativos tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão mental, o vigor é o único fator considerado como positivo. O questionário foi aplicado em uma única equipe da modalidade futsal feminino, composta por 7 atletas com idade entre 15 e 19 anos, durante a edição dos Jogos Regionais de 2012. As coletas foram feitas antes e após os jogos. **(Resultados)** Através da análise das respostas, observou-se um aumento na média em relação aos fatores depressão e fadiga após os jogos, enquanto os fatores tensão e confusão tiveram uma diminuição na média na comparação pré e pós-jogo. Os outros fatores, raiva e vigor, tiveram seus valores praticamente mantidos. **(Discussão)** Através dos resultados obtidos, nota-se que a tensão estava muito alta antes da partida, porém logo após esse valor caiu significativamente, o vigor que deve sempre estar com seus valores mais altos que os outros, apresentou esse resultado. A fadiga também aumentou após os jogos com era esperado, a depressão aumentou após os jogos, o que pode ser explicado pelo resultado da partida, lesões, baixo rendimento, dentre outros fatores. **(Conclusão)** Essas variações ocorrem frequentemente com atletas e devem estar sendo constantemente analisadas e avaliadas, ressaltando que deve-se avaliar essas questões comparando-as juntamente com as partidas, visando buscar explicações para possíveis variações. Através dessas análises busca-se um maior rendimento dos atletas, individualmente e da equipe como um todo.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano e Tecnologias; Estados Emocionais; Futsal.

ANÁLISE E COMPARAÇÃO DOS ESTADOS DE HUMOR DE ATLETAS DE FUTSAL E FUTEBOL

VERZANI R. H.; DE OLIVEIRA, V., MORÃO K. G.; SCHIAVON, M; K.; MACHADO, A. A..
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO - SÃO PAULO

Introdução: A performance de atletas pode sofrer alterações através de uma série de fatores. No caso do período competitivo, os estados emocionais dos mesmos podem ter uma ampla interferência no modo como cada atleta irá desempenhar seus papéis frente às situações que lhe serão impostas, podendo assim interferir também no resultado obtido. De acordo com a literatura, quando pensamos em estados de humor, devemos ter consciência de que estes variam em intensidade e duração, sendo que temos como positivo apenas o vigor e, como negativos, tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão mental. Desta forma, temos um estado positivo e cinco estados negativos. **Objetivo:** Analisar e comparar os atletas de futsal e futebol que disputavam os Regionais quanto aos estados de Humor. **Metodologia:** Foi analisada a competição Jogos Regionais de 2012, sendo que a amostra continha 19 jogadores de futebol, com média de idade de 18,74 anos e tempo de prática médio de 9,67 e 19 jogadores de futsal, com média de idade de 21 anos e aproximadamente 10 anos de prática. Foi utilizado o BRUMS (Escala de Humor de Brunel), composto por 24 questões que variam em uma escala do tipo Likert do valor 0 (“nada”) até o valor 5 (“extremamente”). Todos atletas eram amadores e foram instruídos a responder de acordo com o que sentiam naquele determinado momento da competição. **Resultados e Discussão:** Após a análise dos resultados, ficou clara uma proximidade entre as duas equipes, sendo que o fator positivo vigor apresentou um destaque com relação aos outros fatores, que são considerados negativos. A tensão também obteve um ponto de destaque em ambas amostras, e o esperado “perfil iceberg” foi encontrado em ambos gráficos, evidenciando desta forma que houve predomínio do fator positivo sobre os demais. **Conclusão:** Houve um predomínio do fator positivo, o que é esperado para um período competitivo, evidenciando que pelo menos desse aspecto, as equipes estavam em um nível adequado. Outros aspectos psicológicos também poderiam ser analisados e, somados aos aspectos físicos, técnicos e táticos, poderiam levar a bons resultados na competição. Portanto, existem diversos fatores que devem ter um acompanhamento adequado para interferir positivamente no desempenho das equipes.

Palavras-chave: desenvolvimento humano e tecnologias; estados emocionais; psicologia do esporte.

ANOREXIA X VIGOREXIA – À PROCURA DO CORPO PERFEITO

FIGUEIREDO, M. F. F.; MARTINS, G. C.

Faculdade Euclides da Cunha; São José do Rio Pardo/ SP.

Introdução: O presente estudo, que aborda o tema: Anorexia x Vigorexia – a procura de um corpo perfeito, visa a mostrar que homens e mulheres jovens pautam suas ações e seu estilo de vida na busca de um corpo perfeito. Nessa busca, alguns deixam de se alimentar ou não se alimentam adequada e suficientemente para permanecerem magros (mulheres, principalmente), outros querem músculos perfeitos, bem definidos e exageram na prática de exercício e na ingestão de suplementos e anabolizantes (em geral, homens). No primeiro caso, temos a Anorexia; no segundo a Vigorexia. Em ambos os casos, a obsessão pelo condicionamento físico tem causas psicológicas. O forte apelo do visual perfeito e da beleza, baseando em arquétipo midiático, seduz e leva às vezes, à patologia.

Objetivo: Levar ao conhecimento das pessoas, que é preciso interpretar bem as informações recebidas, processá-las e adequá-las às necessidades individuais com critério. **Metodologia:** Foi aplicado, na Academia de musculação da cidade de Mococa, o questionário do Complexo de Adônis, contendo 13 questões, que foram respondidas por quinze jovens do sexo masculino entre 22 e 28 anos de idade.

Resultado: 80% dos entrevistados dedicam de 30 a 60 minutos aos cuidados com a sua aparência; 95% revelaram-se, às vezes, ansiosos e deprimidos com a aparência; 97% declararam que preferem que as pessoas raramente vejam seu corpo; 98% revelaram que o ideal seria ficar de uma ou duas horas na academia e 99% afirmaram nunca terem tomado medidas extremas para manterem o físico.

Discussão: Baseando-nos nas respostas dadas nas questões 1, 2, 3, 5 e 13, pôde-se concluir que os indivíduos dos sexos masculinos gastam, em média, de 60 a 120 minutos na academia, pois têm as atribuições normais do dia a dia. Sentem-se, muitas vezes, frustrados, por não poderem dedicar-se por mais tempo. **Conclusão:** Pôde-se notar que os frequentadores dessa Academia são pessoas vaidosas, dedicadas aos cuidados do corpo, têm boa autoestima, alimentam-se bem, não abusam de suplementos e anabolizantes, portanto, ganham e perdem peso de modo saudável.

Palavra chave: Anorexia, Vigorexia, Corpo Perfeito.

APARÊNCIA FÍSICA EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA

¹BARBOSA, F. P., ^{1,2}ZANETTI, M. C., ¹CORRÊA, D. L.

¹Unip – São José do Rio Pardo – SP; ²LEPESPE/ IB/UNESP - Rio Claro

(Introdução) Não há como negar a importância da imagem e da aparência física nos dias atuais. Aparência esta que frequentemente acaba sendo atrelada a maior status e nível social, além de poder contribuir na melhora das relações profissionais e/ou pessoais. Antes, presente prioritariamente no universo feminino, ela também parece ganhar espaço no masculino. **(Objetivo)** Pensando nisso, esta pesquisa teve como objetivo principal verificar a importância da aparência física, relatada por praticantes de atividades físicas em academias de ginástica. **(Procedimentos metodológicos)** A pesquisa foi realizada em 2 academias de ginástica da cidade de Santa Cruz das Palmeiras – SP, durante o mês de fevereiro de 2013. A amostra foi composta por 40 participantes, sendo 20 homens e 20 mulheres, com idades variando entre 20 e 40 anos ($27 \pm 5,7$), escolhidos de forma aleatória; bastando apenas o aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação. O instrumento utilizado foi um questionário composto por questões abertas e fechadas, porém, neste trabalho optamos apenas pela análise da questão fechada: Qual a importância da aparência física para você? Para melhor apresentação dos resultados optamos também pela exposição dos mesmos em valores absolutos e percentuais. **(Resultados)** Como resultado constatou-se que as mulheres relataram os seguintes graus de importância: 5% (1) baixa, 35% (7) média e 60% (12) alta. Já, em relação aos homens obtivemos: 10% (2) não há, 10% (2) baixa, 55% (11) média e 25% (5) alta. Pelo resultado verificamos que 95% dos participantes, ou seja, 38 sujeitos relataram importar-se de alguma forma com a aparência física, mas, percebe-se claramente maior preocupação das mulheres com a aparência quando comparadas aos homens, o que já era esperado e até de senso comum. Porém, os valores apresentados pelos homens também parecem demonstrar grande nível de preocupação, pois, 80% (16) destes indivíduos apontaram preocupação com nível médio ou alto. **(Conclusão)** Acreditamos que em uma sociedade que atribui grande importância à aparência física, seja natural e até saudável a preocupação com a mesma, porém, cabe frisar que a alta preocupação com a beleza pode levar a distúrbios como: anorexia, vigorexia, bulimia e compulsão por treinamento, gerando problemas de ordem física, psicológica e social.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Academias de ginástica. Aparência Física.

ARBITRAGEM NO FUTEBOL E A FALTA DE PROFISSIONALIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

ROLIM, R.M., BARBOSA, C.G., GONÇALVES, L.F., MACHADO, A.A., MICHELIN, H.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: Por ser uma área em ascensão, a psicologia do esporte deverá se apropriar de novos campos de atuação com mais propriedade ao longo do tempo, e o acompanhamento aos árbitros de futebol se enquadram nesse objetivo, buscando auxiliar esta categoria com os mecanismos de ordem psicológica para que os mesmos desempenhem a função com mais segurança e se conhecendo melhor, identificando limites, sensações e estratégias na tomada de decisão. A atividade dos árbitros de futebol consiste em mediar às partidas juntamente com auxiliares. Estes profissionais são indispensáveis no desenvolvimento da prática do futebol amador e profissional em todo mundo. **Justificativa:** Apesar da importância, a referida atividade não tem regulamentação formal no Brasil, como também acontece em praticamente todos os países, mesmo onde se pratica o esporte com intensidade e alto profissionalismo. Essa implicação pode gerar desmotivação profissional e a procura por outras atividades que complementem a renda familiar. **Objetivo:** Avaliar os aspectos relacionados a escolha do “ser” árbitro e as motivações para permanência na profissão, mesmo com a falta de profissionalização da atividade, sob a perspectiva da psicologia do esporte. **Metodologia:** A presente pesquisa caracteriza-se por ser de cunho exploratória, descritiva e de natureza quanti-qualitativa, com uma amostra de 37 árbitros profissionais e federados do futebol brasileiro. Sendo utilizado uma adaptação do questionário de Entrevista Sobre Stress Ocupacional e Estratégias de Confronto (ESOEC) desenvolvido por Gomes (2006), elaborado através do Google Docs e divulgado para o público alvo através da rede social Facebook. **Resultados:** Analisando os dados coletados, observamos que, dos 37 árbitros pesquisados, 92% destes exercem outra atividade profissional fora da arbitragem. **Discussão:** Por ser uma área em ascensão, a psicologia do esporte deverá se apropriar também do acompanhamento aos árbitros de futebol, buscando auxiliar esta categoria com os mecanismos de ordem psicológica para que os mesmos desempenhem a função com mais segurança e se conhecendo melhor, identificando limites, sensações e estratégias na tomada de decisão. **Conclusão:** Os resultados apontam para uma problemática a ser discutida de forma imediata, pois, os árbitros exercem uma atividade de extrema pressão e dificuldade, não sendo reconhecidos como profissionais regulamentados. Esse aspecto pode ser desencadeador de abandonos da atividade e de erros cometidos nas partidas devido ao mal preparo psicológico e incentivo profissional.

Palavras-chave: arbitragem, motivação, psicologia, futebol.



AS PESQUISAS SOBRE QUALIDADE DE VIDA E ATIVIDADES FÍSICAS NOS ANAIS DO CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.

*PACHECO, J. P. S., JACOBASSI, L., CHAO, C. H. N., RIBEIRO, I. C, SCHWARTZ, G. M.
Laboratório de Estudos do Lazer - Dept. de Educação Física, I.B. - UNESP / Rio Claro – SP*

Para que a atividade física e qualidade de vida sejam efetivamente compreendidos em sua magnitude, torna-se necessária a construção de interfaces, capazes de demonstrar as relações intrínsecas que os permeiam e que nem sempre são esclarecidas a contento. Com o intuito de contribuir para ampliar o entendimento sobre estes temas, este estudo, de natureza quali-quantitativa, teve por objetivo investigar o estado da arte das pesquisas sobre atividade física e qualidade de vida publicadas nos anais do Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória, levando-se em consideração os anais desse evento do último triênio (2010-2012). Foram encontrados 5 resumos sobre atividade física e qualidade de vida, os quais traziam claramente expressos os objetivos, os métodos empregados e as principais conclusões dos autores. Os dados foram analisados descritivamente, por meio de análise percentual e pela Técnica de Análise de Conteúdo e indicam que, em relação aos objetivos, 40% dos estudos procuravam avaliar a influência da atividade física para melhoria da qualidade de vida, 20% investigaram a relação do idoso com a prática da atividade física (hidroginástica), 20% a motivação de nadadores master e 20% os fatores que levaram alunos a abandonarem a prática da atividade física. Todos os estudos (100%) mencionaram alguma relação entre a atividade física e qualidade de vida. Quanto aos métodos utilizados 100% eram pesquisas empíricas. Como instrumentos dessas pesquisas foram utilizados em 40% dos estudos questionários abertos, em 20% questionários mistos, criados especificamente para esses estudos e, em 40%, questionários padronizados (WHOQOL-bref, MEEN, QMAD). No que tange às conclusões dos estudos, 60% salientaram melhorias nos aspectos referentes à perda do medo e da insegurança e à motivação, decorrentes da experimentação de novas sensações vivenciadas por meio da prática de atividade física. O aspecto relativo ao aumento na qualidade de vida com base na prática regular foi citado em 40% das pesquisas, as quais buscavam promover a saúde e a qualidade de vida por meio da atividade física. Nota-se, portanto, em 100% dos estudos, o enfoque sobre atividade física, porém 60% não associaram diretamente a atividade física à qualidade de vida. Os resultados deste estudo evidenciam que a associação destas duas temáticas ainda é pouco explorada, sobretudo no escopo deste congresso. Pela importância de ambos os temas, reitera-se a necessidade de novos estudos interdisciplinares, no sentido de se ampliar a compreensão sobre estes relevantes temas.

Palavras-chave: qualidade de vida, atividade física, pesquisa.

ASSOCIAÇÃO ENTRE A MORTALIDADE POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO E SEDENTARISMO EM IDOSOS: UM ESTUDO DE AUTÓPSIAS.

FERRETTI-REBUSTINI R.E.L., SILVA N.P.I., CABALLEIRO P., NEVES R.C., LEITE R.E.P.,
SUEMOTO C.K., GRINBERG L.T., FARFEL J.M., NITRINI R., PASQUALUCCI C.A. JACOB-FILHO
W.

*Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da USP
Laboratório de Fisiopatologia no Envelhecimento*

As doenças cardiovasculares representam a primeira causa de óbito em idosos no Brasil, sendo o Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) o principal responsável por esses óbitos. Vários são os fatores de risco cardiovascular associados à maior morbimortalidade, dentre eles o sedentarismo. Inúmeros estudos buscaram a relação entre a prática de atividade física na redução da mortalidade por IAM, no entanto, raros são os estudos que tiveram como desfecho o óbito por IAM confirmado pela autópsia em amostras de idosos. O objetivo do presente estudo foi identificar se existe associação entre o sedentarismo e o óbito por IAM em idosos e entre sedentarismo e episódio depressivo em indivíduos que faleceram por IAM. No Serviço de Verificação de Óbitos da Capital foi realizado um estudo em que 920 indivíduos necropsiados foram submetidos à avaliação clínica completa, com referência ao período da morte. Os dados foram coletados com familiares dos indivíduos recém-falecidos, após consentimento informado. As autópsias foram realizadas por médicos patologistas e o laudo necroscópico foi então obtido. A história de sedentarismo em vida foi correlacionada com a causa do óbito por IAM e para isso foi usado o teste de correlação de Spearman. Foram considerados os valores significantes de $p < 0,05$ para um α 5%. Foram incluídos no estudo 920 indivíduos, em sua maioria homens (55,2%). A idade média da amostra foi de $69,26 \pm 11,89$ anos. De todas as causas de óbito, 16,6% foram causadas por IAM e do total de casos, 35,2% eram sedentários ($N=324$). Observou-se uma associação entre sedentarismo e óbito por IAM ($r=-0,071$; $p < 0,032$). Ao se analisar apenas os casos cujo óbito foi causado por IAM ($N=152$), observou-se que o sedentarismo esteve associado ao episódio depressivo maior em vida ($r=0,191$; $p < 0,019$). Os resultados do estudo apontam que existe uma relação proporcional entre o sedentarismo e a mortalidade por IAM em idosos, e que em idosos cuja causa de óbito foi o IAM, o sedentarismo se associa a ocorrência de episódios depressivos em vida. Estudos que busquem relações causais são mandatórios para que se possa identificar o real papel da prática de atividade física na prevenção de óbitos por IAM, em idosos da comunidade, identificando qual a relação dos sintomas depressivos com o sedentarismo e o óbito por IAM.

Palavra-chave: Envelhecimento, Infarto Agudo do Miocárdio, Sedentarismo, Sintomas depressivos, autópsia.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO MUNICÍPIO DE MUZAMBINHO-MG: CONFRONTANDO EXPECTATIVAS, REALIDADE, CAPACITAÇÃO E A MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR EM CONTEXTOS INCLUSIVOS

VENDITTI JÚNIOR R., FRANCISCO, M. C.
UNESP - Bauru; FSULDEMINAS – Muzambinho

A realidade da pessoa com deficiência (PcD) tem mudado gradativamente e tem repercutido em mudanças metodológicas dentro da área de Educação Física Adaptada (EFA). Muitos ainda entendem que o espaço para PcD é apenas a escola especial, mas estes também têm direito de usufruírem todos os espaços da sociedade e, principalmente, dentro dos espaços da EFA, por ela ser compreendida como uma possibilidade em prol da qualidade de vida dos mesmos. A não inclusão destas pessoas nestes contextos, se torna um gerador de barreiras entre a PcD e sua participação efetiva na sociedade. A grande maioria das pessoas com deficiência ainda não frequenta clubes, academias, escolas regulares e espaços sociais de lazer. Esta exclusão acaba enfraquecendo a adesão das PcDs às práticas corporais, trazendo um estilo de vida inativo e sedentarismo. E neste processo existem dois agentes de suma importância na vida das PcDs: a família e os profissionais de EFA. Um profissional treinado e capacitado é capaz de desempenhar atividades que englobam o indivíduo em uma perspectiva biológica, comportamental, humanitária e social. No entanto, estudos demonstraram que na realidade de atuação destes profissionais ainda existe falta de qualificação profissional específica, difíceis condições de trabalho, baixa remuneração e insegurança em adaptar as atividades conforme a deficiência. Outro fator a ser considerado é a interação do profissional com a família e equipe multidisciplinar. O objetivo deste estudo foi identificar a realidade e as expectativas de familiares e profissionais a respeito da PcD em contextos de EFA. Participaram do estudo 10 familiares e 08 profissionais de EFA, atuantes em contexto não formal na cidade de Muzambinho-MG. O instrumento de pesquisa foi um questionário aberto e entrevistas individuais. Os dados foram transcritos e fizemos análise descritiva e comparativa. Concluiu-se que fatores extrínsecos são os principais responsáveis pela difícil realidade e alcance das expectativas para a inclusão das PcDs, segundo as famílias. Já para os profissionais de EFA, destacaram-se os fatores intrínsecos a PcD e a necessidade de suscitar o interesse e adesão às práticas corporais desta população. O estudo revelou algo desafiador quando pensamos em compreender a realidade destas pessoas para atender suas expectativas. Pudemos concluir que para que a realidade seja congruente com as expectativas é necessário envolvimento entre os profissionais de EFA atuantes em contexto não formal e os familiares da PcD. Apontamos a necessidade de que estejam preparados para realizar o atendimento a estas pessoas e a também aos membros da família. É preciso também que esta última seja fonte motivadora favorecendo o desenvolvimento integral das habilidades e capacidades da pessoa com deficiência, para a efetiva inclusão social e cultural.

Palavras-chave: Educação Física Adaptada; expectativas; motivação; inclusão; pessoa com deficiência.

AUTOESTIMA E APARÊNCIA DO CORPO EM IDOSOS INICIANTE EM UM PROGRAMA DE EXERCÍCIOS: COMPARAÇÃO ENTRE EUTRÓFICOS E SOBREPESADOS

SOUZA, A., SOUSA, L. A., ROGATTO, G.P., VALIM-ROGATTO, P.C.

Laboratório de Pesquisa em Psicologia do Exercício (LAPPEX). Universidade Federal de Lavras

O objetivo desse estudo foi analisar a expectativa de idosos eutróficos e com sobrepeso a respeito da influência do exercício sobre a melhora da autoestima e da aparência do corpo. Foram avaliados 18 idosos de ambos os sexos com média de idade de 66 ($\pm 7,9$) anos ingressantes no programa “Atividade Física e Saúde para a Vida” da Universidade Federal de Lavras – MG. O programa acontece duas vezes por semana com duração de uma hora por sessão oferecendo atividades variadas e adaptadas à faixa etária como, por exemplo, esportes, atividades rítmicas, ginástica, dança, atividades de equilíbrio, flexibilidade, hidroginástica e jogos. Foram aferidas as medidas antropométricas massa corporal (kg) e a estatura (m) e a partir desses dados, dividindo-se a massa pela estatura ao quadrado, calculou-se o Índice de Massa Corporal (IMC). Com base no IMC, os idosos foram classificados em duas classes: 1) sujeitos eutróficos ($n=10$) e 2) sujeitos com sobrepeso ($n=8$), segundo os parâmetros da Organização Mundial de Saúde (OMS). Foram utilizadas duas afirmações contidas na “*Exercise Benefits/Barriers Scale*” (EBBS) – que avalia a percepção de barreiras e benefícios para a prática de atividade física – uma relacionada à autoestima (“*A atividade melhora a autoestima – a imagem que faço de mim?*”) e outra quanto à percepção estética do corpo (“*Praticar atividade física melhora a aparência do corpo?*”). Cada questão foi pontuada de acordo com a escala *Likert* de quatro pontos: 1 “discorda totalmente”, 2 “discordo”, 3 “concordo” e 4 “concordo totalmente”. Quanto maior a pontuação na escala, maior a relevância daquele item para o indivíduo, ou seja, a pessoa tem a percepção de que a sua autoestima e/ou aparência pode ser influenciada pela prática de exercícios físicos. Para a análise dos dados foi utilizado o teste não-paramétrico de Mann-Whitney, considerando $p < 0,05$. Não foi observada diferença estatisticamente significativa entre as pontuações dos idosos eutróficos ($IMC < 25$) e com sobrepeso ($IMC \geq 25$), tanto em relação à autoestima ($U=0,35$; $p=0,72$) quanto em relação à estética corporal ($U=1,06$; $p=0,28$). Conclui-se que os idosos ingressantes no programa de exercícios apresentaram expectativas positivas quanto à melhora de sua autoestima e estética corporal sendo que as medidas corporais, dentro ou fora dos padrões estabelecidos pela OMS, não influenciaram nessa avaliação.

Palavras-chaves: Idoso; Índice de massa corporal; Autoestima; Exercício.

AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ESCOLARES DE 7 A 11 ANOS.

FERNANDES; V¹, RIED; B;¹
Escola Superior de Educação Física de Jundiaí¹

Introdução: o desenvolvimento humano abrange três domínios os quais se relacionam e se interligam a cada ação individual: cognitivo, afetivo, motor. O domínio motor é responsável pela movimentação do corpo humano, e com isso repercute no desenvolvimento cognitivo e afetivo. Quando se há o desenvolvimento de um domínio os outros também deverão se desenvolver a fim de que haja o desenvolvimento completo do indivíduo. **Objetivo:** avaliar o desenvolvimento motor de escolares de 7 a 11 anos. **Método:** foram avaliadas seis crianças com idade média de $10,33 \pm 1,6$ anos, matriculadas na instituição Pastoral de Atendimento e Integração do Menor de Jundiaí/SP. Para avaliação das crianças foi utilizada a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), que consiste de uma bateria de testes que avalia a idade motora do indivíduo em seis aspectos: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, organização temporal, organização espacial e esquema corporal. Cada participante foi testado em cada um dos aspectos executando tarefas de crescente grau de dificuldade, das quais cada um corresponde a uma idade motora. Atribui-se ao participante a idade motora correspondente à tarefa que conseguiu realizar com êxito. **Resultados:** foi constatado que 50% das crianças avaliadas estão com a idade motora condizente com a idade cronológica. 34% estão atrasados motoramente em relação a idade cronológica e 16% estão em processo evolutivo, aprimorando as suas habilidades motoras. **Discussão:** De acordo com o estudo, as idades motoras da maioria dos avaliados se encontravam de acordo com a idade cronológica, o que condiz com outros estudos realizados, nos quais utilizaram esta metodologia como avaliação, apesar de a literatura mostrar, em amostras maiores, uma porcentagem maior de crianças com idade motora condizente com a idade cronológica. **Conclusão:** foi possível mensurar o desenvolvimento motor dos participantes e identificar a idade motora em relação à idade cronológica. Pode-se concluir que o grupo avaliado apresentou a idade motora relativamente condizente com a idade cronológica o que sugere que o desenvolvimento destas crianças está adequado.

Palavras-chave: Desenvolvimento motor, Crianças, Escala de Desenvolvimento Motor.

AVALIAÇÃO FUNCIONAL E DESCARGA DE PESO EM ATLETAS DE FUTEBOL EM CATEGORIAS DE BASE

*RIBEIRO D. R., JORGE G.M., MACHADO F.A., PECCIN M.S.
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP*

Introdução: O futebol é jogado por 265 milhões de pessoas no mundo, sendo caracterizado por movimentos sustentados, incorporando frequentes explosões de alta intensidade e intercalando períodos de atividades de recuperação. Apresenta incidência de 25 a 35 lesões a cada 1000 horas de jogo, tornando-se mais alarmante esse dado quando incorporado ao calendário de aproximadamente 80 jogos por temporada. Para a segurança e saúde desses profissionais, devemos identificar grupos de risco e diferenciar cada população de atletas de futebol, utilizando métodos como testes funcionais e equipamentos como plataformas de força. **Justificativa:** Devido a grande exposição a lesões durante a prática esportiva, o presente estudo visa apontar dados que demonstrem desequilíbrios entre membros dominantes e não dominantes que os predisponham à lesão. **Objetivos:** O estudo teve como objetivo analisar o posicionamento em campo e apontar desequilíbrios entre membro dominante e não dominante. **Metodologia:** 44 participantes da categoria sub 20 do Santos Futebol Clube foram agrupados, de acordo com suas posições em campo, em três grupos: Defesa, Meio Campo e Atacantes. Através do salto contra-movimento em duas plataformas de força (Globus Ergo System) foram analisados os dados força concêntrica, força excêntrica, força de impacto do membro dominante e não dominante, e a altura do salto desse atleta. **Resultados:** Foi observado que o grupo defesa alcançou maior altura no salto, sendo seguido pelo grupo ataque e grupo meio campo. No entanto, os grupos não apresentaram diferença significativa entre membro dominante e membro não dominante em relação à força concêntrica, força excêntrica e força de impacto no momento de aterrissagem do salto. **Discussão:** Os resultados em relação à altura do salto demonstraram uma característica dos atletas do grupo defesa, em relação à força concêntrica, força excêntrica e força de impacto do membro dominante. Não houve diferença significativa com relação ao membro não dominante, o que demonstra força muscular e controle neuromuscular adequado. **Conclusão:** Conclui-se que o grupo defesa teve maior salto em relação aos outros grupos e não houve diferença significativa entre o membro dominante e não dominante do próprio atleta.

Palavras-Chave: Futebol, Plataforma de força, altura de salto, força concêntrica, força excêntrica e força de impacto.

BASES PSICOLÓGICAS PARA A INSERÇÃO DA DANÇA NA ESCOLA

BELAN, B. B.; WILLIAMS, C. V.; MENDONÇA, R. N.; ALVES, F.; DEUTSCH, S.
UNESP RIO CLARO – SP

Introdução: A dança inserida na área da educação é uma discussão bastante atual, entretanto segundo Nanni apud Andrade; Pereira (2011), há indícios de que desde a idade antiga era utilizada como forma de aprendizado, possibilitando uma preparação corporal e psicológica na formação de um guerreiro. Reconhecendo essa propriedade educacional da dança, hoje temos como base os PCN's, que a indicam como parte importante da formação do aluno. De acordo com Santos, Lucarevski e Silva(2005) a dança é uma atividade que prioriza uma educação motora consciente, global, pedagógica e psicológica, com o fim de normalizar ou melhorar o comportamento da criança, proporcionando o resgate de valores culturais, aprimoramento do senso estético e o prazer da atividade para o desenvolvimento físico, emocional e intelectual. **Justificativa:** Por fazermos parte de um projeto de extensão que realiza aulas de dança extracurriculares em uma escola municipal, surgiu o interesse de aprofundar o conhecimento na área e verificar sua atual situação. **Objetivo:** Devido à baixa adesão da dança como componente curricular, o trabalho busca divulgar e incentivar a inserção da modalidade nas aulas de educação física escolar. **Metodologia:** Revisão bibliográfica de artigos que abordem e integrem conhecimentos da educação física e da psicologia. **Discussão:** Um dos motivos da dificuldade da inserção da dança na educação física escolar é a pouca adesão dos alunos, influenciada pelas questões culturais de gênero, em que a dança se classifica como atividade predominantemente feminina. Há também a insuficiência de preparo dos profissionais da área, o que distancia ainda mais a inserção da prática nas escolas. “A dança é ainda predominantemente conteúdo extracurricular, estabelecendo-se de formas diversas: grupos de dança, festivais, campeonatos, centros comunitários de arte.”(BRASIL, 1998, p.27). Apresentando-se de forma esparsa, ela não se faz presente no ambiente sócio-cultural do aluno, não fazendo parte de seu convívio diário. E, tendo por base o pensamento de Vigotsky, um dos fatores mais relevantes no desenvolvimento da criança é a relação cultural que esta vivencia em seu cotidiano, pois a construção do conhecimento não se dá apenas de dentro para fora, mas é influenciada, também, pela reestruturação do organismo, em consequência de seu desenvolvimento. **Conclusão:** A inserção da dança na escola possui um papel fundamental para o desenvolvimento integral do aluno, para que modifique sua percepção cultural.

Palavras - Chave: Dança, educação física escolar e psicologia



CENTRO INTERPROFISSIONAL DE PESQUISA E ESTUDO DO ESPORTE: AÇÕES INTERDISCIPLINARES NA UNIFESP - CAMPUS BAIXADA SANTISTA

*TOLEDO, T.P., MANFRINATI, L.E.D., PECCIN, M.S., JUZWIAK, C.R., PADOVANI, R.C.
Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista*

Introdução: O projeto de extensão "Saúde e Esporte: Abordagem Interprofissional", vinculado ao grupo de pesquisa do CNPQ intitulado "Centro Interprofissional de Pesquisa e Estudo do Esporte (CIPE)" apoia-se na proposta pedagógica de interdisciplinaridade do Campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo. O projeto é coordenado por professores dos cursos de psicologia, fisioterapia e nutrição e conta com a participação de dois alunos bolsistas do curso de psicologia. **Objetivo:** favorecer que profissionais da área da saúde e do esporte, atletas e praticantes de atividades esportivas possam se aproximar dos mais recentes estudos disponíveis na literatura; aproximar os alunos ao meio esportivo de forma interprofissional; promover ações interdisciplinares de prevenção e de reabilitação entre atletas e praticantes de atividade física em geral; estimular a produção de pesquisas na área de saúde e esporte, numa abordagem interprofissional. **Metodologia:** reuniões de equipe (docentes e bolsistas) para definição de propostas e cronograma; reuniões quinzenais de caráter interdisciplinar, contando com a participação de discentes, docentes, profissionais do esporte e atletas nas quais palestras são proferidas por profissionais convidados atuantes na área esportiva objetivando discussões interprofissionais de quadros atuais do esporte nacional e internacional; discussão de casos clínicos; organização de eventos na área do esporte; desenvolvimento de pesquisas (graduação e pós-graduação); atendimento fisioterápico e psicológico de atletas. No que se refere às ações da psicologia, amparado no referencial da cognitivo-comportamental estão sendo organizados projetos na perspectiva clínica e da psicoeducação. Dentre os temas elencados pode-se destacar: manejo do estresse e ansiedade, técnicas de relaxamento e habilidades de comunicação. **Resultados:** O projeto originou 1 trabalho de iniciação científica, 3 trabalhos de conclusão de curso e 2 dissertações de mestrado, concluídos. Em andamento conta com 4 trabalhos de iniciação científica, 3 trabalhos de conclusão de curso, 3 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado. Além dos avanços acadêmicos, contando com as parcerias do Grupo de Traumatologia do Esporte da Santa Casa de Santos e da Fundação Pró Esporte de Santos, são oferecidos atendimentos aos 800 atletas representantes da cidade de Santos, tais como avaliação ortopédica, avaliação fisioterapêutica e intervenções, com ênfase em estratégias de prevenção de lesão. Os atendimentos, psicológico e nutricional, encontram-se em fase de implantação. **Discussão:** Evidencia-se a relevância de ações interdisciplinares no atendimento de praticantes de atividade física e de atletas. **Conclusão:** Ações de caráter interdisciplinar, que venham favorecer uma compreensão ampliada das práticas esportivas, devem ser incentivadas no Ensino Superior.

Palavras-chave: psicologia, esporte, interdisciplinar.

CLUBE SEDE NA ESTREIA DA COPA SÃO PAULO DE FUTEBOL JÚNIOR, FAZ DIFERENÇA?

CECARELLI, LR^{1,3}; MACHADO, AA³; TANGANELI, MS²; ROCHA LIMA, EM³; ISLER, GL³; LOPES, FJ³

1- Bolsista CNPq/PIBITI

2- FCA/UNICAMP

3- LEPESPE – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

O futebol é reconhecidamente o esporte mais praticado no mundo e um dos fatores podem influenciar no resultado está a vantagem de se jogar em casa. De acordo com a bibliografia é sabido que no Campeonato Brasileiro da Série A existe uma maior vantagem ao se jogar em casa em relação às principais ligas nacionais do mundo e, dentre os fatores que podem ocasionar este resultado, os transtornos ocasionados pelas distâncias percorridas e diferenças climáticas regionais aparecem entre os principais. Sabe-se também que um dos momentos onde os estados emocionais, entre eles a ansiedade, interferem no rendimento esportivo é a partida de estreia. Baseado neste cenário faz-se necessário discutir como se dá a interferência do fator “jogar em casa na estreia” em competições de categorias júnior. Para tal, elencamos a Copa São Paulo de Futebol Júnior, por ser a mais conhecida e disputada competição da categoria, para comparar os resultados das partidas dos clubes mandantes em seu primeiro jogo do torneio. Para realização deste estudo foi selecionado em site oficial da competição quais os clubes sede da competição, que totalizaram 24. Em seguida fizemos uma seleção das partidas de estreia e de seus resultados a fim de coletar os dados necessários para a pesquisa. Encontrou-se que em 13 partidas o clube sede venceu totalizando 54%, em 5 vezes (21%) houve empate e em 6 partidas (25%) estas equipes foram derrotadas. Sabe-se que muitos fatores, entre eles a qualidade técnica das equipes, interferem no rendimento de uma equipe e no resultado de uma partida de futebol; porém faz-se necessário destacar a importância dos fatores psicológicos e suas influências no rendimento. Deste modo, nosso estudo corrobora com os demais existentes que apontam para vantagem de ser o mandante das partidas em campeonatos profissionais, e demonstra que na Copa São Paulo de Futebol Junior o fato de se atuar em casa, com o apoio da torcida, pode ser importante para a conquista da vitória na primeira partida da competição. Cabe destacar a importância de mais estudos e maior aprofundamento sobre a temática, assim como a fundamental necessidade da presença de um Psicólogo do Esporte para trabalhar com toda a equipe (atletas, comissão técnica, diretores e demais envolvidos) durante o desenvolvimento da competição (preparação, jogos e pós torneio) de modo a permitir a estes maior controle e técnicas de manejo dos estados emocionais, dificultando a queda de rendimento e majorando o desempenho.

Palavra-chave: Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Estados Emocionais. Copa São Paulo de Futebol Junior.

COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE APTIDÃO FUNCIONAL ENTRE IDOSOS SEDENTÁRIOS E FISICAMENTE ATIVOS EM RESULTADO DA APLICAÇÃO DA BATERIA DE TESTES AAHPERD (AMERICAN ALLIANCE FOR HEALTH, PHYSICAL EDUCATION, RECREATION AND DANCE)

¹ LOPES, L., ¹ HONÓRIO, S., ¹ BATISTA, M., ² ARONI, A. L., ² MACHADO, A. A.

¹ Escola Superior de Educação de Torres Novas, ² LEPESPE/I.B./UNESP de Rio Claro

Introdução: Segundo Carvalho (1996), a atividade física (AF) é hoje entendida como um meio determinante de prevenção de alguns fenómenos associados ao envelhecimento. Esta não deverá ser entendida apenas como exercício de forma codificada (ex: ginástica aeróbia, muscular, etc), mas acima de tudo como AF espontânea. Um aumento na AF sistematizada pode vir a ser uma estratégia preventiva efetiva, tanto para o indivíduo como para as nações, sendo uma forma de melhorar a saúde pública. **Justificativa:** Cardoso (2002) salienta que a atividade física, em relação à composição corporal, é um importante fator no controlo do peso, pois aumenta o gasto calórico e ajuda na manutenção, ou aumento, da massa magra. Algumas investigações têm reportado, por um lado, decréscimos da massa gorda e, por outro, o aumento da massa muscular, com a prática regular de atividades físicas em idosos, independentemente do género. **Objetivo:** Analisar e comparar o nível de aptidão funcional em idosos sedentários e fisicamente ativos. **Métodos:** a amostra é composta por 62 idosos, 42 do género feminino e 20 do género masculino. A recolha de dados foi realizada através de um questionário com um total de 5 perguntas, e foi aplicada a Bateria de Testes AAHPERD com 5 testes motores. **Resultados:** Nos Testes de Coordenação (COO), os idosos sedentários e fisicamente ativos obtiveram uma M=85 com um Desvio Padrão de 27, no Teste de Força dos membros superiores (RESISFOR) uma M=24 com um Desvio Padrão de 24, no Teste de Agilidade e equilíbrio (AGIL) uma M=89 com um Desvio padrão de 23, no Teste da Flexibilidade (FLEX) uma M=89 com um Desvio Padrão de 10, e por fim no Teste da Resistência Aeróbia Geral (RAG) obtiveram uma M=23 com uma Desvio Padrão de 23, quer isto dizer que onde obtiveram melhores resultados foi no Teste da Coordenação, de Agilidade e Equilíbrio e Flexibilidade, e onde obtiveram menos resultados foi nos Testes de Mais exigência Física, no da força dos membros superiores (RESISFOR) e no da Resistência Aeróbia Geral (RAG). **Conclusões:** depreendemos que os idosos fisicamente ativos apresentaram valores mais favoráveis nos testes motores que os idosos sedentários. Na generalidade dos testes verificaram-se valores mais elevados nos testes de Coordenação e Agilidade / Equilíbrio, e valores mais baixos nos testes de exigência mais física, nomeadamente no teste de força dos membros superiores, e de resistência aeróbica geral.

Palavras-chave: Envelhecimento Ativo, Aptidão Funcional; Exercício Físico; Baterias de Testes

CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

¹ARONI, A. L., ¹ROLIM, R. M., ^{1,2}ZANETTI, M. C., ¹MACHADO, A. A.

¹LEPESPE/I.B./UNESP de Rio Claro - ²UNIP de São José Rio Pardo

A motivação no trabalho é um ponto que interfere direta ou indiretamente no ensino (SCHERNER, 1988), a ausência dela pode levar a baixa produtividade ou ao excesso no número de faltas do profissional em seu local de trabalho (NHUNDU, 1992). Desta forma, estudar as condições de trabalho desses profissionais e suas motivações torna-se fundamental para que a profissão cresça e se estabeleça no mercado atual. O objetivo deste trabalho foi verificar as condições de trabalho do professor de educação física nas academias de ginástica do estado de São Paulo. Esta pesquisa de cunho descritivo (THOMAS e NELSON, 2002) foi realizada de acordo com os critérios da análise quali-quantitativa, os dados foram tabulados e apresentados em valores percentuais. Participaram da pesquisa 100 profissionais de educação física (54 do gênero masculino e 46 do gênero feminino), o único pré-requisito era atuar como educador físico em academias de ginástica. Os profissionais tinham idade entre 22 e 51 anos [$M = 29.91$; $DP = 6.45$], os dados foram coletados entre os dias 2 (dois) de julho e 2 (dois) de agosto de 2012 por meio de um formulário *online* (Google Drive), enviamos o convite de participação na pesquisa pela rede social Facebook, no formulário estava anexado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como principais resultados: 44% dos profissionais trabalhavam entre 1 e 5 anos na mesma empresa e outros 17% a mais de 5 anos. A média salarial do professor de musculação foi de R\$ 10,91 a hora-aula, de natação e hidro de R\$ 10,95, de ginástica R\$ 21,24, pilates R\$ 17,50 e *personal trainer* R\$ 56, 67. Dos participantes, 61% tinham registro em carteira de trabalho e 61% não recebiam benefícios. Esses resultados reforçam que, independente do gostar da atividade exercida e do bom ambiente de trabalho, a recompensa financeira (melhor salário) e o plano de carreira se apresentaram como variáveis fundamentais para a manutenção ou aumento da motivação neste grupo. Essas duas variáveis são identificadas por Deci e Ryan (1985) como motivação extrínseca – regulação externa, afirmam ser a forma mais básica de motivação extrínseca, consiste na imposição de contingências externas por parte de outras pessoas. Sugerimos futuras investigações sobre as condições de trabalho dos profissionais de educação física nas academias de ginástica em cada região do país, pois poucos trabalhos foram encontrados nas bases de dados consultadas (Google acadêmico e Scielo).

Palavras-chave: Desenvolvimento humano, estados emocionais, tecnologias, motivação.

CONSTRUÇÃO DE HÁBITOS E VALORES ATRAVÉS DE PRÁTICAS ESPORTIVAS: UM EXEMPLO DE INTERVENÇÃO DIALÓGICA NO ESPORTE SOCIOEDUCACIONAL

CURSIOL, J. A.

Universidade de São Paulo (USP) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP)

O projeto de extensão universitária *“Práticas esportivas EEFERP: Promovendo valores para crianças através do movimento corporal”*, se insere no campo do esporte socioeducacional, isto é, se vale de práticas corporais, notadamente práticas esportivas, oferecidas fora do contexto da educação formal, como meio de intervenção educativa junto a crianças e jovens. A partir de saberes da Psicologia do Esporte e do Exercício, uma de suas principais finalidades é aperfeiçoar a formação dos estudantes de graduação envolvidos, dando-lhes a oportunidade de realizarem intervenções supervisionadas, em que a atenção se detenha em examinar e elaborar condutas educativas dialógicas pautadas pelo registro ético. Os bolsistas ministraram aulas que incluíam diversas modalidades esportivas, jogos e recreação. Tem ênfase a atitude adequada destes através de um posicionamento mais consciente e crítico em relação aos conflitos que emergiam. Três procedimentos foram essenciais para potencializar o movimento de formação dos bolsistas. O primeiro foi a leitura regular e a discussão de partes de *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, participação dos bolsistas nas reuniões do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia, coordenado pelo supervisor e supervisões clínicas, por realizarem um retorno reflexivo sobre os sujeitos da prática. O presente trabalho vem a destacar as atividades que ocorreram no primeiro semestre de 2013, nas dependências da Fundação Educandário “Cel. Quito Junqueira”. Participaram das atividades cerca de 30 crianças, a saber, meninos e meninas na faixa etária de dez a catorze anos. As práticas efetuadas foram as de tênis de mesa, voleibol, futvôlei, futebol, basquetebol, *ultimate frisbee* e quimbol. Identificou-se a maior parte dos desentendimentos durante a realização de fundamentos técnicos e jogos, pois eventualmente, alunos menos habilidosos encontravam-se em equipes com colegas mais habilidosos, que reclamavam e até se recusavam a continuar. A cada vez que acontecia esse tipo de situação, procurava-se adverti-los de uma maneira construtiva, orientá-los para que aceitassem a presença do outro como um membro da equipe, que sua contribuição é essencial para o sucesso de todos, buscando também implementar uma abordagem mais cooperativa através de modificações nas regras, favorecendo os “menos privilegiados”, que assim eram colocados em pé de igualdade na disputa. Com o decorrer das aulas, notou-se que as ações exaltadas e agressivas deram lugar a uma aceitação das diferenças com uma conduta onde os alunos passaram a compartilhar melhor as tarefas esportivas.

Palavras-Chave: Esporte. Ética. Psicologia.

CONSTRUÇÃO DE TEMAS ESCOLARES COM OS ALUNOS, REFORÇO AOS SEUS INTERESSES E NECESSIDADES: EXPERIÊNCIAS DE BOLSISTAS DO PIBID UFSCAR

*FERREIRA, N. R.; BURATTI, J. R.; FERNANDES, L. C.; ALVES, F. D.; CARVALHO, W.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UFSCAR – SÃO CARLOS – SÃO PAULO*

Desde 2010, o curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) integrou-se ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O Programa tem como objetivo inserir o estudante de licenciatura no universo escolar, possibilitando maior contato com esta realidade, permitindo vivências e enriquecendo sua formação. Esse estudo trata-se das experiências de três licenciandas em suas práticas pedagógicas, uma supervisora atuante na escola, um professor orientador, e, sobretudo, de alunos de 8ª série do Ensino Fundamental com o conteúdo Atividades Rítmicas, desenvolvido em uma escola municipal no interior de São Paulo. O objetivo deste estudo foi apresentar as experiências das bolsistas juntamente com os estudantes, e a relação estabelecida no processo de ensino e aprendizagem entre os mesmos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo instrumento de coleta de dados foi o diário de campo. Realizou-se um mapeamento dos saberes e interesses de grupos de estudantes acerca do tema Atividades Rítmicas. Em seguida, os conteúdos apontados foram organizados e estruturados, para ser melhor trabalhado. A cada semana o grupo responsável trazia sua pesquisa teórica sobre o tema, sendo posteriormente complementado pelas bolsistas. Enriquecendo mais o conhecimento trazido, foram realizadas vivências práticas após as apresentações. Os temas abordados foram: Ritmo e Baseball; Dança; Ginástica Rítmica; Handball e Skate. Para Moraes e Varela (2007), os professores facilitadores da autonomia dos alunos suprem suas necessidades, e para isso, são oferecidas oportunidade de escolhas e retornos significativos, conhecendo e apoiando os interesses dos alunos. O conteúdo proporcionou experiências distintas aos alunos, uma vez que este é frequentemente voltado às atividades como a dança. Jesus (2008), em relatos de entrevistadas em pesquisa acerca das atividades rítmicas, afirma ser componente de tudo, da dança, do futebol, de utilizar um teclado. Além disto, os temas foram escolhidos por bolsistas e alunos em conjunto, tornando-se um conteúdo voltado às demandas da sala de aula. Segundo Moraes e Varela (2007), o conhecimento é uma construção individual e coletiva do professor/aluno, cabendo à escola fornecer a estrutura necessária. A metodologia utilizada trouxe novas posturas e comportamentos em sala, uma vez que as opiniões dos alunos foram ouvidas, e percebeu-se autonomia e responsabilidade por parte dos mesmos para pesquisarem e apresentarem o tema que propuseram. Para finalizar, a inserção desse conteúdo também teve importância na ampliação de vivências dos alunos em relação à Cultura Corporal de Movimento.

Palavras chave: Atividades Rítmicas, Relação professor/aluno, Educação Física Escolar.



CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA O PARADESPORTO AQUÁTICO

GOMES, Y. Q., BORGES C. F., DA SILVA, C. L., RIBEIRO J. A., MOURA, N. B.
Centro Universitário do Triângulo - Uberlândia MG

Inúmeros são os benefícios evidenciados com a prática esportiva para todos, mas para pessoas com deficiência (PCD) o esporte tem um papel fundamental na reabilitação física e cognitiva, ampliando alternativas terapêuticas e favorecendo a independência funcional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), no Brasil são 24,5 bilhões de pessoas aproximadamente que possuem alguma limitação, o que torna a relação entre o esporte e essa parcela da população um fator relevante. Dessa forma, estudar o comportamento de pessoas com deficiência em situações de prática desportiva (atividades físicas competitivas e recreativas) por meio da Psicologia do Esporte, envolvendo conceitos da psicologia e das ciências do esporte, pode trazer inúmeros benefícios. O objetivo deste trabalho foi realizar intervenções individuais e/ou em grupo, trabalhando aspectos de motivação e autocontrole em atletas do paradesporto aquático (natação). A amostra foi composta por 13 atletas portadores de diferentes deficiências, com idade entre 12 e 42 anos, filiados ao Clube Desportivo para Deficientes de Uberlândia (CDDU). Foram realizados 11 encontros sequenciais onde foram aplicadas técnicas vivenciais, dessensibilizadoras e otimizadoras de habilidades cognitivas e comportamentais que pudessem ser contingenciadas no rendimento ou na significação frente a atuação durante o comportamento de nadar. Dos 13 atletas envolvidos todos relataram melhoras gradativas, em suas habilidades esportivas individuais e em suas relações interpessoais com a equipe (atleta-atleta; atleta-treinador). Todos consideraram importante o acompanhamento psicológico durante os treinamentos e competições. Segundo os atletas houve um maior comprometimento, deles em relação ao treinador, ao treinamento e à equipe através da tomada de consciência dos estímulos eliciadores e mantenedores de comportamentos menos funcionais para o contexto de nadar. Outro resultado importante foi a percepção dos atletas em relação ao esporte praticado, deixando de ser somente um instrumento de reabilitação e passando a figurar como possível profissão. Diante dos resultados obtidos, verificou-se que as intervenções influenciaram de maneira positiva no desempenho dos paratletas, melhorando suas habilidades funcionais, cognitivas, sociais e principalmente suas condições de treinamento enquanto esportistas.

Palavras-chave: Psicologia do esporte, Paradesporto, Motivação e Autocontrole.

COPING EM SITUAÇÃO DE COMPETIÇÃO: ESTUDO COM ESGRIMISTAS PARALÍMPICOS

¹CASTILLO, R. A., ^{2,3}ZANETTI, M. C., ¹WIETHAEUPER, D., ^{1,2}BALBINOTTI, M. A. A., ²MACHADO, A. A.

¹Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC – Canadá, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil, ³UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil

Os estilos de coping vem sendo amplamente investigados no esporte por estarem associados à redução dos níveis de estresse, ansiedade e consequentemente aumento do desempenho atlético. Por este motivo, buscamos verificar se os resultados médios de atletas de Esgrima em Cadeira de Rodas são significativamente ($p < 0,05$) diferentes do valor central esperado. Utilizamos o Inventário Balbinotti de Coping para Atletas em Situação de Competição (iB.CASC-40) que verifica estilos de coping em relação às dimensões Orientação ao Enfrentamento (OE) e Orientação ao Afastamento (OA) ($Me = 60$) e em suas respectivas subdimensões (OE=Reavaliação, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole; OA=Ação Agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação) ($Me = 15$) em 6 atletas integrantes da Seleção Brasileira da modalidade (3 homens e 3 mulheres), com idades variando entre 18 e 31 anos ($25,6 \pm 5,4$), em uma das etapas do Grand Prix, realizada no Canadá, em abril de 2013, em 2 diferentes tempos ($T^1 =$ antes e $T^2 =$ depois da competição). A especificidade e nível competitivo dos atletas justificam o tamanho da amostra. Utilizou-se um teste t para amostra única, e seus resultados indicaram que todas as diferenças são significativas ($p < 0,05$), com exceção da subdimensão Distração, em ambos os momentos de administração do iB.CASC-40. Nota-se ainda, que as médias observadas ($82,83 \leq Mo \leq 85,33$) da dimensão OE são significativamente superiores ($37,67 \leq Mo \leq 39,33$) à OA, tanto antes ($t_{(5)} = 6,54$; $p \leq 0,001$) quanto após ($t_{(5)} = 9,72$; $p < 0,001$) a competição, sugerindo que esse comportamento pode ocorrer independentemente do momento de administração do inventário. Percebemos que estes atletas parecem encarar as dificuldades a eles impostas de forma muito positiva, pois apresentam forte característica de enfrentamento, que pode ser justificada pelo nível técnico e experiência, ou até por traço de personalidade que os levou a se tornarem atletas de excelência na modalidade.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Psicometria. Coping. Esgrima. Atletas paralímpicos.



CORPO, MÍDIA E CULTURA INDUSTRIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

TEIXEIRA, R. A; BARBOSA, C. G; MACHADO, A. A.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

É sabido que a mídia e a cultura industrial são uma das responsáveis por padronizar um modelo de corpo ideal para a sociedade. Corpos de mulheres excessivamente magras são expostos e tidos como padrão ideal de beleza. Para atingir tal padrão mulheres se submetem a processos quase desumanos. Isso nos leva a um questionamento sobre, até onde pode ir o ser humano para obter um “corpo ideal” e qual a consequência de tais atos? No objetivo de conseguir a resposta de tais questionamentos, foi feita uma pesquisa desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica que utilizou 11 artigos científicos no período de março a junho de 2013. A pesquisa teve como intuito, expor, analisar e discutir a influência causada pela mídia sobre a imagem corporal do sujeito contemporâneo. De acordo com Frois et. al. (2011) a imagem corporal do sujeito não é constituída apenas e somente através dos meios midiáticos, porém, esses influenciam, e muito, o processo de sua formação. É importante termos em mente que o corpo no entendimento contemporâneo, não foi sempre assim. De acordo com Tucherman & Saint-Clair (2008), “as “representações do corpo” alteram-se historicamente, mas o próprio corpo, em sua materialidade, é necessariamente enredado na complexa teia histórica de que faz parte.”. Pelegrini apud Barbosa (2011) nos diz sobre o fato, de hoje a beleza estética estar associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude. Temos, então, a publicidade apoderando-se da subjetividade de cada indivíduo, que vive em um mundo onde há a necessidade de se recriar segundo o modo e estilo de vida impostos pela mídia. Graças a um padrão de estética praticamente inalcançável pela maior parte da população, temos hoje, dentro de cada sujeito, uma grande insatisfação com o próprio corpo, implicando, então, a incorporação da prática do exercício físico com fins estéticos no cotidiano do indivíduo. Nesse momento, vale citar Silva (apud PELEGRINI, 2004), quando a autora diz que “a loja da máquina impõe a obediência dos seres humanos à organização mecânica ignorando o indivíduo e sua condição de sujeito”. Assim então, após análise de diversos autores, podemos chegar à conclusão que, o mundo contemporâneo, tão ligado à tecnologia, pode moldar não só um sujeito belo como também um sujeito doente, tendo com exemplo os sujeitos vítimas dos distúrbios alimentares, causados em função da busca incessante por esse “corpo perfeito”.

Palavras-Chave: Psicologia do esporte, Desenvolvimento Humano, Tecnologias, Imagem Corporal, Corpo, Mídia.

DOS MAROMBAS AOS MODELOS: CORPOS MASCULINOS E FEMININOS EXIBIDOS NOS SÍTIOS DOS ESPAÇOS FITNESS.

PEREIRA, E.G.B.¹, PONTES, V.S.², VOTRE, S.J.³, RIBEIRO, C.H. de V.⁴, MELO, S.L.P. de⁵.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro; ² Universidade Federal do Rio de Janeiro; ³ Universidade Gama Filho/RJ; ⁴ Universidade Gama Filho/RJ; ⁵ Universidade Castelo Branco/RJ

O objetivo do estudo é identificar a representação corporal comercializada para homens e mulheres nos sítios das academias de ginástica e analisar, sob a luz da hierarquia de gênero, as imagens disponibilizadas nessas mídias. Emergem as seguintes questões problema: Qual a representação de corpo disseminada pelos sítios das academias de musculação para homens e mulheres de contextos sociais distintos? De que maneira as academias expõem corpos masculinos e femininos? A nossa trilha metodológica é do tipo descritiva e a natureza qualitativa e, como técnica de análise de dados, foi utilizada a de imagens. Selecionamos, por meio do buscador Google, os três primeiros resultados para os espaços fitness localizados em diferentes regiões do Município do Rio de Janeiro. Nosso escopo repousou em 229 imagens disponibilizadas nesses 21 sítios. O corpo masculino, independente da região analisada, não apresentou distinção em suas formas de exposição. O apelo social e estético deste corpo se manifesta de forma musculosa, forte e potente, geralmente durante a execução de exercícios com pesos elevados. Já para o feminino, apesar da sensualidade explícita em todas as imagens, encontramos diferentes visões de corpo de acordo com a região: no Centro, Barra e Jacarepaguá e Zona Oeste é exibida uma mulher forte e musculosa, enquanto nas Zonas Norte e Sul, da Grande Tijuca e da Ilha do Governador o corpo é magro, longilíneo e definido. Podemos inferir que corpos femininos e masculinos são postos a mostra de formas distintas, reproduzindo estereótipos mantenedores da dominação masculina. Delineiam-se de acordo com o padrão de beleza vigente convencionado pela sociedade e para a sociedade, no entanto, esses arquétipos de corpo perfeito para as mulheres encontram-se atrelados às questões sociais, para as quais, ao que tudo indica, em determinadas regiões, há influência do modelo de corpo das “mulheres-fruta” e em outras, pelo perfil mais próximo das celebridades de “barrigas secas”. Esse protótipo, para os homens, encontra-se padronizado. Acreditamos que a proximidade com a praia e de seus célebres frequentadores influencie homens e mulheres adeptos desses corpos.

Palavras chave: Gênero; Academias; Análise de imagens; Representações de corpo.



ED. FÍSICA ESCOLAR, CADEIRA DE RODAS E DEFICIÊNCIA FÍSICA! E AGORA?!... A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO INCLUSIVO E SEU PAPEL MOTIVACIONAL NA ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA

*VENDITTI JÚNIOR R., DE PAULA C. T., LEITE C. F.
UNESP Bauru; UNINOVE; UNINOVE.*

Atualmente, o número de alunos cadeirantes matriculados e frequentando escolas de ensino regular tem aumentado significativamente. Torna-se necessário pensarmos na Educação Física (EF) Escolar participativa e inclusiva, que atenda às necessidades das pessoas com deficiência e que permita o desenvolvimento da diversidade humana e convívio com as diferenças. Para melhor trabalharmos a inclusão no contexto escolar, enfocando a necessidade de se pensar em aulas de EF escolar para indivíduos com deficiência física e cadeirantes, foi feita uma pesquisa de revisão bibliográfica durante o primeiro semestre de 2013, utilizando livros, artigos científicos e revistas que abordam conhecimentos sobre o tema da inclusão e da área da Educação Física Adaptada (EFA). O objetivo da busca foi verificar possibilidades inclusivas na EF escolar que atendessem aos alunos cadeirantes e sua participação efetiva em aulas práticas e atividades de EF. Com a revisão e observando diversos estudos e experiências nos relatos de atividades pesquisados, buscou-se analisar as dificuldades de implantação e implementação, as experiências bem sucedidas e os benefícios da inclusão na EF escolar, além de se destacar aspectos motivacionais para a prática das aulas e a constante necessidade do estímulo motivacional do professor de EFA. Ao final da pesquisa, foi possível concluir que as dificuldades vêm diminuindo frequentemente, ao mesmo passo que os benefícios têm sido cada vez mais reconhecidos. Foi possível destacar também a importância de se trabalhar as questões emocionais da PcD e as relações interpessoais estabelecidas entre o professor de EF, os familiares e a PcD. Todos estes fatores incidem que o professor exerce grande influência motivacional na inclusão dos alunos cadeirantes com o ambiente escolar.

Palavras-chave: inclusão; cadeirantes; deficiência física; educação física; atuação profissional.



EM QUADRA, OS HOMENS: REFLEXÕES SOBRE MASCULINIDADES NAS PRÁTICAS CORPORAIS.

*PEREIRA, E.G.B., PONTES, V.S., VOTRE, S.J., RIBEIRO, C.H. de V.
Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade
Gama Filho/RJ; Universidade Gama Filho/RJ*

Os estudos das relações e representações de gênero têm sido alvo de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Na tentativa de reconstruir experiências excluídas, várias áreas do saber têm socializado o conhecimento produzido tendo em conta o gênero como categoria de análise. Ao compreendê-lo como produto de um construto social e cultural que envolve uma gama de processos determinantes para a nossa identificação como masculinos ou femininos, verificamos que as relações entre os sujeitos podem reproduzir estereótipos, preconceitos, resistências e até mesmo novos valores e atitudes que enaltecem visões singulares, performativas e heteronormativas em nossa sociedade. Mais especificamente relacionado ao nosso campo de intervenção, o gênero no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiro, em muros e em paredes. Ele “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula, na convivência social entre eles e ainda é reproduzido nas disciplinas de formação do profissional de educação física. Podemos afirmar que as atuais questões relacionadas ao campo de intervenção focam o campo dos conflitos em geral: gênero, etnia, condições econômicas e sociais. Tendo isso em vista, este ensaio tem como objetivo refletir as identidades e os desdobramentos das masculinidades no contexto das práticas corporais. Pretendemos, com este estudo, dar contributo ao meio acadêmico, iniciando uma discussão ao alcance de propostas centradas na construção social das masculinidades na esfera da cultura corporal de movimento. As primeiras impressões permitem inferir que deve haver maior preocupação por parte dos estudiosos e professores com relação às questões de gênero no espaço aberto das práticas corporais, por este propiciar uma maior liberdade de ação e expressão lógico-crítica e a vivência plena de sua corporeidade e motricidade. Assim considerando, ainda que exista diferença nos aspectos biofísicos, psicoemocionais e sócio-históricos entre os sexos advindos de fatores orgânicos, essa diferença poderia ser bem menor do que a que se apresenta, se fosse diminuída a influência do sexismo e dos estereótipos para o sexo feminino e o sexo masculino nesse campo das práticas corporais.

Palavras-chaves: Gênero; masculinidades; práticas corporais; identidades.

ENTRE O UNIVERSO DESPORTIVO E CORPORATIVO: REFLEXÕES SOBRE RESILIÊNCIA NO PROJETO CORPORAÇÃO

ANALHA, G. O., FERNANDES, P. T.
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Introdução: O termo resiliência é um termo oriundo da Física, trata-se da capacidade dos materiais de resistirem aos choques. No final do século XX, este termo foi incorporado na Psicologia para estudar a pessoa que sofre pressões e adversidades, sem interferências em sua estrutura psíquica. Desde então, a resiliência foi estudada em diversas áreas, porém pouco se pesquisou na relação entre o campo desportivo e o corporativo. **Justificativa:** A relevância deste estudo se dá pela semelhança desses universos, que competem entre si para algum mercado e utilizam estratégias parecidas para alcançar resultados. Diante desse quadro, surgiu o projeto Corporação, realizado na empresa Instituto Estre de Responsabilidade Socioambiental. Este projeto utiliza atividades lúdicas (envolvendo lutas, esportes coletivos, danças, ginásticas, circo e capoeira) como recurso para desenvolver a capacidade de resiliência nos trabalhadores. **Objetivo:** Avaliar e analisar o desenvolvimento da resiliência nos funcionários da empresa Instituto Estre e descrever as características do projeto Corporação. **Metodologia:** Foram aplicados jogos para 12 funcionários, durante um período de 4 meses, em 3 encontros semanais de 30 minutos, totalizando 32 encontros e 16 horas. A análise foi baseada em dados comportamentais dos indivíduos e na investigação dos documentos do projeto, que são os relatórios diários e o questionário de resiliência adaptada de Wagnild & Young (PESCE et al, 2005), aplicado antes e depois do projeto. **Resultados:** Os resultados mostraram que após as atividades, as atividades lúdicas influenciaram o grupo desenvolver a capacidade de resiliência, aumentando a média de 124,5 para 137,6 ($p=0,024$), segundo o questionário de resiliência, além das análises subjetivas dos documentos. **Discussão/conclusão:** Diante dos resultados, podemos dizer que as atividades lúdicas foram importantes para o desenvolvimento da resiliência do grupo. Além disso, pudemos observar a melhora dos processos e estados psíquicos (percepção, pensamento, motivação) do grupo.

Palavras- chave: Psicologia - Resiliência – Jogos – Corporação.

ESCALA DE AUTOESTIMA DE PRATICANTES REGULARES DE ATIVIDADES ESPORTIVAS: ANÁLISES PSICOMÉTRICAS

^{1,2}BALBINOTTI, M. A. A., ¹WIETHAEUPER, D., ¹CASTILLO, R. A., ^{2,3}ZANETTI, M. C., ²MACHADO, A. A., ⁴IABEL, L.

¹Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC – Canadá, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil, ³UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil, ⁴Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, RS, Brasil;

As Orientações à Hesitação (OH) e à Confiança (OC) são dimensões essenciais à autoestima (AE), entendendo-a como a aprovação ou desaprovação que a pessoas tem de si mesma, indicando em que medida um indivíduo acredita ser capaz, ter valor e se sentir importante. Na adolescência, o jovem é instado a planejar as representações que possui de si mesmo em função da compatibilidade entre suas preferências, seus projetos e suas escolhas. A avaliação da AE tem um papel importante neste processo. Este estudo tem por objetivo estabelecer as propriedades psicométricas da Escala Balbinotti de Autoestima de Estudantes (EBAEE). A EBAEE avalia, precisamente, estas duas dimensões (OH et OC) da autoestima. Com uma amostra de 357 estudantes do ensino fundamental e médio, no Brasil, com idades variando entre 11 e 19 anos ($15,6 \pm 2,1$), foram encontrados resultados satisfatórios de algumas propriedades psicométricas: (a) a análise fatorial exploratória indica um modelo bidimensional; (b) os dados disponíveis se ajustam perfeitamente ao modelo proposto (análise fatorial confirmatória); e (c) as correlações inter-items, item-dimensões e item-escala total apoiam esta solução com dois fatores; os coeficientes Alpha obtidos, por dimensão (ambos superiores à 0,70), demonstram a homogeneidade da medida, segundo a base teórica explorada. Finalmente, a inclusão de uma nova dimensão (Orientação ao Respeito Próprio) é discutida, abrindo-se a possibilidade de uma versão tridimensional da EBAEE. Novas pesquisas são necessárias para que se possa estudar as propriedades métricas de um novo instrumento.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Psicometria. Autoestima. Validade. Esporte.

ESGRIMISTAS PARALÍMPICOS: ESTUDO COMPARATIVO DE ESTILOS DE COPING APÓS UMA COMPETIÇÃO INTERNACIONAL

^{1,2}BALBINOTTI, M. A. A., ¹WIETHAEUPER, D., ¹CASTILLO, R. A., ^{2,3}ZANETTI, M. C., ²MACHADO, A. A.

¹Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC – Canadá, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil, ³UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil

A esgrima, de modo geral requer de seus atletas especial capacidade de adaptação, criatividade, velocidade, reflexos apurados, astúcia e paciência. Já, os estilos de coping no esporte vem sendo associados à redução dos níveis de estresse, ansiedade e aumento do desempenho atlético. Por este motivo, buscamos verificar se os resultados médios dos estilos de coping de atletas de Esgrima em Cadeira de Rodas são significativamente ($p < 0,05$) diferentes, após uma competição, para cada uma das dimensões - Orientação ao Enfrentamento (OE) e Orientação ao Afastamento (OA) - e subdimensões - (OE = Reavaliação, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole; OA = Ação Agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação) - do Inventário Balbinotti de Coping para Atletas em Situação de Competição (iB.CASC-40). Responderam ao iB.CASC-40, 6 atletas integrantes da Seleção Brasileira da modalidade (3 homens e 3 mulheres), com idades variando entre 18 e 31 anos ($25,6 \pm 5,4$), em uma das etapas do Grand Prix, realizada no Canadá, em abril de 2013, em 2 diferentes tempos (T^1 =antes e T^2 =depois da competição). A especificidade e nível competitivo dos atletas justificam o tamanho da amostra. Utilizou-se um teste t para amostras pareadas e seus resultados indicaram que todas as diferenças são não significativas (apresentam um valor de $p > 0,05$) entre as dimensões ou subdimensões dos estilos de coping. Estes resultados sugerem que os atletas avaliados, independentemente da situação competitiva, antes ou após a competição, não modificam a maneira com que reagem frente às situações de estresse, indicando também que cada atleta possui seu padrão de enfrentamento do estresse. A capacidade de utilizar estilos de coping adequados influencia a percepção das situações como ameaçadoras ou não, destacando ainda que quanto maior o número de estratégias o atleta desenvolve e usa com frequência, menor é a sensação de perigo ou medo frente a situações estressantes.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Psicometria. Coping. Esgrima. Atletas paralímpicos.



ESPORTISTAS E TWITTER: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE 2011 E 2013

¹REBUSTINI, F.; ²ZANETTI, M. C.; ²MOIOLI, A.; ¹MACHADO A. A.

¹LEPESPE – UNESP/RIO CLARO; ²UNIP

O Twitter tem se mantido nos últimos anos, como uma das redes sociais mais utilizadas pelos atores do cenário esportivo. Desta forma, o objetivo deste estudo é comparar a posição das contas relacionadas ao esporte em 2011 e 2013. Para tanto, utilizamo-nos do site *Twitaholic* que faz o ranqueamento das contas por número de seguidores. A coleta foi realizada no dia 29 de outubro de 2011 e no dia 12 de agosto de 2013, adotou-se como referência as 200 maiores contas. Os resultados apontam uma elevação de 17 para 21 contas relacionadas ao esporte entre as 200 maiores, sendo 3 de atletas brasileiros (Kaká, Neymar e Ronaldinho Gaúcho) ante 5 de 2011. Parece não haver uma saturação do Twitter, como forma de sustentação podemos nos deter nos líderes do ranking, em 2011 tínhamos Lady Gaga com aproximadamente 17 milhões de seguidores), em 2013, o líder é Justin Birber, com mais de 42 milhões de seguidores, ainda como forma de reforço podemos olhar para os números do Kaká em 2011 (17º, com 6.572.359 seguidores), em 2013 (23º com 16.475.931). As personalidades ligadas ao entretenimento continuam sendo as mais seguidas. Destaca-se o fato de que das 21 contas, 8 estão ligadas à equipe do Barcelona, todas com mais de 4 milhões de seguidores, e o que surpreende é que entre elas não está a conta de Leonel Messi. Outro dado é o domínio do futebol no ranking 12 destas contas são oriundas desse esporte. Destaca-se a ausência de equipes e atletas atuando no Brasil no ranking. Há necessidade de compreender as razões desse baixo desempenho, principalmente se considerarmos que alguns clubes brasileiros têm torcidas que superam a população da maioria dos países. O que aponta para a necessidade de atuação mais efetiva das áreas de marketing do clube, bem como, elas estarem mais fundamentadas quanto às estratégias a serem adotadas para a promoção das equipes e atletas.

Palavras Chaves: Redes Sociais; Desenvolvimento Humano, Tecnologias; Psicologia do Esporte Twitter.

ESTADO DE HUMOR DE SERVIDORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS APÓS UMA SESSÃO DE GINÁSTICA LABORAL: COMPARAÇÃO ENTRE GÊNERO

OLIVEIRA, N.C. B; PINTO, R. M. S; ZACARONI, L. M; DAVOLI, J. L. E; VALIM- ROGATTO, P. C.
*Laboratório de Pesquisa em Psicologia do Exercício (LAPPEX). Universidade Federal de Lavras-
UFLA, Lavras - MG - Brasil.*

A Ginástica Laboral (GL) é definida como um tipo de atividade física que pode ser praticada no local de trabalho, sendo de forma voluntária e coletiva realizada durante o horário de expediente. É um programa que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, adaptando assim o seu trabalho às características anatômicas, fisiológicas e psicológicas. O objetivo do estudo foi comparar a influência de uma sessão de GL sobre o estado de humor entre homens e mulheres servidores da Universidade Federal de Lavras (UFLA) participantes do programa “Ginástica Laboral na UFLA”. Participaram do estudo oito servidores, sendo quatro homens com média de idade de 43 anos ($\pm 8,45$) e quatro mulheres com média de idade de 33 anos ($\pm 9,70$) praticantes do programa de GL. A GL do tipo preparatória tem duração de 15 minutos e é realizada cinco vezes por semana no período matutino. Os participantes podem optar por participar em uma ou mais sessões semanais. Os voluntários responderam a Escala de Humor de Brunel (BRUMS) antes e depois de uma sessão de atividades. A escala possui 24 itens subdivididos em 6 subescalas: 1) tensão (Apavorado, tenso, ansioso e preocupado), 2) vigor (Animado, com disposição, alerta e com energia), 3) confusão (Indeciso, confuso, inseguro e desorientado), 4) fadiga (Esgotado, exausto, cansado, sonolento), 5) depressão (desanimado, deprimido, triste e infeliz) e 6) raiva (Irritado, zangado, mal-humorado, com raiva). Em cada item das subescalas o voluntário pode atribuir uma pontuação que varia de 0 “nada” a 4 “extremamente”, sendo a soma máxima em cada subescala 16 pontos. Para a análise estatística dos dados foi utilizado o teste “t” de Student pareado, considerando $p < 0,05$. Foi observada redução significativa na pontuação da subescala confusão (pontuação antes = $4,5 \pm 2,9$ e depois = $2,2 \pm 2,9$; $p = 0,04$) para o grupo das mulheres e não foram observadas modificações no estado de humor dos homens pesquisados. Uma sessão de GL preparatória foi suficiente para influenciar um dos fatores que compõem o estado de humor somente no sexo feminino. Assim, partindo da análise do fator confusão em particular, a sessão da GL proporcionou às mulheres a melhora em estados de humor que podem auxiliá-las na tomada de decisões com sensação de segurança e concentração.

Palavras-Chaves: Estado de Humor; Ginástica Laboral; Gênero.

ESTADOS DE ÂNIMO DE IDOSOS PRATICANTES DE UM PROGRAMA DE ATIVIDADE FÍSICA

RODRIGUES, N. R., TREVISAN, P. R. T. C., NASCIMENTO, A. M., TAVARES, G. H., CHAO, C. H. N., CRISTOFOLETTI, D. F. A. SCHWARTZ, G. M.
LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/Departamento de Educação Física/ IB/UNESP/Rio Claro.

Uma grande diversidade de programas vem sendo proposta, de modo a incentivar a adesão de idosos à atividade física. Entretanto, a manutenção regular a esses programas está estreitamente relacionada com os aspectos psicológicos, sobretudo com o prazer. As avaliações da eficácia desses programas, porém, raramente consideram os aspectos psicológicos, o que requer maior aprofundamento, haja vista que o prazer e bem-estar podem representar diferenciais motivacionais importantes. Sendo assim, este estudo de natureza qualitativa, teve como objetivo, investigar o estado de ânimo de pessoas idosas praticantes de atividade física regular. A amostra intencional foi composta por 11 idosos, participantes de um programa de atividade física da cidade de Carrancas – MG. A média de idade dos participantes foi de 63,4 ($\pm 5,3$) anos, sendo 9 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. A atividade proposta teve duração de 1 hora, onde foram incluídos, alongamentos, exercícios localizados, atividades coordenativas e recreativas. Para a análise do estado de ânimo, antes e após a atividade, os participantes responderam à Lista de Estados de Ânimo Reduzida e Ilustrada (LEA-RI), composta por 14 adjetivos perpassando os estados de ânimo positivo e negativo. Cada adjetivo apresenta quatro opções de resposta (muito pouco, pouco, forte e muito forte), as quais demonstram a intensidade de cada sensação naquele exato momento. Os dados foram analisados por meio de Técnica de Análise de Conteúdo Temático, sendo os estados de ânimo classificados em dois eixos principais: positivo e negativo. Os resultados demonstraram melhoria nos estados de ânimo positivos, na comparação pré e pós atividade. No eixo positivo, foi evidenciado que 7 idosos demonstraram um aumento dos estados de ânimo, 2 idosos permaneceram na mesma intensidade e outros 2 apresentaram uma redução destes estados. Para o eixo negativo, 6 idosos apontaram diminuição de intensidade aos adjetivos correspondentes, 2 idosos mantiveram a intensidade inicial e apenas 3 idosos obtiveram uma aumento destes estados. Entretanto, o adjetivo cansado (categoria negativa) pode ser considerado como um fator relevante nesse aumento de intensidade negativa, por estar diretamente associado à prática de atividade física, principalmente para pessoas idosas. Conclui-se que a atividade física pode proporcionar alterações positivas no estado de ânimo de pessoas idosas praticantes de atividade física regular, porém, programas como este, devem levar em consideração a dosagem e a intensidade adequadas, para que os sentimentos agradáveis possam se constituir em elementos motivacionais para a continuidade da participação nessas atividades.

Palavras-chave: estado de ânimo, idoso, atividade física.

ESTADOS DE HUMOR EM ATLETAS DE FUTEBOL E FUTSAL: UMA COMPARAÇÃO DURANTE O PERÍODO COMPETITIVO

MORÃO, K. G.¹, VERZANI, R. H.¹, OLIVEIRA, V.¹, SCHIAVON, M. K.¹, MACHADO, A. A.¹.

¹LEPESPE – UNESP – Rio Claro – Departamento de Educação Física

Introdução: Os atletas sofrem influências extrínsecas e intrínsecas durante suas carreiras, acarretando alterações no desempenho durante uma competição, por isso é importante que eles estejam bem preparados emocionalmente para o enfrentamento de problemas. Com o intuito de verificar os níveis dos estados de humor dos atletas, foram desenvolvidas ferramentas psicológicas, dentre elas a Escala de Humor de Brunel (Brums), que permite a mensuração do grau de fatores que podem influenciar no rendimento do sujeito. Esse questionário conta com cinco fatores “negativos” (tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão mental) e um “positivo” (vigor). Sendo assim, o **objetivo** deste estudo foi verificar e comparar os estados de humor em atletas praticantes de futebol e futsal em período competitivo.

Método: Foi utilizada a Escala de Humor de Brunel para a realização deste estudo, que conta com questões fechadas onde o atleta deve indicar através da escala Likert o estado que se encontra. A amostra contou com 19 atletas de futsal e 17 de futebol, todos do gênero masculino, competindo pela equipe da cidade de Rio Claro nos Jogos Regionais do ano de 2012. A média de idade da equipe de futebol de campo foi de aproximadamente 18 anos e 9 anos de tempo de prática, enquanto os atletas de futsal apresentaram uma média de 21 anos de idade e 10 anos de tempo de prática da modalidade. O questionário foi aplicado 3 horas antes da partida de estreia das equipes no campeonato. **Resultados e discussão:** Os atletas de futebol e futsal não apresentaram muita distinção nas respostas de acordo com os fatores em questão. Nas duas equipes o fator vigor sobrepôs-se aos outros com valores de 2,9 (futebol) e 3,14 (futsal), com desvio padrão de 0,95 e 1,1, respectivamente. Os outros fatores se mantiveram com índices não significativos, porém, na equipe de futsal, a “tensão” apresentou valor um pouco mais expressivo que os demais, resultando em 1,36, enquanto na equipe de futebol foi de 0,84 (desvio padrão de 0,72 e 0,6, respectivamente). Percebe-se que as duas equipes alcançaram o que se padroniza como ideal para a Escala de Brums. **Conclusão:** Conclui-se que as equipes estavam bem preparadas psicologicamente para a competição, demonstrando o fator vigor (positivo) mais elevado que os outros (negativos), o que é essencial para equipes que estão em processo competitivo. É necessária uma melhor preparação em todos os aspectos (técnico, tático e físico), pois somados com a preparação psicológica eles determinam o rendimento individual e/ou coletivo.

Palavras-Chave: desenvolvimento humano e tecnologia; estados emocionais; psicologia do esporte.



ESTADOS EMOCIONAIS E FUTEBOL: UMA ANÁLISE DE EQUIPES JUNIORES

VERZANI R. H., BARBOSA C. G., BAGNI, G., MACHADO A. A..
LEPESPE – UNESP - RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: Quando analisamos alta performance, devemos ter conhecimento de que diferentes estímulos geram emoções positivas e negativas, que podem afetar a performance dos atletas, bem como o modo de se posicionar frente as disputas de campeonatos, ou mesmo aos adversários (Lazarus, 2000). De acordo com Viera et al. (2008), “as emoções seriam reações afetivas agudas e momentâneas, provocadas por um estímulo significativo, sempre acompanhado por uma descarga somática”. Deste modo, há uma necessidade de acompanhar este fator em uma equipe competitiva. **Objetivo:** Analisar os estados emocionais de atletas juniores de futebol, em período competitivo. **Procedimentos metodológicos:** Foram analisados 127 atletas, de 7 equipes, com média de 17,99 anos de idade, participantes da Copa São Paulo de Futebol Junior, no ano de 2013. Foi utilizado o PANAS (Positive Affect Negative Affect Scale), sendo que a aplicação ocorreu durante o período competitivo. **Resultados e discussão:** Algumas emoções obtiveram destaque, visto a capacidade que possuem de influenciar o rendimento. Quanto ao medo, que pode interferir diretamente em diversas questões, como a autoconfiança, encontramos um resultado interessante (Guaicurus, média de 8,42) e um resultado mais elevado (União Rondonópolis, 11,34). O medo, fadiga e outros fatores também podem interferir na questão da atenção, na qual houve um destaque positivo por parte do Fluminense (16,1) e negativo por parte do Americano (14,43). Já quanto a tristeza, que está muito relacionada a sentimentos negativos como desânimo, decepção e frustração, destacou-se positivamente o União São João (6,41) e negativamente o Guaicurus (8,58). Foram apontados os melhores valores, que correspondem ao satisfatório para competição e, como comparação, resultados que necessitam de maior cuidado. **Conclusão:** Foram encontrados alguns resultados satisfatórios para o período competitivo dentre os fatores expostos, mas também resultados mais preocupantes, que necessitam de melhor acompanhamento para potencializar chances de sucesso na competição, aliados a outros aspectos que são fundamentais na busca por bons resultados.

ESTUDO DE CASO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A FORÇA MUSCULAR DE MEMBROS INFERIORES E FATORES MOTIVACIONAIS EM NADADORA COM MIELOMENINGOCELE.

MORAIS M. P., BRANCO C. S.

Universidade Gama Filho; Universidade Presbiteriana Mackenzie

Este estudo apresenta a visão interacional como referencial de motivação justificada a partir das considerações feitas por Weinberg e Gould (2001) que afirmam a teoria da necessidade de realização sendo constituída por fatores pessoais e situacionais como prognosticadores importantes de comportamento, considerando dentre todas estas características as limitações físicas do ser humano. A pesquisa apresenta como sujeito de estudo uma atleta de vinte e um anos com Mielomeningocele, a qual é parte deste processo de aprendizado contínuo na relação professor e aluno e de onde parte o problema que direciona o estudo. Winnick (2004) afirma que Mielomeningocele é uma das formas apresentadas pela espinha bífida que consiste no ato de o revestimento da medula espinhal, o líquido e parte da medula se protraírem por uma abertura na medula espinhal, delimitando a deficiência principalmente aos membros inferiores, fazendo com que os mesmos apresentem severa defasagem de funcionalidade motora, dependendo do local da lesão medular, o que determina o grau da deficiência. Com o objetivo de analisar de que forma o treinamento de força muscular de membros inferiores de nadadora com Mielomeningocele com idade entre 20 e 25 anos influencia nos fatores motivacionais, examinando a relação existente entre o treinamento de força muscular e o fenômeno psicológico da motivação apresentando como método de pesquisa um estudo de caso, de pesquisa descritiva e bibliográfica, composto pela revisão bibliográfica de natureza teórica como embasamento para as intervenções realizadas no estudo de campo. A pesquisa de campo foi composta pela aplicação de um questionário motivacional elaborado por Samulski e Noce (2000) através da escala de Likert a análise parte dos seguintes resultados, os fatores sem importância representaram 6,25% dos fatores analisados, os fatores pouco importantes 12,5%, os fatores importantes 62,5% e os fatores decisivos 18,75%. Os fatores que mostram-se relevantes para o estudo foram pelo prazer da prática do esporte, para aprender novos movimentos e técnicas esportivas, para aumentar seus conhecimentos no esporte, para melhorar seu desempenho esportivo, por ter sucesso no esporte, para conhecer os próprios limites, por gostar de desafios, ser reconhecido por outras pessoas, aprender a cooperar com outras pessoas e pelo incentivo da família e amigos. Estes fatores revelam a relação do esporte como forma de participação, superação e prazer pelo sujeito de estudo, representado pelo fator por gostar de desafios. O estudo conclui que o fator por sentir-se realizado é o fator motivacional relevante para o sujeito de estudo, considerando as limitações físicas presentes.

Palavras-chave : Motivação, mielomeningocele, força muscular.

ESTUDO DESCRITIVO DE ESTILOS DE ENFRENTAMENTO DE ESGRIMISTAS PARALÍMPICOS: DIFERENÇAS SEGUNDO O SEXO E TEMPO DE PRÁTICA

¹WIETHAEUPER, D., ^{1,2}BALBINOTTI, M. A. A., ¹CASTILLO, R. A., ^{2,3}ZANETTI, M. C., ²MACHADO, A. A.

¹Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC – Canadá, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil, ³UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil

É comum buscarmos explicações sobre o fato de um determinado atleta ter conseguido alcançar altos níveis de rendimento, enquanto outros não. Porém, acredita-se que o sucesso esteja atrelado à capacidade do atleta lidar com situações de estresse enfrentadas, por meio de estilos de coping. Por este motivo, buscamos verificar se os resultados médios de atletas de Esgrima em Cadeira de Rodas são significativamente ($p < 0,05$) diferentes quando controladas as variáveis Sexo e Tempo de Prática. Utilizamos o Inventário Balbinotti de Coping para Atletas em Situação de Competição (iB.CASC-40) que verifica estilos de coping em relação às dimensões Orientação ao Enfrentamento (OE) e Orientação ao Afastamento (OA) e em suas respectivas subdimensões (OE = Reavaliação, Ação Direta, Apoio Social, Autocontrole; OA = Ação Agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação) em 6 atletas integrantes da Seleção Brasileira da modalidade (3 homens e 3 mulheres), com idades variando entre 18 e 31 anos ($25,6 \pm 5,4$), em uma das etapas do Grand Prix, realizada no Canadá, em abril de 2013, em 2 diferentes tempos (T^1 = antes e T^2 = depois da competição). Utilizou-se um teste t para amostras independentes, e seus resultados indicaram que quase todas as diferenças não são significativas ($p < 0,05$). As exceções foram as subdimensões Ações Diretas ($t_{(5)} = 4,00$; $p_{AD} = 0,02$) e Negação ($t_{(5)} = -2,77$; $p_N = 0,04$) no T^1 em relação à variável Sexo; e também a subdimensão Reavaliação ($t_{(5)} = -2,77$; $p_{Re} = 0,04$) e a dimensão OE ($t_{(5)} = -2,90$; $p_{OE} = 0,04$) no T^2 em relação à variável Tempo de Prática. Segundo estes dados, pode-se dizer, que os atletas avaliados, independentemente das variáveis, comportaram-se da mesma maneira. Porém, no T^1 os homens demonstraram maior disposição para enfrentar os desafios, enquanto as mulheres optaram por negá-los. Em relação ao tempo de prática no T^2 os mais experientes demonstram maior capacidade reflexiva e disposição ao enfrentamento.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Psicometria. Coping. Esgrima. Atletas paralímpicos.

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO INVENTÁRIO DE COMPARAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DO ESPORTE

¹CASTILLO, R. A., ^{1,2}BALBINOTTI, M. A. A., ¹WIETHAEUPER, D., ^{2,3}ZANETTI, M. C., ²MACHADO, A. A., ⁴IABEL, L., ¹HABIMANA, E.

¹Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC – Canadá, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil, ³UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil, ⁴Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, RS, Brasil;

O sentimento de inveja pode estar associado à três condições de comparações sociais entre seres humanos: (a) as comparações são realizadas num contexto e em uma importante área de interesse para a pessoa invejosa; (b) a pessoa invejada é originária do mesmo local e pratica atividades similares às da pessoa invejosa; e (c) as comparações são desfavoráveis à pessoa invejosa. A particularidade do conceito de inveja demonstra uma complexidade, pois engloba uma variedade de atitudes, emoções e afetos. No campo do esporte, sua compreensão pode ser de grande utilidade para o desenvolvimento de atletas. Este estudo se propõem a explorar algumas propriedades métricas de uma nova versão do Inventário de Comparações Sociais (ICS), por meio de uma abordagem projetiva, onde o estudante se coloca no lugar de outrem para responder. Com uma amostra de 334 estudantes do ensino fundamental e médio, praticantes regulares de pelo menos uma modalidade esportiva, com idades entre 11 e 19 anos ($15,4 \pm 2,0$), foram encontrados os seguintes resultados: (a) a análise fatorial exploratória indica um modelo com três dimensões; (b) os dados disponíveis se ajustam ao modelo tridimensional proposto (análise fatorial confirmatória); e (c) cada uma das dimensões possui um índice adequado de coerência interna ($\alpha_1 = 0,83$; $\alpha_2 = 0,86$; $\alpha_3 = 0,79$). Novas pesquisas são necessárias para que se possa estudar outras propriedades métricas do ICS, como a fidelidade teste-reteste.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Psicometria. Autoestima. Validade. Esporte.

FATORES PSICOLÓGICOS E COGNITIVOS EM ATLETAS DE FUTEBOL

OLIVEIRA, R.A.; GUSHIKEM, R.H.; NAGY, V.S.; SALAZAR, J.P.; BORIN, J.P.; FERNANDES, P.T.
Departamento de Ciências do Esporte, Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Introdução: O futebol é um esporte difundido mundialmente e considerado paixão nacional no Brasil. Com o seu crescimento e desenvolvimento, o futebol profissional necessita cada vez mais de intervenções de profissionais de diversas áreas do conhecimento, dentre essas áreas está a psicologia do esporte, que é a responsável pela saúde psíquica dos atletas. **Justificativa:** Identificando e entendendo os fatores psicológicos que interferem no desempenho dos atletas nos períodos competitivos, podem-se gerar novas estratégias de intervenção para a melhora do rendimento dos atletas dentro e fora de campo, incluindo os aspectos psicológicos e cognitivos. **Objetivos:** identificar o perfil psicológico e cognitivo em jogadores de futebol de campo masculino. **Metodologia:** foram avaliados 21 atletas, com idade média de 18 anos, das categorias de base de um time do interior de São Paulo, em períodos de pré-competição. Para isso, foram aplicados protocolos psicológicos (ansiedade - *Beck Anxiety Inventory* e perfil emocional - *Profile of Mood States*, POMS) e cognitivos (funções executivas e atenção - subteste dígitos e completar figuras da Escala Wechsler de Inteligência (WAIS); velocidade de processamento e atenção - Subteste códigos WAIS; capacidade intelectual - Subteste raciocínio matricial WAIS). **Resultados:** Como resultados, temos: Aspectos psicológicos: ansiedade=7; perfil emocional: hostilidade=7,3; confusão=3,1; depressão=4,6; fadiga=8,9; tensão=9,0; vigor=18,6. Aspectos cognitivos: funções executivas e atenção: completar figuras=17,9; dígitos=14,2. Velocidade de processamento e atenção: 68,2. Capacidade intelectual: raciocínio matricial=15,2. **Discussão:** os resultados mostram uma diferença significativa nos aspectos psicológicos e cognitivos, indicando melhores resultados no grupo adulto. **Conclusão:** O estudo aponta para os primeiros índices da avaliação psicológica e cognitiva no período pré-treinamento. Um estudo de avaliação pós-treinamento está sendo realizado para comparar a diferença existente nos dois momentos. Com estes dados, podemos perceber características psicológicas e cognitivas dominantes em atletas de futebol, com isso, mostrar a técnicos, dirigentes e aos próprios atletas a importância da psicologia do esporte e criar práticas de intervenção em períodos de treino para melhorar o desempenho de atletas durante períodos competitivos.

Palavras-chave: psicologia do esporte; futebol de campo masculino; avaliação psicológica; avaliação cognitiva.



FORÇA MUSCULAR MÁXIMA PALMAR COM ATLETAS DE BASQUETE E FUTSAL

FILENI C. H. P.; MARTINS G. C.
FEUC – Faculdade Euclides da Cunha

Introdução: A mão é considerada um dos principais instrumentos do corpo humano, sendo que boa parte do desenvolvimento da humanidade pode ser creditado a ela, especialmente, pela peculiar característica de possibilitar movimentos de preensão. Existem dois tipos básicos de preensão amplamente apresentados na literatura: a de força, que consiste na ação de flexão dos dedos sobre a região palmar, e a de precisão, relacionada à aproximação dos dedos polegar e indicador. Também, podemos condicionar o teste de preensão ao nível de força e potência muscular dos atletas. Assim, se torna importante mensurar e comparar a avaliação da preensão palmar de atletas de basquetebol e futsal, mesmo que, as modalidades sejam distintas, fornece uma avaliação quantitativa sendo comum entre uma ferramenta que pode ser usada na avaliação da função da mão e dos membros superiores. **Justificativa:** O trabalho foi feito para analisar se realmente possuem diferenças e pela escassez de trabalhos na área. **Objetivo:** Comparar se realmente as modalidades de basquete e futsal apresentarão diferenças significativas entre a força máxima palmar. **Metodologia:** Foram investigados 32 atletas, do sexo Masculino, com faixa etária entre 14 a 15 anos, sendo 16 praticantes de basquete e 16 praticantes de futsal, foi utilizado como material de estudo um Dinamômetro Jamar modelo PC 5032p. **Resultados:** Obteve-se os resultados de 41,84 kg de média de ambas as mãos da modalidade Basquete e 33,85 kg de média de ambas as mãos do futsal, os dados foram submetidos à análise estatística e, as médias foram comparadas pelo teste t de Student, ao nível de 5% de probabilidade, onde médias diferem significativamente entre si. **Conclusão:** Apesar de a literatura ter certa carência sobre esses trabalhos, chega-se a conclusão que o Basquete por utilizar mais as mãos, apresenta-se em vantagem de Força Palmar em relação ao futsal.

Palavras-Chave: Força Palmar, Basquete, Futsal

FUTEBOL DE CAMPO FEMININO: ASPECTOS PSICOLÓGICOS E COGNITIVOS

GUSHIKEM, R.H.; OLIVEIRA, R.A.; SALAZAR, J.P.; BORIN, J.P.; FERNANDES, P.T.
Departamento de Ciências do Esporte, Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Introdução: Devido ao seu crescimento e desenvolvimento em nosso país, o futebol feminino profissional tem buscado a integração de diversas áreas do conhecimento, incluindo a psicologia do esporte, de forma a potencializar o desempenho das atletas. **Justificativa:** Mostrar a importância da psicologia do esporte para as jogadoras e comissão técnica, enfatizando a especificidade das abordagens dentro de cada grupo dentro do futebol feminino. **Objetivos:** Identificar aspectos psicológicos (ansiedade, estado emocional) e cognitivos (atenção) em jogadoras de futebol de campo. **Metodologia:** Foram utilizados os seguintes instrumentos: avaliação psicológica - Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) e POMS (*Profile of Mood States*) e avaliação cognitiva - subteste dígitos do WAIS (Escala Wechsler de Inteligência). Para isso, foram avaliadas 21 atletas, divididas em três grupos, G1: Sub-15 (idade média=14), G2: Sub-19 (idade média=15) e G3: adulto (idade média=27), com 7 sujeitos cada. **Resultados:** Avaliação psicológica: ansiedade (G1=7,3; G2=13,7; G3=4,6; $p=0,03$), POMS: hostilidade (G1=7,7; G2=8,3; G3=1,0; $p=0,008$), confusão (G1=6,1; G2=6,3; G3=3,0; $p=0,02$), depressão (G1=7,0; G2=4,4; G3=1,3; $p=0,06$), fadiga (G1=3,8; G2=4,1; G3=2,0; $p=0,2$), tensão (G1=10,3; G2=11,7; G3=7,3; $p=0,1$), vigor (G1=18,3; G2=13,4; G3=17,4; $p=0,09$). Avaliação cognitiva atenção (dígito total): G1=14,5; G2=12,1; G3=20,3; $p=0,01$. **Discussão:** os resultados mostram uma diferença significativa nos aspectos psicológicos e cognitivos, indicando melhores resultados no grupo adulto. **Conclusão:** O estudo mostra a diferença nos aspectos psicológicos e cognitivos, de acordo com as idades e com as categorias das atletas. Com estes dados, podemos direcionar o treinamento e a abordagem da comissão técnica, buscando um melhor aproveitamento, com ênfase às necessidades de cada atleta e idade.

Palavras-chave: psicologia do esporte; futebol feminino; avaliação psicológica; avaliação cognitiva.

GINÁSTICA NA ESCOLA: DIFICULDADES E AUTOEFICÁCIA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SANCHES, C.¹, FURLAN, S. R.¹, COSTA, R. A.¹, IAOCHITE, R. T.¹

¹Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Campus de Rio Claro

Introdução: Assim como os esportes e demais conteúdos, a ginástica é um dos principais conteúdos a ser ensinado nas aulas de Educação Física escolar nos diferentes níveis de ensino, como orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 40). **Justificativa:** Levando em consideração as diversas possibilidades e benefícios da ginástica, é necessário atentar-se ao ensino da mesma e como este conteúdo está sendo trabalhado nas aulas de Educação Física. Dentre as principais razões para os professores não ensinarem a ginástica na escola está o desconhecimento sobre o conteúdo e, por consequência, a falta de confiança para desenvolvê-los nas aulas. **Objetivos:** Identificar as dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física ao ensinar os conteúdos da ginástica na escola, bem como identificar o nível de autoeficácia desses professores. **Metodologia:** Participaram desse estudo 09 professores de Educação Física (42,3 anos; 64% do sexo feminino; 18,2 anos de docência) e uma graduanda em Educação Física. Para a coleta de dados foram utilizados: a) *questionário de caracterização* (gênero, idade, tempo de atuação, dificuldades encontradas no ensino da ginástica); b) *escala de autoeficácia para ensinar ginástica na escola* – do tipo Likert, de 9 pontos, sendo (1) para nenhuma confiança e (9) para muita confiança, composta por 15 itens ($\alpha = 0,68$) construídos a partir das orientações de Bandura (2006). **Resultados:** As principais dificuldades citadas pelos participantes foram: falta de conhecimento sobre o conteúdo, insegurança ao ensinar, turmas de alunos numerosas, vergonha/falta de habilidade dos alunos. **Discussão:** Levando em conta que a média da autoeficácia foi de 4,8 pontos numa escala de 9 pontos, esse valor é considerado moderado e, pela teoria, evidencia que quanto maior a autoeficácia do professor, melhor será o enfrentamento perante as dificuldades e maior será o compromisso com a aprendizagem dos alunos. Esses resultados são referentes à avaliação diagnóstica no início do projeto de extensão e serviram como suporte para o planejamento das ações durante a realização do mesmo. **Conclusão:** Os resultados servem como orientações para que o conteúdo da ginástica seja desenvolvido na formação inicial do professor para que as distâncias entre a teoria e a prática sejam reduzidas. Isso poderá favorecer o aumento do acervo de conhecimentos sobre a disciplina de Educação Física dos alunos das escolas.

Palavras-Chave: Ginástica, Autoeficácia, Educação Física Escolar.

IMPACTO PSICOLÓGICO DAS LESÕES NO RENDIMENTO ESPORTIVO: VISÃO DE ATLETAS UNIVERSITÁRIOS DE FUTEBOL E FUTSAL

JACOBASSI, L., PALHARES, M. F. S.ⁱ, PACHECO, J. P. S., SCHWARTZ, G. M.
LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP – RC

Esportes como o futebol e futsal apresentam grande ocorrência de lesões durante a sua prática, bem como, inúmeras situações estressantes antes, durante e após as partidas e treinamentos. As lesões físicas sofridas por um atleta podem afetar sua saúde psicológica de forma negativa, por isso configura-se a necessidade de um acompanhamento psicológico, aliado à recuperação física do atleta. Tal acompanhamento psicológico justifica-se por ser capaz de monitorar o retorno deste atleta à atividade competitiva, para que este se mantenha confiante e motivado, diminuindo assim, a propensão do atleta se lesionar novamente. Entretanto, o modo como o atleta gerencia o impacto psicológico destas lesões pode afetar diretamente sua performance. Dentro desta perspectiva, o presente estudo acadêmico, de natureza qualitativa tem o objetivo de investigar a incidência de lesões, bem como, as consequências psicológicas decorrentes destas lesões físicas sofridas por atletas universitários de futebol e futsal. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória, utilizando como instrumento para a coleta de dados um questionário misto aplicado a uma amostra intencional composta por atletas universitários de futebol e futsal, do sexo masculino, com média de idades de 23 anos e 1 mês. Todos os participantes do estudo tinham envolvimento há mais de um ano nestas atividades esportivas. Os dados foram analisados descritivamente, segundo a Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Os resultados provenientes das respostas dos sujeitos apontam grande incidência de lesões decorrentes da prática do futebol ou futsal, contemplando: fraturas, luxações, torções, quebra de ossos e lesões musculares. O tempo de recuperação médio destas lesões foi de 2 meses e uma semana. Os atletas relataram que as lesões ocasionaram impactos negativos, tanto no rendimento esportivo, quanto, no psicológico. Insegurança e lembranças negativas da lesão geravam desconforto e ocasionaram diminuição no rendimento do atleta. Como solução para a diminuição destes impactos negativos, os atletas buscavam pensamentos positivos para retomar a confiança em seu próprio desempenho, o que reforça a necessidade de se trabalhar o lado psicológico destes atletas. Os sujeitos ainda consideraram muito importante o acompanhamento psicológico durante a volta à atividade esportiva, apesar de a maioria não ter recebido tal acompanhamento. Sugerem-se novos estudos no sentido de verificar os reais benefícios do acompanhamento psicológico no desempenho dos atletas.

Palavras-chave: psicologia do esporte, esporte e lesão.

INDICADORES DA TOMADA DE DECISÃO DO GUARDA REDES NA MARCAÇÃO DA GRANDE PENALIDADE NO FUTEBOL

¹COSTA, P., ¹BATISTA, M., ²ARONI, A. L., ²MACHADO, A. A., ¹HONÓRIO, S.

¹Escola Superior de Educação de Torres Novas, ²LEPESPE/I.B./UNESP de Rio Claro

Introdução: A situação de marcação de uma grande penalidade no futebol é bastante delicada, colocando momentaneamente dois elementos de equipas adversárias, em confronto direto. Este momento pode ser interpretado como um acontecimento onde a tomada de decisão dos executantes desponta das suas interações dinâmicas, apontando objetivos exclusivos, ou seja defender a penalidade ou executar com sucesso, sob efeito de embaraços do próprio contexto e do próprio indivíduo (Araújo, 2006). **Justificativa:** O processo de treino do guarda redes está em constante evolução, sendo necessário conhecermos diretrizes de trabalho que orientem a preparação deste elemento tão singular. Esta problemática traduz a necessidade de reconhecer quais as fontes de informação que influenciam a forma como interagem o marcador da grande penalidade e o guarda-redes. **Objetivos:** O presente estudo visou avaliar indicadores de tomada de decisão do guarda-redes durante a marcação da grande penalidade. **Metodologia:** Este estudo está enquadrado nos estudos observacionais descritivos, de carácter transversal, com incidência em variáveis categóricas. Perante a realização de entrevistas a quinze marcadores de grandes penalidades e a sete guarda-redes, procurámos fazer uma análise de conteúdo com incidência na avaliação de comportamentos valorizados pelo guarda-redes face ao marcador durante a marcação da grande penalidade. Para realizar a avaliação comportamental, baseámo-nos na captação em suporte de vídeo de 79 grandes penalidades. Para a categorização e tratamento dos dados trabalhamos com o programa de análise e tratamento de dados qualitativos, WebQDA. **Resultados e discussão:** Foi observado que a orientação do pé de apoio bem como a orientação e rotação do corpo do atleta que executa a marcação da grande penalidade são dois fatores determinantes para que o guarda redes possa antecipar a sua ação. Em relação à lateralidade do rematador da grande penalidade face ao lado escolhido para colocar o remate foi observada uma tendência de enviar a bola para o lado do pé que remata tanto para destros como para esquerdinos. Após estímulo do guarda-redes no momento do remate, sugere que sempre que os guarda-redes efetuavam o levantamento de um dos braços, a bola era colocada no lado contrário ao braço movimentado. **Conclusão:** Foram observadas algumas tendências de opinião assim como comportamentais permitindo padrões de trabalho no processo de treino deste elemento fulcral que é o guarda-redes.

Palavras-chave: Tomada de decisão; Guarda-Redes; Grande-Penalidade; Futebol.

INFLUÊNCIA DOS ESTADOS EMOCIONAIS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES RECÉM FORMADOS

REIS, A.L.; CECARELLI, L.R.; MARTINS, M.O.
Faculdade de Educação Física – UNESP – Rio Claro – SP

De modo geral, o início da carreira constitui um período marcado por crises. Hubermam (1992) aponta que esse período é considerado pelo professor como um dos piores da vida profissional docente. Segundo Machado (2004), a educação física trabalhada apenas na perspectiva competitiva na escola, não contribui para que a escola desempenhe seu papel social. Esse tipo de abordagem incentiva o uso de estigmas, rótulos e preconceitos, tão comuns na escola, e que marginalizam, ainda mais, os alunos de classes menos favorecidas, podendo o esporte de “alto rendimento” dentro dos muros da escola criar alunos com baixa auto-estima, motivação dentro outros transtornos possíveis. Assim, o presente estudo apresenta fundamental importância para auxílio e apoio aos docentes iniciantes, de modo que estes possam entender, compreender e enfrentar os principais aspectos emocionais que interferem em sua prática. Desta maneira nosso objetivo foi identificar os processos emocionais mais recorrentes em docentes inexperientes e identificar, ainda, como estes estados emocionais podem influenciar nas atitudes profissionais e pessoais destes professores. Por intermédio de um estudo bibliográfico, então, buscamos depoimentos, relatos e estudos de caso que ofereçam material suficiente para nossa análise e interpretação, de modo a poder colaborar com a área de estudo e avançar para propostas que não sejam descabidas ou atadas ao sistema vigente. Dentre os estados emocionais relatados na literatura, destacam-se como principais, mais presentes e influentes sob o professor iniciante os listados à seguir: Ansiedade; Estresse; Medo; Vergonha; Baixa Autoconfiança e Motivação. Frente a estes estados, Damasio (1996) relata que os Estados Emocionais influem diretamente no estilo e eficiência dos processos cognitivos, ou seja, interferem no desempenho dos professores frente à docência. Deste modo, Machado (2004) pontua muito bem em seu artigo intitulado “Para quê uma psicopedagogia do esporte escolar?” quando fala que o professor deve dispor de um conjunto de técnicas e procedimentos que conduza sua prática pedagógica de modo adequado ao grupo que lidera. Para tanto, o conhecimento da Psicologia da Atividade Física é fundamental. A partir dos fatos apresentados, podemos constatar que os Estados Emocionais inferem diretamente na qualidade da docência de professores iniciantes, sendo que estes apresentam vulnerabilidade frente à essa nova etapa, a docência. Cabe, deste modo, aos professores, buscar entendimento e compreensão acerca da temática e dos fatores que interferem em seu trabalho docente, em busca de estratégias e técnicas de manejo dos estados emocionais, facilitando sua prática.

Palavra-chave: Desenvolvimento Humano e Tecnologias; Estados Emocionais; Prática docente; Professor iniciante.



JOGOS COOPERATIVOS: PERCEPÇÃO DO AMBIENTE E RESILIÊNCIA

ALMEIDA, C.J.S.
FACULDADE MOGIANA DE SÃO PAULO

As dificuldades de relacionamentos interpessoais no contexto escolar agravadas pela falta de aceitação do diferente e a violência em todas as idades dentro das escolas, principalmente as que se encontram em ambientes precários e carentes de condições básicas para o bom desenvolvimento dos alunos comprometem a percepção que esses indivíduos têm do ambiente, pois dificultam a comunicação, o trabalho e a solução de problemas coletivos. O objetivo desta pesquisa é contribuir para a melhor compreensão do papel dos Jogos Cooperativos (JC) na Educação Física Escolar, como fator de desenvolvimento da percepção ambiental e da resiliência, junto às crianças que vivem em ambiente de vulnerabilidade social. Foi realizada uma seleção do grupo de crianças em situação de vulnerabilidade social de acordo com os critérios previstos nos Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, através da pesquisa-ação por considerar que determinadas especificidades apresentadas no comportamento das crianças têm origem e sentido nos fenômenos sociais complexos e vulneráveis vivenciados por elas. Os dados analisados consistem no acompanhamento de um grupo de vinte e cinco (25) alunos do ensino fundamental, com idade entre 09 a 11 anos, da Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada no município de Mogi Guaçu - São Paulo, que participaram durante quatro semanas de sessões de JC. Os dados coletados foram através de filmagens dos JC com os alunos e das sessões de discussões, após eles assistirem aos vídeos (sessões de autoscopia). Estes dados foram somados às análises das informações das fichas socioeconômicas dos alunos, preenchidas no ato da matrícula na escola. Os vídeos foram transcritos e analisados segundo seu conteúdo. Posteriormente, foi realizada uma análise do conteúdo geral das sessões de discussão. Os resultados apontam para a confirmação de que ocorre a melhora na percepção ambiental do grupo de alunos que demonstram uma melhor capacidade de organização e estruturação das atividades através da metodologia da pesquisa-ação e da Educação Física, utilizando como ferramenta os JC, que podem contribuir de forma eficaz para a construção da cultura de sustentabilidade, colaborando para ampliação da consciência do ambiente, que é a capacidade do indivíduo interpretar e propor ações, elemento fundamental para a cidadania responsável e participativa desenvolvendo a resiliência e auxiliando no desenvolvimento do *coping*, que são ferramentas individuais que ajudam o indivíduo a superar situações adversas.

Palavras chaves: Educação Física Escolar, jogos cooperativos e resiliência.

JOVENS COM EPILEPSIA: RELAÇÕES ENTRE ATIVIDADE FÍSICA E AUTOESTIMA

KISHIMOTO, S. T. VOLPATO, N., FERNANDES, P. T., CENDES, F.
FEF/UNICAMP

Introdução: A epilepsia é uma condição neurológica grave caracterizada por crises recorrentes e espontâneas no cérebro. Apesar de comum, a epilepsia pode afetar as funções cognitivas, emocionais e comportamentais, com repercussões significativas na capacidade de trabalho, no funcionamento social, na estabilidade familiar, na autoestima e na qualidade de vida do paciente. De maneira geral, entende-se por autoestima a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo (positiva ou negativa). As evidências científicas, mostram a contribuição da atividade física para a melhora da qualidade de vida das pessoas, reforçando a autoestima positiva e o bem estar mental. **Justificativa:** Ampliar o nível de informação de profissionais da saúde e pacientes, uma vez que resultados poderão ser utilizados para sugerir ou não a prática de atividades físicas aos pacientes com epilepsia, além de contribuir para futuras pesquisas nessa área. **Objetivo:** Avaliar e comparar o grau de intensidade de atividade física e a sua relação com a autoestima de pacientes jovens com epilepsia. **Metodologia:** Foram aplicados a Escala de Autoestima de Rosenberg para avaliar a atitude e o sentimento positivo ou negativo por si mesmo, e o IPAQ – *International Physical Activity Questionnaire* utilizado para triagem de atividade física. A amostra foi composta de 12 pacientes na faixa etária de 18 a 30 anos ($M=27,5$), todos do ambulatório de epilepsia do HC/UNICAMP. **Resultados/ Discussão:** Os escores de autoestima foram obtidos segundo a validação da versão brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg. Os pacientes classificados como muito ativos e ativos apresentaram escores que variaram de 0 a 9 (média = 4), ou seja; os menores na escala de autoestima, indicando orientação positiva e com melhor percepção de autoestima, quando comparados aos pacientes classificados como Irregularmente Ativo A, Irregularmente Ativo B e Sedentário que apresentaram escores de 15 a 21 (média = 17,5). **Conclusão:** A partir deste estudo, é possível observar que a prática de atividades físicas pode ser um importante método terapêutico na melhoria da autoestima dos pacientes com epilepsia.

Palavras- chave: Atividade Física - Autoestima – Epilepsia – Jovem



LIDERANÇA NA GESTÃO DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO: INFLUÊNCIA NA UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS VIRTUAIS.

*BARBOSA C. G., MACHADO A. A., BAGNI G., CAMARGO, H.M.D., OLIVEIRA M.
LEPESPE – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO*

A gestão de pessoas e projetos em diversos segmentos da sociedade está cada vez mais envolvida na utilização de Redes Sociais Virtuais (RSV) por diversos fatores, tais como: maior velocidade na divulgação de informações, número crescente de usuários, facilidade de acesso (computadores, smartphones, tablets) e ferramentas que propiciam a integração de dados e pessoas dentro de grupos e páginas específicas. Existem vários conceitos para definir a palavra liderança (fator essencial na gestão de pessoas) que isolados são incompletos, mas a congruência entre eles nos mostra o conceito ideal para o ambiente tecnológico que vivemos: “um processo de influência dinâmica e interativa entre os indivíduos em grupos”. Diversos setores, como a gestão do esporte, passaram a utilizar as RSV, como o twitter e facebook, para potencializar e facilitar o acesso à informação. Especificamente, o esporte universitário, além de um celeiro de formação de novas lideranças (gestores), é considerado um segmento de enorme potencial e crescimento, porém, com pouco investimento, abarcado por gestões amadoras, legislação defasada e pouca integração e divulgação dos projetos realizados pelas instituições e federações. Os resultados disso, concluído por diversos autores, são competições esvaziadas e pouco prestígio. Utilizando como método de pesquisa a netnografia, esta pesquisa buscou entender qual a influência e o nível de utilização de RSV na gestão do esporte universitário, tanto na liderança de grupos quando a na divulgação de projetos. A amostra foi composta por gestores esportivos de 10 Instituições de Ensino Superior (IES) de Minas Gerais que participam de competições universitárias a pelo menos 2 anos. Os gestores (n=10), com média de idade de 26,22 anos (+/- 5,09), em sua maioria do sexo masculino (n=8), são responsáveis pela gestão por meio de Associações Atléticas Acadêmicas, chamadas de gestão discente (n=7) ou de Departamentos específicos, chamados de gestão institucional (n=3). Questionados sobre a utilização de RSV no auxílio a gestão, todos afirmaram utilizar o facebook como ferramenta principal na integração de informação e comunicação. Afirmaram também utilizar de grupos privados para a melhor gestão e delegação de funções e páginas públicas para divulgação de informações aos interessados. Os fatores apontados pelos gestores como primordiais na utilização das RSV na gestão em sua IES foram: velocidade de comunicação, divulgação de ações e evento, ferramentas para avaliar satisfação de projetos, troca de experiência com outros gestores, mobilização de pessoas e liberdade de expressão.

Palavra-chave: Desenvolvimento Humano; Tecnologia; Liderança; Gestão Esportiva



MEDO E VERGONHA COMO BARREIRAS A SEREM SALTADAS: UMA EXPERIÊNCIA COM ATLETISMO DE BOLSISTAS DO PIBID/UFSCAR

HUDARI, D. F.¹; JARINA, A. O.¹; SIBIONI, J. A.¹; SOUZA JÚNIOR, O. M.²

¹Alunos do curso de licenciatura em Educação Física, Universidade Federal de São Carlos.

²Professor do departamento de Educação Física e Motricidade Humana, Universidade Federal de São Carlos.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) objetiva a inserção do licenciando no universo escolar, possibilitando maior contato com a realidade escolar, ampliando suas experiências e, ajudando com sua formação inicial. Esse estudo reflete experiências da prática pedagógica de três bolsistas do PIBID em torno dos conteúdos salto em altura e corrida com barreiras, desenvolvido com estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola da cidade de São Carlos/SP que está inserida no Projeto PIBID/UFSCar. O objetivo desse estudo foi discutir a experiência do processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos salto em altura e corrida com barreiras, focando os aspectos de medo e vergonha dos estudantes nesta proposta e sobre o papel do professor motivador. Essa pesquisa surgiu da percepção dos bolsistas com relação ao medo e vergonha demonstrados pelos alunos frente a essas práticas nas aulas de Educação Física, além das inquietações sobre qual deveria ser a postura do professor perante essa situação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo instrumento de coleta de dados foram os diários de aula. Realizamos um planejamento do atletismo, no qual foram previstas aulas de salto em altura e corrida com barreiras. Sendo priorizada a perspectiva do esporte da escola e não o esporte na escola, assim, adaptando a prática para a realidade escolar, adaptando materiais, regras e execução dos movimentos. Observamos que vários alunos se sentiam envergonhados de saltar quando da realização dessa tarefa, e identificamos que essa situação estava relacionada à expectativa que causariam em seus colegas, e também foi identificado o sentimento de medo, principalmente nas alunas, pelos riscos de se machucarem nas atividades. Diante disso, tentamos controlar o medo e a vergonha dos alunos buscando a autoconfiança deles, exaltando os pontos fortes de cada um para que se reconhecessem como capazes de realizar qualquer atividade proposta, os motivando para perderem o medo e a vergonha. Com essa motivação muitos alunos realizaram o salto em altura e a corrida com barreiras. No início alguns deles que estavam receosos tentaram e conseguiram realizar os saltos e transpor as barreiras, ficando felizes por superar o desafio do medo. Concluindo, a prática do atletismo na Educação Física escolar é válida, adaptando o que for necessário, e diante da presença de vergonha e medo na prática das atividades, o professor motivador é essencial para os alunos.

Palavras – Chave: Educação Física escolar, Salto em altura, Corrida com barreiras, Medo, Vergonha.

MOTIVAÇÃO DOS ATLETAS FEDERADOS PARA A PRÁTICA DO ATLETISMO DE COMPETIÇÃO

¹CONCHINHA, J., ¹BATISTA, M., ²ARONI, A. L., ¹HONÓRIO, S., ²MACHADO, A. A.

¹Escola Superior de Educação de Torres Novas, ²LEPESPE/I.B./UNESP de Rio Claro

Esta investigação pretende determinar os níveis de motivação dos atletas federados na Associação de Atletismo de Lisboa para a prática do atletismo de competição. Participaram como amostra 252 atletas de ambos os sexos, entre juniores, sub 23, séniores e veteranos. Usamos o “Questionário de Motivação para o Exercício”, original do Prof. Doutor David Markland, traduzido e adaptado por Alves & Lourenço (2001). As dimensões: “Prazer” e competição”, salientaram-se como a principal motivação dos praticantes de atletismo, em consenso com a própria filosofia inerente a este tipo de desporto, desmistificando a ideia de que muitos dos atletas federados em atletismo, apenas praticam para perder peso. Verificou-se que intervenção técnica no âmbito do atletismo deve ser direccionada não só para as questões técnicas do treino físico mas também para a parte mental onde o prazer deve ser potenciado. As dimensões “Aparência” e “Peso Corporal” têm valores menos importantes para as mulheres, contrariando a ideia defendida por Biddle & Nigg (2000) de que ambos os motivos de controlo de peso e aparência estão culturalmente mais associados ao género feminino. Os resultados obtidos corroboram a tese de que os homens se orientam mais para a competição e menos para os benefícios psicológicos do que as mulheres, conforme refere Fonseca (1995). A importância que a “Afiliação” assume nas idades mais jovens poderá relacionar-se com a maior indefinição relacional que caracteriza estas idades, que se reflecte numa motivação em conhecer novas pessoas e fazer parte de um grupo. Com o avançar da idade e a natural tendência para estabelecer relações conjugais e profissionais, essa necessidade tenderá a diminuir até aos escalões de seniores, contudo nos veteranos permite-nos dizer que esta dimensão volta a subir com o isolamento social que este grupo está muita vez associado, devido à reforma, saída de casa dos filhos e, por vezes, a viuvez. A motivação torna-se fundamental para a conquista diária e para uma vivência aprazível e desafiante. No desporto os atletas necessitam de motivação, para ultrapassarem os seus limites e para se superarem em relação aos seus adversários. Após a conclusão deste trabalho, somos da opinião que na sequência dos valores apurados, este estudo de investigação, torna-se importante para os agentes intervenientes no terreno, nomeadamente dirigentes desportivos e treinadores compreenderem como podem intervir nesta área.

Palavras-Chave: Motivação; Atletismo, Competição.

MOTIVAÇÃO E EXERCÍCIO FÍSICO EM PRATICANTES DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA NA CIDADE DE CAMPINAS/SP

LEME, I. H. O., GUIMARÃES, T. R., CASTANHO, G. K. F., FERNANDES, P. T.
Faculdade de Educação Física – UNICAMP

Introdução: Uma vida fisicamente ativa melhora a saúde como um todo tanto no aspecto físico como no aspecto mental. Atualmente, sabe-se que a procura por academias de ginástica e musculação é cada vez maior. Sabe-se também do problema de alta rotatividade destes ambientes. **Justificativa:** Servir como estudo para os profissionais da área no que tange à utilização dos fatores motivacionais. Se o profissional de Educação Física conhece o perfil de seus alunos, ele pode motivá-los mais adequadamente aos exercícios físicos, diminuindo, assim, a porcentagem de abandono à prática. **Objetivos:** Identificar os fatores motivacionais para a prática de exercício físico em academias em Campinas/SP e compará-los com as faixas etárias. **Metodologia:** Foram utilizados dois instrumentos: 1. Ficha de identificação: para coleta de dados pessoais. 2. Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte (IMPRAFE-132): tem o pressuposto teórico da Teoria da Autodeterminação (TAD), avaliando seis dimensões motivacionais (controle de estresse, saúde, sociabilidade, competitividade, estética e prazer), através de 132 itens divididos em 22 blocos de seis, em escala de “1” a “7”. Cada dimensão pode ser analisada individualmente por meio de soma. As academias assinaram uma carta de anuência para a participação no estudo. Todos os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para análise, os sujeitos foram divididos em três grupos, de acordo com as idades: G1, 18-20 anos; G2, 21-40 anos; e G3, 41-65 anos, tendo como base a Teoria do desenvolvimento humano. **Resultados e discussão:** Foram analisados 163 sujeitos, distribuídos da seguinte maneira: G1 = 25 sujeitos (19±1 ano), G2 = 126 sujeitos (26±4 anos), e G3 = 12 sujeitos (50±10 anos). 73 (44,79%) eram do sexo masculino e 90 (55,21%) eram do sexo feminino. A maioria (77,30%) dos frequentadores das academias encontra-se no G2. De acordo com os dados obtidos, as dimensões saúde (Escore Geral = 110,39±20,32; G1 = 103,88±21,45; G2 = 111,12±19,92; e G3 = 111,50±19,38) e prazer (Escore Geral = 102,58±22,75; G1 = 99,88±28,16; G2 = 102,00±21,94; e G3 = 104,33±21,01) aparecem como predominantes para todos os grupos e para ambos os sexos. **Conclusão:** A partir deste estudo, a motivação dos sujeitos é, em primeiro lugar, saúde e, depois, prazer.

Palavras-Chave: Motivação. Academias. Exercício Físico.

MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

¹CORRÊA, D., ¹BARBOSA P.F., ¹SILVA, G., ¹CARVALHO, J. G., ^{1,2}ZANETTI, M. C.
¹UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP – Brasil

(Introdução) A motivação é caracterizada como um impulso, sentimento que faz com que as pessoas busquem atingir seus objetivos determinando a conduta do indivíduo e sua vida na sociedade, sendo importante para a compreensão da aprendizagem, desenvolvimento das habilidades motoras, porém sem estarem motivado os alunos vão para as atividades com um pensamento negativo sobre o que foi proposto. O professor, mediador nas aulas de Educação Física deve estar atento a essa temática. **(Objetivos)** O objetivo do presente estudo foi apontar a relevância da motivação nas aulas de Educação Física escolar e quais fatores levam a falta de motivação e prazer na realização das atividades propostas. **(Metodologia)** Adotamos como estratégia metodológica a revisão de literatura nacional sobre a temática proposta. **(Resultados)** Após a revisão constatamos que as aulas de Educação Física são citadas pelos alunos como a disciplina que mais gostam entre as outras porém se faz necessário maior diversidade de conteúdos durante as aulas que levem ao real interesse dos alunos sendo esse um fator desmotivante. **(Discussão)** É na escola que vários aspectos sociais começam a se desenvolver, como no caso da Educação Física que permite uma integração social e afetiva relevante, conhecida como uma disciplina indispensável para o desenvolvimento motor e cognitivo se faz necessário uma reformulação nos conteúdos programáticos com opções de atividades diferenciadas. **(Conclusão)** Contudo, o presente estudo aponta que a Educação Física possui um grande acervo de valores na vida dos alunos e tem extrema importância no seu desenvolvimento educacional sendo necessário que o professor precisa estar atento ao seu plano de aula e buscar reformular e atualizar seus conhecimentos com atividades mais prazerosas, estimulando o aluno a ter vontade de aprender, pois a sua motivação leva aos alunos um melhor relacionamento com a disciplina tornando a aula mais rica em conteúdos e motivante para os alunos. Conhecimentos da Psicologia do Esporte também podem ser bastante úteis na ampliação da abordagem didático-pedagógica.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Educação Física escolar. Motivação.

MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA: RESULTADOS PRELIMINARES

PEREIRA, F. C., BARBOSA, C. G., MACHADO, A. A.
UNESP / IB / Rio Claro – São Paulo

Introdução: O estudo da motivação é caracterizado pela busca de explicações para as ações humanas. Em todo nível de atividade física ou esporte deve haver um motivo que leve o indivíduo a optar por determinada prática esportiva. A motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). As Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) vêm ganhando adeptos, despertando o interesse e a curiosidade de muitas pessoas. Diversos são os motivos que acarretam na prática das Atividades Físicas de Aventura. **Justificativa:** Diante disso, torna-se relevante identificar as razões pelas quais mais e mais pessoas procuram as AFAN como prática de atividade física. **Objetivos:** Objetivou-se com o presente estudo analisar os motivos que levam à prática de AFAN. **Metodologia:** Embasado em um estudo qualitativo, buscou-se, por meio de revisão de literatura, elencar os principais motivos que fomentam a prática das AFAN. Foram analisados artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, livros didáticos, websites e demais possibilidades de acervo bibliográfico, que possibilitaram o norteamiento deste trabalho. **Resultados:** Foram analisados 10 trabalhos científicos envolvendo a temática ‘motivos que levam à prática de Atividades Físicas de Aventura na Natureza’. Dentre os principais motivos apresentados nos trabalhos analisados estão o contato com a natureza (reencontro estabelecido entre homem-natureza) e a superação de limites/desafios, sejam do ambiente, da atividade ou próprios de cada praticante, que foram encontrados em 9 dos 10 trabalhos analisados. Outros motivos foram mencionados, porém com menor frequência, tais como manutenção da saúde, curiosidade pela prática, influências sociais e fuga do cotidiano. **Discussão:** Diversos estudos sugerem que a escolha por tais atividades pode ser traduzida pelo desejo de aproximação maior e mais intensa com o meio natural. As pessoas procuram o contato mais substancial e constante com o ambiente natural, não somente no intuito de beneficiar a saúde, mas, inclusive, para promover atitudes que beneficiem a preservação do ambiente, sendo este um fator essencial no equilíbrio existencial das espécies. **Conclusão:** Conclui-se que o contato com a natureza e a superação de limites apresentam-se como motivos cruciais para a escolha da prática de AFAN. Espera-se que a conclusão do presente estudo possa contribuir para o melhor entendimento da razão pela qual as pessoas optam por praticar AFAN.

Palavras-Chave: Motivação, Atividades Físicas de Aventura na Natureza, Psicologia do Esporte.

MOTIVOS PARA A BUSCA DO CORPO PERFEITO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA

¹BARBOSA, F. P., ^{1,2}ZANETTI, M. C., ¹CORRÊA, D. L.

¹Unip – São José do Rio Pardo – SP; ²LEPESPE/ IB/UNESP - Rio Claro

(Introdução) Nas academias de ginástica é notória a busca de um corpo padrão presente nos dias atuais, ou seja, saudável e belo. Essa realidade muitas vezes está ligada a um estereótipo criado pelos meios de comunicação, que mostram inúmeros benefícios desta prática, sendo este um formador de opiniões, estimulando a recepção de padrões impostos. **(Objetivo)** Desta maneira, o nosso objetivo foi verificar quais fatores mais motivam as pessoas a buscar um corpo perfeito através das atividades físicas. **(Procedimentos metodológicos)** Participaram como sujeitos desta pesquisa, 37 praticantes de atividade física, sendo 20 do sexo masculino e 17 do sexo feminino, com idades variando entre 20 e 40 anos ($27 \pm 5,7$). A pesquisa foi realizada no mês de fevereiro de 2013 em duas academias de ginástica da cidade de Santa Cruz das Palmeiras – SP. O instrumento utilizado foi um questionário composto por questões abertas e fechadas, porém, nesse trabalho optamos apenas pela análise da questão aberta: Quais fatores mais lhe motivam a buscar o corpo perfeito? Cabe salientar que alguns entrevistados apresentaram mais de uma resposta. **(Resultados)** Como resultado constata-se as seguintes respostas: 53,2% (33 respostas) apontam uma saúde melhor, 24,2% (15 respostas) aparência física e 22,6% (14 respostas) melhora da autoestima. **(Discussão)** É perceptível a relevância da atividade física como fator de melhora da qualidade de vida e conseqüentemente saúde. Porém, frequentemente os meios de comunicação acabam por estimular as pessoas a buscar uma aparência física desejada, exibindo corpos perfeitos e esculturais, principalmente por meio das atividades físicas. **(Conclusão)** Fica claro que através da atividade física as pessoas buscam ter uma saúde melhor e uma aparência física desejada, porém é necessário ficarmos atentos para que esta seja uma busca saudável e não exagerada para não acarretar distúrbios como anorexia, vigorexia, bulimia e compulsão por treinamento, gerando problemas de ordem física, psicológica e social. Mas, cabe salientar que nem sempre a aparência física é sinal de maior saúde, já que belos corpos podem ser conseguidos também às custas de muita dor e recursos ergogênicos bastante maléficos.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Saúde. Aparência Física.



MOTIVOS QUE LEVAM IDOSAS A ADERIREM À PRÁTICA DE DANÇA

TREVISAN, P. R. T. C., SCHWARTZ, G. M., RODRIGUES, N. H., CHAO, C. H. N., TAVARES, G. H.,
CATIB, N.O. M., CHRISTOFOLETTI, D. F. A.

LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/Departamento de Educação Física/ IB/UNESP/Rio Claro

A prática regular de atividade física vem sendo reconhecida como um fator essencial para uma vida saudável e prazerosa. Com esse intuito, diversas modalidades vêm conquistando adeptos, sendo incentivadas em diferentes faixas etárias, especialmente na terceira idade, como uma forma de favorecer estados emocionais positivos. Uma atividade amplamente estimulada e apreciada para atender a esse e outros propósitos visando bases mais qualitativas para a vida humana, é a dança. Deste modo, a compreensão acerca dos diferentes motivos de adesão a estas práticas pode fornecer bases mais seguras para uma atuação profissional e que atenda satisfatoriamente àqueles que optam por essa atividade. Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo investigar os motivos de adesão à prática de dança e as implicações advindas dessas vivências. O estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória, tendo como instrumento um questionário composto por questões abertas sobre os motivos de adesão à prática de dança, bem como, sobre as implicações dessa participação na vida pessoal. A amostra intencional foi composta por 13 idosas com faixa etária de 61 a 79 anos, todas participantes de um grupo de dança de Pirassununga. Os dados foram analisados descritivamente, por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático e foram divididos em 2 Eixos Principais: os motivos de adesão e os significados que tais práticas apresentavam para esse grupo de idosas. Todas as participantes indicaram mais de um motivo para aderirem a essa prática, sendo o gosto e o prazer evidenciados por 7 idosas e 2 apontaram o bem-estar e a possibilidade de ampliarem seus relacionamentos. A depressão, a solidão, a curiosidade e a busca por uma vida mais saudável foram outros motivos citados pelas outras 4 idosas. A atividade dança é percebida como benéfica na promoção de relacionamentos interpessoais por 4 indivíduos, 3 salientaram o bem-estar e os benefícios físicos foram citados por outras 3, assim como o reconhecimento da dança como uma forma de expressão. Quanto às implicações decorrentes destas práticas, todas as idosas demonstraram uma percepção de estados emocionais positivos, como a sensação de prazer, sendo esta uma atividade percebida também no contexto do lazer e que contribui para a minimização de estados emocionais negativos, muitas vezes decorrentes do processo de envelhecimento, como a depressão e a solidão. Sugerem-se novos estudos associando a prática de dança ao envelhecimento e aos estados emocionais.

Palavras-chave: motivo de adesão, dança, idoso



MUNDOS VIRTUAIS: ZONAS DE IMORTALIDADE E BELEZA

ZANETTI, M. C.^{1,26}, MACHADO, A. A.², MOIOLI, A.²⁷, BALBINOTTI, M. A. A.³

¹UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP - Brasil,

³Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC - Canadá
São José do Rio Pardo – SP - Brasil / e-mail: marceloczanetti@hotmail.com

Não há como negar o uso cada vez mais frequente das tecnologias como forma de sociabilidade humana. Tecnologias essas que atreladas à imaginação produzem segundo Sokoloski (2011) “estranhos poderes”, e podem transformar contornos, maquiagem, devolver musculaturas roubadas pelo tempo, bronzear a pele, apagar as rugas, tingir cabelos, alongar traços ou recriar sorrisos em um mundo de ilusões, felicidade e sensação de imortalidade. Neste sentido, buscamos verificar quais tipos de representação corporal (por meio de avatares) foram usadas dentro de um ambiente virtual de sociabilidade, bem como, o que seus criadores pensam sobre o envelhecimento destes “bonecos”. Realizamos uma entrevista semiestruturada com 10 avatares (5 representados por corpos femininos e 5 masculinos), escolhidos de maneira aleatória, no ambiente virtual de sociabilidade *Second Life*® durante o mês de agosto de 2012. Registramos também a imagem de todos os avatares investigados por meio de um recurso de fotografias disponível no próprio jogo. Posteriormente, foi feita a análise de conteúdo das entrevistas (BARDIN, 2011) e análise das imagens segundo os pressupostos da sociologia visual (MARTINS, 2008). Pela análise da entrevista constatamos que nenhum dos criadores pretende envelhecer seus avatares, principalmente para não perder a identidade, manter a beleza e se tornar imortal. Ao analisarmos as imagens constatamos que os corpos dos avatares investigados projetam padrões almejados por nossa atual sociedade, com os corpos masculinos compostos por grandes volumes musculares e os femininos bastante curvilíneos. Esta busca pela imortalidade e beleza pode ser entendida à partir de Becker (2007), que sugere que o homem literalmente se entrega a um esquecimento cego utilizando-se de jogos sociais, truques psicológicos, preocupações pessoais tão distantes da realidade de sua situação que se constituem em formas de loucura – loucura admitida pelo consenso, loucura compartilhada, disfarçada e digna, mas ainda sim loucura. É o corpo que se torna belo e imortal...

Palavras-chave: Imortalidade. Beleza. Desenvolvimento Humano. Tecnologias.

⁶ Bolsista da CAPES – Processo BEX 18916/12-0

⁷ Bolsista da CAPES – Processo BEX 0227/13-7

www.lepespe.com.br



MUNDOS VIRTUAIS E NARCISISMO: POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO

ZANETTI, M. C.^{1,28}, MACHADO, A. A.², BALBINOTTI, M. A. A.³

¹UNIP - São José do Rio Pardo - SP – Brasil, ²LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP - Brasil,

³Université du Québec à Trois-Rivières – Trois-Rivières - QC - Canadá
São José do Rio Pardo – SP - Brasil

(Introdução) Atualmente vivemos uma era sem precedentes, na qual, a inserção de pessoas nas redes sociais e mundos virtuais vêm crescendo vertiginosamente. Esse fato também parece estar acompanhado por um aumento na exposição desses indivíduos, seja por meio da postagem de fotos nas redes e/ou até da construção de belos avatares como forma de representação dessas pessoas nesses ambientes. **(Objetivo)** Pensando nisso, o objetivo deste trabalho foi verificar a possibilidade de uso da etnografia como, recurso metodológico de investigação narcisista em mundos virtuais. **(Metodologia)** Para que pudéssemos atender aos objetivos propostos, realizamos uma pesquisa de caráter etnográfico, por meio da observação participante no ambiente virtual de sociabilidade *Second Life*® durante o mês de agosto de 2012. Foram investigados 10 (dez) avatares (5 (cinco) representados por corpos femininos e 5 (cinco) masculinos), escolhidos de forma aleatória nos ambientes de maior circulação do jogo, cabendo apenas o aceite do entrevistado para participação na pesquisa. Como instrumentos, utilizamos uma entrevista semiestruturada por meio do *chatbox* do jogo, além do registro fotográfico de todos os participantes, obtidos por meio de um recurso disponível dentro do próprio ambiente. Na análise e interpretação dos dados empregamos 2 (duas) diferentes técnicas: (1) Análise de conteúdo das entrevistas e (2) Análise das imagens coletadas seguindo os pressupostos da sociologia visual. **(Resultados)** Como resultado, constatou-se que todos os sujeitos investigados apresentam características narcisistas, já que, há grande preocupação por parte desses indivíduos em cuidar de seus avatares de maneira exacerbada, o que pode ser comprovado pela análise das imagens coletadas que apresentam belos corpos, bem como, por meio das entrevistas semiestruturadas que demonstram a paixão que os mesmos desenvolvem por esses corpos virtuais. **(Conclusão)** A proposta metodológica aplicada parece ser um importante meio de investigação narcisista nas redes sociais e mundos virtuais, já que, é inegável a crescente exposição das pessoas nesses ambientes, bem como, a preocupação delas em expor imagens de corpos belos, além da paixão por si mesma. Há de se ponderar que esse também pode ser um indício de busca de hipervisibilidade, porém, não há como negar que esta situação possa refletir em uma característica narcisista.

Palavras-chave: Games. Redes sociais. Desenvolvimento humano. Tecnologias. Cultura.

⁸ Bolsista da CAPES – Processo BEX 18916/12-0



NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E AUTOPERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DOS ALUNOS DO ENSINO INTEGRADO DO IFSULDEMINAS - CÂMPUS MUZAMBINHO

GARCIA, B. C.¹, SILVA, P. M. J.², SILVA, E.³
IFSULDEMINAS - CÂMPUS MUZAMBINHO

A Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio é um nível de ensino que surge para oferecer ao aluno egresso do Ensino Fundamental a oportunidade de fazer o ensino médio junto com a educação profissional, ou seja, a formação geral integrada com formação técnica. Além da educação formal em sala de aula comum e das aulas de educação física são obrigatórias neste nível de ensino, conforme a Lei das Diretrizes e Bases, alunos do ensino integrado são contemplados com atividades extracurriculares. Para os alunos do ensino integrado a prática de atividade física pode ser uma importante ferramenta de humanização, trazendo não somente benefícios sociais, mas também psicológicos e físicos, contemplando a saúde como um todo.

O objetivo deste estudo foi comparar e relacionar o nível de atividade física com auto percepção da imagem corporal de alunos do terceiro ano do ensino integrado dos cursos técnicos em Agropecuária, Alimentos e Informática do IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. A amostra foi composta por 135 adolescentes (idade de $16,7 \pm 0,1$ anos), todos matriculados no 3º ano do ensino integrado do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) - Câmpus Muzambinho. Foram avaliados todos os alunos presentes na data de coleta do estudo. Os resultados mostraram que o grupo AGRO é que apresenta o maior percentual de indivíduos “muito ativos” (64,9%), seguido pelo grupo INFO (25,6%) e ALIM (15,8%), respectivamente. No que diz respeito a autopercepção da imagem corporal verificamos que o grupo ALIM se vê com uma silhueta significativamente maior e estão significativamente mais insatisfeitos que os grupos AGRO e INFO para $p < 0,05$. O grupo constituído por um maior percentual de integrantes satisfeitos com a sua imagem corporal é o AGRO, enquanto que o grupo ALIM não apresenta nenhum sujeito satisfeito com a sua silhueta atual. Este estudo buscou comparar e relacionar o nível de atividade física com autopercepção da imagem corporal de alunos do terceiro ano ensino integrado dos cursos técnicos em Agropecuária, Alimentos e Informática do IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho. Ao final pesquisa pode-se verificar que os alunos do AGRO são mais ativos e mais satisfeitos com sua imagem corporal, enquanto que os alunos do ALIM são os mais insatisfeitos e menos ativos que os demais grupos. Contudo estas variáveis, NAF e imagem corporal apresentam uma relação fraca e não significativa.

Palavras-chave: imagem corporal; nível de atividade física; ensino integrado.

NOVAS TECNOLOGIAS E O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

CECARELLI, LR; MACHADO, AA; ROCHA LIMA, EM; ISLER, GL; LOPES, FJ
LEPESPE – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

É notório o grande impacto gerado com o surgimento da internet e a evolução tecnológica, assim como as mudanças desencadeadas de modo expressivo pela humanidade diante das relações estabelecidas com as tecnologias. Tantos instrumentos possibilitam e facilitam a comunicação entre as pessoas, entre eles aparelhos eletrônicos como telefones, celulares, rádio, televisão, computador e internet dentre, graças as funcionalidades destes aparelhos. Assim, compreende-se que estamos imersos a estas novas formas de interação, recepção de informações e meios de comunicação; onde não nos cabe refletir sobre como isto se dá mas sim buscar compreender suas influências em nossas vidas. Para tal, este trabalho de buscou compreender qual o modo de comunicação – pessoalmente ou via tecnologia- que adolescentes preferem utilizar e o porquê desta preferência. Para obtenção dos dados da pesquisa foi elaborado um questionário fechado que foi construído no aplicativo Google Docs. A fim de delimitar os participantes do estudo, restringimos à adolescentes entre 11 e 14 anos de ambos os sexos, que responderam ao questionário que foi disponibilizado em perfis e grupos do facebook, assim como em listas de e-mail. Obtivemos um total de 153 participantes, 73 entre 11 e 12 anos (Grupo A) e 80 adolescentes entre 13 e 14 anos (Grupo B). Com a análise dos dados obtidos pode-se observar que 60% do Grupo A e 70% do Grupo B afirmaram preferir interagir e se comunicar com amigos, colegas e demais pessoas utilizando-se de meios tecnológicos como computador, internet e celular. Percebe-se então que esta quantidade é bastante expressiva na faixa etária estudada, principalmente no segundo grupo (entre 13 e 14 anos). Ao buscar a compreensão acerca dos motivos para a preferência, destaca-se: 1) anonimato; 2) menos vergonha; 3) consegue ser mais sincero e 4) fala coisas que pessoalmente não falaria. Estes motivos fazem todo o sentido já que através dos aparelhos a exposição é bem menor, já que o interlocutor não é visto, suas reações e expressões ficam ocultas e não é preciso se expor fisicamente frente ao outro interlocutor. Cabe assim ressaltar que o problema não está na criação e utilização das tecnologias, mas sim no uso que se faz delas. Desta maneira nota-se que as tecnologias tem sua importância, podem ser muito úteis – e o são, porém devem ser coadjuvantes e tidas como acessórias no processo de interação social; não sendo vistas como substitutas das relações face a face.

Palavra-chave: Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Estados Emocionais, Interação Social.



O AMBIENTE NAS AULAS DE DANÇAS DE SALÃO: AUXILIANDO NA ADERÊNCIA À PRÁTICA.

WILLIAMS, C.V., OLIVEIRA, D., LORENA, L.T., MATOS, M.T., SANTOS, B.P., CONTE, D.D.,
SULATTO, J.S., GALLO, L.H., DEUTSCH, S.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: A Dança de Salão é uma prática que vem alcançando a cada dia maiores proporções e cuja complexidade pode se adaptar facilmente às habilidades individuais, sendo acessível a ambos os sexos e possibilitando desta forma, situações de experiência individual, aos pares e em grupo. Normalmente é muito procurada por jovens e adultos de diferentes idades, porém, adolescentes também tem buscado essa prática principalmente em função dos modismos. Dentro da teoria da motivação sabe-se que três são os componentes psicológicos importantes para que uma pessoa se sinta motivada para a prática de determinada atividade: sentimento de competência, autonomia e capacidade de relacionamentos. A habilidade dos professores em favorecer tais componentes durante as aulas é importante para a permanência do praticante nas mesmas. Desta forma, conhecer os principais motivos que levam as pessoas a buscar a prática da dança de salão pode auxiliar em um melhor direcionamento das aulas, proporcionando um ambiente motivacional adequado e aumentando assim a aderência à prática. **Objetivo:** O objetivo da pesquisa foi fazer um levantamento de estudos sobre os motivos que levam as pessoas à prática da dança de salão. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica na qual, por meio de um levantamento dos estudos feitos na área, foram verificados os motivos que levam as pessoas à prática da dança de salão. **Resultados:** Estudos mostram que, em geral, os motivos que levam as pessoas a buscarem tal prática são: busca de uma atividade prazerosa, de satisfação, de uma atividade de lazer, de relacionamento interpessoal, ampliação de seu grupo social e ocupação do tempo livre. **Discussão e Conclusão:** A manutenção de um ambiente de aula onde sejam atendidas as expectativas motivacionais de seus praticantes vai de encontro a um dos principais objetivos de uma boa prática pedagógica. Com base nas necessidades psicológicas inatas e contextos favoráveis à motivação, oferecer um ambiente onde o praticante possa sentir respeito as suas necessidades, aos seus interesses e às suas habilidades possibilita um maior bem estar social e uma prática com maiores chances de aderência.

Palavras-Chave: Motivação, Dança de Salão, Aderência.

O ENFRENTAMENTO DE PROBLEMAS EM ATLETAS JUVENIS

BAGNI, G.¹; BARBOSA, C. G.¹; MORÃO, K. G.¹; VERZANI, R. H.¹; MACHADO, A. A.¹.
1 - UNESP/IB/RIO CLARO - LEPESPE

(Introdução) Os atletas vivem constantemente em situações estressoras, tais como jogos decisivos, pressão da torcida, problemas pessoais e até concentrações em alguns casos. Em relação a jovens atletas isso torna-se ainda mais evidente, já que os mesmos estão em formação e podem ter dificuldade em enfrentar essas situações. **(Objetivo)** Este trabalho tem como objetivo analisar quais são as estratégias de enfrentamento de problemas mais utilizadas por atletas jovens durante um campeonato. **(Procedimentos Metodológicos)** A amostra do estudo foi constituída por 172 atletas de futebol de campo do sexo masculino, de 8 equipes participantes da Copa São Paulo de Futebol Júnior 2013. O instrumento utilizado foi o questionário Estratégias de Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP) (SEIDL;TRÓCCOLI;ZANNON;2005). O EMEP é composto por 45 questões fechadas e 2 perguntas abertas. Para este estudo, apenas foram consideradas as questões fechadas. As mesmas são divididas em 4 fatores: enfrentamento focalizado no problema, enfrentamento focalizado na emoção, religiosidade e pensamento fantasioso e busca de suporte social. As respostas são dadas em escala do tipo *Likert*. Para a análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, através do programa S.P.S.S. versão 17.0. **(Resultados)** Como resultados as estratégias focadas no problema apresentam maior média e as estratégias focadas na emoção menor média. Estratégias focadas no pensamento fantasioso e religiosidade e estratégias focadas na busca por suporte social, também apresentaram médias elevadas. **(Discussão)** Os resultados obtidos sugerem que a maioria dos atletas analisa o problema e verifica qual a melhor solução, o que é considerada uma das melhores maneiras para lidar com situações estressoras. Enquanto o enfrentamento focalizado na emoção sugere que os jovens atletas não necessitam tanto controlar suas emoções, visando solucionar a situação estressora, já que a menor utilização dessa estratégia significa um melhor controle emocional. A busca por suporte social, também é um fator importante, principalmente devido ao fato dos atletas ficarem reclusos durante o período de competição. O pensamento fantasioso e religiosidade é um fator que vem sendo muito discutido ultimamente, ressalta-se que esta dimensão não é adequada para o enfrentamento de situações estressoras. **(Conclusão)** Pode-se concluir que a estratégia mais utilizada frente a uma situação estressora por atletas jovens durante o período de competição é o enfrentamento focalizado no problema. Portanto, deve-se trabalhar melhor os atletas de modo a incentivar as estratégias focalizadas no problema e o suporte social.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano e Tecnologias; Estados Emocionais; Enfrentamento de Problemas; Futebol de campo; Atletas juniores.

O QUE MOTIVAM AS ADOLESCENTES A DANÇAREM “JAZZ”?

CHRISTOFOLETTI, A. E. M.; MACHADO, A. A.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: O movimento da dança é utilizado desde os primórdios pelos homens, possibilitando a expressão, a comunicação e educação (VOLP et. al., 1995). Segundo Costa et. al. (2004) os movimentos rítmicos e a coordenação da musculatura estão ligados à dança, ela tornou-se bastante comum por todas as idades, podendo ser executada de forma profissional ou prazerosa. Dentro desse universo, existem diversas modalidades, diferenciando-se muitas vezes pelo ritmo e passos. Um estilo muito dançado pelos jovens é o “jazz”. Para praticar algo e querer aprender, é preciso de motivação. Machado (1997) mostra que a relação ensino-aprendizagem é um dos elementos centrais para que haja sucesso na execução. Por tanto, na prática do “jazz”, é necessário que ocorra motivação, seja ela intrínseca ou extrínseca. **Justificativa:** Este trabalho tem como intuito entender os fatores psicológicos que motivam as jovens a dançarem “jazz” e o sexo feminino foi escolhido para essa pesquisa, pois embora a dança não segregue os diferentes gêneros, na juventude a prática por dessa modalidade é maior por mulheres. **Objetivo:** Analisar os motivos que levam adolescentes do sexo feminino praticantes do estilo de dança “jazz” a exercitar essa dança. **Metodologia:** Para este estudo, realizou-se uma entrevista, contendo 11 questões. Foram entrevistadas 5 mulheres de 13 a 17 anos que dançam “jazz” como forma de lazer em uma academia de dança de Rio Claro - SP. **Resultados:** A partir das respostas das entrevistadas, pode-se perceber que existem muitos motivos que as levam a dançarem “jazz”, como: incentivo dos familiares, por já praticar outras modalidades, ou por vontade própria. Alguns relatos mostram que esta dança é mais descontraída, traz alegria, disposição, autoestima, bem estar, saúde, aumenta as amizades, ajuda em outras modalidades, perceber as diferentes emoções que cada dança traz, melhora a coordenação, confiança em si, “Me sinto bem fisicamente e mentalmente.”, “...poder ser eu mesma...”, “...é como se eu pudesse fazer e ser o que eu quiser”. Foi questionado qual o motivo das participantes não desistirem desta modalidade. Citaram que a dança melhora o autoconhecimento, bem estar, traz bons pensamentos, entre outros. **Conclusão:** Pode-se concluir que os motivos que levam as jovens a dançarem jazz são os sentimentos que têm durante e depois das aulas, reforçando a teoria que sugere que a dança “jazz” proporciona autoconfiança, percepção do corpo, coordenação, alegria e ajuda na saúde física e mental.

Palavras-Chave: Dança, motivação, adolescentes.

OS ESTADOS DE HUMOR DE PRATICANTES DE HANDEBOL E FUTEBOL NOS JOGOS REGIONAIS DE 2012: HOMENS E MULHERES NA “CONCENTRAÇÃO ESPORTIVA”

ISLER, G. L., MACHADO, A. A., SCHIAVON, M. K., CECARELLI, L. R., LIMA, E. M. R.
LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro - SP

A expressão reclusão pré-evento esportivo, também conhecida por concentração esportiva, se apresenta como o local, ou ambiente, no qual atletas permanecem no período que antecede qualquer competição. Durante a reclusão, a equipe técnica busca proporcionar aos atletas condições adequadas para sua preparação física e psicológica visando a disputa que acontecerá. Apesar de este fundamento parecer óbvio, há divergências entre as opiniões de atletas e treinadores quanto à necessidade e importância deste momento para o espetáculo esportivo. Como dito a concentração esportiva abrange tanto aspectos físicos, quanto psicológicos, no entanto este estudo foca mais precisamente os estados de humor os quais foram coletados em atletas de ambos os gêneros das modalidades handebol e futebol durante a concentração para os Jogos Regionais de 2012. Para a coleta dos dados utilizou-se a Escala de Humor de Brunel (BRUMS) a qual permite uma rápida mensuração do estado de humor em indivíduos adultos e adolescentes. Para sua análise, a BRUMS apresenta 24 indicadores de humor que estão divididos em seis subescalas: tensão, depressão, raiva, vigor, fadiga e confusão mental. Cada subescala é composta por quatro fatores e sua análise é feita somando-se os resultados dos mesmos. Participaram do estudo 48 participantes, sendo 24 homens e 24 mulheres integrantes das equipes de Handebol e Futebol. A coleta de dados aconteceu durante o período de concentração para os Jogos Regionais de 2012, na cidade de Atibaia/SP. A análise dos dados demonstrou valores elevados ($11,13 \pm 0,89$) para a subescala vigor para ambos os gêneros e em ambas as modalidades. Tal subescala corresponde a importantes condições, as quais favorecem a dedicação do atleta à competição esportiva, como por exemplo, a animação e a ativação. Em comparação ao vigor, as outras cinco subescalas que compõem o instrumento, raiva ($0,95 \pm 0,37$), tensão ($3,88 \pm 0,74$), fadiga ($2,7 \pm 0,6$), confusão ($1,79 \pm 0,55$) e depressão ($0,49 \pm 0,24$), apresentaram níveis muito inferiores, caracterizando o conhecido “Perfil Iceberg”, o qual é considerado como o estado ideal para os atletas durante competição. Desse modo, pode-se concluir que a reclusão pré-evento esportivo cumpriu sua função, no que se refere aos estados de humor, pois os participantes deste estudo demonstraram estar emocionalmente prontos para a competição que ocorreria em breve.

Palavras-chave: Estados de Humor; Desenvolvimento Humano; Psicologia do Esporte; Educação Física.

OVERTRAINING: ESTUDO DE CASO DE UMA EQUIPE MASCULINA DE HANDEBOL DURANTE OS JOGOS REGIONAIS DE ITATIBA 2013.

SCHIAVON, M.K., ISLER, G. L., BAGNI, G., RIBEIRO, L.B., MACHADO, A. A.
LEPEspe – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

O esporte de alto rendimento vem, ao longo de sua evolução, exigindo dos atletas em todas as modalidades um aumento constante de desempenho. Durante uma fase de competição intensa, alguns atletas podem apresentar um declínio em seu rendimento, o que tem sido atribuído a determinados processos psicológicos e fisiológicos. Quando a intensidade e o volume de competição e treinamento ultrapassam a capacidade de recuperação e de adaptação do corpo, o organismo pode apresentar estados de fadiga excessiva. Esse processo de cargas excessivas de estresse na competição, combinadas com um insuficiente tempo de recuperação é denominado *overtraining*. O *overtraining* é um sintoma de instabilidade psicofisiológico prejudicial à saúde física e mental dos atletas que ocorre devido ao desequilíbrio entre o estresse (carga de treinamento e competições) e os períodos de recuperação (descanso das atividades esportivas – folga). Nos Jogos Regionais a equipe analisada chegou a disputar 06 jogos em dias consecutivos. O objetivo deste estudo foi analisar os níveis de estresse e recuperação de uma equipe masculina de handebol de alto rendimento durante os Jogos Regionais realizados na cidade de Itatiba- SP. Foram avaliados 14 atletas ($22,13 \pm 4,40$ anos) através do Questionário de Estresse e Recuperação (RESTQSport- 76), durante um período denominado de competição. Em relação às duas dimensões de estresse, geral (escalas de 1 a 7) e no esporte (escalas de 13 a 15), foram encontrados altos níveis nas duas dimensões. Das nove escalas que avaliam a recuperação geral e a recuperação no esporte, em cinco delas (números 9, 10, 11, 12 e 16) foram encontrados baixos níveis. E em quatro escalas (números 8, 13, 14 e 15) os atletas continuavam a demonstrar uma baixa recuperação. Conclui-se, dessa forma, que todos os indicadores de estresse se encontravam elevados no período de competição, e que alguns marcadores de recuperação, como sucesso, aceitação pessoal, auto eficácia e auto regulação apontaram baixos níveis de recuperação nesta equipe, durante esses jogos.

Palavras-chave: estresse, alto rendimento, atletas, jogos regionais.



PANORAMA DAS PESQUISAS E LINHAS TEÓRICAS DA MOTIVAÇÃO NAS CIÊNCIAS DO ESPORTE E EXERCÍCIO: REVISITANDO MODELOS E TEORIAS DA MOTIVAÇÃO APLICADOS À MOTRICIDADE HUMANA E PRÁTICAS CORPORAIS

DOS SANTOS JÚNIOR R., VENDITTI JÚNIOR R.
FEF UNICAMP – Campinas; UNESP Bauru

A motivação humana tem sido estudada em diversos comportamentos dos indivíduos nas mais diferentes situações. De maneira geral, todo comportamento é motivado, não havendo comportamento humano sem uma causa motivadora que o determine (ANGELINI, 1973; WINTERSTEIN, 1992). O fenômeno esportivo, como campo de ação humana, tem merecido grande quantidade de pesquisas e intervenções da Psicologia do Esporte com a motivação desde praticantes iniciantes a atletas, das crianças aos idosos, passando pelos jovens e adultos. Os estudos em motivação ocorrem desde a Antiguidade com os filósofos gregos na busca pela força propulsora das ações humanas. Teorias mais recentes, ligadas à Teoria Social Cognitiva (TSC), têm demonstrado que a percepção de competência, bem como as expectativas e as avaliações de seus resultados e suas consequências afetam de forma decisiva a motivação dos indivíduos para realização das atividades e tarefas relacionadas à Educação Física e aos Esportes (WINTERSTEIN e VENDITTI JR, 2009). O presente trabalho tem por objetivo resgatar as principais teorias de motivação utilizadas nos esportes e na Educação Física. Os resultados encontrados demonstram que as teorias de autodeterminação, autoeficácia, clima motivacional, estado de *flow* (*flowfeeling*), orientação para resultado e expectativas de metas são muito utilizadas no contexto esportivo. Apesar da grande variedade de teorias que a literatura apresenta, há uma aproximação entre a maioria dos conceitos desenvolvidos que tem como origem a Teoria Social Cognitiva. Parece ter havido uma tendência nos últimos anos de diminuição da produção científica da Teoria de Orientação de Metas. Novas pesquisas fazem-se necessárias para melhor entendimento das correlações entre as teorias da motivação na educação e nos esportes e desenvolvimento dos principais conceitos, bem como a apropriação desses conhecimentos por parte dos profissionais de Educação Física.

Palavras-chave: Motivação; Psicologia do Esporte; Educação Física; Esportes; Atividade Física.



PSICOLOGIA DO ESPORTE, TECNOLOGIAS E NOVAS MÍDIAS: A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA DO ESPORTE (LEPESPE) DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

¹MARTINS, M. O., ¹MORÃO, K. G., ¹VERZANI, R. H., ¹ARONI, A. L., ¹MACHADO, A. A.

¹LEPESPE/I.B./UNESP de Rio Claro

Com o crescente empenho de pesquisadores, estabelecemos um campo denominado psicotecnologia, que passa a ser uma categoria para pensarmos o real significado das intervenções e interações tecnológicas e a interferência midiática nas áreas de conhecimento, que nos permite analisar as transformações culturais da nossa época, diante da expansão das novas formas de culturas midiáticas e das criações e alterações tecnosensoriais nascidas com a eletricidade (KERCKHOVE, 2011, *apud* MACHADO, ZANETTI E MOIOLI, 2011, p. 732). O objetivo deste estudo foi comparar a produção científica do LEPESPE com outros laboratórios de psicologia do esporte no Brasil, no assunto psicologia do esporte, tecnologias e mídias. Para analisar a produção do LEPESPE, realizamos no mês de julho de 2013 um levantamento bibliográfico no curriculum lattes do prof. Dr. Afonso Antonio Machado, coordenador deste grupo de pesquisa, buscamos por artigos em periódicos, trabalhos, resumos e resumos expandidos em Anais de Congressos Científicos. Para analisar a produção de outros laboratórios, realizamos um levantamento bibliográfico na base de dados do *Google* acadêmico, tentamos o cruzamento das palavras-chave “psicologia do esporte” e “tecnologias”, “psicologia do esporte” e “mídias”, em ambos os levantamentos consideramos o espaço de tempo de 1995 a 2012, período de existência do LEPESPE. Como resultados, o LEPESPE produziu 51 (cinquenta e um) trabalhos publicados nessa área, sendo que o primeiro data o ano de 1998, sobre psicologia do esporte e mídias. O número de publicações desse laboratório relacionando psicologia do esporte, tecnologias e mídias aumentou exponencialmente a partir do ano de 2010. A produção de outros laboratórios nesse assunto foi de 33 publicações, sendo a primeira registrada no ano de 2002. Parece que além do pioneirismo desse laboratório no assunto, sua produção, no espaço de tempo citado, foi maior do que a soma de todos os outros laboratórios de pesquisa, ao considerar a busca pela base de dados consultada.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano e tecnologias, estados emocionais, psicologia do esporte, mídias.

QUALIDADES MÉTRICAS DA DIMENSÃO “FADIGA” DA VERSÃO BRASILEIRA DO TESTE POMS EM ATLETAS DE VOLLEYBALL FEMININO

¹REBUSTINI, F.; ³BALBINOTTI, M. A. A.; ²FERRETTI-REBUSTINI, R. E. L.; ¹MACHADO A. A.
¹LEPESPE – UNESP/RIO CLARO; ²ESCOLA DE ENFERMAGEM – EEUSP; ³UNIVERSITÉ DU QUÉBEC – TROIS RIVIÈRES

O objetivo do presente estudo é verificar as qualidades métricas da dimensão Fadiga do Teste POMS (*Profile of Mood States*) em jovens atletas de voleibol feminino. A dimensão Fadiga é composta por 6 itens, e é calculada a partir da somatória dos valores dos itens: Esgotado, Apático, Cansado, Exausto, Aborrecido e Fatigado. Participaram do estudo 200 atletas de voleibol feminino com idade média de $15,49 \pm 1,37$. Para atender o objetivo do estudo foram aplicadas a análise fatorial exploratória com corte da saturação para valores $< 0,40$, consistência interna (alpha Cronbach) e a análise descritiva detalhada. A análise dos resultados indicou dois fatores com autovalor > 1 , respectivamente com 2,99 e 1,07, o que compromete o modelo teórico do instrumento. Na análise das cargas fatoriais, o item Apático apresentou carga fatorial abaixo da taxa de corte e o item Aborrecido teve dupla saturação. Assim, optou-se, primeiramente, pela retirada do item Apático, inclusive pelo item não ter apresentado correlações significativas com os itens Cansado, Exausto e Fatigado. A reanálise indicou apenas um fator com autovalor de 2,87, o Kaiser-Meyer-Olkin manteve-se em 0,80, apresentou resultado significativo para o teste de esfericidade de Bartlett (327,517, df 199, $p=0,000$), o Alpha de Cronbach subiu de 0,78 para 0,81 e a variância total explicada elevou-se de 42,32% para 47,59%. Além disso, as correlações com 6 itens variaram de 0,11 a 0,58, enquanto com 5 itens variaram de 0,36 a 0,58, sendo significativas $p < 0,01$ (correção de Bonferroni). A média e o desvio padrão da dimensão passaram de $10,15 \pm 4,13$ para $8,78 \pm 3,83$ e a variância de 17,06 para 14,67. A retirada do item Apático provocou a melhoria de todos os indicadores de qualidade métrica da dimensão Fadiga. Além disso, indica que para esse grupo de atletas o item Apático não é associado à Fadiga. Diante dos resultados é fundamental extrapolar para outras populações de atletas e não-atletas para verificarmos se a exclusão do item Apático se mantém, o que resultaria na necessidade de revisão dos itens da dimensão.

Palavras chaves: Estados Emocionais, Desenvolvimento Humano, Qualidades Métricas, Psicologia do Esporte, POMS

QUALIDADES MÉTRICAS DA DIMENSÃO “CONFUSÃO” DA VERSÃO BRASILEIRA DO TESTE POMS EM ATLETAS DE VOLLEYBALL FEMININO

¹REBUSTINI, F.; ³BALBINOTTI, M. A. A.; ²FERRETTI-REBUSTINI, R. E. L.; ¹MACHADO A. A.
¹LEPESPE – UNESP/RIO CLARO; ²ESCOLA DE ENFERMAGEM – EEUSP; ³UNIVERSITÉ DU
QUÉBEC – TROIS RIVIÈRES

O objetivo do presente estudo é verificar as qualidades métricas da dimensão Fadiga do Teste POMS em jovens atletas de voleibol feminino. A dimensão Fadiga é composta por 7 itens, e é calculada a partir da somatória dos valores dos itens: Confuso, Incapaz de concentrar-se, Atordoado, Desorientado, Esquecido e Inseguro, do resultado é subtraído o valor do item Eficiente. Participaram do estudo 200 atletas de voleibol feminino com idade média de $15,49 \pm 1,37$. Para atender o objetivo do estudo foram aplicadas a análise fatorial exploratória com corte da carga fatorial de 0,40, consistência interna (alpha Cronbach) e a análise descritiva detalhada. A análise fatorial indicou que o item Eficiente não apresentava carga fatorial na mesma dimensão dos demais itens, além de ter apresentado uma correlação negativa ($r = -0,25$), o que acarretou no surgimento de 2 dimensões com autovalor >1 . Em razão desta inconsistência optou-se pela retirada do item. Realizada nova análise fatorial, obteve-se apenas uma dimensão com autovalor de 2,715, o Kaiser-Meyer-Olkin passou de 0,79 para 0,81, o teste de esfericidade de Bartlett foi significativa para $p < 0,001$, o Alpha de Cronbach subiu de 0,63 para 0,75 e a variância total explicada elevou-se de 32,08% para 34,66%. Além disso, a correlação dos itens antes tinha um espectro de -0,33 a 0,51 e passou para uma faixa de 0,20 a 0,51, sendo significativas em $p < 0,05$. A retirada do item redutor (Eficiente) provocou alterações importantes nas médias da dimensão, com 7 itens a média foi $6,40 \pm 4,29$ e com 6 itens elevou-se para $9,74 \pm 3,90$. A retirada do item Eficiente traz uma profunda diferença na forma de interpretação do resultado da dimensão. Estes resultados indicam a necessidade da realização de pesquisa com outras populações de atletas que possam averiguar as qualidades métricas o POMS para cada dimensão. Pois, os resultados indicam a necessidade da revisão dos itens da dimensão Confusão.

Palavras chaves: Estados Emocionais, Desenvolvimento Humano, Qualidades Métricas, Psicologia do Esporte, POMS

REFLEXÕES CONCEITUAIS DA MOTIVAÇÃO E APLICAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

VENDITTI JÚNIOR R.¹ RAMOS E²., BOCALON G²., STOCK S. T².

¹UNESP – Bauru / Depto. Educação Física; ²FEF UNICAMP

O tema motivação é um assunto abrangente que deve ser reconhecido por sua fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem. Durante as aulas de Educação Física (EF), pode-se muitas vezes observar que existe pouca participação e baixo interesse de alguns alunos, em diversas séries, em participar das aulas de Educação Física escolar de maneira efetiva e regular. A partir dessa reflexão, nos questionamos: *Por que alguns alunos se sentem motivados e outros não? O que nós, professores de EF escolar, podemos fazer para diminuir esse número de alunos sem motivação? Que estratégias motivacionais podem auxiliar o professor em sua atuação pedagógica?* Este trabalho pretende identificar os fatores que influenciam o desinteresse desses alunos pelas aulas de Educação Física e propõe estratégias que auxiliem nas soluções dos problemas identificados. É preciso ressaltar a importância da motivação no processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, para realizar este trabalho abordamos os estudos sobre motivação, seus conceitos e suas correntes teóricas; bem como as teorias motivacionais presentes para a atividade física e o exercício, pois as mesmas delimitam a análise dos comportamentos em situações de rendimento e desempenho. Neste resgate bibliográfico, procuramos ressaltar as principais tendências e aplicações da motivação na área de EF escolar. É importante salientar que os estudos sobre a motivação, na maioria das vezes, estão centrados no aluno, que é o principal sujeito do processo educativo. No entanto, não podemos negar que o professor é parte integrante do processo da motivação e esta interfere nos seus planejamentos e investimentos para a sua qualificação profissional. Associada à motivação, encontramos na autoeficácia, algumas explicações a respeito dos mecanismos de autopercepção e crenças pessoais, que interferem sobremaneira neste processo de motivação para realização da atividade física. Ao final do estudo apontamos algumas alternativas e possibilidades para o estímulo da motivação na EF escolar, sem, no entanto, termos a pretensão de solucionar todos os problemas, apenas lançar sugestões e abrir espaços de discussão e reflexão, uma vez que consideramos este tema relevante e atual para nossa atuação profissional e no processo educacional. Percebe-se a importância do papel do professor e muitas vezes seu despreparo para identificar diversos tipos de motivação presentes no contexto escolar e conseguir reverter quadros de desinteresse e falta de participação nas aulas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; motivação; motivos de realização; autoeficácia.



RELAÇÃO ENTRE SINTOMAS DEPRESSIVOS, HABILIDADE MOTORA E O HEMISFÉRIO ACOMETIDO PELO AVCI

YOSHIDA, H. M.; LIMA, F. O.; LI, M. L.; FERNANDES, P. T.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UNICAMP

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) acomete cerca de 16 milhões de pessoas por ano. A sequela motora é presente em 90% dos pacientes que sobrevive ao AVC, podendo ser considerado uma das principais causas de incapacidades entre os adultos. A depressão também se destaca, com uma prevalência entre 10% e 78%. Sabe-se que os hemisférios cerebrais possuem distintas características e funções, portanto, o objetivo do estudo é verificar as diferenças entre as habilidades motoras e os sintomas depressivos em pacientes pós AVC isquêmico (AVCi) nos distintos hemisférios cerebrais. Para mensurar o nível de habilidade motora nos pacientes, utilizamos o Protocolo Desempenho Físico de Fugl-Meyer que avalia o Membro Superior (MS; máximo de 66 pontos) e Membro Inferior (MI; máximo de 54 pontos). Para verificar os sinais e sintomas motores utilizamos o Inventário de Depressão de Beck (BDI). Essa escala avalia sintomas e atitudes, dentro de 21 questões. A pesquisa foi realizada no Ambulatório de Neurovascular do Hospital das Clínicas da UNICAMP. Para esse estudo foram avaliados 100 sujeitos, 58 sujeitos do sexo masculino, com idade média de 60 anos $\pm 15,17$; O grupo apresentou uma média de $9,69 \pm 7,2$ para o BDI. Para a habilidade motora os pacientes apresentaram: MS = $55,42 \pm 17,77$; MI = $29,65 \pm 7,29$. Para um escala de 0 a 100 (MS+MI), o grupo apresentou $85,07 \pm 23,76$. Para verificar os sintomas depressivos e a habilidade motora de acordo com a ocorrência nos diferentes hemisférios dividimos os grupo em 2: HD = pacientes acometido pelo AVCi hemisfério direito (n=50) e HE = pacientes acometido pelo AVCi no hemisfério esquerdo (n=50). Para o grupo HD temos a media de idade de 61 anos $\pm 15,40$; habilidade motora: MS = $55,78 \pm 17,39$; MI = $29,72 \pm 7,27$. Para MS + MI tivemos $85,50 \pm 23,61$. Para BDI tivemos $10,16 \pm 6,67$ pontos. Para o grupo HE, idade média de 60 anos $\pm 15,97$. Para habilidade motora tivemos: MS = $55,06 \pm 18,31$; MI = $29,58 \pm 7,387$. Para MS + MI tivemos $84,64 \pm 24,14$. O grupo HE apresentou o BDI de $9,22 \pm 7,74$. Foi realizado o teste Mann-Whitney para verificar se há diferenças os grupos: para BDI, o grupo apresentou um $p=1,21$, não havendo diferença significativa entre os grupos e para habilidade motora o $p=0,41$, não mostrando diferença significativa para os grupo, portanto concluímos que não há diferença entre a habilidade motora e sintomas depressivos em pacientes acometidos pelo AVCi nos diferentes hemisférios cerebrais.

RISCO DE TRANSTORNO ALIMENTAR, IMAGEM CORPORAL E ANTROPOMETRIA DE ATLETAS DO SEXO FEMININO

JÜRGENSEN, L.P., SIQUEIRA, A. R., DANIEL, N.V.S., MONTESANO, F.T., JUZWIAK, C.R.,
PADOVANI, R.C.

Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista

Introdução: A dieta alimentar se apresenta como uma questão central entre atletas de modalidades esportivas que preconizam o baixo peso corporal como um importante critério para a obtenção de bons resultados em competições. Tal cenário evidencia a vulnerabilidade do atleta, principalmente do sexo feminino, para o desenvolvimento de importantes quadros psicopatológicos, como os transtornos alimentares e a distorção da imagem corporal. Soma-se ainda o fato do próprio ambiente esportivo favorecer a ampliação das pressões socioculturais motivadas pelo ideal de um corpo magro. **Objetivo:** Identificar o perfil antropométrico e da composição corporal, relacionando a autoimagem corporal e risco para transtornos alimentares de atletas do sexo feminino de diferentes modalidades esportivas. **Metodologia:** participaram do estudo 69 atletas de equipes santistas das modalidades Ginástica Rítmica (GR) (n=14); Vôlei, Handebol, Basquete, Futsal (Coletivo=COL) (n=46) e Judô e Karatê (Combate=COM) (n=9). Avaliações: massa corporal, estatura e dobras cutâneas, a partir das quais calculou-se e classificou-se o Índice de Massa Corporal (IMC) e o percentual de gordura corporal (%G), Escala de Silhuetas, Teste de Atitudes Alimentares (EAT26), Teste de Investigação Bulímica de Edimburgh (BITE) e o Questionário Sobre Imagem Corporal (BSQ). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (CEP 2087/11). **Resultados:** A média de idade foi de $16 \pm 4,6$; $17,3 \pm 1,5$ e $20,6 \pm 5,3$, para GR, COL e COM, respectivamente ($p=0,003$). IMC e %G estavam elevados para 25% da amostra, enquanto 27% apresentou IMC adequado e %G elevado. A insatisfação (82,6%) e distorção da imagem corporal (33,3%) e o risco para transtornos alimentares (8,7%) foram importantes clinicamente. Observou-se correlação moderada entre a silhueta atual e IMC (COL $r=0,72$; COM $r=0,72$; GR $r=0,55$). Com exceção da correlação moderada entre IMC e BITE para COM ($r=0,57$), não foi observada correlação entre o IMC ou o %G e risco de transtorno alimentar. **Discussão:** Verificou-se que a maioria das atletas apresenta insatisfação quanto à imagem corporal, sendo que algumas apresentam distorção da imagem corporal e risco para transtornos alimentares. **Conclusão:** Os achados do presente estudo evidenciaram a importância de se investigar as características analisadas no esporte de alto rendimento. Adicionalmente, fica evidente a relevância de uma abordagem interdisciplinar do fenômeno analisado.

Palavras-chave: esportes coletivos, esportes de combate, imagem corporal, transtorno alimentar.



SITUAÇÕES QUE CAUSAM O MEDO EM ATLETAS DE FUTSAL

BREGANHOLI, R. D. P., MARTINS, G. C..
FACULDADE EUCLIDES DA CUNHA

Introdução: O medo é um sentimento constante no nosso cotidiano. É um instinto primitivo do homem responsável em alterar o nosso bem-estar. Convivemos com ele, tanto em situações simples e aparentemente inofensivas, até aquelas que colocam nossa vida em risco. Dentro do esporte, existem inúmeros fatores tanto internos, quanto externos que pode causar medo no indivíduo. O que mais acarreta o medo é o sentimento de auto-confiança, pois o atleta pensa em várias situações que lhe traz o sucesso, mais na hora da partida não realiza com êxito, e o resultado disso são o fracasso, o vexame social e até contusão. **Justificativa:** Que por meio desta pesquisa ajudar a solução dos problemas psicológicos causados pelo medo. **Objetivos:** O objetivo deste trabalho, é saber quais entre os vários tipos de medo são os mais freqüentes e os que prejudicam mais em seu rendimento. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa de campo com uma equipe de futsal sub 15, contendo 12 alunos com faixa etária de 14 a 15 anos, onde os mesmos responderam um questionário de Lavoura (2007), contendo 10 perguntas fechadas, que aborda os principais tipos de situações que ocorre na vida de um atleta relacionado ao medo. Esse questionário foi aplicado minutos antes de uma partida válida pelo campeonato regional. Depois de examinados os dados foi feita uma análise de quais destas situações é a mais freqüentes dentro de um grupo, e qual o grau de porcentagem que cada uma influência dentro da vida do atleta. **Resultados e Discussões:** As situações que causaram maior porcentagem nos resultados foram o medo de se comunicar com o treinador e o medo de não obter êxito, essa maior porcentagem no medo de diálogo com o treinador, foi justificado por serem atletas jovens, e terem o medo da cobrança do técnico ser maior depois deste diálogo, já o medo de não obter êxito, é justificada por querer evitar cobranças do treinador, da torcida e da família. **Conclusão:** Depois de examinados os dados, pode-se chegar a conclusão que nesta idade é normal sentir medo nestas situações, mais com o tempo e o amadurecimento do psicológico do atleta será muito mais fácil lidar com estas ocasiões.

Palavras-Chave: Medo no Esporte e Adolescentes no Esporte.

SOB RÉDEAS CURTAS, DE CABELOS LONGOS: REFLEXÕES SOBRE MULHERES NO HIPISMO

*PONTES, V.S., PEREIRA, E.G.B.
Universidade Federal Do Rio De Janeiro*

O hipismo assume a singular característica de ser o único esporte integrante do rol Olímpico em que homem e animal formam um conjunto. Subdividido em oito modalidades, sendo apenas quatro delas olímpicas ou pan-americanas, parte da premissa de que a força física não é fator determinante para um melhor desempenho, o que garante a possibilidade de homens e mulheres competirem juntos, em condições de igualdade. A partir dessa forte correlação entre esforço físico, esporte e, por que não, masculinidade, foi se delineando o escopo deste ensaio, que busca refletir, sob a ótica das dimensões socioantropológicas, a inserção e a permanência da mulher no contexto de um esporte dito de baixo esforço físico, mas de alto risco. Almejamos dar início a uma discussão centrada na construção social das feminilidades no interior de uma modalidade considerada de elite e pouco explorada. As primeiras inferências indicam que as atletas não são vistas como adversários emocionalmente à altura pelos atletas; que há uma forte correlação entre a modalidade Adestramento com a feminilidade, e entre a modalidade Saltos com a masculinidade, evidenciando uma hierarquização das modalidades que compõem o hipismo; que há a presunção, por parte dos atletas, de que “os homens são naturalmente mais corajosos” e “as mulheres são naturalmente mais sensíveis” e; que há a presença de feminilidades e masculinidades “outras” repaginando essa configuração de gênero no Hipismo, através da presença de mulheres corajosas e homens sensíveis, elementos dissidentes do estereótipo de masculino e feminino que a sociedade hípica tem para esses atletas. Finalizando esta discussão, concluímos que a presença do cavalo não serve somente como elemento diferenciador das relações entre homens e mulheres, como também de inúmeras identidades de gênero inseridas nas práticas equestres. O hipismo, ainda que se exima formalmente da reprodução de diferenças entre os sexos, atua na (re)construção de novas relações e desigualdades de gêneros.

Palavras-chave: Hipismo; Mulheres; Feminilidades; História.

TREINAMENTO MENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAMPO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

MORÃO, K.G.¹, BAGNI, G.¹, CAMARGO, H.M.D.¹, OLIVEIRA, M.¹, MACHADO, A.A.¹.

¹LEPESPE – UNESP – Rio Claro – Departamento de Educação Física

Introdução: Todas as modalidades esportivas necessitam de um dispêndio de atenção e concentração por parte dos atletas durante os treinamentos e competições, visando atingir a melhor performance possível. Algumas ferramentas podem auxiliar no equilíbrio psicológico de um atleta, dentre elas o treinamento mental, que consiste em pensamentos positivos, antecipação de situações, execução de movimentos de maneira imaginária, podendo afetar o desempenho do praticante. As sessões são executadas em um espaço onde algumas situações são propostas ao atleta que deve imaginar qual é a melhor decisão a ser tomada, automatizando movimentos e possíveis ações durante um jogo. **Objetivos:** O objetivo do estudo foi verificar o conhecimento de jogadores de tênis de campo sobre treinamento mental e a aplicação desta ferramenta psicológica na carreira destes sujeitos. **Materiais e Métodos:** Para a realização deste estudo, foi aplicado um questionário online que continha 10 questões de múltipla escolha sobre treinamento mental. Os participantes deveriam responder sim, não ou nunca pensei nisso (1, 2 ou 3) em cada uma das questões. Participaram desta pesquisa 20 praticantes de tênis de campo (12 homens e 8 mulheres), sendo que a maioria apresentou idade entre 20 e 25 anos. **Resultados e discussão:** Alguns pontos se destacaram e merecem ênfase, sendo um deles o fato de 67% dos atletas apontarem que nunca receberam treinamento psicológico durante suas carreiras. Muitos afirmam que conhecem técnicas como o treinamento mental, as julgam importante, porém não as utilizam. Outro ponto marcante é que 92% dos atletas se mostram interessados em realizar treinamentos psicológicos, pois sabem que podem aumentar o desempenho, porém seus treinadores não são adeptos desse tipo de treinamento. Os atletas ainda apontam que seus técnicos são flexíveis e talvez aceitassem a implantação do treinamento mental como auxílio para a preparação global, só não o fazem por não dominarem essas técnicas. **Conclusão:** O treinamento mental é uma importante ferramenta disponível para melhorar o desempenho dos sujeitos, porém a maioria dos treinadores não o utiliza, mesmo que seus atletas estejam interessados. Esta ferramenta deveria ser mais utilizada, pois é importante para automatizar os movimentos, aumentar a concentração, atenção, melhorar a tomada de decisão de alguns atletas e, consequentemente, o rendimento.

Palavras-Chave: desenvolvimento humano e tecnologia; estados emocionais; treinamento mental.

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DAS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS EM MEIO A NÃO DEFICIENTES

CUSIOL, J. A.

Universidade de São Paulo (USP) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP)

Os significados do esporte nas vidas das pessoas com deficiência são notáveis e a prática de atividade física e desportiva pôde se tornar um fator de integração na vida das pessoas que tem deficiência. Há instituições que regulamentam os esportes adaptados, mas ainda assim, ocorrem casos em que estes preferem desenvolver suas práticas esportivas em meio a pessoas não deficientes. O prazer e motivação na prática esportiva destes indivíduos em meio a não deficientes pode estar pautado, por exemplo, na proposição de atividades que se aproximem o máximo possível das condições de “normalidade”, a falta de conhecimento sobre os esportes adaptados, a negação deste tipo de prática, dentre outros que podem se configurar como fatores que caracterizam a exclusiva participação em atividades esportivas com não deficientes. Essa pesquisa visa identificar e compreender, por meio de relatos de praticantes em primeira pessoa, como se dão as experiências vividas por pessoas com deficiência congênita na participação integrada a não deficientes em atividades esportivas em ambiente escolar, clubes ou sociedades informais que funcionam como ponto de encontro de amigos para treinamentos e jogos. O tipo de pesquisa a ser utilizada é baseado na orientação fenomenológica. Serão contatadas pessoas com deficiência física congênita a partir de um processo intencional, em que buscar-se-á o vínculo com os entrevistados a partir de equipes ou grupos em que se pratique atividades esportivas não adaptadas. Os indivíduos deverão ter no mínimo um ano de prática na modalidade e já terem competido em no mínimo uma competição municipal, regional ou estadual, sendo estes critérios factuais mínimos que inferem que estes indivíduos praticam regularmente e de maneira efetiva e competitiva o esporte. Será adotado o procedimento de interrupção das entrevistas no momento em que os conteúdos chegarem à saturação, que é quando passa a haver repetição sistemática de temas e conteúdos entre os entrevistados. Com o conjunto de entrevistas em mãos, isto é, gravadas e transcritas, passa-se a análise ou redução fenomenológica, onde são identificadas as experiências individuais, na tentativa de compreender, descrever e atingir a constituição do objeto buscado. Apesar de o fenômeno ter uma estrutura comum, a historicidade e singularidade de cada um articulam a forma como este é vivenciado. Portanto, as entrevistas serão submetidas ao cruzamento intencional, que possibilita a emergência do elemento constante e universal entre todas as experiências.

Palavras-chave: Esporte. Deficiência. Participação integrada.

VIABILIDADE DE APLICATIVOS PARA QUESTIONÁRIOS POR MEIO DE TABLETS PARA A AREA CIENTÍFICA.

TEIXEIRA, I. P.; NAKAMURA, P. M.; BARBOSA C. G.; KOKUBUN, E.
UNESP – RIO CLARO

Introdução: Usualmente, o processo metodológico de pesquisas epidemiológicas utilizam diversos questionários e sua posterior tabulação por meio de digitação dupla. Esse processo metodológico implica em maior tempo gasto e custos, pois necessita de diversas cópias dos questionários além de profissionais treinados que realizem a digitação dos dados. Uma alternativa para facilitar a coleta e tabulação dos dados é a utilização de dispositivos móveis (PDA, netbooks, celulares e tablets). Dentre os dispositivos móveis, o tablet apresenta um custo benefício melhor, pois o seu preço está mais acessível e o seu tamanho é o ideal para realizar coletas nas ruas. Além disso, os pesquisadores, facilmente, podem corrigir uma informação anotada de forma incorreta, detectar inconsistências no momento da coleta e inserir “pulos de questões” de forma automática. Apesar de todos os benefícios, o uso do tablet para coletas de campo ainda não se encontra consolidado, em parte pela dificuldade de “programação” do aplicativo no aparelho e gestão de bases de dados. Assim, o objetivo deste trabalho foi de realizar uma análise da viabilidade de aplicativos direcionados a coleta de dados por meio de tablets. **Metodologia:** Foi feito um levantamento pela internet de aplicativos destinados à plataforma Android para tablet, cuja função principal era coleta e gerenciamento de bases de dados. Os aplicativos foram avaliados quanto ao custo, operacionalização e procedimentos de instalação. **Resultados:** Os três principais aplicativos encontrados foram: *Epi Info* para Android, *doForms* e o *Open Data Kit (ODK)*. Os três aplicativos realizam coletas sem a necessidade de conexão de dados via internet no momento da coleta, porém para todos eles, é necessário descarregar o questionário para o tablet previamente. Além dessa vantagem, os três aplicativos são de fácil programação e com interfaces bem intuitivas. Com relação aos custos, tanto o *Epi Info* quanto o *ODK* são gratuitos, enquanto que para o *doForms* é cobrado uma tarifa de \$9.95 dólares por tablet, inviabilizando seu uso para coletas com grande número de entrevistadores ou pesquisas sem financiamento. Com relação à instalação o *Epi Info* demonstrou ser bastante instável, com erros que resultam em travamentos, fechamento automático e ainda necessitando de sistemas operacionais mais modernos (4.0 ou superior). Por fim, o *ODK* mostrou-se ser um aplicativo de fácil programação, seguro, isento de custos e aceito por todas versões do Android. **Conclusão:** A coleta de dados realizada por meio de tablets, aliado à um aplicativo seguro e funcional como o *ODK*, parece ser uma boa alternativa para substituir os questionários convencionais.

VIGOREXIA COMO RESULTADO DO PADRÃO ESTÉTICO CONTEMPORÂNEO: INFLUÊNCIAS SOCIAIS E PESSOAIS

GUIMARÃES, T. R., FERNANDES, P. T.
Faculdade de Educação Física, UNICAMP.

RESUMO: A preocupação atual com a estética é crescente de tal forma que chega a ser preocupante. Modelar o corpo parece ser o fator primordial para ser aceito na sociedade contemporânea, o que leva algumas pessoas a uma busca inútil por um padrão estético que sempre será inalcançável enquanto forem escravas de um espelho que mostrará uma visão distorcida de si mesmas. Uma visão que exagera de forma demasiada pequenos defeitos físicos e diminui a musculatura por mais desenvolvida que esta seja, tornando os indivíduos reféns de uma doença psicológica denominada vigorexia que os leva a treinamentos de força pesadíssimos, dietas hiperproteicas e, em alguns casos, o uso de anabolizantes. O objetivo desse trabalho é identificar o perfil dos sujeitos com vigorexia e avaliar como e quais áreas da vida mais são afetadas por essa preocupação exacerbada com o corpo. Para isso, foram aplicados em 27 atletas de duas academias no distrito de Barão Geraldo, Campinas, dois questionários: a) Questionário do Complexo de Adônis: para reconhecer e determinar o nível de vigorexia e b) MASS (*Muscle Appearance Satisfaction Scale*): com perguntas relacionadas à vida e ao comportamento do voluntário. Os resultados mostram que 24 sujeitos apresentam o transtorno de imagem corporal. Apesar de o estudo ainda estar em andamento e os questionários estarem sendo analisados, os voluntários demonstraram, em sua grande maioria, não gostar do que veem no espelho chegando a usar roupas largas ou bonés para esconder determinadas partes do corpo. Todos disseram seguir uma dieta própria baseada em proteínas e, até o momento, demonstraram alto grau de dependência nos treinos com pesos e propensão ao uso de substâncias. Percebe-se até que adquirir um corpo musculoso que atenda aos padrões atuais é prioridade na vida de alguns voluntários da amostra e que ser esteticamente aceito parece exercer forte influência pessoal e social nos indivíduos.

Palavras-chave: vigorexia, estética e contemporaneidade.



VIVÊNCIAS EXTRA ESCOLARES: UM ESTÍMULO PARA NÃO PRATICANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ANÁLISES SOBRE ADEÇÃO ÀS PRÁTICAS CORPORAIS

VENDITTI JÚNIOR R.¹, DA SILVA G. N.², QUINTEIRO P. S.², DA SILVA F. F.², DE SOUZA R. A.² E
DE CARVALHO W. R. G.²

1-UNESP(CAMPUS BAURU). 2- IFSULDEMINAS(CAMPUS MUZAMBINHO/MG)

Este estudo tem o objetivo de analisar e estudar a participação dos alunos na disciplina de Educação Física (EF) de um colégio da rede pública municipal da cidade de Poços de Caldas - MG, onde foi selecionado um número de alunos do Ensino Fundamental II, não participantes da Educação Física Escolar, para a aplicação sistemática de atividades extraescolares, na tentativa de estimular a iniciação à prática esportiva e a construção de um novo conceito de EF escolar. Tendo como referência os estudos de Darido (2004), foram analisadas as opiniões dos alunos através de três questionários contendo questões objetivas e dissertativas que nos orientavam para a escolha do grupo a ser trabalhado. Os resultados apresentam melhora na concepção de importância da EF e concluiu-se que as aulas escolares não estão sendo suficientemente atrativas para alunos deste nível de ensino. Estímulos para a prática destas atividades são extremamente importantes para que haja o verdadeiro reconhecimento da disciplina como componente fundamental do currículo escolar e conhecimento sobre estratégias motivacionais se fazem necessárias ao profissional de EF. Destacam-se no estudo algumas reflexões a respeito de aderência às práticas corporais e o papel motivador dos profissionais de EF em diversos contextos para a efetiva manutenção destas práticas e participação nas aulas de EF escolar.

Palavras-chave: *educação física; educação física escolar; ensino; motivação.*

YOGA: MOTIVOS QUE LEVAM À PRÁTICA.

AMORIM, A.C.G.P., DEUTSCH, S., SANTOS, T.Y.J.; GRIMALDI, G.; FIGUEIREDO, T.C.S.,
SANTOS, F. D., FRAIHA, A. L., NOVAIS, I.T.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UNESP – RIO CLARO – SÃO PAULO

Introdução: O principal foco da psicologia é o estudo do comportamento humano e de seus processos mentais. Busca entender o que o ser humano deseja ou não fazer e o por que. Dentro desse campo, os assuntos específicos que tratam disso são os motivos e a motivação que estudam de que forma ocorre o direcionamento para determinada atividade. Em geral, autores afirmam, que o motivo como característica pessoal se relacionará numa troca de influências com o ambiente, podendo essas influências, uma vez recebidas, provocar ou não modificações na motivação do indivíduo. Alguns motivos são oriundos de fontes externas incluindo recompensas manifestas ou latentes. Outras fontes de motivação podem ser apresentadas como o resultado de suas necessidades internas ou pessoais.

Justificativa: A busca por uma prática de atividade física, tem uma relação estreita com os motivos que apresentam ou não apresentam significado para a própria pessoa. **Objetivo:** Este estudo teve como foco verificar quais os motivos que levam as pessoas à prática regular de aulas de yoga. **Método:** Por meio de uma revisão bibliográfica, foi feito um levantamento dos estudos no campo da Yoga, nos últimos dez anos, para verificar os motivos que levam as pessoas a buscarem a prática dessa atividade. **Resultados:** De acordo com os estudos analisados, observou-se que os participantes dessa prática geralmente são motivados pela possibilidade de obter um melhor equilíbrio físico e mental. O fator “curiosidade” aparece como um motivo importante, assim como o cuidado com a saúde física. A melhora do condicionamento físico e equilíbrio emocional tiveram grande relevância na maioria dos estudos. Os cuidados estéticos e espirituais mostraram-se de pouca relevância como motivadores iniciais, mas aparecem muitas vezes como determinantes em relação à permanência do indivíduo na prática. **Discussão e Conclusão:** Apesar da prática de yoga ter em sua essência uma característica introspectiva e abstrata, nota-se que os resultados dos estudos apresentam motivos diversificados destacando ainda uma falta de conhecimento do real significado da atividade podendo levar assim o aluno a possível desistência a sua aderência.

Palavras-Chave: Motivação, Yoga, Aderência.



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



RESUMOS EXPANDIDOS

A INICIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO DA TORCIDA E O USO DE REDES SOCIAIS: UM RECORTE DA TORCIDA DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

GONÇALVES, L.F.^{1 2}, ROLIM, R.M.^{1 2}, BARBOSA, C.G.^{1 2}, BAGNI, G.^{1 2}, MACHADO, A.A.^{1 2}

1 - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP – CAMPUS RIO CLARO

2 - LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA DO ESPORTE - LEPESPE

Introdução

Vivemos em um mundo marcado pela hipervisibilidade, marcado pelas interações causadas pela atividade cultural de cada pessoa. As atividades culturais nos mostra que cada indivíduo compartilha de um modo de vida em diferentes espaços na sociedade.

De acordo com Santos (2006), cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. Desta forma podemos ressaltar que os diferentes espaços sociais formam “ilhas de cultura” que juntas se perpetuam e formam novos espaços culturais, que se desenvolvem paralelamente. Em nossa sociedade contemporânea é marcada pelos conflitos sociais, estes que se dão quando um grupo cultural vem expor seu conteúdo mediante outro grupo. Nas redes sociais este conflito acaba se tornando maior, pois não existe uma fronteira que venha associada a uma questão de espaço e territorialidade.

São diversas as formas de conversação que são impostas pelo mundo virtual, as associações entre indivíduos são expressas por um contato direto, o que causa uma intervenção no cotidiano de uma pessoa. De fato podemos ressaltar que as pessoas que fazem de seu personagem um símbolo são as que mais sofrem esta intervenção direta marcada pelas redes sociais.

Os esportistas em geral, mais especificamente os jogadores de futebol de campo são os personagens que tem uma maior interação com a sociedade. A extensão do território brasileiro permite as diversas formas culturais, a diversidade cultural brasileira é marcada então pela extensão do território. A quebra desta barreira é então formada pelos clubes de futebol que fazem movimentos territoriais pendulares para sua disputa esportiva, o que causa o contato com diferentes formas culturais em diversos espaços da sociedade, assim temos vários ídolos que são acompanhados por uma torcida que os acompanham onde quer que estejam mediante uma rede social, formando uma das maiores simbologias expressas no meio esportivo brasileiro, o futebol de campo quebra as barreiras territoriais e culturais existentes em toda extensão territorial.

As intervenções são causadas quando um jogador vira alvo de crítica ou elogios, o que vem acarretar em seus sentimentos, isto que pode ser encarado como estímulo ou como um déficit em seu rendimento, mediante a um esporte de alto rendimento.

Fundamentação

As interações causadas entre jogador e torcedor através da rede social nos permite uma aceleração na expansão de notícias vinculadas a vida social e profissional do atleta. Este fenômeno ocorre através do conceito de “hipervisibilidade” (KEEN, 2012). As interações sociais causadas pelo FACEBOOK são diversas, e esse é seu maior propósito, conforme discorre Mark Zuckerberg, criador do facebook em uma de suas entrevistas: “Não importa para onde você vá, queremos garantir que toda experiência que você tenha seja social.

Relevando as interações sociais temos os aspectos dos computadores que hoje são vistos como espaços de conversação denominados então a comunicação mediada pelo computador - CMC. Isso quer dizer que os computadores foram apropriados como ferramentas sociais e que esse sentido, em muitos aspectos, é fundamental para compreensão da sociabilidade na contemporaneidade (RECUERO, 2012).

Temos então os aspectos culturais que englobam o mundo virtual dos atletas de futebol que estão sujeitos à alteração de cultura em virtude das redes sociais e suas interações sociais. Renato Ortiz (1994) afirma que existe uma cultura mundializada que se expressa na emersão de uma identidade cultural popular, cujos signos estariam dispersos pelo mundo.

E não há como dizer que a tecnologia é imposta pela sociedade, pois estamos em um processo de aumento mutuo no uso de tecnologias e redes sociais em nosso cotidiano. Isto já vem desde o passado, o que podemos dizer ressaltando a intervenção do homem no espaço. Como relevado por Santos (1988) que o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos. Ainda Santos diz:

... a natureza conheça um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada. O processo de culturalização da natureza torna-se, cada vez mais, o processo de sua tecnificação. As técnicas, mais e mais, vão incorporando-se à natureza e está fica cada vez mais socializada, pois é, a cada dia mais, o resultado do trabalho de um maior número de pessoas. Partindo de trabalhos individualizados de grupos, hoje todos os indivíduos trabalham conjuntamente, ainda que disso não se apercebam. No processo de desenvolvimento humano, não há uma separação do homem e da natureza. A natureza se socializa e o homem se naturaliza (SANTOS, 1988).

Como descrito por Santos acima, o contraste que a sociedade contemporânea vem passando pode ser associado a questão e ocupação do homem mediante ao espaço natural, porém, na sociedade atual muda o espaço, o espaço natural vem se tornar o espaço midiático. Promovendo assim uma maior interação do homem, mas desta vez uma interação do homem com o próprio homem, através sociabilização causada pela proposta da web 3.0.

Ocorrendo de certa forma uma cobrança maior em relação ao torcedor que tem o contato direto com o atleta, podendo então influenciar seu rendimento,

quando tem seus sentimentos compartilhados por um grupo que este não o conhece, porém, conhecido pelo grupo. Assim, compreendemos ser essa uma questão mais psicológica do que outros componentes do treinamento (MACHADO, 2006).

Justificativa

O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar uma perspectiva sociológica que pode influenciar um atleta de futebol de campo em relação ao acompanhamento do torcedor mediante uma rede social. Quais os sentimentos que os acompanham, fortificando o fato de ter um cotidiano de migração pendular, este que pode ou não vir a influenciar em seu aspecto cultural e também em seu rendimento esportivo.

Objetivos

Fazer um breve levantamento de um grupo de torcedores, para ter uma base inicial no processo de intervenção da torcida no cotidiano de um jogador de futebol movido pelas redes sociais.

Metodologia

O instrumento utilizado para esta pesquisa foi caracterizado através de uma ferramenta on-line disponibilizada pela empresa norte-americana com sede em Santa Clara-Califórnia. O Google-Drive nos oferece uma forma de criação de questionários que podem ser visíveis em outros computadores por um link criado pelo então condutor da pesquisa.

Foram analisados dados de pessoas de ambos os sexos, e de todas as regiões geográficas brasileiras.

Todos os indivíduos questionados foram de acordo com o termo que permite a disponibilização dos dados para fins de pesquisas, este termo de concessão que estava descrito em parte superior do questionário, que informava que seu real preenchimento já era de fato uma aceitação do mesmo.

Resultados

Os resultados obtidos mostram que 41% dos entrevistados seguem a equipe de futebol em mais de uma rede social, e 54% do montante total considera compulsivo o uso de diversas redes para fazer acompanhamento das notícias envolvendo a Sociedade Esportiva Palmeiras.

Conclusão

O presente estudo é o primeiro passo para demonstrar a intervenção em relação direta de torcida/atleta durante as competições de esportes de alto rendimento, levando em consideração que a interação é direta, podendo de certa forma causar uma sobrecarga de sentimentos, esta que pode fazer com que ocorram mudanças de comportamento no atleta durante a fase competitiva. Ressaltando também as intervenções que a rede social vem trazer em relação ao aglomerado de pessoas de ambas as partes do Brasil os seguindo compulsivamente. Os demais dados sobre a intervenção ocorrerá em um trabalho futuro.



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



Referências

KEEN, Andrew. **Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MACHADO, Afonso Antonio. **Psicologia do Esporte: Da Educação Física Escolar ao Esporte de Alto Nível.** 1.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

ACOMPANHAMENTO DOS PAIS NO RENDIMENTO DO FILHO: UM ESTUDO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

ROCHA LIMA, E. M.¹, CECARELLI, L. R.¹, ISLER, G. L.^{1,2}, MACHADO, A. A.¹
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP

INTRODUÇÃO

A família é extremamente importante na vida de um jovem, pois fornece o suporte nas escolhas do mesmo em vários contextos, sendo o esporte um tópico de elevada importância, pela adequação motora e também pelo lado social.

Além dos torcedores habituais, vale ressaltar o efeito da presença de um espectador diferenciado, de elevada responsabilidade, cuja presença pode apresentar pontos positivos, ou negativos: a família. Machado (2006) salienta a importância da família na vida de uma criança, sendo o primeiro contato social do sujeito no mundo, influenciando assertivamente o processo de facilitação social e de inserção em diversos contextos ambientais. Devido a essa nítida influência, as atitudes do filho serão naturalmente moldadas em relação ao que é feito por seus familiares mais próximos, criando também sua personalidade e seu modo de pensar de acordo com o que foi visto desde o início na sua convivência dentro de casa.

Prosseguindo neste tópico, Côté & Hay (2002a) afirmam que “a responsabilidade pela maior parte do processo de socialização é atribuída à família”. Os autores definem socialização como um processo contínuo, que acontece ao longo do curso de vida de um indivíduo, no qual este desenvolve sua identidade, autoconceito, comportamentos, atitudes e disposições.

Visto que a família é a primeira referência do filho, bons exemplos e atitudes que sigam uma linha correta de raciocínio devem predominar por parte dos responsáveis. Segundo Kalinowski (1985) para os jovens terem destaque em suas áreas, é importante que seus respectivos pais transmitam-lhes valores relacionados à disciplina, responsabilidade e valorização do sucesso.

Silva e Fleith (2010) complementam ao afirmar que é importante que os pais cobrem empenho dos filhos e que, paralelamente, mostrem a mesma dedicação em suas respectivas atividades, caracterizando-se como exemplos aos jovens.

É comum que o pai almeje para o seu filho o sucesso esportivo que ele não teve, depositando expectativas, com base em variados aspectos, de modo a desejar um futuro para o mesmo, que não é necessariamente aquele que a criança ou o adolescente deseja.

Silva e Fleith (2010) também reforçam esta linha de pensamento, ao afirmar que as necessidades das crianças passam a ocupar uma posição central na dinâmica familiar. Destaca-se também o impacto das crenças e expectativas da família em relação ao desempenho do indivíduo talentoso.

Segundo Alencar (2001), “observa-se na atualidade um interesse crescente pelo superdotado, por aquele que se destaca por uma habilidade superior ou inusitada para uma pessoa de sua idade, ou por um desempenho excepcional, reflexo de suas habilidades e aptidões” (p. 119).

Weinberg e Gould (2001) destacam que é fundamental identificar as formas

como os pais podem influenciar positivamente as experiências das crianças e encorajá-los a empregarem essas práticas. Paralelamente a isso, também é importante a identificação das práticas negativas e os esforços para eliminá-las.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa consiste em avaliar de que modo a família acompanha a prática esportiva de seu respectivo filho e como influencia no rendimento do mesmo.

METODOLOGIA

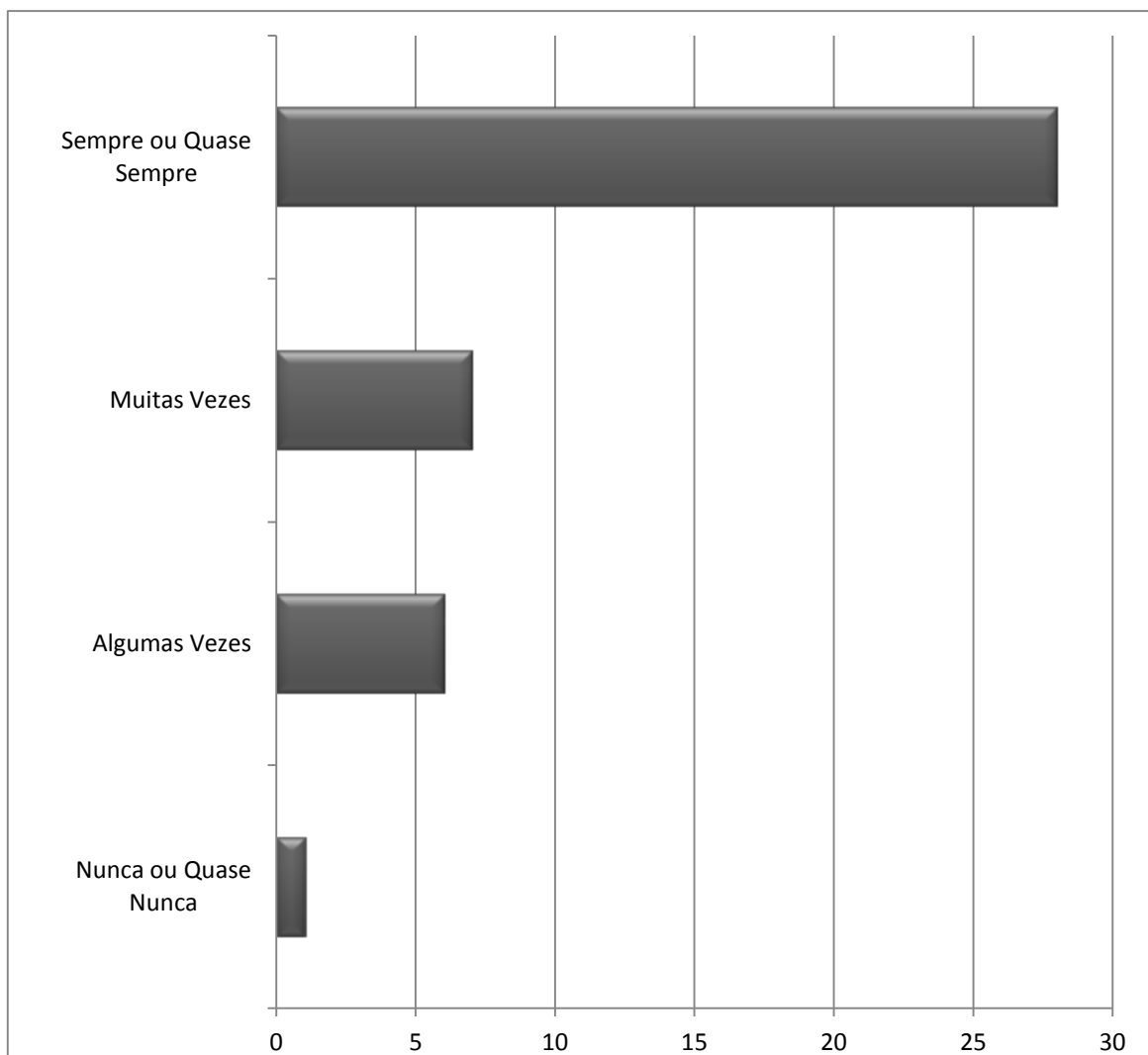
Segundo Gil (1993, p. 46), “a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre as variáveis.”, que contou com a participação de 15 jovens, cuja faixa etária variava entre 12 a 17 anos. Todos os participantes foram selecionados aleatoriamente e eram praticantes das modalidades de basquetebol e futebol, com frequente participação em competições.

O instrumento de coleta utilizado foi o Inventário Fatorial de Práticas Parentais Relacionadas ao Desenvolvimento do Talento no Esporte (IFATE), criado por Silva (2009), já validado, sobre o qual foram usados a teoria e o modelo de elaboração instrumental psicológico proposto por Pasquali (1999).

Na análise dos dados, a qual seguiu uma metodologia qualitativa, foram utilizadas seis questões do Fator 5 do inventário, que representam as “Expectativas da família sobre o desempenho do filho”. O preenchimento do respectivo instrumento ocorreu em momentos prévios a um jogo, e as respostas variaram em uma escala Likert de 4 pontos, cujos números correspondiam à: (1) Nunca ou quase nunca, (2) Algumas vezes, (3) Muitas vezes e (4) Sempre ou quase sempre.

RESULTADOS

Após a análise dos dados coletados, observa-se no gráfico o predomínio das respostas “sempre ou quase sempre”, seguido por um reduzido índice de respostas nas opções restantes.



DISCUSSÃO

Estes dados sugerem o que evidencia o constante envolvimento e o nítido cenário em que os responsáveis acreditam na capacidade de seus respectivos filhos e tratam o tema com adequada importância.

Côté (1999) afirma que o fato dos pais reconhecerem que o filho apresenta um desempenho diferenciado em alguma atividade influencia o posterior envolvimento e apoio deles em relação à atividade.

O talento que pode ser lapidado, pode, conseqüentemente, levar a família a se envolver mais com a modalidade, enxergando a possibilidade que seu herdeiro tenha sucesso e destaque na mídia, gerando maior visibilidade.

De acordo com Filho e Böhme (2001), “o termo talento esportivo é empregado para caracterizar indivíduos que demonstram elevadas capacidades biológicas e psicológicas que, dependendo do meio social no qual vivem, poderão apresentar alto desempenho esportivo, dependendo para isso de condições ambientais adequadas” (p. 155).

Drill (2003) traz alguns fatores importantes para desenvolver o talento

no esporte e destaca a integração dos mesmos: habilidade, orientação à realização, motivação, concentração, competitividade e o ambiente de treinamento.

Tais considerações sobre a influência da família na participação esportiva dos filhos podem se relacionar com a elevada quantidade de participantes deste estudo que praticam suas respectivas modalidades há um período, em anos, bastante extenso, além de contar com a presença dos pais em certos treinamentos e competições, o que evidencia a preocupação e o envolvimento com a prática esportiva do adolescente e as consequências que a mesma vem a propiciar. Tendo em vista que os participantes deste estudo se envolvem constantemente em competições e suas equipes têm obtido bons resultados durante as temporadas, é evidente que a participação dos pais neste ambiente é um componente presente e bem trabalhado.

Segundo a linha de raciocínio de Verardi e De Marco (2008), o incentivo e o acompanhamento dos pais para a prática esportiva de seus filhos constituem fatores geradores de prazer e de satisfação para as crianças e adolescentes, principalmente durante seus jogos.

Segundo Anderson, Funk, Elliot e Smith (2003), o suporte e incentivo oferecido pela família auxiliam o prosseguimento dos jovens em sua respectiva atividade. Côté e Hay (2002b), citados por Silva (2009), afirmam que este suporte se divide em: suporte emocional, suporte informativo, suporte tangível e o suporte de rede ou parceria. O suporte emocional envolve quatro dimensões diferentes: suporte durante eventos negativos, suporte durante eventos positivos, aumento da autoconfiança e suporte para a compreensão do indivíduo. O suporte informativo se caracteriza pelo fornecimento de orientações com a finalidade de solucionar eventuais problemas e desafios. O suporte tangível se refere a formas concretas de assistência, como o financiamento de viagens e equipamentos necessários à prática esportiva. Por fim, a parceria se caracteriza pela ocorrência de relacionamentos casuais que possibilitam a participação do indivíduo em atividades sociais e recreativas.

Côté (1999) aponta 3 estágios do contexto esportivo e relacionados à participação dos pais na vida esportiva de seus filhos: anos de experimentação, anos de especialização e anos de investimento. De acordo com Wolfenden e Holt (2005), citado por Silva (2009), a proposta de Côté (1999) considera que o envolvimento dos pais se modifica ao longo dos estágios de desenvolvimento.

Nos anos de experimentação, os pais desempenham um papel de liderança. Durante os anos de especialização, os pais desempenham um papel de facilitadores da participação esportiva do jovem. E nos anos de investimento, os pais fornecem o suporte necessário aos jovens, principalmente em termos emocionais.

No entanto, a presença familiar no cenário esportivo de seu filho representa uma elevada responsabilidade, pois o mesmo passa a fazer presença em meio ao público espectador, e caso participe exageradamente, o desempenho e o prazer pela modalidade, por parte do adolescente, podem ser prejudicados.

Todavia, pela ciência de que este tipo de público se faz presente, também é preciso que uma preparação seja feita para que se esteja motivado e concentrado para atuar em ambas as condições, com, ou sem, a presença familiar (ISLER, 2003).

A motivação é uma questão de suma importância,

no que se refere à prática de esportes. Assim sendo, conhecer a influência da motivação do público espectador, bem como sua influência sobre a atuação dos indivíduos, é importantíssimo não só para os psicólogos do esporte como também para atletas, técnicos, professores e pais (BRANDÃO e MACHADO, 2006).

Existem situações em que a presença da família propicia benefícios para a criança ou o adolescente, entretanto, Vilani e Samulski (2002) afirmam que a família também pode apresentar aspectos negativos ao desenvolvimento do desportista. Os autores ainda salientam que a alta exigência e cobrança dos pais podem promover uma atmosfera de regras rígidas e expectativas irreais.

Para Hellstadt (1995, p. 117), um ambiente familiar desorganizado causa relações interpessoais inadequadas, problemas de aceitação ao treinador e deficiência de controle interno e autodisciplina do atleta. Além disso, segundo o mesmo autor, a influência excessiva ou ineficaz (sub envolvimento) da família no esporte em questão pode ter um efeito altamente negativo.

Machado (2006) acredita que a escolha da atividade esportiva pela criança poderá ser também influenciada pela situação econômica dos pais, sendo esta situação diretamente ligada à classe social, cultura e relações profissionais apresentadas pela família.

Tendo em vista que elevada porcentagem do grupo abordado é correspondente à classe média, o aspecto financeiro, que poderia representar um estímulo para que o praticante se sentisse desequilibrado mentalmente, cujo reflexo naturalmente resultaria em queda na performance, não parece figurar como uma necessidade dentre os participantes deste estudo. No entanto, cabe ressaltar que tais motivações não foram averiguadas neste trabalho, portanto pode-se considerar que como em qualquer equipe, estão presentes os jovens que almejam a carreira no alto rendimento.

De acordo com Weinberg e Gould (2001, p. 488), “embora os comportamentos negativos dos pais nunca venham a ser completamente eliminados do esporte infanto-juvenil, muito pode ser conseguido educando os pais e melhorando as linhas de comunicação entre pais, técnicos e organizadores”. Este mesmo autor ainda destaca a dificuldade dos pais em compreender estas questões, “é fácil culpar os pais por ações inadequadas e por problemas em nossos programas. Infelizmente, entretanto, quando as crianças nascem elas não vêm com manual de instrução de envolvimento nos esportes, e a maioria dos pais teve pouco treinamento em como ter sucesso com os filhos no esporte”.

Considerando que os filhos veem os pais como referências a serem seguidas, a personalidade e o rendimento certamente serão influenciados pela convivência em casa, pela impressão e pelos princípios concedidos pelos familiares. Sendo estes valores, aspectos consideráveis, Silva (2009) afirma que o alcance de um desempenho superior é resultado de uma combinação de fatores que possibilitam condições propícias para que o atleta possa se aperfeiçoar constantemente, superando eventuais desafios que surjam. Considerando os resultados obtidos neste estudo e toda a influência que a família pode exercer no contexto esportivo de crianças e adolescentes, GORDILLO (1992:34; 2000:120) apresenta um programa de intervenção junto aos pais, dividido em dois níveis.

O primeiro nível corresponde à relação escola/clube – pais, onde são apresentados três objetivos, que deveriam ser

adotados desde o início do processo, ou seja, desde a inscrição no projeto esportivo, por meio de uma reunião individual ou com os pais:

- a) Informar sobre a escola e sua filosofia – apresentação do organograma e funcionamento do clube, filosofia de trabalhos e os objetivos em relação à formação da criança, dimensões pessoal, afetiva, esportiva, etc. Constitui o marco referencial para todo o trabalho futuro.
- b) Conscientizar sobre o que implica a prática esportiva do filho – informar e direcionar a uma reflexão sobre o que envolve uma prática esportiva em termos dos papéis fundamentais que os pais devem assumir. Questões como: “temos tempo para dedicarmos à prática de nosso filho? Podemos assumir o compromisso esportivo do nosso filho? Conhecemos os motivos de nosso filho para praticar esporte? Estamos preparados para admitir as limitações de nosso filho? Podemos oferecer ao nosso filho um modelo de comportamento “esportivo”? Podemos aceitar as derrotas e vitórias de nosso filho?” Ou seja, constitui um momento de alertar que a prática do esporte significa algo mais que está estabelecido, tanto na filosofia e objetivos da instituição, quanto nos interesses do atleta, e cabe aos pais compreender para saber como e quando apoiar seu filho.
- c) Comprometer os pais no projeto – “indicar a direção na qual os pais podem atuar e colaborar para conseguir os principais objetivos do programa esportivo”.
 1. Aprender a controlar as próprias emoções e favorecer emoções positivas nos filhos.
 2. Aceitar o papel do treinador.
 3. Aceitação dos êxitos e fracassos: estar orientado para a motivação e a melhora.
 4. Dedicção e interesses adequados.
 5. Manter uma boa comunicação com os filhos e ajudar para que tomem suas próprias decisões.
 6. Ser um modelo de alto controle.

O segundo nível corresponde às relações treinadores-pais. É esclarecido que o treinador deve abordar alguns assuntos em particular, como:

- Explicar as normas específicas da equipe, para que os pais colaborem em sua aplicação: alimentação, horas de descanso, comportamento dos jogadores, etc.
- O calendário de competições e a colaboração necessária por parte dos pais.
- Explicar os objetivos da equipe.
- Estabelecer pautas de comportamento dos pais, se necessário, para situações específicas: assistência e atitudes nos treinamentos ou partidas, etc.

De acordo com Vilani e Samulski (2002), Becker Junior e Telöken (2000a; 2000b), Gordillo (2000), Weinberg e Gould (2001) e Hanlon (1994), são evidenciadas neste momento, algumas sugestões para que o relacionamento entre filhos e pais sejam mais coerentes no contexto esportivo:

- Oportunizar, favorecer e encorajar a participação de seus filhos em diferentes modalidades esportivas. Após estas experiências, permitir a escolha pela própria criança sobre qual esporte, ou quais esportes ela irá praticar. É claro, que este tipo de conduta implica em grande esforço por parte dos pais, além de algumas renúncias da vida particular, como tempo, atividades próprias e em alguns casos financeiros.
- Ajudar o filho a decidir quais os níveis de compromisso poderá assumir. Isto dependerá de múltiplos fatores, como as oportunidades que a cidade onde residem oferece, as experiências dos pais nos esportes, a situação econômica, o envolvimento com outras atividades fora do esporte, etc.
- Estar certo de que os filhos estão praticando as atividades em um ambiente propício e saudável para seu desenvolvimento integral. Demanda para tanto, a compreensão da filosofia da instituição, e os consequentes valores ressaltados por esta.
- Construir a autoestima da criança, através da compreensão dos aspectos inerentes ao sucesso e fracasso, orientando-as para motivação e melhora.
- Ajudar a criança a determinar objetivos reais de desempenho.
- Aprender a controlar as próprias emoções e favorecer emoções positivas nos filhos.
- Entender quais os interesses e necessidade das crianças no esporte, criando um ambiente favorável para que alcancem seus objetivos.
- Estabelecer limites de participação das crianças nos esportes. Os pais devem determinar se as crianças estão aptas fisicamente e emocionalmente para participar e assegurar que as condições de jogo sejam seguras.
- Certificar se o treinador é qualificado para orientar a criança no esporte.
- Ajudar a criança a entender lições valiosas que o esporte pode proporcionar.
- Ajudar a criança a cumprir responsabilidades com o time e o treinador.
- Aceitar o papel do treinador.

Todos estes aspectos são essenciais se pretendemos criar o melhor ambiente possível para o desenvolvimento da criança no esporte. Os estudos acerca do “expert” no esporte apontam que os pais de atletas de alto nível em vários momentos da carreira do atleta envolvem-se de forma adequada no sentido de apoio e da busca do melhor, mais saudável e propício ambiente de desenvolvimento esportivo para seu filho. É necessário compreender que existe uma estrutura multifatorial, que caso não esteja sistematicamente planejada, dificilmente será passível do devido controle e da otimização do desenvolvimento de todas as capacidades esportivas do atleta (VILANI e SAMULSKI, 2002).

Durand-Bush e Salmela (2002) apontam aspectos de relevância para o desenvolvimento do expertt: (a) treinamento; (b) técnicos/treinadores; (c) satisfação com a atividade; (d) recuperação física; (e) idade; (f) atributos e habilidades psicológicas; (g) habilidades inatas; e (h) suporte proporcionado pelos pais.

Contudo, “destaca-se a importância do desenvolvimento de sentimentos de competência, que funcionam como motivadores para que o jovem atleta continue a sua prática esportiva e se esforce cada vez mais para desenvolver suas habilidades e melhorar o seu desempenho” (Sosniak, 1985b).

Devemos também considerar que a família passa a maior parte dos dias com

o praticante esportivo, enquanto o grupo composto por profissional e companheiros só possui um contato mais próximo em duração e dias reduzidos. Portanto, a influência familiar tem um maior impacto na ideologia e nas atitudes do filho, e por isso se dá a importância em utilizar os parentes de modo que os pontos positivos possam ser conquistados mais facilmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste grupo, a família acompanha a prática esportiva do filho com ideal presença, proporcionando uma influência positiva na participação e no rendimento do mesmo.

É evidente que esse apoio é positivo, mas vale ressaltar que uma postura de tranquilidade por parte dos familiares é de essencial relevância.

Também para este grupo, os valores da família são trabalhados e evidenciados de forma predominante, o que é de essencial importância para a prática esportiva do filho, e conseqüentemente para sua continuidade, o seu desenvolvimento, e as suas atitudes na prática da modalidade e também fora dela.

De acordo com Weinberg e Gould (2001:487) “o desafio para pessoas envolvidas com esportes juvenis é identificar as formas precisas com que os pais podem afetar positivamente a experiência das crianças e encorajá-los a empregarem essas práticas. Simultaneamente, devemos identificar ações negativas e facilitar os esforços para eliminá-las”.

Neste aspecto surge de modo essencial a necessidade do professor, ou no caso treinador, em conhecer cada jogador ou aluno de seu grupo, visto que o modo de pensar, agir e também reagir varia de uma pessoa para outra, considerando que alguma iniciativa que é benéfica para um, pode não ser da mesma forma para o seu colega.

Tendo conhecimento dos efeitos que a presença familiar pode ocasionar ao seu respectivo filho, o líder deve ter consciência disso e agir à favor dos benefícios, reduzindo a oportunidade de ocorrência de conseqüências prejudiciais.

O profissional de Educação Física precisa, inclusive preocupar-se em familiarizar os atletas com os potenciais adversários, descrevê-los de forma realista, apontando seus pontos fortes e fracos, salientando as estratégias do confronto. O importante não é ser um adversário forte ou fraco, o treinador deve valorizar as metas que tenham a ver com o desempenho dos atletas e nunca com o resultado final a todo custo (GOLDBERG, 1997; RICHARDS, 1998).

O modelo de intervenção apresentado anteriormente surge como uma ferramenta de elevada utilidade, por abordar uma extensa variedade de acontecimentos e condicionar a uma prática efetiva, cujo espaço para complicações torna-se reduzido. Tais atitudes refletem uma transparência do trabalho que facilita muito na identificação, avaliação, compreensão e solução de vários problemas que possam surgir no ambiente esportivo da criança.

Consideramos que tanto o clube, quanto o treinador deveriam sistematizar não só estas relações, como também outros procedimentos em termos dos colegas, tratamento com os árbitros, dirigentes, torcedores, etc. Neste contexto, cabe ao Psicólogo do Esporte ajudar no estabelecimento de diretrizes junto ao clube e aos técnicos que envolvam as especificidades dos objetivos e a própria filosofia do trabalho (VILANI e SAMULSKI, 2002).



REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.M.L.S. **Criatividade e educação de superdotados**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ANDERSON, J.C.; FUNK, J.B.; ELLIOTT, R. & SMITH, P.H. Parental support and pressure and children's extracurricular activities: Relationships with amount of involvement and affective experience of participation. **Applied Developmental Psychology**, v. 24, pp. 241-257, 2003.
- BECKER JUNIOR, B.; TELÖKEN, E. A Criança no Esporte. In BECKER JUNIOR (org.) **Psicologia Aplicada à Criança no Esporte**. Novo Hamburgo RS: EDELBRA, p. 15-30, 2000a.
- BECKER JUNIOR, B.; TELÖKEN, E. A Criança no Esporte. In BECKER JUNIOR **Manual de Psicologia do Esporte e Exercício**. Novo Hamburgo RS: EDELBRA, p. 131-157, 2000b.
- BRANDÃO, M.R.F.; MACHADO, A.A. Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 3, p. 262-268, 2006.
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in Sport. **Sport Psychologist**, v. 13, pp. 395-417, 1999.
- CÔTÉ, J. & HAY, J. Children's involvement in sport: A developmental perspective. Em J.M. Silva & D.E. Stevens (Orgs.), **Psychological foundations of sport**, Boston, MA: Allyn and Bacon, pp. 484-502, 2002a.
- CÔTÉ, J. & HAY, J. Family influences on youth sport performance and participation. Em J.M. Silva & D.E. Stevens (Orgs.), **Psychological foundations of sport**. Boston, MA: Allyn and Bacon, pp. 503-519, 2002b.
- DRILL, K.L.. Developing athletic talent through participation in youth sports. Em P. Olszewski-Kubilius, L. Limburg-Weber & S. Pfeiffer (Orgs.), **Early gifts: Recognizing and nurturing children's talents (pp. 139-156)**. Waco, TX: Prufrock Press.
- DURAND-BUSH, N. & SALMELA, J.H. The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and Olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, pp. 154-171, 2002.
- FILHO, P.L. & BÖHME, M.T.S. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: um estudo de revisão. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 15, pp. 154-168, 2001.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1993.
- GOLDBERG, J. P. **Psicologia da agressividade**. São Paulo: Editora ICC, 1997.
- GORDILLO, A. Intervenção com os Pais. In BECKER JUNIOR (org.) **Psicologia Aplicada à Criança no Esporte**. Novo Hamburgo RS: EDELBRA, p. 119-132, 2000.
- GORDILLO, A. Orientaciones Psicológicas em La Iniciación Deportiva. **Revista de Psicología Del Deporte**, v.1, p. 27-36, 1992.
- HANLON, T. **Sport Parent American Sports Education Program**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.
- HELLSTADT, J.C. Invisible Players: A Family Systems Model. In MURPHY, S.M. (Editor) **Sport Psychology Interventions**. Champaign, IL: Human Kinetics, pp. 117-146, 1995.



- ISLER, G. L. **Atleta, como seus pais o motivaram para a prática esportiva? Análise das histórias de vida.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.
- KALINOWSKI, A.G. The development of olympic swimmers. Em B.S. Bloom (Org.), *Developing talent in young people* (pp. 139-192). New York: Ballantine, 1985.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte:** da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. ?
- PASQUALI, L. Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. Em L. Pasquali (Org.), **Instrumentos psicológicos:** manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/IBAPP, pp. 37-71, 1999.
- RICHARDS, J. **Las influencias exteriores en el deportista.** Madrid: Teleña, 1998.
- SILVA, P.V.C. **Fatores Familiares Associados ao Desenvolvimento do Talento no Esporte.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, março, 2009.
- SILVA, P.V.C.; FLEITH, D.S. Fatores familiares associados ao desenvolvimento do talento no esporte. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.3, n. 4, janeiro/junho, pp. 19-41, 2010. Páginas
- SOSNIAK, L.A. A long-term commitment to learning. Em B.S. Bloom (Org.), **Developing talent in young people** (pp. 477-506). New York: Ballantine, 1985b
- TSCHERWIKOWA, O. A. **Sport psychology.** New York: Academic Press, 2005.
- VERARDI, C.E.L.; DE MARCO, A. Iniciação esportiva: a influência de pais, professores e técnicos. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v.4, n.2, pp. 102-123, julho/dezembro 2008. Páginas
- VILANI, L.H.P.; SAMULSKI, D.M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI GARCIA, E.; LEMOS, K.L.M. **Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes.** Belo Horizonte: Editora Health, p. 9-26, 2002.
- WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**, 2. ed, Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- WOLFENDEN, L.E. & HOLT, N.L. Talent development in elite junior tennis: Perceptions of players, parents and coaches. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, pp. 108-126, 2005.



ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM ADOLESCENTES ESPORTISTAS: CONSTATAÇÕES

CAMARGO, H. M. D. ; MACHADO, A. A., ROLIM, R. M., MORÃO K. G.
(UNESP-LEPESPE- IB- DEF; São Paulo/ Brasil)

INTRODUÇÃO

Elevado índice de lesões somáticas e transtornos mentais são características psicológicas do esporte competitivo que carecem de um estudo pormenorizado. Uma revisão de literatura embasou a pesquisa de campo que possibilitou categorizar alguns comportamentos de atletas de Voleibol masculino, posteriormente analisados na pesquisa de campo. Análise dos estudos de GUAY (1998), MACHADO (1995), SERPA (1998) e DURANT (1998) favoreceram os levantamentos de dados, possibilitando a realização de comparações e correlações de dados, conforme resultados encontrados.

A PSICOLOGIA NO ESPORTE

Os hábitos de vida e a adaptação social do atleta ao meio são fatores a considerar no seu rendimento. Uma avaliação psicológica deve ser procedida constantemente, visando um desenvolvimento harmonioso da personalidade do esportista. Tendo o treinador um papel fundamental onde lhe cabe evitar ou sanar os problemas extrínsecos os quais, muitas vezes, arruinam a performance de elementos em perfeitas condições físicas, técnicas e táticas (MACHADO, 1995).

O problema básico diz respeito à competição e à performance, devendo o educador fazer um grande esforço para tornar claro ao competidor o seu verdadeiro significado (CAILLOIS, 1993). Um fato digno de registro é a quantidade de pessoas, nas mais variadas faixas etárias, que abandonam a prática esportiva. Este fato pode revelar certa impotência pessoal ao não atingir as performances exigidas pelo treinador, pode ser o resultado das síndromes do sucesso ou do fracasso, ou ainda pelo fato das práticas não corresponderem às necessidades, desejos e interesses do praticante (BANDURA, 1986).

EMOÇÕES

Algumas pessoas colocam-se na posição de que a emoção é um processo inteiramente distinto da motivação, outras afirmam que as emoções são classes de motivos, outras definem a emoção subjetivamente em termos dos sentimentos experimentados pelo indivíduo. Ainda há as que vêem as emoções como transformações físicas do corpo (CRATTY, 1994).

Há divergências entre autores quando se trata das causas que geram as emoções e seus resultados. Há os que destacam a reação como componente principal da emoção e os que destacam as percepções das situações ou os efeitos da emoção sobre o comportamento normal.

As emoções são despertadas por uma grande variedade de padrões de estímulos inatos, de estímulos aprendidos e de situações sociais. O medo pode ser gerado por quase todo estímulo súbito e intenso, que cresce em número e complexidade à medida que subimos na escala evolucionária. A ira é outra emoção que pode ser gerada por certas situações numa base inata. Os sentimentos coléricos são muitas vezes associados à agressividade, mas que podem ocorrer independentemente.

As pessoas assoberbadas com emoções contidas, geralmente vivem num cansaço contínuo, dissimulando que estão fazendo alguma coisa que pensam ser inaceitável. A vida emocional destas pessoas é tão vigiada que elas não vêem o mundo tal como ele é. Elas pensam que é o mundo lá fora que as deixam tão tensas e nervosas, quando na verdade o problema se origina dentro delas.

Livrar-se de dívidas emocionais e permanecer aberto são os objetivos de todos os que querem se libertar do fardo deformante das expectativas irreais nascidas em seu passado. Não importa quão terrível tenha sido a sua vida em seu passado, ou quão rígida tenha sido sua formação, existe muita base para ter esperança de desenvolvimento se você puder aprender e aceitar seus sentimentos e parar de pedir desculpas por causa deles (RICHARDS, 1998).

INFLUÊNCIAS EXTERNAS SOBRE O ATLETA

Como foi visto no livro de Psicologia do Esporte, organizado por MACHADO (1997), existem influências exteriores exercendo um papel determinante sobre a conduta emocional e motora do atleta que não podemos ignorar. Outras fortes influências descritas a seguir são fatos descritos por MACHADO (1997) como principais interferências na carreira atlética de um indivíduo podendo ser positiva ou negativa: os pais, geralmente a fonte mais direta de influência exterior dependendo da classe socioeconômica, religião, cultura, educação, experiências esportivas anteriores, etc., pais superprotetores caracterizados pelo excesso de atenção tornando o seu filho tímido, retraído, com dificuldade de aprender e se adaptar aos colegas ou aceitar o público.

E mais: pais autoritários demasiadamente punitivos deixando o seu filho com tendências a complexo de inferioridade e expectativa ao fracasso; *um parente atleta* visto como elemento de comparação pode tanto ser um estímulo positivo como negativo; *namoradas ou noivas* também podem ser os dois tipos de influências, podem apoiar o atleta na vitória e na derrota ou sentir-se em segundo plano; as esposas preocupadas com a segurança, pois a carreira esportiva é muito vulnerável, enfim, os companheiros, a imprensa, fãs, professores e técnicos são fortes elementos alteradores de comportamento do atleta em uma competição ou temporada de treinamento.

SERPA (1999) relata que as habilidades atléticas que requerem coordenação complexa entre precisão e concentração, podem ser facilmente prejudicadas pela presença de observadores, até mesmo quando bem aprendidas.

EFEITO DA EMOÇÃO SOBRE O COMPORTAMENTO

Uma emoção é provocada por um estímulo externo. Alguns teóricos mantêm que a emoção difere da motivação porque a primeira exerce um efeito perturbador e desorganizador sobre o comportamento. Outros mantêm que a emoção pode organizar o comportamento tanto quanto um motivo. Também é possível que as emoções e motivos impliquem efeitos organizadores e desorganizadores.

A lista de sentimentos e reações que incluímos no termo emoção é quase infinita, sendo algumas delas negativas como o medo, ira, ansiedade, violência, angústia, horror, terror, aversão, tédio, desânimo etc.; e positivas como o amor, alegria, exaltação, êxtase, prazer e felicidade (JOLIBOIS, 1999). Evidentemente que a lista poderia alongar-se infinitamente dependendo da aptidão introspectiva de cada um.

Alguns partem do princípio de que existem oito reações básicas: pressentimento, ira, alegria, consentimento, surpresa, medo, pesar e repulsa (GOLDBERG, 1991). A complexa experiência emocional, nos adultos, é alcançada através de uma mistura dessas oito reações básicas e cada reação emocional primária pode variar de intensidade, agradabilidade e ou desagradabilidade produzindo diversas tonalidades de experiências emocionais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Baseado nos critérios da pesquisa qualitativa, do tipo participante, a população pesquisada foi de 126 esportistas universitários, de futebol de campo, basquetebol, handebol e voleibol, masculino, idades entre 17- 23 anos. Por meio de questionário (de perguntas semi- estruturadas) com 20 perguntas, em que se permitiu responder mais de uma indagação; sondou-se a frequência, tipo e incidência de tensões psicológicas em cada momento da competição; indagou, ainda, a prática psicológica adotada como preparação. Para análise dos resultados encontrados, optou- se pela categorização, que permite aglutinar sintomatologias de um mesmo fenômeno.

RESULTADOS

Na população pesquisada, de 126 esportistas universitários, indagou-se a prática psicológica adotada como preparação: do universo investigado foi constatado que 73% dos pesquisados não receberam o preparo psicológico, por desconhecimento de seus técnicos; 12% dos técnicos são adeptos de mentalização, relaxamento e treinamento autógeno.

Os profissionais que atuam com estes atletas, no universo profissional da Psicologia do Esporte, compõem um universo de 32% de psicólogos, 48% de professores de educação física, 12% de fisioterapeutas, e 8% de leigos. Assim, através de questionários de questões semi estruturadas com atletas, foram categorizados os sintomas de agressividade e ansiedade, alteração de apetite e sono, dificuldade de concentração, enjões constantes, irritabilidade, angústia, apatia

e outros problemas emocionais menos freqüentes entre atletas deste esporte competitivo, em momentos anteriores, durante e logo após jogos.

Independente do nível da equipe a que pertencem, notamos que algumas indisposições psicológicas são mais evidentes. O medo do erro técnico ou tático assume a liderança neste caso; no entanto, não temos clareza se tal medo é um fator diferente da sensação má de não atingir as expectativas ou decepcionar os colegas, que ocupam a segunda posição. Pensamentos depressivos, estresse e confusão mental são indicadores que merecem destaque, pela gravidade do quadro que os origina e em que podem culminar:

%	Tipo de transtorno psicológico
66	Medo de cometer erros
58	Não atingir as próprias expectativas
57	Medo de decepcionar seus colegas e/ou técnicos
32	Pensamentos depressivos e sentimentos de inferioridade
29	Stress pelo excesso de treino
18	Agitação; confusão mental; lentidão de pensamento

Ainda diante deste quadro, podemos associar outros elementos: o medo de cometer erros, o fato de temer não atingir as próprias expectativas e de decepcionar os colegas e técnico, por si só, configura o quadro de sentimento de inferioridade, uma vez que denota a possibilidade, ainda que remota, do insucesso. Analisando do ponto de vista que uma situação favorável pressupõe um bom nível de autoestima, tal associação nos indica o oposto: um baixo nível de autoestima e uma perspectiva de autoanálise depreciativa.

Durante partidas decisivas, os atletas mencionam sentir variados tipos de transtornos, mas acreditamos que o “medo de vencer” venha a ser aquele que merece destaque. Equipes olímpicas, em pesquisas realizadas por Martens (1996) indicaram a niquefobia como um fator limitante de sua performance; aqui, a ansiedade e a insegurança podem levar ao colapso cognitivo que antecede o medo de vencer.

%	Tipos de transtornos
56	Medo de derrota
47	Ansiedade e impossibilidade de mudar o pensamento
31	Raiva; rancor; ódio
27	Insegurança
06	Medo de vencer

Um adequado trabalho em relação ao nível de ansiedade destes atletas poderia minimizar algumas arestas debilitadas que se apresentam. Os transtornos apontados pelos atletas demonstram uma origem quase que exclusiva para todos eles, visto o fato de incidirem, ao mesmo tempo, num mesmo lugar: os medos, a raiva, a insegurança e o descontrole cognitivo apenas completam o quadro ansiolítico.

Os atletas tem claro o tipo de profissional que pode ajudá-los no preparo para as competições, ainda que não disponham de suas ajudas ou de seu trabalho. Ainda hoje, muito mais do que o preparo psicológico, grandes equipes preferem ampliar seu quadro de profissionais contratando fisiologistas, preparadores físicos, nutricionistas, massagistas, ao invés de se preocuparem com a visão integral do homem em treinamento. Mantém um discurso que atende às necessidades deste atleta completo, porém atendem-se às preocupações físicas e fisiológicas, apenas.

Em conversas com dirigentes e técnicos, pode-se perceber que a crença de que o estado fisiológico controla os demais é absoluta. No entanto, estudos apontam que o estado emocional completa e dá suporte para uma equilibrada atuação. E, junto com o fisiológico, garante a adequabilidade funcional do atleta. No entanto, para os esportistas, o profissional que pode ajudá-los, nesta situação é:

%	Profissional
47	Psicólogo do esporte
43	Técnico esportivo
21	Médico da equipe
7	Fisioterapeuta
2	Psicólogo

Esta pergunta permite-nos compreender que a figura do psicólogo, mesmo que do esporte, é algo que causa estranheza aos meios esportivos: ele aparece quando as mentes não estão boas, ele só vem para ajudar os “malucos”, entretanto, as funções múltiplas deste profissional parecem ser distribuídas mais amplamente, favorecendo uma ordenação nos estados de humor e cognitivo, possibilitando novas formas de interações sociais e maior conhecimento dos limites individuais e do grupo, possibilitando as transformações, sempre necessárias, em qualquer espaço e tempo. É necessária uma mudança nesta postura, no mundo esportivo, se acreditarmos na evolução da ciência do esporte, tal como se configura modernamente.

CONCLUSÃO

Preliminarmente assume-se a conclusão da necessidade de maior interferência da Psicologia do Esporte na prática do esporte de alto nível, bem como da maior divulgação de seus estudos e práticas no meio esportivo. Tais constatações servirão como norteadoras para a comissão técnica da modalidade, pensando numa melhor preparação esportiva e facilitarão na percepção de que a preparação psicológica ainda não é adequadamente empregada e que os profissionais do esporte competitivo ainda não se planejam suficientemente para atender a demanda causada pelos transtornos emocionais próprios ou consequentes da competitividade, comprometendo o resultado final de seu grupo.

Isto apenas reforça, preliminarmente, que a Psicologia do Esporte demanda de tempo e melhor abordagem por parte dos seus profissionais atuantes, de modo a desvendar sua real utilização: o equilíbrio e a possibilidade de interação constante. A necessidade de se entender a saúde em sua totalidade parece distante de



analisada pelos profissionais do esporte, dificultando um sadio desenvolvimento psicológico.

Claro fica que, como se apresenta, a comissão técnica necessita reformular os objetivos de seu grupo e tentar equacionar seus trabalhos de modo a reverter este quadro: os aspectos psicológicos ocupam lugares de primeira grandeza, num treinamento esportivo, em especial para que seus atletas possam se autoconhecer e a seu grupo, além de poderem operacionalizar mudanças importantes para si e seu grupo, em momentos competitivos, inclusive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1986.
- CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes**. Paris: Folio Essais, 1993.
- CRATTY, B.J. **Psychologie et activité physique**. Paris: Seuil Éd., 1994.
- DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DURANT, M. **El niño y el deporte**. Madrid: Ediciones Paidós, 1998.
- GOLDBERG, J.P. **Psicologia da agressividade**. São Paulo: Editora ICC, 1991.
- GUAY, H. **La culture sportive**. Paris: PUF, 1998.
- JOLIBOIS, R.P. **L'initiation sportive, de l'enfance à l'adolescence**. Tournai: Casterman, 1999.
- MACHADO, A.A. **Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Fontoura, 1997.
- RICHARDS, J. **Las influencias exteriores en el deportista**. Madrid: Editorial Teleña, 1998.
- SERPA, S. Psicologia social do desporto: evolução e perspectivas. In: **Actas**. Portugal: Universidade do Porto, Vol.1, p.146-168, 1999.
- SZABO, D. **El adolescente y la sociedad**. Madrid: Herder, 1995.
- WILLIAM, R.M. **Sport and culture: a psycho-sociological interpretation**. New York: Knof, 1998.

ANÁLISE DAS VARIÁVEIS MOTIVACIONAIS (SAÚDE E ESTÉTICA) DE ATLETAS PÓS-LESÃO NA MODALIDADE ESPORTIVA VOLEIBOL

*RIBEIRO, L.B.; SCHIAVON, M.K.; DE OLIVEIRA, V.; MACHADO, A. A.
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP*

Introdução

A motivação pode ser considerada uma importante variável a se estudar na área da Psicologia do Esporte, uma vez que esta influencia o indivíduo de diversas maneiras. Segundo Weinberg e Gould (2001), a motivação coordena e dirige à intensidade e direção que as pessoas empenham em determinadas situações, e vários fatores são interferentes nessa motivação tanto os fatores internos quanto os externos.

Existem várias teorias que estudam a motivação como: a Teoria da necessidade de realização por McClelland (1961) e Atkinson (1974); a teoria definida por Bandura (1990, 1993, 1995), das crenças e julgamentos que a pessoa faz de si; a teoria da motivação correspondente a percepção de competência pessoal por Harter (1978) entre outras diversas outras ainda estudadas. Porém neste trabalho será enfatizada a teoria da autodeterminação de Deci e Ryan (1985) que o indivíduo pode se sentir motivado de maneira intrínseca ou extrínseca, e amotivada a determinadas situações (BALBINOTTI; CAPOZZOLI 2008, BALBINOTTI et.al, 2011). Dessa forma as experiências anteriores dos indivíduos exercem grande influência na motivação que este apresentará em novas situações.

Importante destacar que a motivação extrínseca pode não ser um comportamento negativo, e esses motivos podem possuir determinados graus de autonomia, porém os fatores intrínsecos são exclusivamente autodetermináveis (BALBINOTTI; BARBOSA, 2008).

Os atletas estão em constantes situações de vulnerabilidade e com isso precisam manter um preparo físico e psicológico em equilíbrio. Quando este não se adapta ou consegue um equilíbrio perante os desafios, começam a surgir diversos problemas sendo um deles a lesão esportiva. As lesões são fatores influentes no esporte que podem levar o atleta a abandonar a sua rotina diária, trazendo diversos fatores desfavoráveis juntos a essa lesão.

As causas das lesões são diversas e podem acontecer em diferentes intensidades e variações influenciando de forma significativa na recuperação da lesão. Assim o objetivo deste estudo foi avaliar a motivação de atletas de voleibol que sofreram algum tipo de lesão.

Procedimentos metodológicos

Foi realizada uma pesquisa experimental/netnográfica, pelo Google Docs, para entrevistar indivíduos atletas e ex-atletas de voleibol avaliados de ambos os sexos. Na pesquisa constavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Inventário de Motivação para a Prática Regular de Atividade Física -

IMPRAF- 54 que é um inventário que avalia 6 dimensões associadas à motivação para a realização de atividade física regular.

Este inventário contém 54 itens agrupados de seis em seis, sendo estes: controle de estresse, saúde, sociabilidade, competitividade, estética e prazer. As respostas foram dadas conforme uma escala bidirecional, do tipo Likert, graduada em 5 pontos, sendo (1) “isto me motiva pouquíssimo” a (5) “isto me motiva muitíssimo”. Este trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado que foram utilizados apenas parte dos dados coletados e as dimensões analisadas foram saúde e estética.

Como critério de inclusão para pesquisa os indivíduos deveriam ser atletas ou ex-atletas de voleibol e ter sofrido alguma lesão.

Resultados

Foram avaliados 32 indivíduos atletas com uma média de idade de $(37,06 \pm 10,2)$. Deste total, 25 (78,12%) eram mulheres e 7 (21,88%) eram homens.

Tabela 1: Perfil dos indivíduos avaliados quanto ao gênero.

Gênero	Feminino	Masculino
Valores (n)	25	7
Valores (%)	78,12	21,88

De acordo com os dados coletados os atletas se sentem motivados em cuidar da saúde manter um cuidado com a estética. A tabela 2 evidencia que os indivíduos avaliados que estão lesionados ou sofreram alguma lesão apresentam valores positivos quanto a motivação.

Tabela 2: escalas (saúde e indivíduos	Escala motivacional	Saúde	Estética	Valores das motivacionais estética) dos avaliados.
	Média total	36,06	28,62	
	Desvio padrão	8,86	9,61	

Discussão

A inserção do atleta no esporte apresenta elevados níveis emocionais, despertando variações de sentimentos. Muitas situações de enfrentamento são comuns no esporte e apresentam respostas diversificadas em cada indivíduo.

Muitos fatores aumentam a vulnerabilidade a lesões como a debilidade do sistema imunitário, desvio de atenção, o cansaço e o esgotamento apresentado, as atitudes agressivas e as situações de fuga que o atleta vai apresentando (BUCETA; BUENO, 1995).

Ao surgir a lesão o atleta passa por muitas fases emocionais sendo estas: a

negação, situação na qual ele não aceita e não acredita que aconteceu a lesão com ele, a raiva que o torna agressivo, na negociação ele busca negociar consigo mesmo tentando recuperar o mais rápido possível mascarando sua situação real, depois vem a depressão por ter incerteza de seu futuro, e ao final vem a aceitação da lesão e que precisa da reorganização para um possível retorno às atividades (VELOSO; PIRES, 2007).

As modalidades esportivas levam o indivíduo a apresentar elevados níveis emocionais e com isso desperta diversos tipos de sentimentos. Uma mesma situação no esporte pode ser encarada de diversas maneiras por indivíduos com suas características pessoais específicas, estes nunca reagirão da mesma forma, fazendo parte das especificidades de cada pessoa (MACHADO; BRANDÃO, 2006).

Outro ponto importante a destacar é a personalidade, as experiências subjetivas e os recursos de enfrentamento que influenciam na resposta ao estresse sofrido, vindo esses associados ou separadamente. Brandão e Machado (2008) ainda afirmam que o tipo, a intensidade e a resposta às lesões dependem das variáveis psicossociais.

Quando chega a fase de tratamento, as lesões precisam ser acompanhadas por equipes interdisciplinares como médicos, fisioterapeutas, psicólogos e educadores físicos, nos quais deverão fazer sua intervenção de maneira adequada e no momento certo, ajudando o indivíduo/atleta a retornar ou não a suas atividades cotidianas o mais breve possível (BUCETA; BUENO, 1995).

Conclusão

Pode-se concluir analisando esses dados, que apesar dos atletas avaliados terem sofrido lesões e possíveis fatores psicológicos em desequilíbrio se preocupam em manter uma boa estética e buscam uma boa saúde. Com isso confirmamos a importância do trabalho de manter o equilíbrio psicológico em condições de estresse físico/psicológico, pois o resultado final de recuperação do tratamento e volta às quadras será facilitado.

Referências Bibliográficas

- BALBINOTTI, M. A. A.; CAPOZZOLI, C. J. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.22, n.1, p.63-80, jan/mar, 2008.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L.; BALIBINOTTI, C. A. A.; SALDANHA, R. P. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório. **.Net**, Natal, jan/abr. 2011. Estudos de Psicologia. Disponível em: www.sielo.br/epsic. Acesso em: 16 de outubro 2012.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L. Análise da consistência interna e fatorial confirmatório do IMPRAFE-126 com praticantes de atividades físicas gaúchos. **Psico-USF**, Itatiba, v.13, n.1, p.1-12, jan/jun, 2008.
- BANDURA, A. Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. **Educational Psychologist**, Edinburgh. v. 28, p. 117-148, 1993.



V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.



- BANDURA, A. Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. **Journal of Applied Sport Psychology**, Philadelphia, v. 2, p. 128-163, 1990.
- BANDURA, A. **Self-efficacy in changing societies**. New York: Cambridge University Press, 1995.
- BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício**: Aspectos Psicológicos do Rendimento Esportivo, v.2, Atheneu, São Paulo, 2008.
- BUCETA, J. M.; BUENO, A. M. **PSYCOLOGIA Y SALUD**: control del estres y transtornos asociados. Buenos Aires. Dykinson. 1995.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic Motivation and self-determination in human behavior**: Plenum, 1985.
- HARTER, S. Effectance motivation reconsidered: toward a developmental model. **Human Development**, Basel, v. 1, p. 34-64, 1978.
- MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. G. Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas. **Motriz**, Rio Claro, v.12, n.3, p.262-268, set/dez, 2006.
- MCCLELLAND, D. **The achieving society**. New York: Free Press, 1961.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. ed. Artmed. Porto Alegre. 2001.

ANÁLISE DE COMPATIBILIDADE ENTRE TREINADORES E ATLETAS INFANTO-JUVENIS DE TAEKWONDO

*ROLIM, R.M., ARONI, A.L., BAGNI, G., GONÇALVES, L.F., MACHADO, A.A.
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP*

Introdução

O contexto esportivo é cercado por questões psicológicas que podem ajudar ou prejudicar o rendimento de um atleta e, conseqüentemente, da equipe, quando se trata de um esporte coletivo. Este trabalho buscou analisar a compatibilidade entre treinadores e atletas masculinos infanto-juvenis no taekwondo.

O relacionamento entre treinadores e atletas precisa se manter instável para que consigam realizar os objetivos ou metas traçadas. Tem-se refletido muito sobre a fundamental importância dos treinadores nas diversas modalidades esportivas. Sua posição central tem ocupado bastante espaço e sendo cada vez mais responsável em organizar e colocar em prática os planos elaborados para os seus atletas.

É o treinador que toma as principais decisões, pois, além de atuar diretamente com os atletas, com seus desempenhos, ações, comportamentos e evoluções, os treinadores influenciam, também, na maneira com que os esportistas enxergam o esporte e todas suas nuances, dentro e fora do contexto do esporte.

O atleta é o protagonista da atuação, o personagem principal. E para alcançar o sucesso necessita de preparação e muito treinamento, elaborado com antecedência, dedicação e profissionalismo, por toda a comissão técnica, para que o trabalho seja contínuo e progressivo, tendo bem estabelecidas as metas a serem alcançadas (SANTOS, 2000).

Justificativa

Esse estudo se faz importante pela busca de um melhor entendimento da relação treinador e atletas no contexto esportivo, particularmente, com esportes individuais e usando como referência atletas masculinos infanto-juvenis de taekwondo.

O trabalho com adolescentes precisa ser olhado em diferentes aspectos, analisando o período de transição para a fase adulta e uma personalidade ainda em formação. É o momento do desenvolvimento humano caracterizado por desacertos orgânicos, desvios de conduta e sociais, bem como desencontros psicológicos. Há, nesta etapa evolutiva, uma elevação nas emoções sentidas pelos atletas, cuja intensidade guarda uma estreita relação de proporcionalidade com o estresse determinado pelas mudanças e pela magnitude das pressões ambientais. E essa emoção, se de um lado pode ser força altamente positiva, por outro pode transformar-se num fator destrutivo e desintegrador (CAVALCANTI, 1988).

Em virtude desse público alvo da pesquisa ser infanto-juvenil, observamos como fundamental a participação do treinador na formação do cidadão e do atleta, que passa a ter referências em vários âmbitos em que vive, estando o técnico inserido nesses modelos de conduta.

O entendimento da efetividade e da participação do treinador como um

membro que tem ideias compatíveis com a dos seus atletas, seja no comportamento e nas metas, são observados nesse estudo, tratando esses aspectos como imprescindíveis na relação treinador-atletas.

Revisão de literatura

A relação entre treinador e atleta é bastante complexa. O mesmo profissional pode lidar bem com alguns e, no mesmo contexto, ter um mal entendimento com outros. As características, vivências e experiências de cada membro do par educacional podem influenciar no processo de confiança entre as partes, que pode gerar conflitos ou aproximações mútuas. Sendo assim, "...temos que reforçar que teremos habilidades diferentes em cada uma das situações vividas na ação, já que cada uma delas tem constrangimentos diferentes, em momentos diferentes. Em função desta regra, cabe a ideia de que a especificidade do treino somente será eficiente se houver uma ligação entre informação e movimento" (MACHADO E ARAUJO, 2010).

O treinador representa para o atleta uma referência determinante das suas emoções, cognições e comportamentos. O praticante procura nele a segurança de que carece num contexto caracterizado pela instabilidade e incerteza. Todavia, a história pessoal do treinador, leva-o a viver igualmente as profundas emoções decorrentes do significado psicológico que a situação desportiva e o discípulo têm para ele, devendo corresponder à exigência que o atleta implicitamente lhe faz, de controlar os afetos para poder ser elemento estabilizador da díade. Neste mesmo sentido atua o envolvimento social e a sua própria representação do papel a desempenhar, associados ao estereótipo de treinador firme, seguro e emocionalmente estável (SERPA, 2002).

Ainda, conforme Machado e Araujo (2010) "a impressionante capacidade de estabelecer relações entre as partes do sistema, de modo estável ou instável, possibilita (ou não) um ajuste e adaptação entre as partes, num processo denominado auto-organização". Desta forma, somos sabedores de que este processo é o ponto máximo que cada profissional do esporte busca desenvolver em seus comandados, e "para isso, o trabalho deve sempre considerar três questões imprescindíveis para a teoria: a tarefa, o praticante e o envolvimento" que, de uma maneira equilibrada e uníssona possibilitará a adequação e o movimento em busca do objetivo, em qualquer modalidade esportiva.

O estabelecimento de interações adequadas com os atletas pode fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso desportivo. Neste sentido, torna-se fundamental que o treinador domine as competências de atendimento (ex: saber ouvir e escutar, demonstrar que "está com o outro", etc.), as competências não verbais (ex: postura corporal, expressões faciais, gestos, etc.) e as estratégias de resolução de conflitos, uma vez que estes três domínios representam condições fundamentais nos processos de influência das outras pessoas (GOMES, 2011).

A compatibilidade entre treinador e atleta é construída com o passar dos treinos e competições, a cada momento vão criando vínculos que podem ser afetivos ou aversivos, e esses sentimentos são flexíveis na medida em que a relação se torna oscilante, havendo momentos de aproximação contínua e em outros por razões diversas podem ser desagradáveis, afastando as partes e prejudicando o rendimento.

As metas e prioridades que o treinador promove, as

atitudes e valores que transmite e a natureza de suas interações com os atletas, podem influenciar significativamente os efeitos da participação de crianças e adolescentes no esporte e, até mesmo, a manutenção delas na atividade (BECKER JR., 2008). Quando estas metas não acontecem de serem atingidas, temos alguns senões que merecem ser sinalizados e avaliados: "...como resultante deste processo, ocorre a parada prematura de um atleta que, circunstancialmente, poderia ser um atleta de alto nível". Por último, baseados em estudos de Machado, "...apontamos o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce. A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória" (2009).

Objetivo

Este trabalho buscou analisar a compatibilidade entre treinadores e atletas masculinos infanto-juvenis no taekwondo. O objetivo deste estudo é analisar as características compatíveis do treinador com seus atletas, em um esporte individual, no contexto escolar, observando as implicações que podem ser geradas a partir do entendimento ou não entre as partes durante os treinos e competições.

Metodologia

A amostra final foi composta por 53 atletas que se preparam para as competições colegiais em 2013, estando entre 12 a 22 anos de idade. A presente pesquisa caracteriza-se por ser do tipo descritiva e de natureza qualitativa. O instrumento de coleta utilizado foi o MCTA (Medida de Compatibilidade Treinador-Atleta), desenvolvida por Gomes (2008) e adaptada por Gomes e Paiva (2010), a partir dos trabalhos de Kenow e Williams (1999) e Williams e colaboradores (2003).

Resultados e discussões

Apontaram para compatibilidades próximas ao máximo determinado pelo questionário MCTA. Dos pesquisados, 92% estão no ensino básico, sendo importante o alerta para a continuidade na formação escolar, necessitando um incentivo para os avanços nos estudos e a orientação para os que pretendem ingressar no curso superior, sem que, com isso, precisem abandonar o taekwondo, seguindo uma carreira paralela, seja esta amadora ou profissional no esporte.

Considerações finais

Os adolescentes vivem um processo de transição da adolescência para a fase adulta, que resulta em identificações sociais e construção da personalidade, recebendo estímulos voltados para o rendimento e resultados, daí a importância de um trabalho específico do treinador voltado na interação e estabelecimentos de vínculos empáticos com seus atletas. Daí a importância da necessidade de uma orientação bem conduzida para com os jovens atletas evitando abandonos e transtornos psicológicos.

Cada pessoa, na sua individualidade, traz consigo questões pessoais, situações vividas, posturas, hábitos, estereótipias e formas de saber que podem impossibilitar o contato entre o atleta e o treinador. Por sua vez, o treinador, mediador de toda essa relação, ao treinar equipes, necessita analisar quais os desejos e expectativas desses atletas, seus objetivos pessoais e suas próprias características, o que influenciará sua gestão, assim como o comportamento do treinador, o desejado pelos atletas e o exigido nas atividades.

Cabe a cada um reciclar-se, aprender e ensinar. Para Chelladurai e Riemer (1997), a satisfação, no âmbito dos esportes, na relação treinador-atleta, deve ser entendida como um fator afetivo positivo, que resulta na avaliação das atividades, no envolvimento, estrutura e dinâmica da equipe como um todo.

Referências:

- BECKER JR. B. **Manual de Psicologia de Esporte & Exercício**. 2ª Ed. – Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- CAVALCANTI, R.C. **Adolescência**. In: VITIELLO, N. et al. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca, 1988.
- CHELLADURAI, P.; RIEMER, H. A. **A classification of facets of athletic satisfaction**. *Journal of Sport Management*, 11, 133-159, 1997.
- GOMES, R. **A relação e a comunicação entre treinadores, pais e atletas em contextos de formação desportiva**. In: MACHADO, A.A.; GOMES, R. *Psicologia do Esporte – da escola à competição*. 1ª ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011.
- GOMES, A.R.; PAIVA, P. (2010). **Liderança, compatibilidade treinador-atleta e satisfação no handebol**: Percepção de atletas novatos e experientes. *PsicoUSF*, 15(2), 235-248, 2010. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/11236>>.
- GOMES, A.R. **Medida de Compatibilidade Treinador-Atleta (MCTA)**. Manuscrito não publicado. Braga: Universidade do Minho, 2008.
- KENOW, L.J.; WILLIAMS, J.M. **Coach-athlete compatibility and athlete's perception and evaluative reactions to coaching behaviors**. *Journal of Sport Behavior*, 22, 251-259, 1999.
- MACHADO, A.A.; ARAÚJO, D.. **Contexto esportivo e as restrições comportamentais: reflexões a luz da Psicologia Bioecológica**. In: Motriz, Rio Claro, v.16 n.2 p.432-439, abr./jun. 2010.
- MACHADO, A.A.. **Formação acadêmica e intervenção profissional na perspectiva da Psicologia do Esporte**. In: Motriz, Rio Claro, v.15 n.4 p.935-943, out./dez. 2009.
- SANTOS, S. G.; SHIGUNOV, V. **Suporte psicológico ao atleta: uma necessidade "teórica" que precisa ser aplicada**. *Revista Treinamento Desportivo*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 74-83, 2000.
- SERPA, S. **Treinador e atleta: a relação sagrada**. In: BECKER JR, B. *Psicologia aplicada ao treinador esportivo*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002.
- WILLIAMS, J.M.; JEROME, G.J.; KENOW, L.J.; ROGERS, T.; SARTAIN, T.A.; DARLAND, G. **Factor structure of the coaching behavior questionnaire and its relationships to athlete variables**. *The Sport Psychologist*, 17,16-34, 2003.

ANÁLISE DO PERFIL DE LIDERANÇA DE TREINADORES DE FUTEBOL ATRAVÉS DE VÍDEOS: UM ESTUDO DE CASO COM UMA EQUIPE PORTUGUESA

DE OLIVEIRA, V., ROCHA LIMA, E.M., ARONI, A. L., BAGNI, G., RIBEIRO, L.B., MACHADO, A. A

Introdução

De acordo com Singer (1977), a liderança é entendida como uma relação de interação entre a personalidade do indivíduo e a situação. Para Gould & Weinberg (2001), liderança é definida como o processo comportamental de influenciar pessoas e grupos na direção de objetivos traçados. No contexto esportivo isso pode significar tomar decisões, motivar, dar feedbacks, estabelecer relações interpessoais e dirigir o grupo ou equipe com confiança. Um líder é aquele que sabe exatamente os objetivos de um grupo e fornece a direção e os recursos para alcançá-los.

Machado (2008) enfatiza que a liderança é de extrema importância para os profissionais que orientam grupos sociais na busca do máximo empenho e dedicação para conquista de metas.

Quando pensamos em uma equipe esportiva como um grupo social em busca de um objetivo em comum, a presença da liderança é fundamental, e geralmente esta se concentra na figura do treinador. É fundamental que exista uma figura que se torne uma referência no grupo, para facilitar e otimizar o trabalho coletivo e a boa relação dentro do grupo. Neste quesito, a presença do treinador é indispensável.

Em particular no esporte e no exercício físico a liderança engloba várias dimensões do comportamento do treinador, como por exemplo, seu processo de tomada de decisão, o tipo de estímulo e a frequência com que esse é fornecido aos seus atletas, seu desempenho, as técnicas de motivação utilizadas e a forma com que ele se relaciona com seus subordinados. (BUCETA, 2009; HORN, 1992)

O técnico é o comandante da equipe e o líder da comissão técnica durante todas as etapas da temporada, distribuindo funções a cada elemento do grupo e exigindo deles participação qualitativa e quantitativa. É papel do treinador elaborar e discutir com a comissão técnica e jogadores o plano tático a ser desenvolvido em cada partida e, posteriormente, avaliar o rendimento da equipe. O treinador reúne-se periodicamente com os outros membros da comissão técnica para avaliar o planejamento e traçar as etapas a serem cumpridas, promovendo mudanças quando necessárias. Ao final da temporada, o treinador deve elaborar um relatório com as atividades desenvolvidas e os resultados alcançados. (ROSE JR, 2006).

Segundo Gould & Weinberg (2001) técnicos que são bons líderes, além da visão daquilo pelo que se luta, fornecem também a estrutura, a motivação e o apoio do dia-a-dia para transformar a visão em realidade. Para os autores, líderes de sucesso também tentam garantir que a boa atuação individual ajude a alcançar a boa atuação da equipe.

Para Tubino (1984) a comissão técnica se caracteriza pela formação de um grupo de pessoas reunidas num processo de treinamento, trazendo especializações nas diferentes áreas da preparação. A comissão técnica é direcionada às funções de elaboração do planejamento e desenvolvimento dos treinamentos. Porém,

embora exista a comissão técnica reunindo diferentes profissionais para auxiliar nas temporadas, é evidente que a figura do treinador é a mais importante, e consequentemente a mais exposta na mídia. É a sua palavra que tende a ter mais impacto no seu grupo de atletas e é sua eficiência que será retratada, na maior parcela das situações, no rendimento de seu plantel. Seguindo este raciocínio, na opinião de Buceta (2009) o treinador é o responsável máximo pelo funcionamento dos aspectos associados à equipe assim como com o rendimento de seus atletas, razão pela qual as suas decisões e ações têm uma grande influência. Dos acertos e erros do treinador dependem em grande medida o êxito esportivo e a satisfação dos que trabalham sobre seu mando.

Becker Jr. (2000) entende que o comportamento do técnico pode ser representado por várias dimensões de liderança, tais como: conduta humanista, (caracterizada por uma preocupação com relação interpessoal cordial entre os membros da equipe, bem estar de cada atleta, alcançando uma atmosfera grupal positiva), conduta tecnicista (através do qual o técnico pretende aperfeiçoar o rendimento, orientando o para o desenvolvimento de suas habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas), conduta democrática (onde o técnico permite a participação dos atletas nas decisões ligadas às metas do grupo, métodos de treinamento, estratégias de competições, etc.) e conduta autocrática (através da qual o técnico expressa decisões sobre todos os aspectos de treinamento e na qual não a participação dos demais elementos da equipe).

Brandão & Valdés (2005) sugerem alguns aspectos importantes para a obtenção de sucesso por parte do técnico: entusiasmo (treinadores com alto grau de entusiasmo tendem a influenciar positivamente seus esportistas), integridade (os esportistas necessitam confiar que seu líder está comprometido com o trabalho que desenvolve, é honesto e fala sempre a verdade), sentido de propósito e direção (um bom líder de grupo precisa ter domínio do treinamento e conhecimento da modalidade que trabalha), disposição (para poder suportar a demanda física e psíquica o treinador precisa ter muita disposição e uma alta capacidade para trabalhar com as cargas requeridas), coragem (um treinador necessita ter determinação para tomar decisões e selecionar, entre várias possibilidades, as ações mais adequadas para o momento).

O Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte é o modelo de liderança específico para as situações atléticas, que a conceitua como um processo interacional. Isso significa que a efetividade de um líder esportivo depende de características circunstanciais tanto do próprio líder como dos membros do grupo. De acordo com o modelo, a satisfação e o desempenho de um atleta dependem dos seguintes três tipos de comportamento do líder: o comportamento requerido do líder, o comportamento preferido do líder e o comportamento real do líder. O comportamento requerido do líder se dá quando a situação exige que o líder se comporte de certa maneira, sendo que o próprio sistema organizacional dita o comportamento e é esperado que as pessoas se ajustem às normas estabelecidas. Já o comportamento preferido do líder diz respeito às preferências que os membros do grupo possuem por comportamentos específicos do líder. Por último, comportamento real do líder são os comportamentos que o líder exhibe, tais como ser capaz de estruturar ou ser atento. Características do líder como personalidade e

experiência influenciam diretamente este comportamento (GOULD & WEINBERG, 2001).

Segundo Gould & Weinberg (2001), “desempenhos ideais e satisfação são obtidos quando os comportamentos requeridos, preferidos e reais de um líder são consistentes”. A liderança esportiva efetiva depende das qualidades do líder, do estilo de liderança, de fatores circunstanciais e das características dos seguidores. Porém o que realmente determina o que torna um líder mais efetivo é a forma como esses quatro fatores interagem.

Seguindo esse pensamento, foi elaborada a Escala Revisada de Liderança no Esporte (ELRE), validada por Samulski, Lopes e Costa (2006), onde são estudadas seis dimensões em um questionário de 60 questões distribuídos em Comportamento Democrático, Comportamento Autocrático, Comportamento de Suporte Social, Comportamento Reforço Positivo, Comportamento de Treino Instrução, e Comportamento de Consideração Situacional, sendo que os dois primeiros são estilos de liderança do líder, enquanto os outros são estilos de interação.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar os comportamentos do treinador de uma equipe de futebol sub-17 portuguesa e traçar o seu perfil quanto aos estilos de liderança e de interação.

Procedimentos Metodológicos

Este é um estudo qualitativo, feito através de uma análise de imagens. Para obtermos o material para análise filmamos uma sessão de treino comum de uma equipe portuguesa sub-17 do início ao fim. A filmagem foi feita tentando abranger o maior espaço do campo possível, porém o foco principal é o treinador. Foi utilizada uma câmera de vídeo e fotos não profissional. As imagens foram posteriormente assistidas e as ações do treinador foram analisadas e descritas. Para podermos caracterizar o comportamento do treinador, utilizamos as definições feitas por Samulski (2002) sobre os estilos de liderança e estilos de interação, que foram delineados com base na Escala Revisada de Liderança no Esporte (ELRE), originalmente chamada de "Revised Leadership Scale for Sport" (RLSS). A RLSS foi desenvolvida e validada por Zhang, Jensen e Mann (1997) após um processo de revisão da "Leadership Scale for Sports" (LSS), criada por Chelladurai e Saleh (1980). Na língua portuguesa, a validação da ELRE foi realizada por Samulski, Lopes e Costa (2006).

Resultados

Pela análise do vídeo percebemos que o treinador apresenta e instrui as atividades, demonstra como devem ser realizadas, porém não participa delas ativamente. É o treinador quem toma todas as decisões referentes ao treino. Nenhum dos alunos opina a respeito da organização da sessão de treinamento, apenas fazem perguntas referentes à realização dos exercícios propostos. É o treinador o responsável pela divisão dos times antes do jogo, demonstrando mais uma vez que as decisões são centradas em sua figura. Ele passa a maior parte do

tempo da sessão próximo aos alunos, observando suas atuações e fornecendo feedbacks. Ele evidencia certa afetividade com os alunos quando cumprimenta muitos deles ao término do treino.

Discussão

Samulski (2002) descreve cada uma das dimensões do comportamento do treinador. Na categoria estilos de liderança o autor diferencia um líder democrático de um autocrático, explicando que o primeiro favorece a inclusão dos atletas nas decisões relativas ao grupo, estratégias e táticas, enquanto o segundo é independente na tomada de decisões de acordo com a sua opinião. Partindo dessa explicação, podemos dizer que o treinador analisado por este estudo adota comportamentos de um treinador autocrático, já que em nenhum momento os atletas são incluídos nas decisões relativas ao grupo ou a sessão de treinamento.

Sobre os estilos de interação, o autor cita os quatro e os classifica. A dimensão suporte social é caracterizada pelo interesse do bem-estar dos atletas, fornecendo um ambiente satisfatório e de interação no grupo. A dimensão reforço caracteriza-se pelo comportamento do treinador que reforça positivamente o atleta, reconhecendo e gratificando seu desempenho e o encorajando quando comete algum erro. A dimensão treino-instrução caracteriza-se pelo foco no modelo de treino, onde o treinador dá ênfase ao treinamento exigente e rigoroso, instruindo os atletas nas táticas, técnicas e práticas, explicando e dando o apoio nas atividades. A dimensão situacional, por sua vez, caracteriza-se pelo treinador que leva em consideração os fatores situacionais como o ambiente, o tempo e o atleta; estipula metas individuais e torna de fácil execução tornando o treino crescente de acordo com o nível de habilidade e orienta a delimitação do posicionamento correto do atleta durante o jogo. O treinador em questão apresenta comportamentos característicos de mais de uma dessas dimensões, embora uma delas seja mais evidente. A dimensão treino instrução é a mais adequada para definirmos o estilo de interação deste treinador, já que o seu foco parece ser o treino e a sua execução correta.

Parece claro que o estilo de interação poderia ser diferente se observássemos diferentes grupos de atletas, diferentes objetivos para o treino, mesmo que aplicados pelo mesmo treinador. Ou seja, não podemos afirmar com total certeza que o treino analisado representa o comportamento que o treinador adota em todas as suas intervenções.

Conclusão

Desta forma, podemos concluir que o treinador da equipe analisada por meio do vídeo possui o estilo de liderança autocrático. Sobre o estilo de interação, concluímos que o treino-instrução é o que mais se adequa ao comportamento deste treinador durante a sessão de treinamento estudada.

Vale a pena ressaltar que analisamos apenas um vídeo, correspondente a uma sessão de treinamento e que pode não representar a conduta frequente do treinador. Sugerimos novos estudos sobre o tema com diferentes equipes, faixas etárias, países e com uma maior quantidade de vídeos.



Referências Bibliográficas

- BECKER JÚNIOR, B. Manual de Psicologia do Esporte e Exercício. Porto Alegre: Novaprova, 2000.
- BRANDÃO, M. R. F.; VALDÉS, H. La utilización de estrategias motivacionales por los entrenadores: Un aporte de la psicología del deporte. In ROFFÉ, M. & UCHA, F. G. (Eds.). *Alto Rendimiento, Psicología y Deporte: Tendencias actuales*, Buenos Aires: Lugar Editorial, 2005, p. 115-130
- BUCETA, J. M. Psicologia dos Treinadores Esportivos: conceitos fundamentais e áreas de intervenção. In BRANDÃO, M. R. F. & Machado A. A. (Eds.), *Coletânea psicologia do esporte e do exercício: O treinador e a psicologia do esporte*, São Paulo: Atheneu, 2009, p. 17-40
- CHELLADURAI, P.; SALEH, S. Dimensions of behavior in sports: development of leadership scale. *Journal of Sport Psychology*, Champaign, v.2, p. 34- 45, 1980.
- GOULD, D.; WEINBERG, R. S. Fundamentos da Psicologia e do Exercício. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2001
- HORN, T. S. Advances in sport psychology. Illinois, EUA: Human Kinetics, 1992
- MACHADO, A. Liderança: novas perspectivas no futebol. In: BRANDÃO, R. & MACHADO, A. A. (Eds.). *Coleção psicologia do esporte e do exercício*. São Paulo: Atheneu, 2008.
- ROSE JR, D. D. Modalidades Esportivas Coletivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- SAMULSKI, D.M. Psicologia do Esporte: manual para a educação física, psicologia e fisioterapia. São Paulo: Manole, 2002. 380 p.
- SAMULSKI, D.; LOPES, M.C.; COSTA, I.T. Validação da escala de liderança revisada para o esporte: versão autopercepção. In: FÓRUM BRASIL ESPORTE: buscando a excelência esportiva, 4., 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.ed.], 2006. 1 CD-ROM.
- SINGER, R.N. Psicologia dos Esportes: mitos e verdades. 2. ed. São Paulo: Editora, 1977.
- TUBINO, M. G. Metodologia Científica do Treinamento Desportivo. 3ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- ZHANG, J.; JENSEN, B. E.; MANN, B. L. Modification and Revision of the Leadership Scale for Sport. *Journal of Sport Behavior*, New York, v. 20, p.105-122, 1997.

ANÁLISE DOS ESTADOS DE HUMOR NO FUTSAL: COMPARAÇÃO PRÉ E PÓS-JOGO

BAGNI, G. 1; SCHIAVON, M. K. 1; ROLIM, R. M. 1; GONÇALVES, L. F. 1; MACHADO, A. A. 1.

1 - UNESP/IB/RIO CLARO – LEPESPE

Introdução

O treinamento esportivo é composto pelos componentes técnico, tático, físico e psicológico (GARGANTA; MAIA; MARQUES, 1996). Na maioria das vezes a atenção da comissão técnica recai muito mais sobre os três primeiros, deixando o fator psicológico em segundo plano.

Esse fato pode ocasionar influências significativas no desempenho coletivo, da equipe como um todo e também individualmente em cada atleta. Podendo acarretar em oscilações no desempenho final.

Os estados de humor tem variação ao longo do dia, isso não seria diferente no caso dos atletas, ressalta-se que essas variações, por menores que possam ser, podem causar uma grande diferença no rendimento dos atletas (BRADT et al.; 2010).

Segundo Vieira et al.(2007): “O humor ou estado de ânimo pode ser definido como o tônus afetivo do indivíduo, que modifica a forma de percepção das experiências reais, ampliando ou reduzindo o impacto destas”.

Na figura 1 podemos observar que são vários os fatores que influenciam o atleta e, conseqüentemente pode alterar os estados de humor. Sendo que, alguns desses fatores como família, *staff*, dentre outros são diretamente ligados ao atletas e outros como torcida e mídia, dentre outros, tem uma ligação indireta. Vale ressaltar que esses fatores podem flutuar dentre as duas classificações anteriormente descritas e que determinados fatores podem exercer maior ou menor influência dependendo do momento e do contexto que o atleta passa.

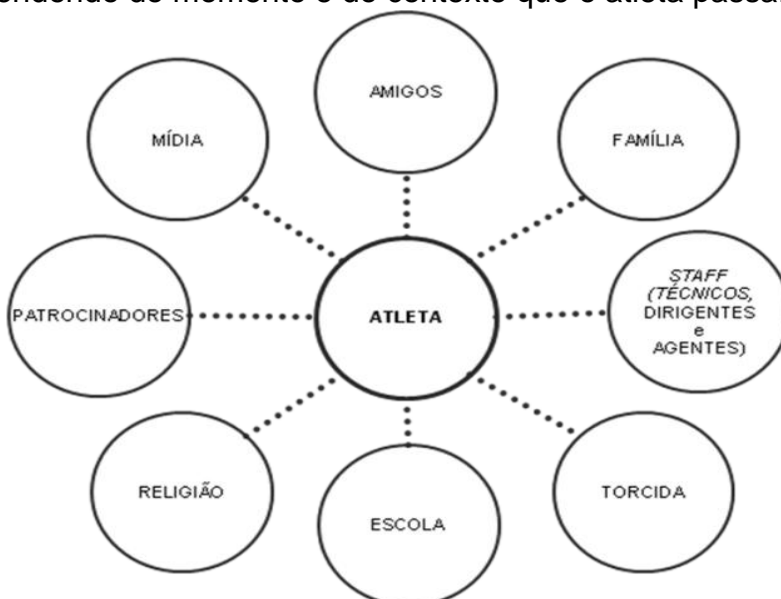


Figura 1: Dinâmicas sociais e os atletas (REBUSTINI; MACHADO, 2012).



Objetivo

Este trabalho tem como objetivo comparar a variação dos estados de humor nas condições pré e pós-jogo, buscando compreender suas possíveis alterações.

Procedimentos Metodológicos

Amostra

A amostra foi composta por 8 atletas do sexo feminino de uma equipe de futsal participante da 56ª edição dos Jogos Regionais, realizada na cidade de Atibaia no ano de 2012. As atletas apresentaram média de idade de 18 anos (± 2 anos) e tempo de prática médio de 10 anos (± 2 anos).

Instrumento

Para esta pesquisa foram avaliados os estados de humor por meio da Escala de Humor de Brunel (BRUMS) (ROHLFS et.al., 2008), composta por 24 itens para resposta em escala Lickert, que vai de 0 “nada” a 4 “extremamente”. Após serem tabulados, os itens são agrupados em 6 fatores, cada um deles é composto por quatro itens, sendo considerados negativos tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão mental, o vigor é o único fator considerado como positivo.

Procedimento

Após contato inicial com as equipe e respectivo aceite a solicitação em participar da pesquisa, foram realizadas as coletas antes e após os jogos, em ambos os casos o questionário foi aplicado no vestiário. Antes da aplicação houve uma breve explanação sobre a finalidade da pesquisa e sobre como responder o questionário, ressaltando sempre a informação de que deveria ser respondido em relação a como as atletas estavam se sentindo no momento.

Análise

Após a coleta os dados foram tabulados no Excel e analisados no próprio programa de acordo com as divisões das questões em cada um dos fatores. Também foi realizada análise estatística descritiva simples no Excel, onde foram obtidos média, desvio-padrão e valores máximo e mínimos das respostas e dos fatores. A partir da análise também foram criados gráficos a partir do mesmo programa.

Resultados

Os gráficos abaixo se referem às médias das respostas da equipe em cada um dos seis aspectos nas situações pré e pós-jogo.

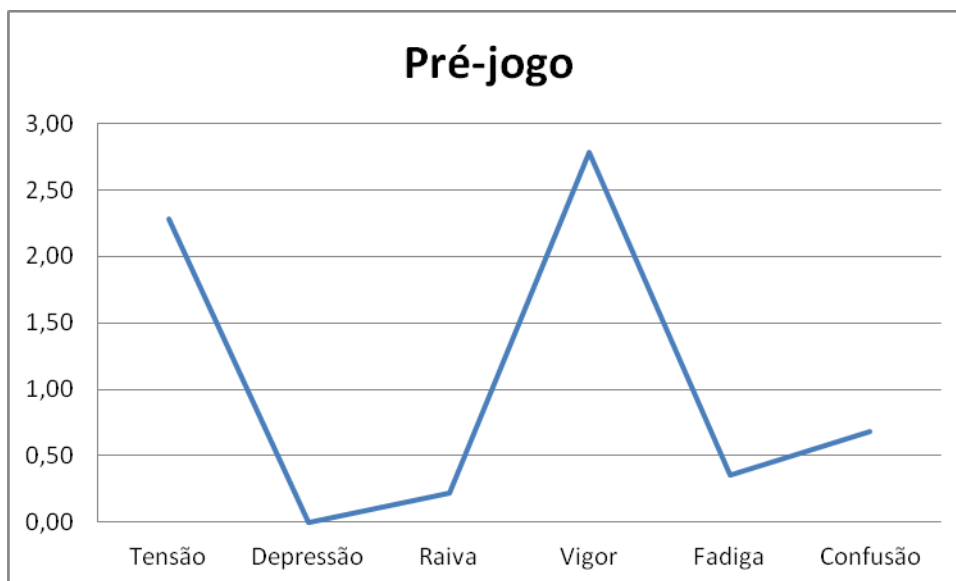


Gráfico 1: Média dos valores na situação pré-jogo

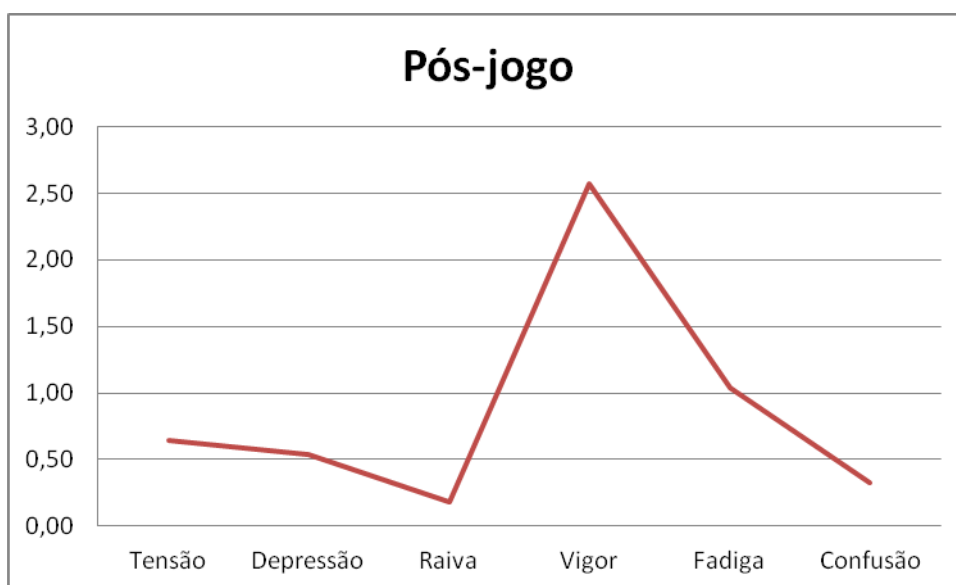


Gráfico 2: Média dos valores na situação pós-jogo

Através da análise das respostas, observou-se um aumento na média em relação aos fatores depressão e fadiga após os jogos, enquanto os fatores tensão e confusão tiveram uma diminuição na média na comparação pré e pós-jogo. Os outros fatores, raiva e vigor, tiveram seus valores praticamente mantidos. Assim, o gráfico apresenta um perfil de *iceberg*, que é o recomendado, sendo vigor o ponto mais alto (VIEIRA, 2007).

Discussão

Através dos resultados obtidos, nota-se que a tensão estava muito alta antes da partida, porém logo após o jogo esse valor caiu significativamente, isso pode ser explicado pelo fato de ser a estreia da equipe na competição. O item confusão mental diminuiu sua média após a partida, talvez isso se dê pelo fato de ser a

primeira partida dos Jogos Regionais.

O vigor que deve sempre estar com seus valores mais altos que os outros componentes, apresentou esse resultado em ambas as situações. A fadiga aumentou bastante após o jogo como era esperado, devido ao cansaço físico que ocorre após as partidas.

A depressão teve sua média aumentada na situação pós-jogo, o que pode ser explicado pelo resultado da partida, lesões, baixo rendimento, dentre outros fatores (BRANDT et al., 2010). Nessa partida específica isso pode ser justificado, principalmente, pelo resultado não favorável obtido na partida. A raiva teve valores muito próximos nas situações pré e pós-jogo.

Conclusão

Essas variações nos estados de humor ocorrem frequentemente com atletas e devem estar sendo constantemente analisadas e avaliadas, ressaltando que deve-se avaliar essas questões comparando-as juntamente com as partidas, visando buscar explicações para possíveis variações. Através dessas análises busca-se um maior rendimento dos atletas, individualmente e da equipe como um todo.

Referências

- BRANDT, R. et al. Estados de humor de velejadores durante o Pré-Panamericano. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 834-840, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n4p834/pdf_4>. Acesso em: 30 de agosto de 2013.
- GARGANTA, J.; MAIA, J.; MARQUES, A. Acerca da investigação dos fatores do rendimento em futebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 146-158, 1996.
- REBUSTINI, F.; MACHADO, A. A. Dinâmicas Sociais e Estados de Humor. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n. 2. P. 233- 244, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/4100/pdf_179>. Acesso em: 26 de agosto de 2013.
- ROHLFS, I. C. P. M. et al. A Escala de Humor de Brunel (Brums): instrumento para detecção precoce da síndrome do excesso de treinamento. **Rev. Bras. Med. Esporte**, Niterói, v. 14, n. 3, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922008000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2013.
- VIEIRA, L. et al. Estado de humor e desempenho motor: um estudo com atletas de voleibol de alto rendimento. **Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum.** v. 10, n. 1, p. 62-8, 2007. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh>. Acesso em: 14 de agosto de 2013.



ARBITRAGEM NO FUTEBOL E A FALTA DE PROFISSIONALIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

*ROLIM, R.M., BARBOSA, C.G., GONÇALVES, L.F., MACHADO, A.A., MICHELIN, H.
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP*

Introdução

A psicologia aplicada ao esporte é uma ciência recente, com origem no final do séc. XIX e início do séc. XX, porém encontra-se em constante desenvolvimento, caracterizada por ser uma grande corrente de pensamentos em que convergem diversas doutrinas da Psicologia, Filosofia, Sociologia, Educação Física, entre outras, além disso, trata-se de um assunto de competência multidisciplinar aberto a contribuições de diversos profissionais (ANTONELLI e SALVIVI, 1982).

Por ser uma área em ascensão, a psicologia do esporte deverá se apropriar de novos campos de atuação com mais propriedade ao longo do tempo, e o acompanhamento aos árbitros de futebol se enquadram nesse objetivo, buscando auxiliar esta categoria com os mecanismos de ordem psicológica para que os mesmos desempenhem a função com mais segurança e se conhecendo melhor, identificando limites, sensações e estratégias na tomada de decisão.

A atividade dos árbitros de futebol consiste em mediar às partidas juntamente com auxiliares. Estes profissionais são indispensáveis no desenvolvimento da prática do futebol amador e profissional em todo mundo.

Consideramos o estudo mais aprofundado da arbitragem no futebol e seus aspectos emocionais como de importância tão quanto a dos atletas e treinadores. São os árbitros que terão a responsabilidade e o discernimento imediato das jogadas, tendo que julgar em poucos segundos o que ocorreu, precisando estar bem colocado, concentrado e treinado para tomada de decisão, além do preparo para cobranças e xingamentos por parte dos jogadores, treinadores e torcida.

Justificativa

No contexto do futebol, os estudos e pesquisas que contribuem com a arbitragem vêm crescendo, apesar de ainda ser um tema que carece de produções, a maioria destas tem o foco nos atletas e treinadores. Para Silva e Rech (2008), durante muito tempo a comunidade científica considerou o árbitro de futebol como uma figura secundária no ambiente competitivo, e com o passar dos anos observou-se que esta categoria necessitava de uma preparação psicológica, técnica, tática, física e teórica sobre os conteúdos da regra, mais específica, para que a realização do trabalho resultasse em uma maior qualidade na condução de uma partida.

Apesar da importância, a atividade de árbitro de futebol não tem regulamentação formal no Brasil, como também acontece em praticamente todos os países, mesmo onde se pratica o esporte com intensidade e alto profissionalismo.

Essa implicação pode gerar desmotivação profissional e a procura por outras atividades que complementem a renda familiar. Por essa razão, esse trabalho buscou analisar as evidências de arbitragem ser tratada de forma secundária, tanto

pelos gestores como para os próprios árbitros, que veem diante das dificuldades no aprimoramento e na capacitação devido à divisão de suas atividades.

Objetivo

Avaliar a relação do árbitro de futebol com a sua profissão e os aspectos que o fazem escolher outra atividade além da arbitragem.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se por ser de cunho exploratória, descritiva e de natureza quanti-qualitativa, com uma amostra de 37 árbitros profissionais e federados do futebol brasileiro. Sendo utilizado uma adaptação do questionário de Entrevista Sobre Stress Ocupacional e Estratégias de Confronto (ESOEC) desenvolvido por Gomes (2006), elaborado através do Google Docs e divulgado para o público alvo através da rede social Facebook.

Resultados e discussões

Analisando os dados coletados, observamos que, dos 37 árbitros pesquisados, 92% destes exercem outra atividade profissional fora da arbitragem (figura 1).

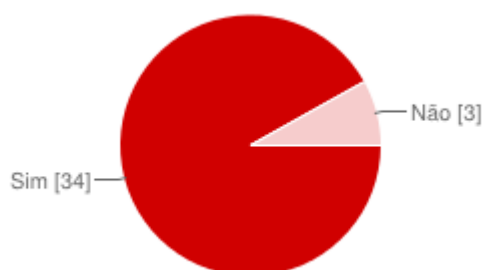


Figura 1: Número de árbitros que exercem outra atividade profissional além da arbitragem

Por ser uma área em ascensão, a psicologia do esporte deverá se apropriar também do acompanhamento aos árbitros de futebol, buscando auxiliar esta categoria com os mecanismos de ordem psicológica para que os mesmos desempenhem a função com mais segurança e se conhecendo melhor, identificando limites, sensações e estratégias na tomada de decisão.

Considerações finais

Os resultados apontam para uma problemática a ser discutida de forma imediata, pois, os árbitros exercem uma atividade de extrema pressão e dificuldade, não sendo reconhecidos como profissionais regulamentados. Esse aspecto pode ser desencadeador de abandonos da atividade e de erros cometidos nas partidas devido ao mal preparo psicológico e incentivo profissional.



V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.



Referências

ANTONELI, F., SALVINI, A. **Psicologia del Deporte**. Milan: Ed. Miñon, 1982.
GOMES, A.R. **Stresse ocupacional e estratégias de confronto: Desenvolvimento de um guião de entrevista para diferentes profissões**. In C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, M. Adelina, & V. Ramalho (Eds.), Actas da XI Conferência Internacional de Avaliação psicológica: Formas e contextos. Braga: Psiquilíbrios Edições. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/5838>>, 2006.



AVALIAÇÃO INICIAL DO TRAUMA DURANTE A PRÁTICA ESPORTIVA: CONCEITOS NORTEADORES PARA AS PRÁTICAS AVANÇADAS DE ENFERMAGEM

Renata Eloah de Lucena Ferretti-Rebustini

Enfermeira e Especialista pela Universidade Federal de São Paulo. Doutora em Ciências pela Faculdade de Medicina da USP. Pós-doutoranda pela Universidade de Quebec em Trois-Rivières. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Médico-cirúrgica da Escola de Enfermagem da USP.

Considerações Iniciais

Muitas lesões traumáticas ocorrem nos cenários de práticas esportivas. Acidentes podem acontecer em diversas modalidades esportivas (individuais ou coletivas) e também em atividades de recreação e lazer, culminando com a ocorrência de lesões simples ou até mesmo de traumas graves.

Um acidente é um evento de origem não intencional, que pode ser evitado, responsável por causar lesões físicas e emocionais, tendo seu local de ocorrência o domicílio ou um ambiente social como o trabalho, a escola, ou os cenários de prática esportiva e de lazer. No Brasil, entre 2000 e 2009, as causas externas ocuparam a 3ª principal causa de óbito sendo que 45% destes foram causados por acidentes¹. Trata-se, portanto de um problema de saúde pública².

As lesões traumatológicas esportivas são indesejáveis e se constituem como sendo reações adversas da prática esportiva³. Estima-se que sejam responsáveis por 13,9% a 38,3% de todas as hospitalizações por lesões^{3,4}. No entanto, essa estimativa seguramente não condiz com a real prevalência na medida em que nem todos os indivíduos que se acidentam durante a prática esportiva procuram o serviço de saúde, sobretudo quando a prática esportiva se constitui em atividade de recreação e lazer. Acidentes traumatológicos de menor proporção podem não ser relatados se não houver uma visita da vítima ao serviço de saúde. Apenas um subgrupo de indivíduos vítimas de trauma procurará o pronto socorro, parte deles será hospitalizada e alguns não sobreviverão. Assim, entende-se que essa frequência seja apenas a ponta de um iceberg.

Estudos epidemiológicos cujo foco de investigação foi a prevalência dos acidentes esportivos em ambientes hospitalares não retratam a realidade de modo fidedigno. Estudos de base populacional seriam mais adequados para a obtenção de dados epidemiológicos mais próximos da realidade, no entanto são escassos. O estudo de Mitchel e colaboradores (2010)³, em que se entrevistou 2414 indivíduos que participaram de atividades esportivas nos últimos 12 meses, constatou que 1/3 (30,9%) dos indivíduos sofreram acidentes na prática esportiva. Destes, apenas 6,1% procuraram o serviço de emergência e 2,9% foram hospitalizados. Em outro estudo australiano foi realizado um inquérito telefônico em 1084 indivíduos com idade maior do que 5 anos. Observou-se que dos 648 indivíduos que relataram ter praticado algum tipo de esporte ou atividade de recreação e lazer, 34 reportaram acidentes durante a atividade sendo que 51,4% destes acidentes culminaram com lesões significativas com requisição de tratamento².

Andrew e colaboradores (2012) encontraram uma taxa anual de acidentes traumatológicos esportivos de maior gravidade em torno de 5,2 e uma taxa de morte

de 1,1 mortes para cada 100.000 habitantes. Nesse estudo, dos 1019 casos de trauma, 218 morreram (58 mortes intra-hospitalar). Nesse estudo, ciclismo, rally e hipismo foram as modalidades esportivas mais relacionadas com eventos traumáticos de maior gravidade, com destaque para o rally responsável pelo maior número de mortes por participantes⁵. No estudo de Finch e colaboradores, críquete, hipismo, basquetebol e futebol foram as modalidades esportivas mais associadas a lesões traumáticas, sendo o críquete e o futebol responsável pelos casos mais graves².

Qualquer que seja o tipo ou gravidade da lesão, o enfermeiro deverá estar preparado para reconhecer e atuar prontamente frente a elas, não só com vistas a sua detecção imediata, mas, sobretudo em relação ao manejo adequado para a limitação do dano sofrido, prevenção de agravos e controle da cena. Para tanto, há que se ter claro os conceitos relacionados ao trauma para sua aplicabilidade nos cenários de prática esportiva.

Trauma e sua ocorrência na prática esportiva e de recreação e lazer.

De acordo com o Comitê do PHTLS da Associação Nacional dos Técnicos de Emergência Médica em cooperação com o Comitê do Trauma do Colégio Americano de Cirurgiões, o trauma é definido como “... *um evento nocivo que advém da liberação de formas específicas de energia ou de barreiras físicas ao fluxo normal de energia...*”⁶. Diferentes formas de energia podem estar envolvidas no trauma: a mecânica, a térmica, a química, a elétrica ou a irradiação. Independente do tipo de energia associada à sua ocorrência, o trauma ocorrerá toda vez em que a quantidade de energia for suficiente para causar dano ao tecido, ultrapassando assim os limites corpóreos de tolerância.

Para que uma doença ocorra, deve haver uma inter-relação de fatores: um hospedeiro susceptível, um agente causador de doença e um ambiente apropriado para que a interação entre hospedeiro e agente causador ocorra. Essa é a cadeia epidemiológica. Atualmente, pode-se dizer que doenças e traumas se comportam de modo bastante semelhante. A exemplo da cadeia epidemiológica, o trauma também possui uma cadeia de evento: a cadeia do trauma. Para que um trauma ocorra, deve haver uma inter-relação entre vítima, um agente causador de trauma (energia) e um ambiente que promova a interação entre vítima e a energia. Na prática esportiva, os componentes do trauma sempre estarão presentes e a cadeia do trauma será formada pelo esportista (vítima), pela energia mecânica (energia) e pelo cenário de prática esportiva (ambiente favorável).

É fundamental que o enfermeiro saiba quais são os principais tipos de acidentes comumente observados durante as práticas esportivas, com vistas à prevenção. Alguns esportes envolvem atividades em que a alta velocidade está presente. Em algumas situações, as práticas esportivas estarão relacionadas com desaceleração brusca, colisões, impactos, lançamentos e quedas, por exemplo. Inúmeros são os mecanismos de lesão relacionados com as práticas esportivas, no entanto, a biomecânica do trauma nas práticas esportivas parece ser semelhante àquela observada em acidentes automobilísticos⁶.

A biomecânica do trauma decorrente de prática esportiva deve ser considerada. Esse conhecimento norteará a avaliação primária e secundária, na identificação de áreas corpóreas comumente acometidas. Para isso será necessário

entender o mecanismo da lesão, considerando que no esporte o trauma será decorrente de uma colisão, ou seja, do contato brusco entre duas superfícies com transferência mútua de energia. No esporte, a colisão poderá ser entre o esportista e o solo, entre o esportista e um objeto animado como uma bolsa, por exemplo, ou ainda entre dois esportistas. Para que ocorra, um dos agentes deve estar em movimento.

De um modo geral, as principais regiões corpóreas comumente acometidas no trauma esportivo são: cabeça, coluna, tórax, extremidades superiores, abdome, extremidades inferiores, face e pescoço⁵. No entanto, ressalta-se que cada modalidade esportiva deverá ser analisada para determinar os mecanismos específicos de lesão.

Avaliação Inicial do Trauma em cenários de Prática Esportiva

Considerando que o trauma pode abranger desde lesões simples como abrasões até lesões múltiplas e complexas envolvendo várias partes do corpo ou sistemas orgânicos, o atendimento inicial às vítimas de forma individual, é fundamental para a limitação do dano e sobrevivência do paciente, nos casos graves. O atendimento pré-hospitalar a essas vítimas deve ser assegurado com qualidade, eficácia e eficiência e para tanto, a avaliação inicial da vítima de trauma é um dos elos mais importantes do atendimento de emergência.

Nos casos de traumas associados às lesões esportivas, a avaliação inicial da vítima acontecerá em ambiente extra-hospitalar e, portanto, deve respeitar os preceitos do atendimento pré-hospitalar (APH). Não basta que se conheçam as diretrizes para o atendimento no trauma. No esporte, como os acidentes sempre acontecerão em ambiente pré-hospitalar, o enfermeiro deverá incorporar as diretrizes de APH.

Os princípios do atendimento sistematizado no APH já foram descritos anteriormente nos manuais de suporte básico e avançado de vida no atendimento pré-hospitalar⁶. O suporte de vida no trauma pré-hospitalar aponta que o atendimento ao traumatizado deve respeitar os 'princípios de ouro'. Esses princípios dizem respeito à segurança dos socorristas e do paciente, à avaliação da situação para determinar a necessidade de solicitar outros recursos, ao reconhecimento da biomecânica envolvida nas lesões, ao reconhecimento das lesões com risco de óbito na avaliação primária, ao atendimento inicial e secundário adequados e ao transporte da vítima ao ambiente hospitalar. Todos esses princípios devem ser respeitados durante o atendimento pré-hospitalar do trauma. Outro princípio de igual importância diz respeito à limitação do dano, ou seja, durante o atendimento, deve-se cuidar para que as lesões que a vítima apresenta não sejam agravadas⁶.

Nas situações de emergência existe um momento importante na avaliação e no tratamento da vítima: "a hora de ouro". Essa "hora de ouro", também chamada de "Golden Hour" diz respeito aos primeiros 60 minutos após um trauma, que pode ser determinante para a sobrevivência da vítima. Por esse motivo, todos os esforços devem se concentrar em avaliar corretamente a vítima e iniciar o atendimento primário e secundário. Ações sistematizadas, tanto no atendimento básico como no avançado, estão relacionadas com menores taxas de óbito⁶.

A avaliação do trauma na prática esportiva, de recreação e de lazer deve seguir a seguinte sequência: 1) avaliação da cena; 2) exame primário (avaliação

inicial); 3) exame secundário (histórico e exame físico direcionados) e 4) monitoração e reavaliação. Para o presente, será apresentado apenas o exame primário.

Para que se possa iniciar o atendimento, a primeira ação deverá ser a avaliação da cena, ou seja, do local onde ocorreu o acidente, para que se possa determinar a segurança da mesma para a prestação do atendimento. Um cenário não seguro poderá colocar a vítima em situação de maior gravidade e ainda, ser perigoso para a equipe que prestará o atendimento. Como exemplo, podem-se citar os acidentes esportivos que ocorrem na neve, em montanhas, onde o risco de deslizamento pode existir. Também deve ser verificado se existem várias vítimas e nesse caso, prioridades de atendimento devem ser estabelecidas.

A avaliação da cena também auxilia na determinação da biomecânica do trauma, ou seja, do mecanismo de lesão. Considerando as inúmeras possibilidades de lesão traumatológicas decorrentes da prática esportiva, a determinação da biomecânica do trauma se torna fundamental. Por exemplo, em uma prática de hipismo, a queda de um cavalo pode ter como repercussão uma lesão de coluna, de cintura pélvica ou ainda, craniana. O impacto de uma bola na cabeça pode causar concussão ou contusão cerebral e no tórax pode causar fratura de costelas com consequente pneumotórax. Em casos de rally, a colisão frontal veículo-obstáculo poderá causar fraturas diversas, como a de fêmur, por exemplo. Uma fratura de colo de fêmur poderá resultar em ruptura de um vaso sanguíneo local e consequente sangramento culminando com choque cardiocirculatório. Esses detalhes sobre como ocorreu a colisão norteará atendimento da vítima.

O exame primário consiste na avaliação inicial da vítima. A prioridade é o reconhecimento de condições que coloquem a vida em risco. Quanto maior a gravidade do caso, mais rápido deverá ser o atendimento. O PHTLS recomenda para o atendimento dos casos graves: *“...faça-o mais depressa, faça-o eficientemente e faça-o a caminho do hospital...”*⁶.

Primeiramente, o enfermeiro deverá ter uma impressão inicial da vítima, avaliando de modo global sua condição sistêmica, avaliando simultaneamente o estado respiratório, circulatório e neurológico da vítima. Isso não deve ultrapassar 15 a 30 segundos. A impressão global auxiliará na identificação de um quadro de maior gravidade. Na sequência, inicia-se a avaliação inicial, que consiste em 5 etapas que se constituem no ABCDE no atendimento inicial ao traumatizado: A) Avaliação das vias aéreas e controle da coluna cervical; B) Respiração; C) Circulação e sangramento; D) Incapacidade (avaliação neurológica) e E) Exposição e proteção do ambiente. Essa sequência de avaliação e atendimento sistematizados devem ser respeitados.

No esporte, uma vez descartada lesão cervical e instabilidade cardiocirculatória, o esportista deverá ser avaliado quanto a presença de concussão cerebral. Essa avaliação entrará no item D da avaliação inicial do trauma (avaliação neurológica). Ênfase tem sido dada nos últimos 5 anos para a concussão cerebral decorrente da prática esportiva⁷⁻¹¹. Do mesmo modo que não se deve resumir a avaliação inicial do esportista à avaliação da concussão cerebral, a mesma também não pode ser resumir na avaliação do ABCDE do trauma. Ao avaliar o D do trauma, deve-se expandir a avaliação para além da avaliação do nível de consciência.

Avaliação da concussão cerebral no trauma esportivo

As lesões encefálicas decorrentes de trauma podem se iniciar no momento do acidente e se estender por dias e semanas após. Nos traumatismos fechados, as lesões encefálicas podem ser decorrentes da movimentação do encéfalo dentro da caixa craniana em decorrência do acidente. Em casos em que se há uma aceleração e desaceleração as lesões encefálicas também podem acontecer¹². No esporte, ambos os mecanismos fisiopatológicos podem ser observados, dependendo da modalidade esportiva. As lesões encefálicas podem ser difusas ou focais.

O termo concussão cerebral é utilizado para descrever a condição em que há perda temporária de consciência associada a um trauma crânio-encefálico^{12,13}. No esporte, a concussão cerebral é comum e preocupante⁷⁻¹¹. Pode ser classificada em leve e moderada, de acordo com parâmetros clínicos de avaliação. Os casos leves não estão associados à perda de consciência, podendo exibir sintomas de confusão mental com ou sem alteração cognitiva. Os casos leves são reversíveis. Nos casos moderados a perda de consciência pode durar mais de 6 horas e não está relacionada à alterações metabólicas ou estruturais¹².

A concussão cerebral é considerada, atualmente, uma das condições mais difíceis de diagnosticar, avaliar e tratar na prática esportiva. Isso porque não há um marcador biológico para sua pronta detecção. O diagnóstico é clínico^{9, 10, 13}. Na avaliação inicial, deve-se atentar para os sinais de concussão cerebral: perda de consciência, alteração cognitiva (amnésia, desorientação temporo-espaçial e déficit de atenção e concentração), cefaleia, tontura, náuseas e vômitos¹⁴.

Para a avaliação da concussão cerebral durante a avaliação inicial do trauma esportivo no APH, deve-se usar os seguintes indicadores de avaliação: avaliação do nível de consciência (pode ser usada a Escala de Coma de Glasgow¹⁵), avaliação cognitiva (pode ser usada o Escore de Maddocks¹⁶), avaliação dos sintomas (pode ser usado o Checklist de Avaliação dos Sintomas¹⁷), avaliação objetiva dos sinais de trauma craniano, avaliação postural e de equilíbrio e avaliação da coordenação. Existem vários instrumentos que auxiliam na avaliação inicial da concussão cerebral decorrente do trauma esportivo, como o SAC (Avaliação padronizada da concussão) ou o SCAT (Instrumento de avaliação da concussão no esporte)¹⁸. Esses instrumentos podem ser acoplados à avaliação inicial da vítima durante a realização do item D da avaliação inicial do trauma.

O impacto do trauma esportivo nas saúde mental durante a avaliação inicial

A ocorrência de lesões traumáticas de maior gravidade pode interferir não só no físico do esportista como também no psicológico do mesmo. Isso pode ser devastador e pode se relacionar com maior morbidade neuropsiquiátrica. O esportista deverá lidar não só com as alterações físicas decorrentes do trauma como também irá vivenciar sintomas psicológicos e emocionais diversos ao tentar lidar com o impacto das lesões na sua vida enquanto esportista¹⁸.

Muitos atletas não reportarão sintomas de concussão cerebral ou subnotificarão os mesmos na avaliação inicial. Isso se dá pelo temor de não conseguirem voltar para o jogo, nos casos leves. A pressão para o retorno ao jogo ou à prática esportiva proveniente do próprio esportista/atleta, do treinador ou até mesmo a família pode interferir na avaliação inicial e no manejo adequado do traumatizado¹⁹.

Alterações cognitivas podem ser observadas imediatamente após o trauma ou vários dias após, com duração variável de acordo com a lesão sofrida. Lesões de coluna podem ou não ser revertidas ao longo do tempo. A possibilidade de não reversibilidade de lesões de menor ou maior gravidade, apesar de ações de reabilitação podem interferir na saúde mental do indivíduo, culminando com a morbidade psiquiátrica. Esses aspectos devem ser considerados desde a avaliação inicial, sobretudo quando representam interferência no manejo inicial adequado da vítima.

Ações de enfermagem na avaliação inicial do trauma decorrente da prática esportiva

Equipes multidisciplinares para o atendimento do trauma estão relacionadas com maior sobrevivência das vítimas²⁰. O enfermeiro poderá atuar no cenário da prática esportiva, exercendo seu limite de atuação profissional não só durante as lesões, mas também antes e depois das mesmas^{21,22,23,24,25}.

As práticas avançadas de enfermagem para o atendimento de emergência devem ser implementadas na interface da prática esportiva. Para tanto, o conhecimento das modalidades esportivas e dos fatores associados a sua prática devem ser incorporado às bases de conhecimento que determinam a prática clínica de enfermagem com vistas ao cuidado clínico avançado.

As ações de enfermagem serão implementadas em dois níveis inter-relacionados: as ações educativas e ações cuidativas. As ações educativas são voltadas para o esportista/atleta e sua família e para o professor/ treinador e sua equipe, que atuarão como socorristas em casos de acidentes, prestando atendimento básico até a chegada da equipe de saúde. Os esportistas devem ser orientados quanto a prevenção que podem representar risco de acidentes ou agravos à saúde¹³.

Estudos que descrevam qual deve ser o foco da avaliação inicial do trauma associado às práticas esportivas, com ênfase para o atendimento pré-hospitalar de enfermagem são escassos na literatura. O enfermeiro deverá considerar o indivíduo como um todo, olhando para todos os sistemas orgânicos durante a avaliação e manejo inicial. Na avaliação inicial, além do estado respiratório, cardiovascular e neurológico o enfermeiro deverá investigar os seguintes sinais e sintomas: alteração cognitiva, relato de sensação de cabeça vazia ou oca, retardo psicomotor, tontura, vertigem, cefaleia, alterações no equilíbrio, postura e marcha, relato de quedas, náusea e episódios eméticos, distúrbios sensoriais (fotofobia, diplopia, visão borrada) labilidade emocional, irritabilidade, relato de fadiga, ansiedade, tristeza e alterações de sono. Esses sinais e sintomas podem aparecer no quadro agudo ou de modo retardado⁸.

O enfermeiro deverá referenciar para o serviço todos os casos de vítimas que apresentarem ao longo do tempo: rebaixamento do nível de consciência, aumento da cefaleia, desorientação auto e/ou alopsíquica, alterações de comportamento, convulsões, instabilidade postural e quedas, alteração da força motora e sensibilidade⁸ além de alterações cardiorrespiratórias.

As ações cuidativas de enfermagem no trauma esportivo no contexto do APH deverão respeitar as diretrizes de atendimento ao trauma⁶ no contexto da prática esportiva. Assim, o enfermeiro deverá ter como foco o ABCDE do atendimento ao

trauma incorporando-o ao processo de enfermagem a ser implementado com base nas classificações. Estudos futuros de enfermagem no esporte, baseados em evidências deverão, são mandatórios.

Referências Bibliográficas

1. Mascarenhas MDM, Monteiro RA, Sá NNB et al. Epidemiologia das causas externas no Brasil: mortalidade por acidentes e violências no período de 2000 a 2009. In: Secretaria de Vigilância à Saúde. Saúde Brasil 2010: Uma análise da situação de saúde e de evidências selecionadas de impacto de ações de vigilância em saúde. Brasil: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cap_11_saude_brasil_2010.pdf. Acesso em 30 de agosto de 2013.
2. Finch C, Cassell E. The public health impact of injury during sport and active recreation. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 2006; 9: 490—497.
3. Mitchell R, Finch C, Boufous S. Counting organized sport injury cases: Evidence of incomplete capture from routine hospital collections. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 2010; 13: 304—308.
4. Finch C, Boufous S. Do inadequacies in ICD-10-AM activity coded data lead to underestimates of the population frequency of sports/leisure injuries? *Injury Prevent* 2008;14:202—4.
5. Andrew NE, Gabbe BJ, Wolfe R et al. Trends in sport and active recreation injuries resulting in major trauma or death in adults in Victoria, Australia, 2001—2007. *Injury, Int. J. Care Injured*, 2012; 43: 1527—1533.
6. Comitê do PHTLS da National Association of Emergency Medical Technicians (NAEMT) em colaboração com o Colégio Americano de Cirurgiões. Atendimento Pré-hospitalar ao traumatizado: básico e avançado. Tradução da 5ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
7. Torres SF. Perfil epidemiológico de lesões no esporte. [Dissertação]. Universidade Federal de Santa Catarina. 2004. 95 pgs.
8. Putukian M, Raftery M, Guskiewicz K et al. Onfield assessment of concussion in the adult athlete. *Br J Sports Med*, 2013; 47: 285 – 288.
9. McCrea M, Iverson GL, Echemendia RJ et al. Day of injury assessment of sport related concussion. *Br J Sports Med*, 2013; 47: 272 – 284.
10. Guskiewicz KM, Register-Mihalik JR, McCrory P et al. Evidence-based approach to revising the SCAT2: introducing the SCAT3. *Br J Sports Med*, 2013; 47: 289 – 293.
11. Harris T, davenport R, Hurst T et al. Improving outcome in severe trauma: trauma systems and initial management – intubation, ventilation and resuscitation. *Postgrad med J*, 2012; 88: 588 – 594.
12. Andrade AF, Paiva WS, Amorin RLO et al. Mecanismos de lesão cerebral n traumatismo crânio-encefálico. *Rev Assoc Med Bras* 2009; 55(1): 75-81.
13. Giza CC, Kutcher JS, Ashwall S et al. Summary of evidence-based guideline update: Evaluation and management of concussion in sports. Report of the Guideline Development Subcommittee of the American Academy of Neurology. *American Academy of Neurology*, 2013; 80: 2250 – 2257.



14. Alla S, Sullivan SJ, Hale L et al. Self-report scales/checklists for the measurement of concussion symptoms: a systematic review. *Br J Sports Med*, 2009; 43(1): i3 – i12.
15. [Teasdale G, Jennett B](#). Assessment and prognosis of coma after head injury. *Acta Neurochir*, 1976; 34(1-4):45-55.
16. Maddocks DL, Dicker GD, Saling MM. The assessment of orientation following concussion in athletes. *Clin J Sport Med*, 1995; 5:32 – 35.
17. Guskiewicz KM, Bruce SL, Cantu RC et al. National Athletic Trainers' Association position statement: management of sport-related concussion. *J Athl Train*. 2004; 29(3):280-297.
18. Day MC, Bond K, Smith B. Holding it together: Coping with vicarious trauma in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 2013; 14: 1 – 11.
19. Broglio SP, Guskiewicz KM. Concussion in Sports: The Sideline Assessment. *Sports Health: A Multidisciplinary Approach* 2009; 1(5): 361 – 369.
20. Beckett A, Pelletier P, Mamczak C et al. Multidisciplinary trauma team care in Kandahar, Afghanistan: Current injury patterns and care practices. *Injury, Int. J. Care Injured*, 2012; 43: 2072–2077
21. Ramos MAP e Benelli LM. O papel do enfermeiro dentro de uma equipe de atletas do esporte adaptado de alto rendimento (rugby) em cadeiras de roda. Disponível em: www.efdeportes.com/efd178/o-papel-do-enfermeiro-do-esporte-adaptado.htm. Acesso em 09/08/2013.
22. Kretly V. Faro ACM. A enfermagem enquanto ciência no esporte: tendências e perspectivas. *Rev. Paul. Enfermagem*, 2003; 22(3):294-298.
23. King D. From the sidelines. *Nursing Standard*, 2009; 23(46): 22.
24. Smith M. A review of the initial management of soft tissue sports injuries. *Journal of Orthopaedic Nursing*, 2005; 9, 103–107.

CLUBE SEDE NA ESTREIA DA COPA SÃO PAULO DE FUTEBOL JÚNIOR, FAZ DIFERENÇA?

CECARELLI, LR^{1,3}; MACHADO, AA³; TANGANELI, MS²; ROCHA LIMA, EM³; ISLER, GL³; LOPES, FJ³

4- Bolsista CNPq/PIBITI

5- FCA/UNICAMP

6- LEPESPE – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

Introdução

O futebol é reconhecidamente o esporte mais praticado no mundo e, segundo Dacal (2010), como produto da indústria do entretenimento, este setor movimentou mais de dois bilhões de reais em produtos comercializados, ações de marketing, direitos de imagem e transferências de atletas.

Sabe-se que são muitos os fatores que podem influenciar no resultado de uma partida de futebol, e dentre estes, a vantagem de se jogar em casa destaca-se como um dos principais.

De acordo com Silva; Moreira (2008) no Campeonato Brasileiro da Série A existe uma maior vantagem ao se jogar em casa em relação às principais ligas nacionais do mundo e, dentre os fatores que podem ocasionar este resultado, estão elencados os transtornos ocasionados pelas distâncias percorridas e diferenças climáticas regionais.

Para Cecarelli (2011) um dos momentos onde os estados emocionais, entre eles a ansiedade, interferem no rendimento esportivo é a partida de estréia. Baseado neste cenário faz-se necessário discutir como se dá a interferência do fator “jogar em casa na estréia” em competições de categorias júnior.

Para tal, elencamos a Copa São Paulo de Futebol Júnior, por ser a mais conhecida e disputada competição da categoria, para comparar os resultados das partidas dos clubes mandantes em seu primeiro jogo do torneio.

Objetivo

Este estudo buscou verificar se na Copa São Paulo de Futebol Júnior o fator jogar em casa na estréia demonstrou possível vantagem para os clubes representantes das cidades sedes.

Metodologia

Para realização deste estudo foi selecionado em site oficial da competição quais os clubes sede da competição realizada em 2013, que totalizaram 24. Cabe ressaltar que são 25 cidades sedes no torneio, porém uma das cidades não tinha nenhum clube no grupo que fosse representante daquele município. Em contrapartida, na cidade de Ribeirão Preto dos quatro clubes do grupo dois são representantes da mesma, de modo que consideramos ambos como clubes pertencentes à cidade sede.

Em seguida fizemos uma seleção das partidas de estréia e de seus resultados a fim de coletar os dados necessários para a pesquisa.

Resultados e Discussão

Tabela 1: Quantidade de resultados na estréia da competição.

Vitória	13
Empate	5
Derrota	6
Total	24

Como apresentado na tabela acima, nota-se que em 13 partidas o clube da cidade sede venceu, totalizando 54% do total de 24 jogos.

Os demais resultados apontaram que em 5 vezes (21%) houve empate e em 6 partidas (25%) estas equipes foram derrotadas.

Sabe-se que muitos fatores, como qualidade técnica das equipes, entre outros, apontados por Mondo; Dias (2009) interferem no rendimento de uma equipe e no resultado de uma partida de futebol; porém faz-se necessário destacar a importância dos fatores psicológicos e suas influências no rendimento.

Alguns estudos apontam que o apoio da torcida pode ser fator importante na conquista de resultados positivos, porém, na Copa São Paulo de Futebol Júnior, cabe destaque que a torcida é composta, muitas vezes, também por pais, amigos e familiares dos garotos – fato comum em competições de categorias amadoras - o que pode desencadear certo descontrole dos estados emocionais.

Deste modo, Machado (2006) destaca que a torcida representa um importante determinante externo que, dependendo da personalidade do atleta e principalmente idade e experiência, poderá influenciar positiva ou negativamente a conduta do atleta; se o atleta é pouco experiente, iniciou sua carreira recentemente, as atitudes da torcida podem repercutir de maneira significativa em seu comportamento, podendo levá-lo a situações de descontrole emocional, que conseqüentemente, prejudicará sua performance, mesmo que este público tenha intenção de incentivá-lo.

Isto posto, nosso estudo corrobora com os demais existentes que apontam para vantagem de ser o mandante das partidas em campeonatos profissionais, e demonstra que na Copa São Paulo de Futebol Júnior o fato de se atuar em casa, com o apoio da torcida, pode ser importante para a conquista da vitória na primeira partida da competição.

Considerações Finais

Desta maneira, destacamos que aparentemente ser o clube sede da Copa São Paulo de Futebol Júnior pode favorecer na conquista da vitória na primeira partida da competição, fato este que auxilia na conquista da classificação para a próxima fase.

Cabe destacar a importância de mais estudos e maior aprofundamento sobre a temática, assim como sobre demais variáveis que influem e como podem ser trabalhadas de modo a facilitar o desempenho do clube sede e que promovam melhor adaptação dos demais clubes à cidade sede.



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



Outro ponto que se apresenta como de fundamental importância, é necessidade da presença de um Psicólogo do Esporte para trabalhar com toda a equipe (atletas, comissão técnica, diretores e demais envolvidos) durante o desenvolvimento da competição (preparação, jogos e pós torneio) de modo a permitir a estes maior controle e técnicas de manejo dos estados emocionais, dificultando a queda de rendimento e majorando o desempenho.

Referências Bibliográficas

CECARELLI, Lucas Ribeiro. **Estudo das interferências da ansiedade no psicológico de atletas juniores de futebol**. TCC - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Unesp, Rio Claro, 50 f, 2011.

DACAL, T. **Futebol movimento R\$ 1,9 bi no mercado brasileiro**. Direito Esporte Clube, 2010. Disponível em <http://www.direitoesportecollege.com.br/tag/movimentacao-financeira-futebol/> . acesso em 27 Set. 2011

MACHADO, Afonso Antonio. **Psicologia do esporte: da educação física escolar ao treinamento esportivo**. São Paulo, Guanabara Koogan, 2006.

MONDO, Tiago Savi; DIAS, Júlio da Silva. A vantagem em casa no futebol: um estudo sobre o futebol catarinense. <http://www.efdeportes.com/Revista Digital> - Buenos Aires - Año 14 - Nº 139 - Diciembre de 2009.

SILVA, Cristiano Diniz da; MOREIRA, Danilo Gomes. A vantagem em casa no futebol: comparação entre o campeonato brasileiro e as principais ligas nacionais do mundo. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 10, no. 2, p. 184-188, 2008

CORPO, MÍDIA E CULTURA INDUSTRIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

TEIXEIRA, R. A; BARBOSA, C. G; MACHADO, A. A.
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP

Introdução

É sabido que a mídia e a cultura industrial são uma das responsáveis por padronizar um modelo de corpo ideal para a sociedade. Corpos de mulheres excessivamente magras são expostos e tidos como padrão ideal de beleza. A mais nova moda divulgada em sites e que virou febre entre as mulheres, é a chamada “barriga negativa”. Nesse novo modelo de beleza, as mulheres aparecem ainda mais magras, com ossos do quadril e da costela em total exposição.

Isso nos leva a um questionamento sobre, até onde pode ir o ser humano para obter um “corpo ideal”? Para chegarmos à resposta de tal questionamento, precisamos começar a analisar e discutir a influência causada pela mídia e tecnologias sobre a imagem corporal do sujeito contemporâneo.

Lima (2003) em seu estudo escreveu sobre o fascínio e a alienação no ciberespaço. A autora relata em seu trabalho que esse fascínio pelo mundo virtual é uma forma de se refugiar das dificuldades sociais.

De acordo com Frois et. al. (2011) a imagem corporal do sujeito contemporâneo não é constituída apenas e somente através dos meios midiáticos, porém, esses influenciam, e muito, o processo de sua formação.

No objetivo de entendermos o corpo de hoje, uma caminhada pela história se faz necessária. De acordo com Tucherman & Saint-Clair (2008), “as “representações do corpo” alteram-se historicamente, mas o próprio corpo, em sua materialidade, é necessariamente enredado na complexa teia histórica de que faz parte.”.

Começo essa breve caminhada, falando sobre o corpo do homem primitivo. Costa (2011), fala em seu estudo, sobre os trabalhos rupestres que mostram a representação do corpo do homem primitivo. Segundo o autor, tais desenhos certificam a relação do homem primitivo com o mundo que o cercava, demonstrando medo, sensação de impotência diante dos mistérios e da agressividade dos eventos naturais que provavelmente colocavam a vida em risco. O corpo era nessa época então, um instrumento de mediação do homem com o mundo.

Da pré-história para a Grécia antiga, encontramos então, outro homem, o qual se interessa primordialmente pela satisfação dos desejos do corpo. De acordo com Tucherman (apud BARBOSA et. al. 2011) o corpo nessa parte da história, era radicalmente idealizado, treinado, produzido em função do seu aprimoramento. Vemos então uma grande diferença entre a primeira e a segunda parte da história, aqui descrita, pois a idealização do corpo é contrária a natureza, seja ela qual for, a partir do momento em que temos um corpo modelado e produzido por exercícios e meditação. Nessa época, temos então, a busca da perfeição de corpo e mente. Porém, aqui devemos fazer uma ressalva. A satisfação e o desejo, aqui já mencionados, eram então, prioridade apenas dos homens livres. Entendendo-se “homens livres” como não escravos e não mulheres. De acordo com Rosário (apud

BARBOSA et. all. 2011), as mulheres nessa época tinham apenas como função a obediência e a fidelidade aos seus pais, aos seus maridos e a reprodução. O corpo perfeito era pensando e produzido no corpo masculino.

Damos então um longo pulo em nossa caminhada para falarmos de toda a obscuridade da idade média. Nessa parte da história temos uma nova percepção de corpo. O mundo conhecido era então, dominado pelo cristianismo. Segundo Barbosa (2011) “o corpo passa da expressão da beleza para fonte de pecado, passa a ser “proibido”.”.

O corpo na “era cristã”, foi submentido ao sacrifício e ao suplicio, na tentativa do alcance dos céus e da salvação do inferno. Principalmente as mulheres, nessa época, eram criadas para a submissão, com o corpo tapado, e muitas vezes, ate mesmo o olhar poderia ser uma forma de pecar. “Os tempos medievais foram os do culto à santidade, ao corpo imaculado, coberto, ao corpo “fetichizado” como o escondido e sinônimo de “pura perdição”.”. (SARDINHA, 2004, p.20).

Damos agora um grande salto na linha do tempo e passamos da idade média, para a segunda metade do séc.XVII, a chamada Idade Moderna. Uma era marcada pela mudança nas ações do ser humano, que passa a enxergar a vida com uma percepção mais científica. De acordo com Gaya (apud BARBOSA, 2011) o corpo passa a ser olhado de acordo com uma percepção mais científica e com uso da razão, e servido de objeto de estudos e experiências. Passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo.

A era moderna pode ser pensada como um tempo de redescoberta do corpo. Finalmente chegamos agora aos nossos dias atuais. A pós-modernidade pode ser descrita como um conjunto de mudanças que atingiram o movimento político/econômico/social/cultural, atingindo o homem tanto individualmente quanto coletivamente. Essas mudanças atingem também o corpo, mudando padrões estéticos, novas aparências e novos comportamentos. Entre tantas mudanças, vemos um avanço gigantesco das tecnologias que nos coloca em um mundo mais globalizado onde tudo pode ser visto por todos. A mídia eletrônica e a imprensa são agora, as grandes estimuladoras de um consumismo selvagem, fazendo com que o mercado seja ao mesmo tempo sedutor e perigoso. (SARDINHA, 2004, p. 31). Devido a essas mudanças aqui observadas, esse estudo vai discutir até que ponto, a mídia, como reprodutor estético mercadológico, pode ter consequência ao individuo como os distúrbios alimentares, causados em função da busca incessante por esse “corpo perfeito”.

Material e Métodos

Este estudo constituiu-se de uma revisão de literatura, realizada entre maio e junho de 2013, no qual se realizou uma consulta por artigos científicos. As palavras-chave utilizadas na busca foram “distúrbio alimentar”, “imagem corporal”, “história do corpo” e “mídia”.

O critério de inclusão para os estudos encontrados foram à abordagem do corpo incluindo a discussão midiática.

Resultado e Discussões

Foram encontrados 11 artigos nas bases de dado consultadas que versavam, analisavam e discutiam a influência causada pela mídia sobre a imagem corporal do

sujeito contemporâneo.

Pelegrini (apud BARBOSA, 2011) nos diz sobre o fato, de hoje a beleza estética estar associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude. Temos, então, a publicidade apoderando-se da subjetividade de cada indivíduo, que vive em um mundo onde há a necessidade de se recriar segundo o modo e estilo de vida impostos pela mídia.

Graças a um padrão de estética praticamente inalcançável pela maior parte da população, temos hoje, dentro de cada sujeito, uma grande insatisfação com o próprio corpo, implicando, então, a incorporação da prática do exercício físico com fins estéticos no cotidiano do indivíduo. As academias presentes no mundo de hoje, são consequências das exigências desse novo mercado. Dentro dessas academias, temos, além do espaço destinado à prática de exercício físico, lojas, bares e clínicas de estética. (PELEGRINI, 2004, p.6).

Nesse momento, vale citar Silva (apud PELEGRINI, 2004), quando a autora diz que “a lógica da máquina impõe a obediência dos seres humanos à organização mecânica ignorando o indivíduo e sua condição de sujeito”.

Nesse sentido, podemos dizer a existência desses padrões estéticos muitas vezes inalcançáveis, pode levar o sujeito a acarretar graves problemas como os transtornos alimentares.

Campana (2007), em seu livro, categoriza os fatores predisponentes dos distúrbios alimentares em três grupos, sendo que um desses três é o fator sociocultural.

O fator predisponente sociocultural é a beleza. Segundo Morgan et. al. (2002), “o ideal de beleza feminina centrado na magreza é parte integrante da psicopatologia dos transtornos alimentares.”. De acordo com esse autor, em nossa cultura, ser magra, significa ter competência, sucesso, autocontrole e ser atraente sexualmente.

Tavares (2007) sugere em seu livro, que o fato de vivermos em uma sociedade na qual a gordura ganha padrão de pecado e onde vemos o tempo todo anúncios de tecnologias avançadas, que nos fazem gastar menos energia (controle remoto, carros, máquinas para tarefas domésticas...) e que, em contrapartida, nos enchem os olhos com alimentos ricos em gordura, nos leva a um quadro “contraditório esquizofrenizante”.

Nunes et. al. (apud TAVARES, 2007), diz que, a anorexia é uma distorção cognitiva, e que, esse quadro pode ser explicado por aprendizado imposto por pressão sociocultural, onde a gordura não é algo permitido.

Conclusão

Após análise de diversos autores, podemos chegar à conclusão que, o mundo contemporâneo, tão ligado à tecnologia, pode moldar não só um sujeito belo como também um sujeito doente, tendo como exemplo os sujeitos vítimas dos distúrbios alimentares, causados em função da busca incessante por esse “corpo perfeito”.

Entendemos então que, os distúrbios alimentares são doenças que precisam de mais atenção, e que carecem de ouvidos atentos. O sujeito, que sofre da doença, precisa antes de tudo, ser ouvido. E para que consigamos escutar e entender essas



pessoas, precisamos primordialmente, saber da complexidade da doença e da singularidade do ser humano.

Referências Bibliográficas

- ABELHA, S. V. R. B. N. Estudo comparativo das emoções primárias, alexitimia, e dificuldades na regulação emocional na anorexia nervosa e na bulimia nervosa. Dissertação (mestrado)- apresentada à faculdade de Psicologia e de ciências da educação da Universidade do Porto. Porto, 2009.
- ABREU, C. N; FILHO, R. C. Anorexia nervosa e bulimia nervosa- abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia. IN: Rev. Psic. Clin. 31(4), p.177-183, 2004.
- ALVES, E; VASCONCELOS, F. A. G; CALVO, M. C. M; NEVES, J. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. IN: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro -RJ, 24(3), p.503-512, mar-2008.
- BARBOSA, M. R; MATOS, P. M; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. IN: Psicologia & Sociedade, 23(1), p.24-34, 2011.
- COSTA, V. M. M. Corpo e História. IN: Revista ECOS. Edição nº10, p.245-258, Julho 2011.
- FRÓIS, É. S; MOREIRA, J. O. A imagem corporal na criança e as novidades do brincar pela internet: um ensaio teórico. IN: Pesquisas e Práticas Psicossociais, 5(2), São João Del-Rei-MG, p.238-247, Agosto/Dezembro 2010.
- MORGAN, C. M; VECCHIATTI, I. R; NEGRÃO, A. B. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. IN: Rev. Bras. Psiquiatr. p.18-23, 2002.
- OLIVEIRA, L. L. Jovens com comportamentos de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares: variáveis culturais e psicológicas. Tese (doutorado)- Programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Instituto de Psicologia. Porto Alegre-RS, 2009.
- PELEGRI, T. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. IN: Revista Urutúgua- revista acadêmica multidisciplinar, Maringá- Paraná, nº8, p.1-6, Dez/Jan/Fev/Mar 2004.
- STRACK, M. H; STENZEL, L. M; TRINDADE, C. S; BUSNELLO, F. M. Identificação de crenças, mitos e tabus alimentares na anorexia nervosa em sites brasileiros pró-anorexia.
- TUCHEMAN, I; SAINT-CLAIR, E. O corpo transparente: dispositivos de visibilidade e mutações de olhar. IN: Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v.2, nº9, p.1-17, Julho/Dezembro 2008.

GOLEIROS DE FUTEBOL DE CAMPO: INTERFERÊNCIA DA ANSIEDADE NO RENDIMENTO ATLÉTICO

VERZANI, R. H., MACHADO, A. A.
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP

Introdução

Quando analisamos o contexto esportivo, principalmente no caso do futebol, que é muito frequente no cotidiano do brasileiro, diversos fatores podem interferir na performance dos atletas, acarretando em emoções negativas. Vivemos em um contexto onde os vencedores são valorizados e os perdedores esquecidos, fazendo desta maneira com que a pressão sobre a participação necessite de um acompanhamento especializado.

Desta forma, temos que os goleiros são extremamente focalizados no decorrer das competições, sejam pelas boas atuações ou por suas falhas, que podem ter resultados desastrosos para sua equipe. Por isso, constantemente são criados e estudados conhecimentos específicos para esta posição, além de uma necessidade de avaliar todos os aspectos, inclusive o psicológico.

Sendo assim, a preparação deve ser de excelência, levando-se em consideração o grau de exigência a que os atletas são expostos. Essa afirmação recai sobre a questão da necessidade que existe de haver uma preparação adequada, que valorize todos os aspectos (físico, técnico, tático, psicológico), para que assim aproxime-se do alto rendimento. Através das contribuições de Bertuol e Valentini (2006), temos que a ansiedade tem demonstrado um forte potencial na possibilidade de alterar o rendimento e o comportamento dos atletas jovens, principalmente quando falamos da ansiedade pré-competitiva. Desta forma, deve haver grande atenção dos profissionais envolvidos com os mesmos.

Esta pesquisa tem por finalidade, portanto, analisar o quanto a ansiedade por interferir na performance de goleiros. Foram utilizados questionários, caracterizados por perguntas fechadas, a fim de verificar esta questão. Dentro da metodologia qualitativa, buscou-se avaliar esta relação e possibilidades de auxílio na conduta do atleta.

Revisão de literatura

Em uma modalidade competitiva, principalmente quando falamos de esporte futebol, devemos ter em mente que existem diversas comparações e avaliações que podem ser originadas de outros ou de si mesmo. Outras questões, como expectativas, desafios, rivalidade, metas traçadas em um período anterior, etc., aumentam essa situação, visto a necessidade de reconhecimento, de estar em evidência.

O contexto esportivo pode passar a aumentar estresse e, posteriormente, ser muito desagradável para um atleta, quando analisamos que este é basicamente competitivo, necessitando de uma boa performance e resultados. A torcida e outros fatores podem incidir sobre a ansiedade. Segundo Machado (1997), a ansiedade é um fator psicológico que altera desempenho esportivo. Entende-se a ansiedade como uma resposta emocional determinada a um acontecimento que pode ser

agradável, frustrante, ameaçador, entristecedor e cuja realização ou resultado depende não apenas da própria pessoa, mas também dos outros.

Ainda de acordo com este autor, percebe-se essa situação nos momentos próximos as competições, ou mesmo durante e após estas. Essas situações são tidas como situações tensionantes, ou seja, a ansiedade ocorre devido a uma incerteza quanto ao futuro, como por exemplo quanto a uma partida ou mesmo resultado em um torneio.

Para Weinberg e Gould (2001), podemos caracterizar a ansiedade como um estado emocional, sendo este negativo e com sentimentos que envolvem apreensão, nervosismo e preocupação, em associação com a ativação do corpo. Há uma divisão também em ansiedade somática e cognitiva, sendo a primeira ligada com a ativação física percebida e a segunda com um componente do pensamento.

Existe também uma diferenciação entre ansiedade-estado e ansiedade-traço. A primeira caracteriza-se por uma constante variação do humor. Por exemplo, um atleta de futebol apresenta uma alteração da ansiedade de um momento para outro de uma partida. Desta forma, estas são reações ocasionadas por situações em que a pessoa está exposta naquele determinado momento.

Quando analisamos a ansiedade-estado cognitiva, estamos falando de uma pessoa com pensamentos negativos, já quando falamos em ansiedade-estado somática há alterações na ativação fisiológica de instante em instante. Ainda para Weinberg e Gould (2001), a ativação apresenta uma inter-relação atividades fisiológicas e psicológicas em um indivíduo e tem relação com as dimensões de intensidade de motivação em uma determinada situação.

A ansiedade-traço tem relação com a personalidade, isto é, existe uma tendência adquirida que influencia o comportamento. A pessoa tende a assimilar como ameaçadoras situações que não são realmente preocupantes.

Outra questão que pode sofrer alterações é na concentração do atleta. De acordo com Weinberg e Gould (2001), esta é a capacidade de continuar prestando atenção em sinais relevantes em um determinado ambiente. Algumas situações provavelmente interferem na concentração, como por exemplo o excesso de estresse causado por pressão de dirigentes, investidores e torcedores, exigindo bons resultados dos atletas. Através das contribuições de Becker Jr (1989), temos que possíveis interferências da ansiedade em atletas durante o período de competitivo podem gerar uma performance “desautomatizada”, levando em consideração movimentos complexos. Desta forma, estes tendem a ser mais rudimentares e prejudicam o desempenho durante os torneios e competições.

Para Spielberger (1981), alguns sentimentos, como por exemplo preocupação, tensão, nervosismo, apreensão somados a oscilações de comportamentos e também fisiológicas, como palpitações e tremores, apresentam sintomas clássicos de ansiedade. O aumento da ativação pode alterar a performance de duas maneiras. A primeira é ocasionando em tensão muscular e dificuldades de coordenação. A segunda está relacionada as alterações nos níveis de atenção e concentração, o que deixa clara a importância de entender o modo como pode-se influenciar o rendimento.

Os goleiros precisam de um foco de atenção amplo e uma concentração muito grande para intervir de uma maneira adequada durante uma partida. Contudo, se houverem grandes alterações na ansiedade-estado e na ativação, possivelmente ocorrerá um estreitamento no

campo de atenção, ocasionando em problemas de observação do local, gerando desvio da atenção dominante, o que não seria interessante naquele determinado momento.

Há a necessidade de se atentar que existem níveis adequados de ansiedade, isto é, ela pode não ser negativa. Desta forma, precisa-se procurar um nível ótimo de ansiedade. Portanto, esse trabalho tem o objetivo estudar a ansiedade dos goleiros juniores em período de competição.

Procedimentos metodológicos

O questionário aplicado foi o IDATE, sendo este dividido em duas partes: na primeira avalia-se ansiedade estado e na segunda ansiedade traço. Em cada página do questionário, o atleta encontrava uma escala LIKERT de 1 a 4. A amostra do estudo consistiu em 13 goleiros que estavam disputando a Copa São Paulo de Futebol Junior, durante a realização da fase de grupos, nas cidades de Limeira e Rio Claro.

Resultados e Discussão

Pode-se observar no primeiro gráfico uma visão global que diz respeito aos resultados relacionados a ansiedade traço dos atletas, visto que são considerados como aspectos positivos deste primeiro questionário os itens 1, 6, 7, 10, 13, 16, 19. Já os itens considerados negativos são: 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 20. (KAIPPER, 2008)

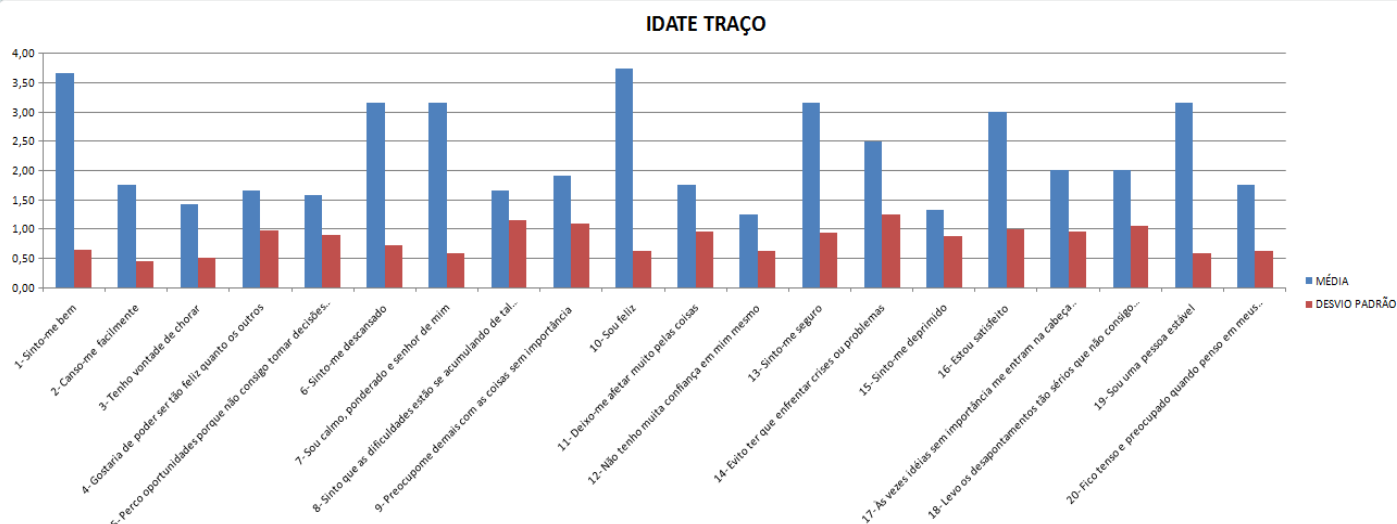


Gráfico 1 – Idate traço – Panorama Geral

Partindo deste gráfico, é possível observar um panorama geral dos resultados, evitando-se destacar apenas fatores que obtiveram resultados expressivos, tanto com relação aos itens positivos quanto em relação aos itens negativos. A média da amostra correspondeu a 43,46, número este que, de acordo com Cheik (2003), corresponderia a um mediano nível de ansiedade.

Um dos resultados mais elevados diz questão ao quanto um atleta sente-se feliz e/ou bem, o que é um fator positivo e

potencializa um maior comprometimento com relação aos objetivos propostos, sendo que caso em baixos níveis poder-se-ia supor a aparição de problemas dentro daquela equipe.

Segundo Riemer (1995), a satisfação dos atletas tende a ser um “termômetro” da equipe, visto que pode indicar sentimentos de um indivíduo com relação a sua própria equipe. Este fato está relacionado com a coesão de grupo, encontrando-se inter-relações com outras questões, como liderança, estados de humor, dentre outros, como a própria ansiedade.

Um fator interessante dentro de uma equipe é o que apresentou os níveis mais altos dentro do IDATE-traço, com relação aos aspectos negativos, isto é, enfrentamento de crises ou problemas. Ele está diretamente ligado a resiliência ou mesmo a capacidade de enfrentar diversas situações de uma forma adequada.

O *coping* é uma estratégia interessante com relação a finalidade de lidar com esses problemas, visando lidar com as demandas do ambiente ou internas, uma vez que elas são avaliadas pelo próprio atleta como além de suas capacidades ou possibilidades.

No gráfico 2, observamos também um panorama geral, porém desta vez com os itens do IDATE estado, podendo-se abordar como os itens positivos do questionário de ansiedade estado: 1, 2, 5, 8, 10, 11, 15, 16, 19, 20. Já como itens negativos, temos: 3, 4, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 17, 18. (KAIPPER, 2008)

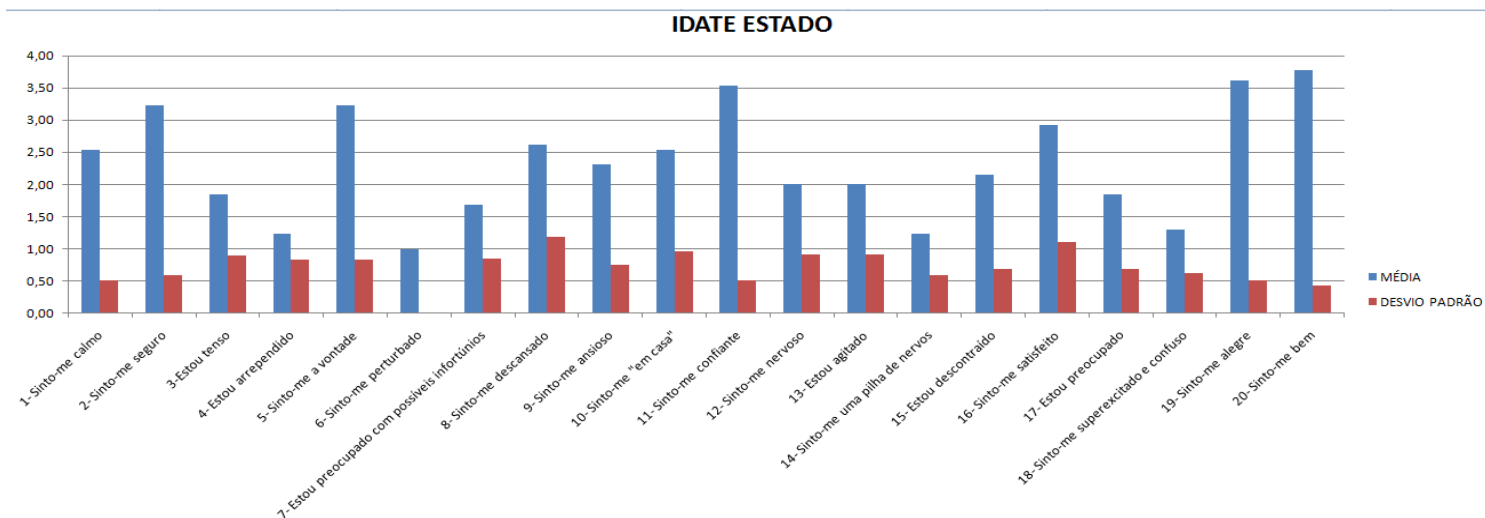


Gráfico 2 – Idade Estado – Panorama Geral

Observando este gráfico, encontra-se como os atletas estavam no que se diz respeito àquele momento em que estavam passando, isto é, ao nível estado de ansiedade. O resultado de 40,51 nas somas das médias caracteriza um grau mediano de ansiedade, de acordo com Cheik (2003).

Fica claro através da média que o número de indivíduos que estavam se sentindo bem e alegres é alta, demonstrando que havia satisfação com aquele momento em que estavam vivendo, podendo também auxiliar no comprometimento com o grupo e com objetivos que foram traçados anteriormente.

Há destaque também respeito à confiança, sendo que para Weinberg e Gould (2008), esta é indispensável para equipe. Insto se deve ao

atleta se sentir tratado com justiça, isto é, todos seus esforços são levados em consideração de forma imparcial e também de modo objetivo. Isto tende a influenciar na motivação, comprometimento e também satisfação dos atletas.

O fato de sentir-se seguro também é essencial, e pode ter relação com uma boa preparação dos goleiros, o que é extremamente importante para uma competição de grande destaque como esta, visto que há uma grande pressão sobre o atleta, além da necessidade de passar segurança para a equipe.

Há a necessidade de destacar o item que diz respeito ao quanto o atleta sentia-se ansioso naquele momento, pois este fato pode desencadear em um desempenho “desautomatizado”, visto que assim não será apresentada a mesma performance que foi observada em outros momentos ou mesmo em outros jogos menos importantes.

Sendo assim, um atleta ansioso pode apresentar tensão na musculatura, dificuldades de concentração, falta de paciência, dentre outros sintomas, o que provavelmente prejudicará o rendimento esperado. Isto inclusive pode gerar distúrbios do sono, sendo que deste modo também estará prejudicando na recuperação do atleta e no descanso durante a competição.

Conclusão

Como já foi apresentado neste artigo, a ansiedade tende a interferir no rendimento, sendo que desta forma há a necessidade de uma atenção grande por parte da comissão técnica, devido as modificações nos aspectos psicológicos neste período competitivo, podendo levar a diminuições de rendimento e prejudicando os objetivos e metas traçados previamente.

Sendo assim, encontramos resultados que envolviam a ansiedade traço e ansiedade estado de 13 goleiros durante a competição citada anteriormente, o que de acordo com os parâmetros de Cheik (2003), ambos apresentaram um patamar mediano de ansiedade, o que pode ser considerado como um nível adequado e mais próximo do ideal para uma competição.

A hipótese do U invertido pode confirmar que esse nível mediano de ansiedade seria adequado, visto que se estivesse baixo, o indivíduo estaria apresentando baixa ativação e diminuição do rendimento. Já no caso de um nível médio, o desempenho aumenta até certo ponto, pois quando passa a apresentar um nível alto, o desempenho novamente começa a cair para níveis não adequados em padrão competitivo.

Portanto, para que o planejamento de uma equipe seja eficiente, deve ser muito bem estruturado e questões de ordem psicológicas não devem ser lembradas apenas em períodos competitivos, mas sim durante todo o processo de preparação, criando assim uma equipe que sabe como se comportar em diversos tipos de situações. É necessário também constante aprofundamento e preparação das comissões técnicas, para que conduzam suas equipes da melhor maneira, tendo sensibilidade para diagnosticar alterações no rendimento e suas causas.

Referências Básicas



- BECKER JÚNIOR, B. **Os níveis de ansiedade do tenista.** Match Point, Porto Alegre, v. 2, no. 25, p 10, 1989.
- BERTUOL E VALENTINI. **Ansiedade competitiva de adolescentes.** Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 17, n. 1, p. 65-74, 1. sem. 2006.
- CHEIK, N. C.; REIS, I. T.; HEREDIA, R. A. G.; VENTURA, M. L.; TUFIK, S.; ANTUNES, H. K. M.; MELLO, M. T. Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. Revista. Brasileira de Ciência e Movimento. v. 11 n. 3. p. 45-52. Brasília, jul./set. 2003
- KAIPPER, M. B. **Avaliação do inventário de ansiedade traço-estado (IDATE) através da análise de Rasch.** Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2008.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte:** temas emergentes. Jundiaí: Ápice, 1997.
- RIEMER, H.; CHELLADURAI, P. **Leadership and satisfaction in athletics.** J Sport Exerc Psychol;17:276-93, 1995.
- SPIELBERGER, C.D. **Tensão e ansiedade.** São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1981.
- WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- WEINBERG, Robert S., GOULD, Daniel. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NOVAS TECNOLOGIAS E O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

CECARELLI, LR; MACHADO, AA; ROCHA LIMA, EM; ISLER, GL; LOPES, FJ
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP

Introdução

O surgimento da internet trouxe diversas mudanças em nossa sociedade, com seu surgimento é notório o grande impacto gerado pela evolução tecnológica, assim como as mudanças desencadeadas de modo expressivo pela humanidade diante das relações estabelecidas com as tecnologias.

De acordo com Calipo (2008) a internet é definida como uma rede social e virtual que propicia a elaboração de atividades em conjunto e também o contato entre as pessoas, que sem este recurso teriam uma viabilidade mínima.

Deste modo compreendemos a grande importância das possibilidades advindas da sociedade de informação, que segundo Silva (2007) esta sociedade faz uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) com o intuito de trocar informações e possibilitar a comunicação entre os indivíduos.

Esta comunicação estabelecida entre as pessoas se dá através de aparelhos eletrônicos como telefones, celulares, rádio, televisão, computador e internet dentre outros tantos instrumentos que possibilitam e facilitam a comunicação entre as pessoas, graças as funcionalidades destes aparelhos.

Neste sentido de acordo com Silva (2007) nessa sociedade de informação na qual vivemos as informações são colocadas em nossas vidas com grande rapidez possibilitando o recebimento de cada vez mais informações sendo difícil ficar fora deste mundo, isto se dá também de acordo com Silva (2007) pelo fato de que os meios de informação são cada vez mais abundantes em que todos difundem informação.

Assim, compreende-se que estamos imersos a estas novas formas de interação, recepção de informações e meios de comunicação; onde não nos cabe refletir sobre como isto se dá, mas sim buscar compreender suas influências em nossas vidas.

Objetivo

Para tal, este trabalho de buscou compreender diante das novas tecnologias, meios de comunicação e interação social, qual o modo de comunicação – pessoalmente ou via tecnologia- que adolescentes preferem utilizar e o porquê desta preferência.

Metodologia

Para obtenção dos dados da pesquisa foi elaborado um questionário que foi construído no aplicativo Google Docs, sendo este um aplicativo do Google Drive que possibilita a elaboração de questões fechadas e que através de um endereço de internet podem ser acessadas e respondidas, estas repostas foram então enviadas ao pesquisador que realizou a análise do conteúdo a partir das contribuições dadas por Bardin (1997).

A fim de delimitar os participantes do estudo, restringimos à adolescentes entre 11 e 14 anos de ambos os sexos, que responderam ao questionário que foi disponibilizado em perfis e grupos do facebook, assim como em listas de e-mail.

Resultados e discussão

Tabela 1: Adolescentes que preferem se comunicar via meios tecnológicos

	Adolescentes que preferem se comunicar via meios tecnológicos	Adolescentes que preferem se comunicar pessoalmente	Total
11 e 12 anos	44	29	73
13 e 14 anos	56	24	80

Com a análise dos dados obtidos pode-se observar que 60% (44) dos 73 adolescentes entre 11 e 12 anos e 70% (56) dos 80 adolescentes entre 13 e 14 anos afirmaram preferir interagir e se comunicar com amigos, colegas e demais pessoas utilizando-se de meios tecnológicos como computador, internet e celular.

Percebe-se então que esta quantidade é bastante expressiva na faixa etária estudada, principalmente no segundo grupo em que a quantidade de adolescentes que preferem utilizar os meios de comunicação são quase 1 quarto do grupo estudado.

Ao buscar a compreensão acerca dos motivos para a preferência, destaca-se:

- 1) Anonimato;
- 2) Menos vergonha;
- 3) Consegue ser mais sincero e
- 4) Fala coisas que pessoalmente não falaria.

Estes motivos fazem todo o sentido já que através dos aparelhos a exposição é bem menor, já que o interlocutor não é visto, suas reações e expressões ficam ocultas e não é preciso se expor fisicamente frente ao outro interlocutor.

Considerações Finais

Em corroborância com Areias e colaboradores (2012) destaca-se que a realidade é que temos uma tecnologia de comunicação tão tremenda, voraz e veloz que gerou um nível de incomunicação brutal.

Desta maneira, devemos nos atentar para que não contribuamos para que mais pessoas vivam em seu canto, mergulhadas em seu próprio mundo cibernéticos.

Neste momento, destaca-se a importância de pais e professores no auxílio e ensino de como fazer uso das ferramentas e tecnologias disponíveis, demonstrando suas utilidades e facilidades mas instruindo para que seus filhos e/ou alunos saibam



como utilizá-las corretamente e da melhor maneira possível, inclusive de modo a facilitar seus relacionamentos interpessoais.

Cabe assim ressaltar que o problema não está na criação e utilização das tecnologias, mas sim no uso que se faz delas. Desta maneira nota-se que as tecnologias tem sua importância, podem ser muito úteis – e o são, porém devem ser coadjuvantes e tidas como acessórias no processo de interação social; não sendo vistas como substitutas das relações face a face.

Referências Bibliográficas

AREIAS, Ana Carolina; ASSIS, Carlos; NAPOLEÃO, Dalet; GONÇALVES, Daniel; BRITO, Marcia; CARNEIRO, Rachel Shimba. **A comunicação no ciberespaço: relacionamentos interpessoais no anonimato**. Polêmica, v. 11, n. 2, abr/jun, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1997.

CALIPO, Valéria. **Juventude e a era da Internet: integração e interação**. Dissertação de Pós Graduação em Comunicação Social da UMEP, São Bernardo do Campo, 2008.

SILVA, Ana Mafalda Falcão. **Sociedade da Informação**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2007.

OS ESTADOS DE HUMOR DE PRATICANTES DE HANDEBOL E FUTEBOL NOS JOGOS REGIONAIS DE 2012: HOMENS E MULHERES NA “CONCENTRAÇÃO ESPORTIVA”

ISLER, G. L.^{1,2}, MACHADO, A. A.¹, SCHIAVON, M. K.^{1,2}, CECARELLI, L. R.¹, ROCHA LIMA, E. M.¹
¹LEPESPE – UNESP – IB – RIO CLARO/SP ²Claretiano – Faculdade – Rio Claro/SP

Introdução

Segundo Kocian, Kocian e Machado (2005) e Kocian (2009) a concentração esportiva desempenha uma importante função no desenvolvimento do esporte. Sendo que, por concentração esportiva entende-se “o ambiente de reclusão que antecede um evento esportivo seja para competição ou até exibição”. A função deste momento é a de favorecer o recrutamento de todos os recursos psicofisiológicos com o intuito de incrementar o rendimento esportivo durante a competição.

Para Toledo (2002) buscam ajustar o estado físico e mental dos atletas, retirando dos mesmos os estímulos extra campo que possam prejudicar o processo de preparação. O período em que os atletas permanecem concentrados pode durar horas ou dias que antecedem as competições. Nesta espécie de “retiro” os atletas “esforçam-se” em atividades como assistir televisão, jogar baralho, sinuca etc.

Diante deste cenário, sem muita dificuldade encontram-se atletas que entendem este ambiente e momento como inoportuno e até dispensável. Casos como estes podem ser ilustrados com falas do ex-jogador e médico Sócrates: “Nada é mais banal e letárgico que este tipo de aprisionamento a que os jogadores estão submetidos. Quais os motivos para a existência das concentrações?” (TOLEDO, 2002, 156). Ou de Romário: “a concentração, por exemplo, é inútil. O objetivo alegado é de unir o grupo, mas na prática não funciona.”(KOCIAN, KOCIAN e MACHADO, 2005).

No entanto, a concentração também é entendida por atletas, a exemplo de Tostão e dos participantes do estudo realizado por Kocian et al. (2007), como um item necessário e que, no caso do primeiro, representa o profissionalismo do futebol, apesar de não esconder que ainda existem, a ao que tudo indica sempre existirão, exceções:

“Hoje, (o futebol) é muito profissional, mas sempre tem (o jogador que é mais boêmio). Há mais concentração e o salário é muito alto, cria uma segunda natureza no jogador, ele precisa ganhar dinheiro e a carreira é curta, pois o desgaste” é maior e eles sabem disso.” (TOLEDO, 2002, p.143).

Por se caracterizar como uma das etapas do processo de preparação esportiva, e por este estar muito atrelado à capacidade do treinador de conduzi-lo, Kocian et al. (2007), Kocian (2009) e Toledo (2002) reforçam que a maneira como o treinador conduz e planeja a concentração é importante e de fundamental importância para suas pretensões e para que os atletas percebam sua real função dentro e fora da competição.

Como dito anteriormente, enquanto etapa da preparação esportiva, a concentração esportiva necessita desenvolver nos atletas entre outros fatores a prontidão psicológica. Um dos fatores psicológicos intervenientes e sobre o qual o treinador deverá estar atento são os estados de humor, os quais são entendidos como estados afetivos de curta duração e baixa intensidade, que se desenvolvem de maneira lenta e progressiva, sendo alimentados na maioria das vezes por motivos intrínsecos. Devido a estas características, os estados de humor são considerados autorreguláveis (SANTOS, 2001).

Apesar de serem considerados de baixa intensidade e de curta duração, não se deve menosprezar os efeitos dos mesmos sobre o desempenho atlético, cabendo ressaltar aqui as citações de Lavoura et al. (2008) a respeito de algumas reações negativas geradas pelos mesmos em atletas, como: sentimento de confusão, aumento da quantidade de pensamentos negativos, dificuldades de concentração durante a competição, redução das condições para tomada de decisão e maior tendência de agir precipitadamente em competição.

Segundo a mesma autora, os estados de humor são influenciados mais pela interação do indivíduo com o ambiente, do que por seus traços de personalidade. Tal afirmação direciona o foco deste estudo, o qual pretende verificar os estados de humor, os quais foram coletados em atletas de ambos os gêneros das modalidades handebol e futebol de campo durante o período de concentração para os Jogos Regionais de 2012.

Metodologia

Para a coleta dos dados utilizou-se a Escala de Humor de Brunel (BRUMS) a qual permite uma rápida mensuração do estado de humor em indivíduos adultos e adolescentes. A escala de BRUMS apresenta 24 indicadores de humor que estão divididos em seis subescalas: tensão, depressão, raiva, vigor, fadiga e confusão mental. Cada subescala é composta por quatro fatores e sua análise é feita somando-se os resultados dos mesmos.

Dentre os atletas participantes dos Jogos Regionais de 2012, realizados em Atibaia/SP foram selecionados 48 participantes, sendo 24 homens e 24 mulheres integrantes das equipes de Handebol e Futebol de uma única cidade. Foi realizada somente uma coleta de dados no início do período de concentração das equipes.

Para a análise dos dados utilizou-se da metodologia e da estatística descritiva, a qual é entendida por Blair e Taylor (2013) como necessária durante a apresentação de grandes quantidades de dados, através de informações básicas como média, mediana, variância e desvio padrão, por exemplo.

Discussão

A análise dos dados demonstrou valores elevados na subescala vigor em ambas as modalidades (Hand = 10,67 e Fut = 11,58) e para ambos os gêneros (M=11,62 e F=10,62). Segundo Samulski (2009) tal subescala corresponde a importantes condições, as quais favorecem a dedicação do atleta à competição esportiva, como por exemplo, a recuperação, a auto-regulação, inclusive dos estados de humor, e a auto-eficácia.

Em comparação ao vigor, a média das outras cinco subescalas que compõem o instrumento: raiva (Hand = 1,2 e Fut = 0,70), tensão (Hand = 4,16 e Fut

= 3,59), fadiga (Hand = 3,65 e Fut = 1,75), confusão (Hand = 2,41 e Fut = 1,17) e depressão (Hand = 0,65 e Fut = 0,33) apresentaram níveis muito inferiores em ambos os gêneros, que foram agrupados. Tal comparação estabelece uma relação positiva entre o momento e o ambiente, no caso a concentração esportiva, e os estados de humor dos atletas de ambas as modalidades. Pode-se afirmar isso uma vez que se entende os estados de humor enquanto produto da relação entre o indivíduo e o meio em que está inserido (SANTOS, 2001).

Os resultados encontrados no presente estudo remetem ao que Morgan et al. (citado por SAMULSKI, 2009) caracterizam por “Perfil Iceberg”, o qual comumente é apresentado por atletas de alto nível e é caracterizado por níveis elevados de vigor e baixos níveis de ansiedade, fadiga e confusão. Segundo considerado como o estado ideal para os atletas durante competição.

Segundo os dados obtidos pode-se inferir que o nível de estresse dos atletas encontra-se em níveis adequados, pois está diretamente relacionado aos valores obtidos nas categorias tensão ($3,88 \pm 0,74$), depressão ($0,49 \pm 0,24$) e raiva ($0,95 \pm 0,37$), os quais apresentaram escores médios reduzidos. Apesar de perceberem níveis reduzidos de tensão e estresse é importante ressaltar que estes são componentes frequentes do ambiente esportivo e que merecem atenção por parte dos treinadores, principalmente a respeito da percepção de suas influências sobre o desempenho esportivo de cada atleta (BRANDÃO e MACHADO, 2008).

Há a necessidade de se estabelecer a relação entre estresse e o desempenho esportivo, principalmente por que em situações que exigem a prontidão geral do atleta, este precisa estar em um estado de alerta para reagir de maneira adequada aos estímulos do ambiente. Fato que, segundo Weinberg e Gould (2008), Samulski (2009) e Brandão e Machado (2008), somente será possível havendo níveis de ativação mínimos que mantenham seu estado de atenção e concentração dentro de padrões adequados, segundo a percepção do atleta e as demandas ambientais.

Outro ponto que parece ser interessante de se descrever está na relação positiva entre as subescalas fadiga ($2,7 \pm 0,6$) e confusão ($1,79 \pm 0,55$) e o surgimento de conflitos e pressão (SAMULSKI, 2009). Devido os valores reduzidos nestas duas subescalas, sugere-se que havia uma reduzida possibilidade da existência de conflitos e que os atletas ainda não se percebiam pressionados. No entanto, cabe ressaltar que devido ao momento em que foi realizada a coleta, início do período de concentração, a inexistência destes fatos pode ser considerada natural.

Considerações Finais

A análise dos dados sugere que a reclusão pré-evento esportivo cumpriu sua função, ao menos no que se refere aos estados de humor dos atletas de Futebol de Campo e Handebol, pois os participantes deste estudo demonstraram estar emocionalmente prontos para a competição que estava para se iniciar. Afirmarções reforçadas pelo “Perfil Iceberg” observado nos atletas de ambos os gêneros e modalidades envolvidas.

Importante frisar que a análise dos estados de humor é um indicativo do estado afetivo momentâneo de cada atleta. Estado passível de sofrer alterações por diversos motivos e em frações de tempo muito pequenas. Portanto, sugere-se não



somente a avaliação constante dos estados de humor, mas a implantação do treinamento psicológico e, através dele, de técnicas de autocontrole para que o atleta consiga, através de seus próprios recursos, lidar com alterações bruscas e manejar seus estados de humor de forma a mantê-los em níveis ideais.

Sugere-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas a fim de se obter maiores informações sobre o ambiente da concentração esportiva e seus efeitos com relação ao estado psicológico de cada atleta e de seu desempenho esportivo. Neste sentido, cabe ressaltar que a generalização dos dados obtidos por esta pesquisa não pode representar a realidade deste fenômeno, devido à subjetividade dos envolvidos e de sua relação com o ambiente em questão.

Referências

- BLAIR; R. Clifford; TAYLOR, Richard A. **Bioestatística para ciências da saúde**. Tradução Daniel Vieira. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.
- BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; PIRES, Daniel Alvarez; Marques, Leonardo Eid. **O estresse e sua relação com o rendimento esportivo**. In: BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antonio (Org.). **Aspectos psicológicos do rendimento esportivo**. São Paulo: Editora Atheneu, 2008. p. 83-95.
- KOCIAN, Rafael Castro; BOTURA, Henrique; LAVOURA, Thiago Nicola, AMANDIO, Júlio Cesar Ameixa; MACHADO, Afonso Antonio. Existe possibilidade de uma nova forma de reclusão esportiva? Uma visão dos atletas. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. V.5, n.1, p. 315-322, 2007.
- KOCIAN, Rafael Castro; KOCIAN, Walter Eduardo; MACHADO, Afonso Antonio. Aspectos psicológicos positivos e negativos de uma concentração esportiva: uma visão dos atletas. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital**, v. 89, p. 6–11, 2005.
- KOCIAN, Rafael Castro. **Concentração nas olimpíadas colegiais do estado de São Paulo**: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da psicologia do esporte. 2009. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2009.
- LAVOURA, Thiago Nicola; MIGUEL, Maria Cristina Nunes; PRESOTO, Daniel; IIZUKA, Cristina Akiko. Um novo olhar sobre as emoções no esporte de alto rendimento. In: BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antonio (Org.). **Aspectos psicológicos do rendimento esportivo**. V. 2. São Paulo: Editora Atheneu, 2008. p. 27–64.
- SANTOS, Eliane Sousa Oliveira dos. **Influência do Balé Clássico e da Dança Moderna nos Estados de Ânimos**. (São Paulo, 2001. Dissertação de Mestrado em Ciência da Motricidade – Motricidade Humana) Instituto de Biociência. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro SP.
- SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do Esporte**. São Paulo: Editora Manole, 2009.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.



OVERTRAINING: ESTUDO DE CASO DE UMA EQUIPE MASCULINA DE HANDEBOL DURANTE OS JOGOS REGIONAIS DE ITATIBA 2013.

SCHIAVON, M.K., ISLER, G. L., BAGNI, G., RIBEIRO, L.B., MACHADO, A. A.
LEPESPE, UNESP, RIO CLARO - SP

Introdução

O esporte de alto rendimento vem, ao longo do tempo, exigindo dos atletas em todas as modalidades um aumento constante de desempenho. Durante uma fase de competição intensa, alguns atletas podem apresentar um declínio em seu rendimento, o que tem sido atribuído a determinados processos psicológicos e fisiológicos. Quando a intensidade e o volume de competição e treinamento ultrapassam a capacidade de recuperação e de adaptação do corpo, o organismo pode apresentar estados de fadiga excessiva. Esse processo de cargas excessivas de estresse no treinamento e na competição, combinadas com um insuficiente tempo de recuperação é denominado *overtraining*.

O *overtraining* é um sintoma de instabilidade psicofisiológico prejudicial à saúde física e mental dos atletas que ocorre devido ao desequilíbrio entre o estresse (carga de treinamento e competições) e os períodos de recuperação (descanso das atividades esportivas – folga).

Segundo Samulski (2009) o estresse deve ser pensado de maneira tridimensional, onde os conceitos biológicos, psicológicos e sociológicos devem ser pensados com certa ligação, porque os processos psíquicos e sociais estão relacionados aos processos biológicos. Os processos sociais são influenciados pelos processos psicológicos e associados podem exercer grande influência na resposta biológica.

Na rotina diária de uma equipe de alto desempenho, na qual a frequência de jogos é elevada, é importante desenvolver e aplicar estratégias para o monitoramento dos níveis de estresse e recuperação que sejam de rápida aplicabilidade nas atletas e eficientes no diagnóstico de possíveis fatores de risco de *overtraining*.

Também é importante considerar que o atleta sofre alterações psicofisiológicas no nível de estresse, ao longo da temporada, dependendo da sobrecarga e das fases de treino e competição. Essas variáveis ressaltam a importância de um monitoramento periódico e eficiente dos níveis de estresse e recuperação de cada atleta da equipe, visando alcançar o máximo rendimento possível individual e prevenir os efeitos nocivos relacionados a sobrecarga.

Uma das variáveis mais utilizadas no monitoramento de programas de treinamento esportivo, principalmente em fases de cargas elevadas, é a percepção de estresse e recuperação, através do questionário de estresse e recuperação para atletas (RESTQ-Sport). Essa variável tem sido utilizada principalmente em estudos que investigam a relação entre diferentes cargas de treinamento e seus efeitos no estado psicológico em atletas de diferentes modalidades esportivas.



O presente estudo avaliou uma equipe de alto rendimento da modalidade de handebol masculino, durante os Jogos Regionais de Itatiba-2013.

Os Jogos Regionais são disputados pelas representações municipais do estado de São Paulo e realizados anualmente pela Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer, em conjunto com os municípios-sede. Normalmente são realizados no mês de julho. As competições são realizadas em oito regiões esportivas. Os Jogos Regionais tiveram início em 1950, na cidade de Presidente Prudente, oeste do estado com a finalidade da revelação de novos talentos. Desde aquela época, os campeonatos que se realizavam em algumas regiões paulistas evoluíram e se tornaram eliminatórios para Jogos Abertos do Interior. A partir de 1984, os Jogos Regionais passaram a ser disputados em seis zonas. Foram desmembrados os Jogos Regionais da Zona Sudeste, criando-se os Jogos Regionais do Vale do Paraíba e Litoral Norte, ficando assim estruturados: Zona Norte; Zona Leste; Zona do Vale do Paraíba e Litoral Norte; Zona Sudeste; Zona Centro-oeste. A partir de 1988, os Jogos Regionais passaram a ser realizados por regiões esportivas. Atualmente, com a emissão da Portaria G. CEL 08/2004, os Jogos foram divididos em 8 oito regiões esportivas com suas subdivisões. Os Jogos Regionais, durante todos esses anos, têm alcançado seu objetivo de promover a massificação e o intercâmbio esportivo, contando com um número, cada vez maior, de atletas e de municípios inscritos, revelando valores como Hortência Marcari e Paula, no basquetebol, Aurélio Miguel, no Judô, e Cláudio Kano, no Tênis de Mesa, entre outros.

Procedimentos metodológicos

Durante uma competição, variáveis psicológicas foram avaliadas em uma equipe de alto nível do handebol brasileiro composta por 14 atletas do sexo masculino, com média de idade de $22,13 \pm 4,40$ anos, que disputaram os Jogos Regionais de Handebol 2013 na cidade de Itatiba, SP, utilizando o questionário de estresse e recuperação (RESTQ-Sport-76). Nos Jogos Regionais a equipe analisada disputou 06 jogos em dias consecutivos e o questionário foi aplicado após o quinto jogo.

O questionário (RESTQ-Sport-76), desenvolvido por Kellmann e Kallus, validado na língua portuguesa por Costa e Samulski, e composto por 76 itens organizados em 19 escalas, sendo 12 escalas gerais e sete escalas específicas para o esporte. Por sua vez, essas 19 escalas são organizadas em quatro grandes dimensões (estresse geral, recuperação geral, estresse no esporte e recuperação no esporte). As dimensões avaliam eventos potencialmente estressantes e de recuperação dentro e fora do ambiente esportivo. Os itens do instrumento foram respondidos, utilizando-se uma escala de Likert de sete pontos, que varia de 0-nunca a 6-sempre. Os níveis de estresse e recuperação da equipe foram agrupados segundo as quatro grandes dimensões do instrumento. A dimensão “Estresse Geral” refere-se a percepção das atletas sob as condições estressantes fora do ambiente esportivo, e a dimensão “Estresse no Esporte” envolve condições mais específicas da vida esportiva da atleta. A dimensão “Recuperação Geral” diz respeito as estratégias diárias de recuperação extra ambiente esportivo e a dimensão



“Recuperação no Esporte” esta relacionada a percepção das estratégias específicas de controle e recuperação das demandas no esporte.

O objetivo deste estudo foi analisar os níveis de estresse e recuperação de uma equipe masculina de handebol de alto rendimento durante os Jogos Regionais realizados na cidade de Itatiba- SP. Foram avaliados 14 atletas ($22,13 \pm 4,40$ anos) através do Questionário de Estresse e Recuperação (RESTQSport- 76), durante um período denominado de competição.

Resultados

Em relação às duas dimensões de estresse, geral (escalas de 1 a 7) e no esporte (escalas de 13 a 15), foram encontrados altos níveis nas duas dimensões. Das nove escalas que avaliam a recuperação geral e a recuperação no esporte, em cinco delas (números 9, 10, 11, 12 e 16) foram encontrados baixos níveis. E em quatro escalas (números 8, 13, 14 e 15) os atletas continuavam a demonstrar uma baixa recuperação.

Discussão

A recuperação é um processo através do qual as consequências psicológicas referentes ao estresse, causadas pelas atividades anteriores, são equilibradas e a capacidade funcional é restaurada. É um processo fisiológico, psicológico e social, sendo que alguns desses sistemas podem ser treinados ao mesmo tempo em que outros se recuperam.

Em um esporte coletivo como o handebol, onde os jogos são realizados com duração de 40 minutos, onde a intensidade muitas vezes é alta, seria ideal que a equipe possuísse atletas “reservas” com o mesmo nível técnico, físico e psicológico dos “titulares”, principalmente em campeonatos onde os jogos acontecem em dias consecutivos, como no caso, os Jogos Regionais, para que ocorram trocas durante a partida e a total recuperação por parte desses atletas.

Conclui-se, dessa forma, que todos os indicadores de estresse se encontravam elevados no período de competição, e que alguns marcadores de recuperação, como sucesso, aceitação pessoal, auto eficácia e auto regulação apontaram baixos níveis de recuperação nesta equipe, durante esses jogos.

Referências Bibliográficas

- ALVES RD, COSTA LOP, SAMULSKI D. Monitoramento e prevenção do supertreinamento em atletas. Rev Bras Med Esporte 2006;12:291-6.
ANGELI A, MINETTO M, DOVIO A, PACCOTTI P. The overtraining syndrome in athletes: a stress-related disorder. J Endocrinol Invest 2004;27:603-12.
COSTA LOP, SAMULSKI D. Overtraining em atletas de alto nível: uma revisão literária. R Bras Ci e Mov 2005b;13:123-34.



- COSTA LOP, SAMULSKI D. Processo de validacao do questionario de estresse e recuperacao para atletas (RESTQ-Sport) na lingua portuguesa. R Bras Ci e Mov 2005a;13:79-86.
- COUTTS AJ, WALLACE LK, SLATTERY KM. Monitoring changes in performance, physiology, biochemistry, and psychology during overreaching and recovery in triathletes. Int J Sports Med 2007;28:125-34.
- DAVIS IV H, ORZECK T, KEELAN P. Psychometric item evaluations of the Recovery-Stress Questionnaire for athletes. Psych Sport Exerc 2007;8:917-38.
- GONZALEZ-BOTO R, SALGUERO A, TUERO C, GONZALEZ-GALLEGO J, MARQUEZ S. Monitoring the effects of training load changes on stress and recovery in swimmers. J Physiol Bioch 2008;64:19-26.
- HALSON S, LANCASTER G, JEUKENDRUP A, GLEESON M. Immunological responses to overreaching in cyclists. Med Sci Sports Exerc 2003;35:854-61.
- HOOPER SL, MACKINNON LT. Monitoring overtraining in athletes. Recommendations. Sports Med 1995;20:321-7.
- JURIMAE J, MAESTU J, PURGE P, JURIMAE T, SOOT T. Relations among heavy training stress, mood state and performance for male junior rowers. Percept Mot Skills 2002;95:520-6.
- KALLUS KW. The recovery-stress questionnaire. Frankfurt, Germany: Swets & Zeitlinger, 1995.
- KELLMANN M, GUNTHER KD. Changes in stress and recovery in elite rowers during preparation for the Olympic Games. Med Sci Sports Exerc 1999;32:676-83.
- KELLMANN M, ALTENBURG D, LORMES W, STEINACKER JM. Assessing stress and recovery during preparation for the world championships in rowing. Sport Psychol 2001;15:151-67.
- KELLMANN M, KALLUS K. The Recovery Stress Questionnaire for Athletes. Frankfurt: Swetz & Zeitlinger, 2001.
- KELLMANN M, KALLUS KW, SAMULSKI DM, COSTA LOC, ALVES RN. Manual do questionario de estresse e recuperacao para o desportista (QER-D): versao na lingua portuguesa. Sao Paulo (SP): Manole, 2005.
- KENTTA G, HASSMEN P. Overtraining and recovery. A conceptual model. Sports Med 1998;26:1-16.
- LIKERT R. A technique for the measurement of attitudes. Arch Psychol 1932;140:1-50.
- MAESTU J, JURIMAE J, KREEGIPUU K, JURIMAE T. Changes in perceived stress and recovery during heavy training in highly trained male rowers. Sport Psychol 2006;20:24-39.
- MATOS N, WINSLEY RJ. Trainability of young athletes and overtraining. J Sports Sci Med 2007;6:353-67.
- MEEUSEN R, WATSON P, HASEGAWA H, ROELANDS B, PIACENTINI MF. Brain neurotransmitters in fatigue and overtraining. Appl Physiol Nutr Metab 2007;32: 857-64.
- NOCE F, SAMULSKI D. Analise do estresse psiquico em atacantes no voleibol de alto nivel. Rev Paul Educ Fis 2002;16:113-29.
- NOCE F, SANTOS IC, SAMULSKI DM, CARVALHO SLF, SANTOS RVT, MELLO MT. Monitoring levels of stress and overtraining in an elite brazilian female volleyball athlete: case study. Rev Psicol Dep 2008;17:25-41.



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



PURGE P, JURIMAE J, JURIMAE T. Hormonal and psychological adaptations in elite male rowers during prolonged training. J Sports Sci 2006;24:1075-82.

RENZLAND J, EBERSPACHER H. Regeneration in Sports. Cologne, Germany: BBS, 1988.

SIMOLA RAP, SAMULSKI DM, PRADO LS. Overtraining: Uma abordagem multidisciplinar. Rev Iberoam Psicol Ejerc Deporte 2007;2:61-76.

SHEPHARD RJ, SHEK PN. Potential impact of physical activity and sport on the immune system: a brief reviews. Br J Sports Med 1994;28:247-55.

URHAUSEN A, KINDERMANN W. Diagnosis of Overtraining. What tools do we have? Sports Med 2002;32:95-102.

TREINAMENTO MENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAMPO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Morão, K.G.¹, Bagni, G.¹, Camargo, H.M.D.¹, Oliveira, M.¹, Machado, A.A.¹.

¹LEPESPE – UNESP – Rio Claro – Departamento de Educação Física

Introdução

Para que um atleta possua bons rendimentos e alcance sua performance máxima durante a prática de modalidades esportivas, é exigido que haja um bom trabalho realizado com uma grande quantidade de fatores. Coelho et al. (2008) colocam que o desempenho não resulta apenas de fatores técnicos, táticos e físicos, mas de todos eles somados à boa preparação psicológica (atletas bem equilibrados emocionalmente).

Com o intuito de melhorar o desempenho do atleta do ponto de vista psicológico, foi desenvolvido o método do treinamento mental, que consiste em uma técnica de imaginação em que o sujeito deve pensar positivo, visualizar o sucesso, imaginar-se realizando um movimento, antecipar situações que possam ocorrer em um jogo e tomar a decisão correta, dentre outras etapas que podem ser realizadas causando como consequência o desenvolvimento da técnica, atenção, concentração, automatização de movimentos e consecução de melhores resultados.

Segundo Weinberg e Gould (2001), uma habilidade motora treinada mentalmente de maneira adequada pode interferir significativamente o desempenho durante a prática de uma modalidade esportiva. Algumas pesquisas comprovam que as habilidades fechadas são melhores compreendidas quando comparadas às abertas em relação ao treinamento mental.

A técnica do treinamento mental é vantajosa por diversos aspectos, como por exemplo, a sua prática por atletas lesionados, minimizando as perdas quanto à ausência de treinamento (SILVA E RUBIO, 2003), a curta duração das sessões, sendo o tempo ideal indicado por Singer (1982) um período de 15 a 20 minutos e a facilidade de encontrar um espaço físico onde esta técnica psicológica possa ser aplicada, não necessitando de um ambiente amplo e com alto dispêndio de recursos financeiros.

O objetivo do treinamento mental é colaborar com o foco do pensamento do praticante, aumentando a concentração, aperfeiçoando a execução do movimento, melhorando o modo como uma habilidade é realizada pelo atleta, visualizar previamente situações de jogo e automatizar decisões para elas e, por consequência, sincronizar pensamento e execução (GRECO, 2002).

A realização do treinamento mental pode ser executada de três maneiras distintas, sendo: 1) autoverbalização; 2) auto-observação; 3) treinamento ideomotor. É indicado que um indivíduo siga essas 3 etapas, na mesma ordem que foi citado anteriormente, caso ele esteja com dificuldade na realização do treinamento mental.

Em algumas modalidades esportivas, o técnico e o atleta praticamente não possuem contato durante as partidas, por isso, é importante que o jogador saiba lidar com as situações e possua bom preparo

psicológico trabalhado anteriormente junto aos treinamentos. Assim, o atleta terá justificativa para cada ação realizada pelo treinador e qual benefício será causado a ele (GOMES, PEREIRA E PINHEIRO, 2008).

Do ponto de vista neurofisiológico e buscando resposta às questões sobre “como pensar em uma ação pode causar benefício para o atleta”, Singer (1982) afirma que ao imaginar a execução de uma habilidade motora, o músculo da região envolvida no movimento acaba sofrendo ativação elétrica que, mesmo de maneira mínima, já causa benefícios aos sujeitos.

O treinamento mental implica na ideia da criação de experiências no imaginário, por meio da recuperação de algo já vivenciado anteriormente ou através da criação de possíveis situações que possam acontecer durante uma partida/competição visando tomar a decisão adequada para cada momento e buscando a melhor estratégia para vencer uma jogada “inesperada” realizada por seu adversário. (WEINBERG & GOULD, 2001).

São conhecidos dois tipos de mentalização, a primeira é denominada como interna e se refere ao movimento realizado pelo próprio atleta, como se ele estivesse com uma filmadora em sua cabeça. O segundo tipo é chamado de mentalização externa e implica no sujeito assistir-se executando uma ação. Os dois modos utilizam e estimulam os diversos sentidos do corpo (tátil, visual, auditivo, dentre outros), não existindo distinção entre qual é pior ou melhor entre eles, mas sim o mais adequado para cada atleta.

De acordo com Samulski (2006), a eficácia do treinamento mental pode ser aumentada caso alguns exercícios sejam realizados na rotina do atleta, sendo que estas tarefas podem ser divididas em: 1) Mental pre-play (antes do jogo): consiste na visualização de gestos, jogadas, movimentos, sempre visando o sucesso. Em seguida, o atleta desenvolve uma estratégia de jogo, analisando os pontos fortes e fracos do seu adversário; 2) Mental play (durante o jogo): o praticante visualiza e analisa seu adversário, como ele se comporta e observa tanto tática quanto técnica de seu oponente. Com isso, o atleta deve antecipar situações possíveis de jogo (jogadas e ações do oponente) e também as próprias respostas a esses gestos, buscando decisões melhores, mais rápidas e eficazes. Também deve ocorrer maior concentração antes do momento do saque, mantendo o foco sobre a ação que será executada. 3) Mental replay (após o jogo): implica na análise realizada pelo atleta após o jogo, ou seja, o jogador deve ser capaz de avaliar como foi sua atuação no jogo de maneira geral, pensando sobre as decisões tomadas em determinados momentos, como se comportou dentro de quadra, quais estratégias foram utilizadas, em que momentos sentiu mais dificuldade e como seu estado emocional se encontrava nestas situações. O atleta também deve perceber quais foram os pontos fortes e fracos de si e de seu adversário. Posteriormente, deve concluir o que foi relevante e irrelevante, treinando mentalmente as habilidades para outra partida, com o intuito de aperfeiçoar o desempenho estratégico.

Portanto, o objetivo principal do estudo foi verificar o conhecimento de jogadores de tênis de campo sobre treinamento mental e a aplicação desta ferramenta psicológica na carreira destes sujeitos.

Materiais e Métodos:

Para a realização deste estudo, foi aplicado um questionário online que continha 10 questões de múltipla escolha sobre treinamento mental. Os participantes deveriam responder as indagações de acordo com a escala “Likert”, sendo número 1 referente a “sim”, 2 “não” e 3 “nunca pensei nisso”. Por ser um questionário subjetivo, não havia resposta correta ou incorreta.

A participação dos sujeitos ocorreu de maneira voluntária, sendo que a amostra foi composta por 20 indivíduos (12 homens e 8 mulheres), praticantes da modalidade esportiva de tênis de campo, sendo que a maior parte apresentou idade entre 20 e 25 anos.

Resultados e discussão:

Após a análise dos resultados foram contatados alguns pontos importantes que merecem destaque, sendo o primeiro deles o fato de 67% dos atletas apontarem que nunca receberam qualquer tipo de treinamento psicológico durante suas carreiras esportivas como atletas.

Grande parte afirma conhecer diversas técnicas psicológicas, dentre elas o treinamento mental, as julgam importante para a preparação global do sujeito, porém acabam não utilizando essas ferramentas por falta de incentivo dos treinadores e por não dominarem o conhecimento de como devem realizar sua própria preparação psicológica, como são as sessões de treinamento, quanto tempo deve ser dispendido para isso, deve ser realizada individualmente ou coletivamente, dentre outros aspectos.

Uma quantidade de 92% dos participantes da pesquisa apontam um sentimento de curiosidade e de interesse em executar a prática do treinamento mental, pois sabem que é uma ferramenta importante no processo de melhora do próprio desempenho e na mudança de comportamentos durante situações que possam ser consideradas estressoras, porém seus treinadores não são adeptos desse tipo de preparação. Os atletas ainda afirmam que seus técnicos são flexíveis a novas técnicas e atividades nos treinamentos, concluindo que talvez eles aceitassem a implantação do treinamento mental como auxílio para a preparação global dos praticantes, só não o fazem por não dominarem técnicas como essas.

Conclusão:

Com isso, conclui-se que o treinamento mental é uma importante ferramenta psicológica que os profissionais possuem com certa disponibilidade para ser utilizada como forma de auxiliar na preparação geral do atleta e/ou da equipe e, consequentemente, na melhora do seu rendimento.

Entretanto, pode-se verificar que a maioria dos treinadores não utiliza o treinamento mental como parte da preparação nem mesmo qualquer outra técnica auxiliando psicologicamente a preparação de seus jogadores, mesmo que seus eles se mostrem curiosos e interessados na aplicação destas técnicas. Talvez esse fato ocorra por falha na comunicação entre técnico e atleta, o que é um erro, pois uma



boa interação e comunicação entre esses membros são essenciais para o sucesso em todas, ou na maior parte, das modalidades esportivas.

Por fim, é evidente que este instrumento de auxílio deveria ser mais utilizado com os atletas, pois os resultados de outras pesquisas comprovam a eficácia na melhora do desempenho dos sujeitos, principalmente por automatizar os movimentos, aumentar os níveis de concentração e atenção, melhorar as decisões a serem tomadas pelos atletas nos momentos dos jogos e em situações adversas, resultando em melhora no rendimento.

Referências Bibliográficas Básicas:

- COELHO, R. W.; OLIVEIRA, S.; ELSANGEDY, H. M.; KRISNKI, K.; COLOMBO, H.; BUZZACHERA, C. F.; CAMPOS, W.; SILVA, S. G. O efeito da imaginação no desempenho e na precisão no saque do tênis de campo. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 10 (2): pag. 176-183, 2008;
- GOMES, A. R.; PEREIRA, A. P.; PINHEIRO, A. R. Liderança, coesão e satisfação em equipes desportivas: um estudo com atletas portugueses de futebol e futsal. *Psicologia: reflexão e crítica*, Braga, v. 21, n. 3, p. 482-491, 2008.
- GRECO, P. J. Percepção no Esporte. In SAMULSKI, D. M. *Psicologia do esporte: Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia*. Barueri – SP: Manole, 2002.
- SAMULSKI, D. **Tênis: dicas psicológicas para vencer**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 2006.
- SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 3, nº 3 [69–76], 2003.
- SINGER, R. N. **Psicologia dos esportes: Mitos e verdades**. 2ª ed. São Paulo: Harper e Row do Brasil, Ltda. 1982.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



PALESTRAS E MESAS



A PSICOLOGIA DO ESPORTE E SEUS OLHARES SOBRE A COPA DAS CONFEDERAÇÕES

M^a Regina F^a Brandão, Gisele M^a Silva, Mario Marchi, Luis Felipe Polito, Aline Magnani

Universidade São Judas Tadeu

O sucesso da equipe masculina de futebol na Copa das Confederações, realizada em 2013, repercutiu não só nas macroestruturas associadas às políticas desse esporte, tanto públicas quanto privadas, mas também nas microestruturas, clubes de futebol e a própria seleção brasileira. Os jogadores dessa modalidade disputam espaços na preferência popular e estão cada vez mais presentes nos meios midiáticos e freqüentemente são solicitados a participarem de campanhas publicitárias. Esse fenômeno é, sem dúvida alguma, um excelente tema a ser discutido à luz da psicologia do esporte. Para isso é necessário apresentar uma estrutura teórica para fundamentar essa discussão.

Uma das teorias que temos utilizado para explicar as implicações psicológicas do fenômeno esportivo em geral e do futebol em particular é a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner. Este modelo bioecológico destaca que o desenvolvimento humano deve ser entendido como o fenômeno de continuidades e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto como indivíduo quanto como grupo. Além do mais, conduz o estudo do ser humano em seus ambientes, onde o desenvolvimento e comportamentos devem ser examinados como um conjunto de funções das características da pessoa e do ambiente. Essa estrutura inclui tanto atributos biológicos e psicológicos, tais como a herança genética individual e a personalidade, denominados de propriedades da pessoa; quanto as propriedades circundantes nos ambientes imediatos, como fatores físicos, sociais e culturais na qual o ser humano vive.

Esta visão ecológica do contexto esportivo torna possível analisar os jogadores em seu mundo real; dar a devida atenção à importância da relação e interrelação entre o ambiente esportivo e as pessoas que dele participam e observar os papéis que são atribuídos e desempenhados pelos diferentes membros da equipe. Sendo assim, cabe nos perguntar que propriedades psicológicas dos jogadores e do ambiente imediato, seleção brasileira, estão presentes e influenciam determinadas propriedades psicológicas dos jogadores. O que estamos querendo dizer é que as experiências, as vivências, os pensamentos, as crenças, os sentimentos e os comportamentos dos jogadores são influenciados pelas características do ambiente e, por outro lado, influenciam o ambiente. Em outras palavras, há uma interrelação e dependência entre os jogadores e o ambiente e estes se combinam para formar um ecossistema inteiro.

O primeiro aspecto a se considerar nas propriedades do ambiente, seleção brasileira em preparação para a disputa de uma competição importante como a

Copa do mundo de futebol, é compreender seu significado e objetivos, que diferem de um ambiente de clube.

A relevância do mundial de futebol leva os jogadores e treinadores a manifestar que este é o maior e mais estressante evento em relação a qualquer outro em que tenham participado. Durante o mundial, ou mesmo na Copa das Confederações, converge uma elite de jogadores que pretendem dar sentido a um projeto de vida pessoal no qual tenham investido muitos anos de treinamento físico, técnico e tático.

No mundial se encontra um clima e um ambiente únicos, associados também a uma série de obrigações, necessidades e dificuldades que exercem um alto impacto sobre seus participantes. Dentre essas podemos incluir problemas com os meios de comunicação, conflitos na relação treinador-atleta, o burnout, as lesões e seu afastamento das rotinas normais e/ou jogos. Estes aspectos podem levar a possíveis problemas tais como os jogadores não conseguirem mostrar uma habilidade próxima de seu máximo potencial e dificuldades para alcançar um nível de motivação adequado.

Um grupo esportivo é composto por atividades, relações interpessoais e papéis. Transportando esta noção para a seleção brasileira podemos dizer que o time pode ser visto como uma unidade social ou “contexto”, um microsistema, dentro do qual existe um emaranhado de relações, que conectam atletas, técnico e “staff” técnico, com características psicológicas diferenciadas; de papéis que cada um desempenha e das atividades realizadas, dentro de uma visão ecológica do esporte. O estudo dos papéis e das relações entre os diferentes papéis constitui a evidência de funcionamento de um determinado grupo. Esta visão assegura que a seleção não pode e não deve ser considerada como a simples soma de jogadores com qualidades e habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas definidas e diferenciadas.

Outros aspectos que influenciam no desempenho são externos à equipe, mas têm um importante impacto psicológico nos jogadores e treinador e são denominados de adversários periféricos. Casos de problemas familiares, decisões tomadas pela Fifa e CBF, manifestações político/sociais, briga entre torcedores, etc.

Temos que observar ainda que há ligações entre os diferentes ambientes nos quais o jogador participa ativamente (seleção brasileira, casa, igreja, etc.), que há relações mais amplas também com os ambientes nos quais os jogadores não participam diretamente, como por exemplo, a Confederação Brasileira de Futebol e que todos esses contextos sofrem influência de um contexto mais abrangente e remoto caracterizado pelas políticas e culturas que permeiam esse esporte no Brasil.

O segundo aspecto a se considerar são os atributos pessoais dos jogadores, em outras palavras, temos que nos introduzir na trama subjetiva do jogador, compreender como vê ser um atleta de seleção brasileira e como se comporta nesse ambiente. Para compreender esses aspectos, temos que analisar três características psicológicas dos atletas: suas disposições (forças psicológicas), seus recursos e suas demandas.

As disposições comportamentais tem uma relação direta com o comportamento dos jogadores, podem fazê-lo se adaptar às características do

ambiente e colocar seu processo de interação em movimento, ou ao contrário, interferir ativamente, retardar ou até impedir sua ocorrência. Essas disposições são denominadas no modelo bioecológico como desenvolvimentalmente-geradoras ou desenvolvimentalmente-disruptivas. As primeiras podem ser associadas com as características positivas do jogador de futebol, como por exemplo, motivação, vontade de cooperar com os companheiros de equipe, iniciativa para aceitar tarefas que favoreçam a equipe, etc. Já as segundas podem ser vistas como características negativas do atleta. Essas disposições disruptivas são colocadas em dois pólos de ativação psicológica. O primeiro pólo inclui atributos tais como impulsividade, explosividade, distração, incapacidade para adiar gratificações, ou de forma mais extrema, prontidão para recorrer a agressões e violência. Ainda pode-se observar a dificuldade para manter o controle sobre as emoções e comportamentos. No outro pólo são colocados os atributos pessoais como indiferença, desatenção, apatia, falta de interesse pelos outros circundantes, sentimento de insegurança e timidez.

O segundo tipo de características refere-se aos recursos pessoais, que não possuem por si só nenhuma disposição seletiva para a ação, no entanto “constituem ativos e passivos biopsicológicos que influenciam a capacidade para um jogador adaptar-se aos requisitos do ambiente e influenciar positivamente o ambiente. Esses recursos são classificados em duas categorias. Na primeira estão as condições passivas que limitam ou rompem a integridade funcional do jogador, tais como defeitos genéticos, baixo peso, dificuldades físicas, doenças severas persistentes, danos cerebrais causados por acidentes ou processos degenerativos, etc. No futebol esse tipo de recursos pode explicar tanto a exclusão nas peneiras dos clubes quanto o abandono do futebol por aqueles já engajados em sua prática. Na segunda categoria estão as condições ativas, que, em contraste com as primeiras, são as habilidades, conhecimentos, destrezas e experiências, que são aprendidos na maior parte do curso da vida e se estendem a novos domínios, caso da participação em um mundial. Desta maneira, essas condições tornam-se importantes recursos bio-psicológicos que favorecem a adaptação ao ambiente em uma relação recíproca.

As demandas da pessoa são o terceiro tipo de características pessoais que afetam o jogador. Sua ocorrência se dá por sua capacidade para convidar ou desencorajar reações dos ambientes sociais de um grupo, por exemplo, a seleção brasileira, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico e esportivo. Exemplos no futebol são encontrados nos tipos opostos de personalidade dos atletas: jogadores nervosos versus jogadores felizes, jogadores egoístas versus jogadores altruístas, ou jogadores individualistas, do tipo “euquipe” versus jogadores voltados para o grupo, do tipo “equipe”.

As características psicológicas dos jogadores incluem tanto atributos sócio-emocionais quanto cognitivos que, embora sejam essenciais, nem todas possuem o mesmo potencial para influenciar o comportamento e a adaptação dos jogadores. Além disso, o modelo aponta outras características dos jogadores que devem ser consideradas, a idade, o tempo de experiência e a afiliação étnica e religiosa. Esses fatores podem colocar os jogadores em um nicho ambiental particular que define seus papéis na seleção.

O objetivo escolhido para este texto foi propor a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como um paradigma para explicar a seleção brasileira de

futebol tanto em seu contexto na preparação para uma competição de alta relevância quanto pelas características bio-psico-sociais dos jogadores que compõe esse grupo.

Para compreender esses atributos pessoais devemos compreender também o contexto esportivo em que jogadores, treinadores, e dirigentes participam, tanto de forma direta quanto indireta. Ao fazer isso poderemos avaliar que tipo de características uma seleção brasileira tem e como ela se difere de um contexto normal de clube. Por ser uma modalidade coletiva o futebol não depende apenas do esforço e habilidade individual de um jogador. Qualquer intervenção que foque somente nos jogadores e negligencie os parâmetros do contexto corre o risco de fazer interpretações equivocadas a respeito dos jogadores e da equipe como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

- Araújo, D. & e Davids, K. (2009). Ecological approaches to cognition and action in sport and exercise: ask not only what you do, but where you do it. *International Journal of Sport Psychology*. V. 40, n. 1, p 5-37.
- Brandao, M.R.F. (2000). Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano. Dissertação de mestrado, Universidade federal de Santa Maria, RS.
- Brandao, M.R.F. (2000). Fatores de estresse em jogadores de futebol profissional. Tese de doutorado, Unicamp, SP.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1988). Interacting systems in human development. Research prdigms: present and future. In: Bronfenbrenner, U. (Ed.) *Making human being human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 3-15). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.) *Six theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp. 187-249). London: Jessica Kingsley.
- Bronfenbrenner, U. (2005) Bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner, U. (Ed.) *Making human being human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 3-15). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (2006) The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Series Eds.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.) *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed. p.793-828) New York: John Wiley.
- Krebs, R. J. (1995). *Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano*. Santa Maria, RS: Casa Editorial.
- Krebs, R. J., Copetti, F., & Beltrame, T. S. (1997). Uma releitura da obra de Urie Bronfenbrenner: a Teoria dos Sistemas Ecológicos. In: R. J. Krebs, *Teoria dos Sistemas Ecológicos: um novo paradigma para a educação infantil*. Santa Maria, RS: Edições Kinesis, p 17-44.



**V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.**



Krebs, R. J. (2009). Bronfenbrenner's bioecological theory of human development and the process of development of sports talent. *Internacional Journal of Sport Psychology*, 40(1), 108-135.

ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO, O CORPO TRANSFORMADO E AS NOVAS MÍDIAS

SUBTEMA: O QUE TEMOS E O QUE QUEREMOS DE NOSSO CORPO?

Afonso Antonio Machado()*

Atualmente estamos vivendo, a partir do contexto interativo das novas mídias, um novo apartheid na humanidade, no qual as relações norte-sul ou minoria-maioria ocorrem sob nova ordem: corpão ou “bagaça”, já que os bens mais importantes dos jovens são aqueles relacionados à exposição corporal, especialmente quando se trata da aquisição da saúde e da beleza.

Mesmo assim, as questões relacionadas ao corpo e à cultura não têm sido suficientemente analisadas e refletidas por parte dos educadores: devemos considerar as ambiguidades de uma expectativa de corpo produzida como elemento para a esfera do consumo tornando-se, ao mesmo tempo, um sonho inatingível, uma obsessão que pode paralisar a vida, mas, também, um incentivo ao cuidado de si, que é fundamento da saúde e de todo processo de construção da autonomia.

Pensando assim, a ambiguidade das ações humanas, tal como o trato com o corpo, lembra-nos que podemos compreender e investir na revalorização do corpo como forma revolucionária. Talvez, possamos investir na integridade corporal como um indicativo ético que pudesse ser compartilhado por toda a humanidade, como já nos foi apontado por Eco (1995). A integridade corporal, segundo Sant’Anna, quando pensada em toda sua complexidade, permite-nos a construção de critérios éticos para a manutenção e produção de conhecimentos sobre o corpo e para as futuras políticas de intervenção sobre os corpos.

Olhares mais atentos apontam que a perspectiva dialética deve estar presente, também, na compreensão do duplo caráter da cultura, com sua contribuição para a manutenção da injustiça social e para aquilo que Adorno (1995) chamava de semiformação, a partir de uma educação danificada; isso nos remete a perturbadora questão que tanto grita aos ouvidos dos educadores: estamos construindo um corpo? Ou estamos destruindo um corpo?

A incerteza diante destas realidades propostas pelo embate entre a cultura de massas e a diferença cultural é inevitável e, então, precisamos aprender a conviver com parte da ambiguidade que constitui a humanidade e como parte da responsabilidade que assumimos como educadores, de modo a entendermos o que acontece com os corpos trabalhados em academias, mesmo sem sabermos como estão sendo trabalhados.

Sempre que pensamos nas atividades físicas e nas atuações de profissionais da Educação Física e Esportes, em seus trabalhos, diante de nosso corpo, somos pegos de surpresa e ficamos pouco a vontade para expressarmos nossos reais pensamentos e vontades. Muitas vezes por um misto de vergonha e desconhecimento, outras vezes em função das pressões exercidas pelas mídias, sejam elas quais forem, para que o corpo seja o mais lindo, o mais desejado e o mais perfeito.

Diante deste quadro, como trabalhar um corpo comum? Como buscar melhora para aquilo que se sedimentou, no decorrer dos anos, sem merecer muita atenção? Ou mesmo, o que desejar para um corpo em formação? Quanto transformar num corpo ainda em definição? Apesar das descobertas do corpo não serem novidade da pós-modernidade, sabemos que no decorrer das últimas décadas do século 20 muito se reestruturou e se fortaleceu, lançando um padrão corporal diferenciado e respondendo aos apelos sócio-culturais vigentes.

Podemos afirmar que surge uma política do corpo e, diante de tal, quem não se enquadra nessas normas está fadado ao rigor instalado em grupos e comunidades existentes em nossos ambientes de trabalho, estudo, convivência em geral. Não sem às vezes ser motivo de risos ou discriminação, em especial quando nos expomos em contextos sociais que cobram uma visibilidade física. Na própria compra de roupas, diante das numerações cada vez mais alteradas e mais exageradas diante de uma diminuição de partes corporais em detrimento a outras, avantajadas.

Nesta nova década, com total adesão aos detalhes da tecnologia, nossos jovens yuppies avançam em franca escalada ao poder. Mulheres lindas chegam à presidência de empresas nunca antes sonhadas, a independência é estabelecida em função do corpo belo, esculpido em horas e horas de academias de musculação ou fitness, como são conhecidas. A doença da época é a vigorexia, que atinge a população entre 15 e 30 anos, prolongando a adolescência e mantendo um narcisismo feroz, diante das transformações corporais. No decorrer destes anos, chegamos ao século 21 com alguns detalhes a serem distinguidos dos anteriores: o homem percebe o limite do seu corpo. O estresse, a ansiedade, os colapsos, as rupturas, fraturas e dores possibilitam a olhar para a máquina corporal e entender que nela está o princípio da finitude, por mais que se queira o contrário.

Diante deste posicionamento, sobram-nos questões que se acumulam e passam a ser nossas companheiras de viagem. Entre estas questões, temos: como valorizar o corpo, seus direitos e sua dignidade, sem transformá-lo numa espécie de relíquia isolada do coletivo, ou numa Entidade que sabe apenas se relacionar com outros corpos por meio da permuta comercial, em que sou um outdoor de uma marca de anabolizantes ou de roupa de fitness?

Um dos desafios das redescobertas do corpo de nossa época talvez não seja tanto o de saber como liberá-lo mas sim o de poder ser ético durante a liberação. Aprendemos com a Revolução Cultural Francesa, de maio de 68, a importância de liberar o corpo e o desejo, de romper fronteiras culturais, mas ainda teríamos uma longa estrada para o aprendizado sobre como lidar com a pouca ou muita liberação pregada, conquistada e ambicionada. Carecemos de aprender como os corpos individuais— liberados ou não, transexuais, bissexuais, hetero, homo, obesos, magros, de todas as cores, idades e formas – jamais sejam simplesmente quimeras ou se limitem a funcionar como equivalentes gerais de riqueza.

Como escapar da tentação de degradar um corpo para obter o brilho e o prolongamento da vida do próprio corpo, sem afrontar ao ditame da vida eterna? Aqui vale lembrar dos corpos-máquinas, que atendem aos paradigmas cibernéticos e alteram procedimentos comportamentais, afetivos e sociais de seus “apêndices”, modificando as relações humanas.

Reconhecendo novas possibilidades para futuros estudos, apontamos para os olhares atentos aos locais de treinos, que culturalmente são carregados de significados e difusores da identidade social dos lutadores. São espaços que propagam a “cultura” dos “casca-grossa”, inclusive o próprio estilo da masculinidade, apoiada na virilidade, no corpo musculoso, forte e técnico, na obstinada e infinita superação dos seus adversários nos confrontos e no desprezo a dor física.

Também são nesses espaços de fabricação dos “guerreiros” que é produzida e difundida a cultura vigente: as gírias, a indumentária social padrão (camisetas regatas, bermudões coloridos, t-shirts coladas ao corpo) as formas de cumprimentar um ao outro e o corpo modificado/transformado de modo estranho (tronco desenvolvido e pernas esquecidas), padronizado como o corpo ideal da juventude do século XXI.

Assim, como parte de uma cultura localizada, também a masculinidade é construída e socializada entre esses sujeitos. Mas nem só de treinos vive um atleta: em todos os espaços pesquisados, há um bar ou lanchonete que, com suas mesas espalhadas perto dos espaços de treinamentos, funciona também como um local privilegiado da socialização entre os lutadores, reafirmando o intercâmbio de conhecimentos diversos, partindo dos exercícios e gírias até os programas sociais.

Os praticantes que não estão em atividade por lesões ou outros impedimentos ficam ali, dirigindo suas atenções para a área do treinamento, concentrados nas cenas que se desenrolam, gesticulando para os parceiros que estão executando posições ou movimentos, orientando, corrigindo os que estão na movimentação, ajudando, às vezes até por mímica, nesse aprendizado de técnicas. Também é no espaço do bar que se comentam os programas de lutas vistos na tv a cabo, as aventuras amorosas e sexuais dos atletas, as rodadas de futebol envolvendo os clássicos e também as “fofocas” (brigas de rua, desventuras amorosas, confusões com a polícia) envolvendo “parceiros” da academia ou do círculo de amigos.

Neste ambiente temos que a “blindagem muscular” é construída em treinamentos das técnicas, em sessões de preparação física (normalmente com a orientação e a presença de um personal trainer especializado em treinamento esportivo) e acelerada com o recurso dos anabolizantes, nas sombras e silêncios das rotinas espartanas dos treinamentos.

Temos ainda as academias que se constituem em locais privilegiados de construções de masculinidades: as academias de lutas e as competições revelam possibilidades desafiadoras deste novo ser vivente, de construir masculinidades diretamente relacionadas aos esforços físicos exigidos nessa prática: resistência muscular, força física, superação da dor, virilidade, agressividade, elementos de uma conduta praticada, ensinada e perseguida nesses espaços, sem dar trégua ou descanso ao corpo mutilado, “trincado”.

Impressionantemente, os treinos realizados são determinantes nas carreiras dos lutadores, pois nessas atividades são trabalhadas as diversas valências físicas e mentais envolvidas na preparação corporal dos lutadores e o controle emocional que a disputa no ringue exige, pois a masculinidade é uma noção essencialmente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens...



Percebe-se que os atributos virilidade, força física, velocidade, força, resistência a dor e resistência muscular são exercitados, potencializados e avaliados constantemente durante os treinos e, principalmente, nos confrontos. Essa masculinidade é criada nas interações sociais e culturais entre esses sujeitos e ali é difundida e constantemente cobrada: corpos fortes, ágeis, resistentes, por vezes tatuados, buscando sempre um aprimoramento físico e técnico para as disputas em treinos e competições. Diante deste instrumental surgem pontuais objetivos: ser vencedor, impor-se na vida e nas competições, construir a imagem da superioridade cotidianamente.

Ironicamente sabe-se que o elo entre os membros de uma equipe é sempre valorizado e incentivado, principalmente por que os atletas de M.M.A precisam dar e receber “porradas” como forma de se habilitarem a essas disputas, o que leva o companheirismo a ser algo além do acompanhamento, mas um compromisso com o sucesso do outro e o seu, em particular. Apanhar e bater, em treinamento, é uma forma de assumir a categoria de pertença àquela comunidade e atende para o selo do machismo.

Afora as distorções apontadas e ressaltadas, praticar esportes pode ser um feito excepcionalmente bom para todos. Quando os esportes são mantidos numa perspectiva adequada – quando os vemos primordialmente como uma oportunidade para estarem juntos para uma brincadeira alegre, espirituosa, altamente enérgica – podem ajudar a descobrir novas habilidades, reafirmar seus sentimentos de valor próprio, reunir suas vozes autênticas, permitindo ao homem expressar as mais profundas e excitantes emoções, ampliando seu círculo de ligações.

Olhares pedagógicos e culturais podem explicar o que acontece ou onde a corrente do desenvolvimento humano se rompeu, diante dos quadros existentes; como apontado, anteriormente, novos padrões éticos são relevados e os tratamentos humanos são esquecidos, com o intuito de endurecer para fortalecer, formando a tal casca-grossa que insensibiliza aos seus portadores, como que se pudesse criar um outro tipo de humano. E, com isso, a Educação Física fica mais uma vez fragmentada.

(*) Afonso Antonio Machado é coordenador do LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, da UNESP-IB-Rio Claro. Altair é doutorando no PPG-DEHUTE, docente na UNIP e UNIRP, em SJR Preto.



AÇÃO COMUNICATIVA E TWITTER: O DISCURSO COMO FORMA DE EXPRESSAR VIOLÊNCIA

Leonardo Pestillo de Oliveira⁹
João Ricardo Nickenig Vissoci¹⁰

1. INTRODUÇÃO

A progressiva influência do dinheiro e do poder sobre o contexto esportivo pode ser constatada tanto pela inserção de grandes empresas como financiadoras do esporte espetáculo, quanto pelo florescimento das exigências socioculturais sobre o que o público realmente entende por esporte. O esporte, quando passa a ser considerado sob a perspectiva do dinheiro, assume uma dimensão de mercadoria ou de recurso de competitividade, levando a uma valorização baseada por critérios de lucratividade e eficiência e, em decorrência desfoca de uma possível função de inclusão social, qualidade de vida e desenvolvimento humano.

Ao se considerar as histórias que são descritas por atletas e ex-atletas a respeito de sua carreira atlética, fica evidente que o esporte competitivo pode afetar em termos de desenvolvimento e de crescimento pessoal cada um de seus participantes, de formas diferenciadas. Basicamente, competição é considerada por Weinberg e Gould (2001, p. 125) como um “processo social ‘aprendido’ (e não inato) que é influenciado pelo ambiente social (incluindo técnicos, pais, amigos, psicólogos do esporte, etc.)”. Assim, a competição em si não é inerentemente boa ou má, é apenas um processo.

O esporte apresenta uma estrutura convencionalizada, em que as normas restritas da vida diária são colocadas de lado em favor de normas morais típicas. Com isso, o próprio comportamento do atleta se apresenta em favor das regras vigentes no ambiente esportivo, o que muitas vezes é considerado impróprio para a vida em sociedade.

Se existe um comportamento vigente no ambiente esportivo que ultrapassa a barreira do aceitável socialmente, este é o comportamento agressivo. A agressão no esporte se tornou um fato comum, em qualquer modalidade, porém o que muda é a forma como ela é usada. Husman e Silva (1984, apud WEINBERG e GOULD, 2001) definem dois tipos de agressividade no ambiente esportivo. Primeiro a agressão hostil que seria todo comportamento em que o objetivo principal é causar danos físicos ou psicológicos à outra pessoa; o segundo tipo seria a agressão instrumental, é a busca por um objetivo não-agressivo.

A agressão instrumental é o tipo mais presente no esporte, porém isso não faz dela algo aceitável. Basta analisar os esportes de luta, em que o comportamento agressivo é necessário para se chegar ao triunfo frente ao adversário. Como por exemplo o *Mixed Martial Arts* (MMA) é uma modalidade esportiva relativamente

⁹ Psicólogo CRP/08-12613, professor do Centro Universitário Cesumar-Unicesumar, doutorando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP

¹⁰ Psicólogo CRP/08-12469, professor do departamento de Medicina da Faculdade Ingá, doutorando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP

nova, que se tornou mais popular a partir da década de 90 e que atualmente é um dos esportes que mais crescem em todo o mundo, que se caracteriza pelo uso de técnicas oriundas de diversas artes marciais.

O controle do próprio corpo, o uso da força física e da agressão, que são presentes neste tipo de esporte (mas considerados comportamentos imorais quando usados fora do esporte), além de funcionarem como preservação do corpo do atleta, se constituem fundamentais para sua identificação com o grupo à que pertence.

Estas contradições a respeito do comportamento do ser humano em diversos ambientes chamam a atenção, pois para que se possa compreender este ser não basta apenas estudar o seu corpo ou sua origem, é necessário entender como ele se constitui em um contexto sociocultural. A explicação para isso se dá pelo fato de que durante seu desenvolvimento, os comportamentos inatos (que estão ligados à sua estrutura biológica) são moldados pela atividade cultural de outros com quem se relaciona (BONIN, 1998).

2. UFC: LUTAS E A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

Assim como colocam Berger e Luckmann (2004) o indivíduo nasce e torna-se membro da sociedade. Viver em grupo não é uma tarefa simples, no entanto, conviver com grupos que tem diferentes regras e aspectos morais é mais problemático. Além de diferentes grupos há que se considerar o momento em que isso ocorre, no caso do esporte, em qual fase do se desenvolvimento atlético ele está.

Esse viver em grupo, atualmente extrapola o âmbito do real, físico, e parte para um processo de relacionamentos tidos como virtuais, mediados pela rede mundial de computadores. Considerando os estudos de Habermas (2003), o agir comunicativo surge como um processo interativo de pelo menos duas pessoas, pessoas estas capazes de falar e agir, que estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançarem uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento.

Para complementar o conceito de agir comunicativo, o autor apresenta o conceito de mundo da vida, que constitui a esfera que contribui para manter a identidade social e individual e compreende o acervo de padrões de interpretação transmitidos culturalmente e organizados linguisticamente. Ou seja, o mundo da vida é a instância intersubjetiva que se orienta, a princípio, pelo agir comunicativo. EM contrapartida, é necessário destacar o que Habermas chama de sistema, que se caracteriza como o conjunto de atividades orientadas e reguladas estrategicamente com o objetivo de obter êxito e garantir a sobrevivência econômica e política das instituições.

Muhl (2009) cita que o sistema possui mecanismos que regem e controlam, favorecendo sua autorreprodução, “o meio *dinheiro*, rege o sistema economia e o meio *poder*, que exerce a regulação do sistema política”(p. 257). O sistema então utiliza esses dois meios para tentar manter o controle social, esses meios transformam-se nos instrumentos de substituição da comunicação interpessoal.

O UFC (Ultimate Fighting Championship) é a maior organização de artes marciais mistas do mundo, e que contempla os maiores lutadores do esporte e os eventos ocorrem ao redor do mundo. Atualmente, com sede nos Estados Unidos, o

UFC segue as regras unificadas das artes marciais mistas e contempla 8 classes de peso masculinas e 1 feminina. Desta forma, o UFC enquanto entidade representa o sistema que controla o mundo das artes marciais mistas e ao mesmo tempo que financia as competições, regula todo o caminho trilhado pelos atletas até as competições, mantendo o controle social do esporte.

Os atletas neste sistema assumem seus papéis de funcionários, desligando-se do mundo da vida e adaptando seu comportamento a âmbitos de ação formalmente organizados. Neste caso Habermas coloca que este processo é o que se denomina colonização do mundo da vida, do que resulta a perda da liberdade do cidadão e da autonomia do trabalhador, enquanto atleta. Essa perda da autonomia se daria no UFC por conta da necessidade dos atletas em seguirem regras postas por uma instituição a fim de organizar todo o sistema. Por se tratar de artes marciais mistas, os atletas são provenientes de diversas modalidades de artes marciais, que têm seu sistema próprio de competição e organização, sendo esse sistema diferente do que ocorre no UFC.

Ao ingressar no mundo das artes marciais mistas, os atletas necessitam se abster de muitos costumes e situações que estavam acostumados quando faziam parte do mundo da arte marcial da qual são provenientes. Disso, constata-se que esse processo de dominação sistêmica se dá, de outra parte, por meio de uma dupla abstração: O trabalho concreto, para que se torne abstrato e possa ser trocado por dinheiro, precisa ser abstraído do seu lugar verdadeiro, o mundo da vida, deixando de ser entendido como forma de ação para se transformar em meio de produção; da mesma maneira, são abstraídas do mundo da vida a articulação da opinião pública e a formação da vontade popular, que são substituídas por um sistema burocratizado de decisões, direitos e deveres.

3. TWITTER E AS MANIFESTAÇÕES DA CONSCIÊNCIA MORAL

O ambiente, ou cultura em que o sujeito é educado, exerce influencia na sua disposição para assumir atitudes específicas. Na tentativa de entender essas influencias é necessário que se descreva quais as estratégias de socialização às quais este sujeito foi exposto.

Alguns autores utilizam o termo comportamento pró-social para discutir a questão do desenvolvimento moral. Este comportamento se caracteriza por ser aquele que representa uma influencia positiva em outras pessoas, não significando benefício para si próprio. Dentro deste contexto se enquadram como comportamentos pró-sociais o altruísmo, a partilha, a cooperação, entre outros (BREDEMEIER e WEISS, 1990). Assim, o desenvolvimento moral pró-social de um indivíduo diz respeito ao processo de aquisição e mudança dos julgamentos e comportamentos que ajudariam ou beneficiariam outros indivíduos ou grupos (KOLLER e BERNARDES, 1997).

No âmbito esportivo, muito se discute a respeito de como a prática esportiva leva à atitudes de crianças e adolescentes que são condizentes com a moral social, pois a partir disso desenvolvem por exemplo a capacidade de respeitar o próximo, respeitar as regras, e lidar melhor frente à figura de autoridade. Mas os esportes de luta acabam sendo alvo de críticas a respeito da forma como são conduzidos, pois ao serem considerados esportes violentos, em que a agressividade é sinônimo de

sucesso, pais e responsáveis acreditariam que este mesmo comportamento fosse levado para fora do ambiente esportivo.

Nos dias atuais, essa manifestação para fora do ambiente esportivo é ao mesmo tempo real e virtual, visto que, com o avanço da internet as pessoas passam a se manifestar de diversas formas acerca de seus sentimentos e comportamentos. O uso dos sites chamados de redes sociais é exemplo claro de como essa manifestação se torna livre e ao mesmo tempo causa espanto, dependendo da forma como é realizada.

A quantidade de dados presentes na web cresce a cada dia, principalmente após a popularização das redes sociais, sendo o Twitter e o Facebook as mais conhecidas e utilizadas atualmente. Com o avanço tecnológico a quantidade de dados já existentes na web cresce historicamente, sendo que alguns cálculos realizados indicam que até 2015 essa quantidade irá quadruplicar.

Dessa forma, o mundo virtual é um ambiente que integra a experiência intersubjetiva do indivíduo, tornando-se uma forma de expressão dessa subjetividade e identidade. Da forma como é experimentado, o Twitter é tido como uma ferramenta de expressão com rápida disseminação e alcance. Não é por coincidência que diversos participantes de esportes tem-se utilizado do Twitter como forma de aumentar sua influência e destaque midiático. A ferramenta, por si só, não representa uma agência de controle do sistema sobre o mundo da vida. Entretanto, a forma como é utilizada pode assumir a postura emancipatória (favorecendo a autonomia da expressão do indivíduo) ou de reposição das restrições da organização sistêmicas.

Comentários e publicações no Twitter referentes aos eventos do UFC são comuns e rotineiras, sempre antecedendo ou procedendo a noite de espetáculo. Diversas formas de expressão dos espectadores são verificadas (o que requer uma análise em si) mas para fins de argumentação destaca-se a participação de lutadores credenciados pelo UFC como competidores.

Exemplos de discussões que precedem o UFC ou provocações logo após o evento têm se tornado comuns. São discussões que servem para gerar discussões sobre a luta que está por vir, criando expectativa que potencialmente levará a um maior número de espectadores. Ou então são pedidos de confrontos via twitter que também expõe as práticas que seria de obrigação da comissão organizadora do UFC para a apreciação do público.

Reconhece-se que a mídia faz parte do esporte espetacularizado mas a forma como a mídia tem sido utilizada para a espetacularização do esporte tem sido discutida. Em especial sobre o UFC, trata-se de um esporte que lida diretamente com a agressividade, agressividade esta presente agora n discursos dos atletas em suas contas de Twitter, os quais tem sido reproduzidos pelos espectadores. Trata-se de um tema complexo porque a luta tem como objetivo a disputa pela arte marcial que seja superior às demais, mas o que tem-se observado é uma extrapolação dessa agressividade aceita dentro do ringue do MMA para o ambiente virtual. Uma análise a partir da teoria da ação comunicativa, infere-se que a utilização do twitter por parte dos atletas se torna uma forma de manifestação da ação da organização sistêmica do UFC, que necessita de audiência e lucratividade. Essas discussões via twitter geram exposição do atleta e potencialmente podem



levar a ocorrência de um evento, que gerará lucro e sucesso ao UFC e ao atleta, nos ditames do sistema.

Entretanto, questiona-se o quando essa conduta representa os valores pregados pela prática das artes marciais e do esporte. Questiona-se também a valorização da consciência moral por parte dos praticantes e do público que recebe esse tipo de comunicação via Twitter. Percebe-se, ainda, a inquietação de verificar a agressividade que deveria tomar lugar no ambiente de prática esportiva se expandir para o contexto não esportivo.

Referências:

- BONIN, L. F. R. Indivíduo, cultura e sociedade. In: STREY, M. N., et al. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BREDEMEIER, B.; WEISS, M. Moral development in sport. **Exercises and Sport Science Reviews**, 1990 18, 331-378.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- KOLLER, S. H.; BERNARDES, N. M. G. Desenvolvimento moral pró-social: Semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. **Estudos de psicologia**, 1997, 2(2), 223-262.
- MÜHL, E. H. Violência, racionalidade instrumental e a perspectiva educacional comunicativa. **Cadernos de Educação**. Pelotas [33]: 251 - 274, maio/agosto 2009.
- WEINBERG, R. S. e GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.



AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA INSTRUMENTAL NOS ÁRBITROS DE FUTEBOL PROFISSIONAL

Raphael Moura Rolim

*Psicólogo formado pelo Centro Universitário Facex (Natal/RN)
Mestrando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP – Rio Claro/SP)
Especializando Terapia Cognitivo Comportamental (UFRN)
Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (UNESP – Rio Claro/SP)*

I. Introdução

Casos de agressão e violência no mundo esportivo tem se tornado muito frequente nos dias atuais. São identificadas agressões físicas e psicológicas partindo da torcida, dos atletas, dos treinadores e dos árbitros em variados ambientes, como em quadras, estádios, ginásios, pistas e complexos aquáticos.

Este trabalho consistirá em apresentar a violência instrumental em árbitros de futebol profissional, considerando os aspectos relevantes da prática e as pressões sofridas por estes profissionais tanto no contexto de trabalho como fora. Observando os motivos para a manutenção desta prática mesmo diante de adversidades e imprevistos.

II. Desenvolvimento

Da agressividade e violência no esporte

Para Weinberg e Gould (2008), o termo *agressividade* pode ser usado de várias formas no esporte e no exercício, podendo ser “boa” (p. ex., ir buscar uma bola perdida no voleibol ou disputar uma bola no rebote no basquetebol) ou “má” (p. ex., chutar um adversário no futebol ou cometer uma falta flagrante no basquetebol).

Os mesmos autores afirmam que a maioria dos comportamentos agressivos em ambientes esportivos e de atividade física parece não ser inerentemente desejável ou indesejável, considerando os casos, seja de natureza boa ou má, dependentes de interpretação.

Machado (2006), aponta para o assunto da violência no esporte como sendo de grande evidência nos últimos anos:

A violência vem sendo ultimamente um fator de muita discussão e com frequência é manchete em noticiários esportivos, de muitos países, como no futebol, em que jogo após jogo é maior o contingente policial requisitado pelos clubes e federações, na tentativa de evitar conflitos entre atletas, árbitros, torcedores, dirigentes e outros. Discutir violência significa indagar sobre o jogo rodeado pelo

capitalismo, pelo dinheiro e pelos cartolas, que são fatores que contribuem para o crescimento da violência.

Da violência instrumental na arbitragem no futebol

Os árbitros são uma peça essencial no mundo dos esportes competitivos e, como parte do seu papel, têm como obrigação fazer valer o cumprimento das regras e, conseqüentemente, caso deixem de cumprir suas obrigações, podem influenciar no resultado dos jogos, prejudicar a natureza da competição e regulamentos e o fair-play no futebol (KORTE, 2012).

A atividade dos árbitros de futebol consiste em mediar às partidas juntamente com os auxiliares. Estes profissionais são indispensáveis no desenvolvimento da prática do futebol amador e profissional em todo mundo. Pela importância que se tem, é atribuída a arbitragem uma exigência de acertos além dos limites e capacidades humanas, onde o erro é pouco compreendido e sempre levantado suspeitas quanto a idoneidade do profissional.

Segundo Ferreira e Brandão (2012), são escassos os números de reforçadores positivos para os árbitros, e a possibilidade de terminar um evento esportivo sem cometer erros é mínima. Assim, arbitrar pode ser uma atividade desafiadora em muitos aspectos, mas ao mesmo tempo pode ser uma experiência frustrante e emocionalmente difícil. Conseqüentemente, os árbitros podem sofrer da síndrome de burnout, que eles desenvolvem, em parte, devido aos relacionamentos sociais e aos sentimentos negativos advindos das críticas e expectativas dos outros, que resultam em estresse prolongado.

Entende-se a profissão de árbitro de futebol como uma difícil e angustiante tarefa, pois, treinadores e jogadores tentarão jogo a jogo ludibriar a arbitragem em favor dos resultados positivos, recebendo cobranças de todas as partes envolvidas. Para Sanmartín (1995), a violação das regras do jogo é algo bastante comum em todos os esportes, em muitos casos as infrações precisam ser analisadas por especialistas jurídicos devido o potencial de lesões graves causadas no ambiente esportivo ou o não cumprimento das regras.

De acordo com Pereira, Santos e Cillo (2007), em muitas áreas os árbitros são cobrados excessivamente e, apesar disso, eles devem ser precisos e objetivos, pois sua atuação pode definir o espetáculo esportivo. Para que o trabalho do árbitro se dê de forma imparcial e justa, existem alguns fatores que devem ser considerados como o estado emocional, que pode estar sendo influenciado pelo público, por treinadores ou ainda pelos jogadores.

Os transtornos emocionais tem se instalado em vários árbitros, levando ao quadro dramático de burnout e, como consequência, o abandono precoce da profissão (BECKER JR., 2008). Além disso, no caso do árbitro de futebol, devemos considerar as constantes dificuldades de relacionamento com atletas, treinadores, torcedores e dirigentes, sendo alvos de críticas em cada lance da partida.

Samulski e Silva (2009) afirma que a tomada de decisão do árbitro pode vir a provocar um conflito, se não for aceita por uma das partes, assim, a decisão pode trazer consequências pela carga de pressão psicológica da situação e pelos interesses que possam ter para cada grupo.



Barros (1990) salienta que é uma situação difícil conduzir uma partida de futebol no Brasil, e que são muitos os fatores que contribuem para tal, destacando a falta de estrutura de vários campos de futebol, a falta de segurança, a conduta desonesta de alguns dirigentes, a falta de conhecimento das regras por atletas, técnicos e treinadores e o próprio despreparo de alguns árbitros.

III. Considerações finais

Identificar os fatores que determinam a violência instrumental na arbitragem do futebol não é tarefa fácil. As influências midiáticas, redes sociais, família, educação e o contexto social são fatores primordiais que podem gerar atitudes agressivas. O que se deve observar são as prevalências dos casos e as poucas atitudes de mudança para se evitar novos acontecimentos por parte das federações, dirigentes e governantes.

Uma política de conscientização e o cumprimento das leis são fundamentais para que as devidas punições sejam colocadas em prática. Em muitas situações, os infratores passam impune pela justiça. Vão aos locais de jogos e competições com o intuito de gerar problemas.

Sabendo disso, está na hora de acordar para uma realidade evidente para quem administra e para quem acompanha o esporte. Mudanças estruturais e sociais são clamadas pela população, onde esta precisa fazer o seu papel como disseminadores de exemplos.

Referências:

- BECKER JR. B. **Manual de Psicologia de Esporte & Exercício**. 2ª Ed. – Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- BARROS, J. M. A. **Futebol porque foi... porque não é mais**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- FERREIRA, R. D. A.; BRANDÃO, M. R. F. **Árbitro brasileiro de futebol profissional: percepção do significado do arbitrar**. Revista da Educação Física/UEM, v. 23, n. 2, p. 229–238, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/15235>>. Acesso em: 08/07/2013.
- KORTE, G. **Treino Mental arbitragem no futebol**. São Paulo: Annapurna, 2012.
- MACHADO, A.A. **Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2006.
- PEREIRA, N. F.; SANTOS, R. G. M.; CILLO, E. N. P. **Arbitragem no futebol de campo: estresse como produto de controle aversivo**. Revista brasileira de psicologia do esporte, São Paulo, v. 1, p. 2-10, 2007.
- SAMULSKI, D.; SILVA, S.A. Psicologia aplicada à arbitragem. In.: SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2ª Ed. Barueri, SP: Manole, 2009.
- SANMARTÍN, M.G. **Valores sociales y deporte** – La Actividad Física y El Deporte como transmisores de Valores Sociales y Personales. Madrid: Gymnos, 1995.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ENSINAR ESPORTES E A QUESTÃO DE VALORES

Suraya Cristina Darido
UNESP – Rio Claro

O objetivo dessa palestra é apontar algumas possibilidades para a formação do cidadão que pratica esporte, sem menosprezar os aspectos relacionados à técnica e desempenho nas diferentes modalidades esportivas. Ou seja, o esporte apresenta no seu cotidiano uma série de exemplos que exigem do professor conhecimento e ação em relação aos valores.

Concordamos com o jogador de futebol Paulo André (2012), que baseado em sua experiência nas categorias de base, aponta a necessidade dos treinadores de futebol também se preparem para formarem cidadãos ao invés de apenas atletas. Ou seja, além dos meios acadêmicos, também alguns atletas – sobretudo aqueles mais conscientes de sua posição social e política – têm advogado em prol de uma formação ampliada de atletas e jogadores, apontando ainda a necessidade de estudos e formação específica para os técnicos exercerem sua importante função.

Abaixo estão alguns exemplos extraídos de Darido e Ruffino (2013), que permitem identificar os dilemas que se colocam no cotidiano do professor que ensina esportes.

Primeiro exemplo

O seu melhor atleta de 16 anos, mesmo avisado que não deveria sair na noite anterior porque vocês teriam um jogo importante pela manhã, saí e você fica sabendo que ele passou a noite toda fora do hotel. O que você faz na hora do jogo? Você precisa dele para garantir a vitória ou você pune o atleta que não cumpriu o que foi determinado perante ao grupo? Já havia ocorrido esse fato anteriormente com um jogador reserva da equipe e você o puniu. Agora o jogador é peça chave da equipe e o jogo tem importantes consequências dentro da competição.

Aqui a questão que se coloca é a seguinte: num país onde o sentimento de impunidade é muito forte, não punir o atleta porque ele é habilidoso pode exercer alguma influência na visão de mundo dos jogadores?

Segundo exemplo

Se perder determinado jogo, você entra numa chave muito mais fácil, e te abre uma oportunidade maior de ser campeão do torneio. Você acha ético sugerir aos seus atletas entrarem em quadra para perderem um determinado jogo?

A questão aqui é a seguinte: os meios justificam os fins? Em outras palavras, pode-se burlar uma regra do jogo (entra-se para ganhar) para conseguir resultados finais melhores?

Terceiro exemplo

O técnico deve escolher apenas 12 atletas para levar a uma competição importante. Um dos atletas, que apresenta bom nível de desempenho, tem faltado bastante aos treinos e não tem mostrado interesse e dedicação. Por outro lado, o



técnico tem disponível para levar à competição outro atleta com menor potencial técnico, mas que não falta aos treinos e é extremamente comprometido. Qual dos dois atletas o técnico inclui na lista dos jogadores?

A questão aqui é o que é mais importante: a dedicação e o comprometimento ou o desempenho?

Para apontar possibilidades dentro dessa visão de esporte optamos por discutir as dimensões dos conteúdos proposta por Zabala (1998) e Coll et al. (2000). Esta classificação, corresponde às seguintes questões: "o que se deve saber?" (dimensão conceitual); "o que se deve saber fazer?" (dimensão procedimental); e "como se deve ser?" (dimensão atitudinal), com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais.

A discussão sobre a dimensão atitudinal, necessita a compreensão dos temas valores, atitudes e normas. Zabala (1998) identifica a natureza de cada um destes termos: os *valores* dizem respeito a princípios ou ideias éticas que permitem às pessoas emitir um juízo sobre condutas e seu sentido, e são exemplos de valores; liberdade, respeito, fraternidade e responsabilidade; entende-se por *atitudes* as predisposições relativamente estáveis das pessoas realizarem sua conduta de acordo com valores determinados, sendo exemplos a cooperação com um grupo, a participação em tarefas escolares e ações de respeito ao meio ambiente; por sua vez, *normas* são regras e padrões de comportamento aos quais todos os membros de um grupo social devem obrigatoriamente seguir, determinadas pelos valores coletivamente compartilhados.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, P. **O jogo da minha vida**. São Paulo: Leya Brasil, 2012.
- COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed. 2000.
- DARIDO, S. C. ; [RUFINO, L. G. B.](#) . **Como ensinar esportes e para quê: algumas possibilidades à luz da pedagogia do esporte**. In: Serviço Social da Indústria (São Paulo). (Org.). Como ensinar esportes e para quê: algumas possibilidades à luz da pedagogia do esporte. 1ed.São Paulo: SESI-SP editora, 2013, v. 1, p. 17-54.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

EXPERT COACH NO ESPORTE

Dr. Varley Teoldo da Costa
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Laboratório de Psicologia do Esporte – LAPES-CENESP-UFMG

A palestra será sobre os estudos de *Coaching* dentro do ambiente esportivo e, em especial, relacionados à figura do treinador. Também serão abordados constructos psicológicos como liderança (Costa, Samulski & Costa, 2010) estresse, recuperação e *burnout* (Costa, Ferreira, Penna, Samulski, & Moraes, 2012) relacionados ao desenvolvimento da eficácia de treinadores *experts* dentro do contexto esportivo (Feltz, 1999; Côté & Gilbert, 2009). Entende-se por um treinador *expert* aquele profissional que apresenta um desempenho, na sua atividade laboral, superior aos seus colegas, por um extenso período de tempo. Este treinador notoriamente é reconhecido pelos seus feitos e conquistas dentro da modalidade, possui mais de 10.000 horas de prática deliberada de alta excelência dentro da modalidade, além de diferenciais nítidos no processo de treinamento e gerenciamento de equipes. Treinadores como Bernardo Rezende e José Roberto Guimarães (no voleibol), Phil Jackson (no basquetebol), Carlos Alberto Parreira e José Mourinho (no futebol), e Angelo Dundee (boxe) são exemplos deste seleto grupo de treinadores que se encaixam no conceito de treinadores *experts*.

O objetivo desta palestra é contextualizar os presentes sobre o andamento das investigações sobre o *Coaching* Esportivo dentro da Psicologia do Esporte, Educação Física e Neurociências. Além disso, a palestra abordará alguns dos principais estudos dentro da área de investigação do *expertise* esportivo.

Entende-se por *expertise* um campo de conhecimento que estuda as diferentes competências dos *experts* em relação à sua proficiência (Côté, Salmela, Trudel, Baria & Russel, 1995; Ericsson, 2005; Moraes, Mediros Filho, Penna, Ferreira & Pires, 2013).

Dentro do contexto de investigação com treinadores esportivos diferentes, pesquisadores têm objetivado identificar competências pessoais, gerenciais e psicológicas destes profissionais (Costa et al., 2012; Côté & Gilbert, 2009; Nash & Sproule, 2009).

A busca pela formação e excelência esportiva por parte dos treinadores iniciantes e em formação tem sido uma constante na carreira profissional destes agentes tão decisivos para a formação dos atletas. Esta afirmação pode ser observada pela procura por parte dos treinadores esportivos por cursos de capacitação e formação em suas áreas de atuação. Entretanto, observa-se que grande parte destes cursos é de qualidade para o que chamamos de capacitação técnica, mas deixam lacunas no que tange ao processo de desenvolvimento e formação de treinadores para que no futuro se tornem *experts* em suas modalidades esportivas.

Esta constatação é fácil de ser verificada quando se analisa os conteúdos programáticos da maioria dos cursos de formação de treinadores. Todos os cursos possuem uma preocupação muito grande com a compreensão dos parâmetros técnicos, táticos, fisiológicos, psicológicos, tecnológicos, nutricionais, metodológicos

de treinamento e também de outras disciplinas inerentes à modalidade. Todavia, com raríssimas exceções, encontram-se disciplinas voltadas para a formação e desenvolvimento do treinador. O foco, normalmente, está nas variáveis que interferem na modalidade e pouco se discute como se dá o processo de formação de treinadores *experts* naquela modalidade.

Um exemplo dentro do Brasil, de uma modalidade na qual somos referência em conquistas esportivas e também no processo de formação de atletas e de bons treinadores, é o voleibol. Ao analisar os cursos de excelente qualidade técnica, ofertados pela CBV (Confederação Brasileira de Voleibol), através da Universidade Corporativa do Voleibol (UCV), identifica-se claramente que os cursos oferecem todas as condições para que os treinadores melhorem a sua capacitação técnica dentro da modalidade. Entretanto, ao analisar as disciplinas para a formação de novos treinadores *experts*, depara-se com uma grande lacuna de formação e também com geram algumas perguntas muito interessantes para reflexão. Como foi o processo de formação de treinadores *experts* como “Bernardinho” ou “Zé Roberto”? Temos registro científico de como se deu esta formação? Caso algum deles não esteja no próximo ciclo olímpico, já temos profissionais preparados à altura para substituí-los?

O que se pretende trazer a tona para a discussão é que disciplinas relacionadas ao *Mentoring* Esportivo e ao *Coaching* Esportivo de novos treinadores não existem em países em desenvolvimento esportivo como o Brasil. Entretanto, ao observar o modelo de formação dos treinadores esportivos em países como Estados Unidos, China, Alemanha e outras potências mundiais, identifica-se que existe uma preocupação com a formação e sequência da cadeia produtiva de novos treinadores esportivos.

Para Passmore, Peterson e Freire (2013), os conceitos de *Mentoring* e *Coaching*, muitas das vezes, recebem diferentes definições dependendo da área de estudo. O *Mentoring Esportivo* pode ser definido como uma relação entre um treinador mais experiente e um treinador jovem, com o objetivo de apoiar e auxiliar o novato no desenvolvimento da sua carreira esportiva. Estes conceitos são muitos semelhantes entre diversas áreas e o ambiente esportivo (Bloom, Durand-Bush, Schinke & Salmela, 1998; Passmore *et al.*, 2013).

Já o *Coaching* é definido por Passmore *et al.* (2013) como um processo de liberação do potencial das pessoas para maximizar seu próprio desempenho. O *Coaching* objetiva ajudá-las a aprender ao invés de ensinar-lhes o que tem que ser feito. Entretanto, os autores supracitados apresentam uma diferenciação entre os termos *Coaching* e *Coaching* Psicológico. O *Coaching* Psicológico é definido como um processo que objetiva melhorar o bem estar e o desempenho do indivíduo nos domínios pessoal e laboral, sustentado por modelos de aprendizado fundamentados em abordagens psicológicas.

Além dessas duas definições de *Coaching*, no ambiente esportivo pode-se verificar uma terceira definição: o *Coaching* Esportivo. Este possui propriedades de ambas as definições citadas acima, principalmente no que tange o desenvolvimento de competências nos treinadores esportivos. O *Coaching* Esportivo surgiu na década de 1970 quando *Timothy Gallwey* apresentou as primeiras técnicas a treinadores e atletas de tênis para desenvolver as suas competências e capacidades mentais com o objetivo de melhorarem o seu rendimento. Seu livro

“*The Inner Game of Tennis*” tornou-se um best-seller para esportistas, treinadores e empresários. (Gallwey, 1974).

Um dos principais objetivos do *Coaching* Esportivo é ajudar treinadores e atletas a perceberem a importância de suas competências pessoais e auxiliá-los no processo de desenvolvimento destas competências com o objetivo de ajudá-los a atingir os seus objetivos e a melhorar o seu rendimento dentro e fora do ambiente esportivo.

Gilbert e Trudel (2004) realizaram uma meta-análise sobre a produção científica relacionada ao *Coaching* Esportivo. Neste trabalho os autores apontam dois problemas que necessitam ser sanados para que o processo de formação de treinadores esportivos avance de forma exponencial. O primeiro problema diz respeito ao número reduzido de investigações que buscam compreender a forma como um *expert coaching* de desenvolve e se capacita ao longo dos anos. O segundo problema está relacionado à construção de programas e cursos voltados para a formação de treinadores que se preocupem com a formação de recursos humanos para o futuro. Nos dois últimos Congressos Mundiais de Psicologia do Esporte, em Marrocos / 2009 e em Pequim / 2013, esta temática também foi pauta de discussão e preocupação por parte dos investigadores (Rangeon, Gilbert, Trudel & Côté, 2009; ISSP, 2013).

Nash e Sproule (2009) investigaram o desenvolvimento da carreira de treinadores *experts* nas modalidades hóquei, natação e futebol, e identificaram algumas características comuns entre estes profissionais. Em síntese, os principais resultados apontaram que as experiências como ex-atleta auxiliaram muito no processo e na velocidade de aprendizado destes treinadores e que estes profissionais possuíam qualidades pessoais e uma filosofia de treinador muito clara, definida e perceptível a todos que os rodeavam dentro e fora do contexto esportivo. Também foi identificada uma rede qualificada de *networking* destes profissionais para a troca de informações e experiências no âmbito esportivo, e que estes são profissionais ávidos e abertos para novos conhecimentos e tecnologias que podem auxiliá-los no seu trabalho diário.

Em síntese o que se observa através do exposto acima é o *Coaching* Esportivo e o desenvolvimento de treinadores *Experts* para o esporte ainda encontram-se em uma fase inicial de investigação e descobertas por parte dos pesquisadores. Especialmente no Brasil, torna-se necessário sensibilizar treinadores *Experts* para que compartilhem e colaborem com o registro acadêmico do caminho percorrido ao longo de anos em suas carreiras esportivas e também com o registro científico do conhecimento acumulado através dos anos sobre as nuances do esporte. Que este treinador *Expert* também tenha a oportunidade de atuar como um *Head Coach* auxiliando na formação de novos treinadores esportivos. Também é importante que os profissionais que militam na Psicologia do Esporte contribuam com o processo de formação de treinadores desenvolvendo investigações e métodos de treinamento cientificamente fundamentados que possam contribuir para o avanço do conhecimento nesta área.

Referências:

- Bloom, G. A., Durand-Bush, N., Schinke, R. J., & Salmela, J. H. (1998). The importance of mentoring in the development of coaches and athletes. **International Journal Of Psychology**, 29, 267-281.
- Costa, I. T., Samulski, D. M., & Costa, V. T. (2010). Perfil de liderança para treinadores de Futebol na visão de treinadores do campeonato brasileiro. **Revista da Educação Física**, 21(1), 59-68.
- Costa, V. T., Ferreira, R. M., Penna, E. M., Samulski, D. M., & Moraes, L. C. C. A. (2012). Comparação dos níveis de estresse, recuperação e burnout em treinadores de futsal e futebol brasileiros através do RESTQ-COACH. **Motricidade**, 8(2), 937-945.
- Côté, J., Salmela, J. H., Trudel, P., Baria, A., & Russell, S. J. (1995). The coaching model: a grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 17(1), 1-17.
- Côté, J., & Gilbert, W. (2009). A integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, 4(3).
- Ericsson, K. A. (2005). Recent advances in expertise research: a commentary on the contributions to the special issue. **Applied Cognitive Psychology**, 19(2), 233-241. doi.org/10.1002/acp.1111.
- Feltz, D. L., Chase, M. A., Moritz, S. E., & Sullivan, P. J. (1999). A conceptual model of coaching efficacy: preliminary investigation and instrument development. **Journal of Educational Psychology**, 91, 675-776.
- Gallwey, W. T. (1974). **The Inner Game of Tennis** (1st ed.). New York: Random House.
- Gilbert, W. D. & Trudel, P. (2004). Analysis of coaching science research published from 1970-2001. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 75(4), 388-399.
- ISSP. (2013). **Keynotes symposia: Effective Interpersonal Coaching for Enhanced Performance and Wellbeing**. Acessado em 20-08-2013. Web site: <http://www.issp2013.com/en/news.asp?id=34.html>
- Moraes, L. C. C. A., Ferreira, R. M., Medeiros Filho, E. S., Penna, E. M., Ferreira, M. C. C., & Reis, C. P. (2013). Bases da excelência esportiva. In: Samulski, D. M.; Menzel, H. J. & Prado, L. C. (eds). **Treinamento esportivo** (1ª ed., pp. 137-164). Barueri: Manole.
- Nash, C. S., & Sproule, J. (2009). Career development of expert coaches. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, 4(1).
- Passmore, J., Peterson, D. B., & Freire, T. (2013). The psychology of coaching and mentoring. In: Passmore, J., Peterson, D. B., & Freire, T. (eds). **The wiley-blackwell handbook of the psychology of coaching and mentoring**.
- Rangeon, S., Gilbert, W., Trudel, P., & Côté, J. (2009, Junho). **Coaching Science in North America**. Paper Presented at the 12th ISSP World Congress of Sport Psychology, Marrakesh, Morocco.



NOVAS MÍDIAS E ESPORTE: UM OLHAR DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Flávio Rebustini

LEPESPE – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – UNESP – Rio Claro.

A atividade física e o esporte integram as políticas públicas de muitas das Nações. Em parte pelo impacto sobre a saúde e bem-estar da população e, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, como uma forma de exposição de regimes políticos em busca de hegemonia e supremacia, essencialmente por meio do esporte de alto rendimento.

A expansão significativa do esporte está intimamente conectada a duas instrumentalizações apontadas por [Bourg e Gouquet](#) (2005): de um ponto de vista político, o esporte é utilizado como forma de propaganda de ideologia e de regimes, a contagem de medalhas ou vitórias torna-se uma questão política de primeira importância. Do ponto de vista econômico, o esporte entra resolutamente na era da mundialização e da globalização financeira com riscos de submissão ao reinado do lucro. Os meios (econômicos) suplantam a finalidade (esportiva), o conjunto do sistema se inverte e chega à sua própria negação: carreirismo, doping, corrupção, trapagens, etc. Desta forma, a busca da vitória a qualquer preço está intimamente relacionada ao reconhecimento financeiro, seja na forma das premiações nas competições, que em muitas modalidades - atletismos, natação, tênis, dentre outras -, é somada aos cachês de participação. A remuneração é somada aos contratos publicitários e de patrocínios; sendo que para alguns atletas essa é a maior fonte da receita, superando em muito os salários pagos por suas equipes.

Com fortalecimento da relação entre a mídia e o esporte estas receitas “alternativas” tornaram-se ainda mais atrativas; encantando, seduzindo, assediando, pressionando e iludindo constantemente os atletas, concorrendo com os treinamentos. Nos últimos anos, os horários de descanso entre as sessões de treinamento passaram a ser ocupados por compromissos com patrocinadores para entrevistas e ações de marketing. Esses apontamentos comportam inteiramente a contribuição de Garcia Canclini (2009, p.17), “no esporte não jogam apenas Beckham, Figo, Ronaldo, Verón e Zidane, mas também as marcas de roupas e de carros que os patrocinam”.

Ademais a expansão e aprofundamento da relação com a mídia, que resultou na intensificação das transmissões esportivas ao vivo - via satélite -, atingindo lugares recônditos, “oferecendo” ao público um novo mundo de interações; e tem propiciado a criação de novas paixões, mitos e ídolos transnacionais, mas também impôs ao atleta o sucesso fugaz. Atualmente, o atleta é um ícone midiático; amanhã ele não será mais, talvez nem chegue ao amanhã, no final do dia ele não seja mais; se houver outro atleta ou fato que traga um novo frescor à audiência, ele será alçado instantaneamente ao posto; portanto o primeiro é descartável, não é mais útil para gerar audiência.

O advento do mundo digital e da virtualização da mídia, sem dúvida um caminho sem volta, potencializou esse retorno de maneira intangível, fazendo com que o controle e avaliação sobre a influência dos benefícios e riscos dessas exposições sejam insuficientes. Neste sentido, Levy (2009, p. 11) contribui

afirmando que “um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência”. Nesse diapasão, Garcia Canclini (2009, p.95) coopera dizendo que “o mundo hipermóvel aumenta as dificuldades de identificar pontos de enraizamento, regras estáveis e zonas de confiança”. Assim, o advento da “proximidade” virtual torna as conexões humana simultaneamente mais frequentes e banais, mais intensas e mais breves (BAUMAN, 2004).

O acesso ao universo virtual e todas as redes sociais digitais não estão mais restritas a um computador fixo. O desenvolvimento tecnológico possibilitou a alta mobilidade dos equipamentos e sistemas (notebooks, netbook, tablet, celulares e outros dispositivos que estão por vir) permitindo que o acesso seja feito de qualquer lugar, a qualquer hora e de múltiplas plataformas. Muitos atletas já se embrenharam nesse mundo virtual. Se antes as concentrações eram locais de carteado, sinuca e outros jogos de salão, como formas de lazer e passatempo, atualmente estão presentes os jogos eletrônicos nas diversas plataformas; o celular de última geração, o que torna a concentração “apenas” regulador de alimentação e dos horários, mas já não tem mais o papel de conter a relação entre o atleta e a vida cotidiana que poderia a vir atrapalhar o desempenho do atleta. Essas novas dinâmicas de comunicação reduziram o caráter refratário dos clássicos modos de mídia. O que dizer, então, dos atletas e suas contas (perfis) nas redes sociais, dos tweets¹¹ e retweets¹² que expõe trechos da vida do atleta, inclusive, narrando em alguns casos, o que está ocorrendo na concentração em tempo real. Os das imagens postadas no Instagram.

Perante a relação vital entre o esporte de alto rendimento e a mídia podemos afirmar que os atletas e todos os atores que fazem parte do esporte não estão apartados da virtualização. Assim, esse movimento coloca o atleta em zona de exposição, na qual nem ele ou os seus mais próximos pares (técnico, empresários, agentes, dirigentes) têm controle.

Os atletas, equipes, dirigentes, clubes, árbitros e patrocinadores passaram a utilizar massivamente estes novos instrumentos para propagar novas ações de marketing e publicidade, afazeres, negociações, desavenças e, também, em muitos casos, a exposição da intimidade, que passa a ser compartilhada entre os seguidores da rede e os seguidores dos seguidores, tendo um efeito em cascata no ciberespaço. Como apontam Machado, Zanetti e Moiola (2011, p. 732) “fica difícil não perceber que a tecnologia torna-se uma ferramenta de conquista do mundo e de uma nova formação sociocultural; é uma tendência revolucionária na vida cotidiana”.

Diante desse fato, podemos fazer uma clara analogia com o apontamento feito por Bauman (2004, p. 109) quando trata dos realities shows “esses espetáculos televisivos que tomaram milhões de espectadores de assalto e imediatamente capturaram sua imaginação eram ensaios públicos sobre a descartabilidade dos seres humanos”. É factível relacionar com uma gíria contemporânea, que diz: “que a fila anda”. Em suma, a descartabilidade humana, conforme termo utilizado por

¹¹ Nome dado para as mensagens postadas no Twitter

¹² Nome dado os reenvio de mensagens no Twitter.

Bauman, representa exercer a nossa não-humanidade. Complementando ainda com o próprio Bauman (2004, p. 105) “o valor, o mais precioso dos valores humanos, o atributo sine qua non de humanidade, é uma vida de dignidade, não a sobrevivência a qualquer custo”.

Assim, as dinâmicas no esporte e das novas mídias não escapam da leitura da sociedade contemporânea fundamentada por Bauman (2007, p. 9) que nos conduz à seguinte observação:

A “sociedade” é cada vez mais vista e tratada como uma “rede” em vez de uma “estrutura” (para não falar em uma “totalidade sólida”): ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis

Garcia Canclini (2009, p. 177) contribui afirmando que “não dispomos de nenhum sistema de pensamento suficientemente compreensivo para abarcar tantas proximidades e, menos ainda, a variedade de interações e intensidades entre as quais nos movemos”. A perturbação, o desaparecer e a incompreensão destes movimentos pode causar, em diversos momentos, uma confusão identitária no indivíduo, decorrentes da fugacidade do contexto que está inserido na sociedade contemporânea.

Apenas como referência de circunstâncias em que nos deparamos com a exposição vulnerável, podemos destacar alguns eventos: a discussão acalorada entre jogadores do Santos Futebol Clube e torcedores transmitidos ao vivo por webcam de dentro da concentração, e que foi matéria de vários programas esportivos no dia seguinte (TERRA, 02/08/2010), que resultou em uma entrevista coletiva e uma nota dos envolvidos pedindo desculpas; e a divulgação por Ronaldo Nazário que estava esperando o resultado do exame de DNA para a confirmação de outro filho feito pelo microblog (UOL, 08/12/2010).

Depreendemos que a intensificação do uso das novas mídias nos últimos anos, além de aumentar os setores de aplicação e o espectro daqueles que podem interagir no mundo virtual, possibilitou a criação de um espaço de expressão de ideias e concepções, para muitos que antes não tinham qualquer relação com a mídia informativa formal (jornais, revistas, televisão, etc.). Atualmente, você não precisa comprar uma televisão, um jornal ou revista na banca ou fazer uma assinatura, inclusive nem ter um computador, o serviço pode ser “alugado” por minutos em uma Lan House. Essa nova configuração põe frente a frente, o consolidado - o jornalismo nas formas clássicas -, e os novos ambientes disponíveis no ciberespaço. Além disso, nos últimos anos, as redes sociais propiciaram novas formas de inter-relação no mundo virtual.

A utilização das redes sociais pela esfera esportiva tem aumentado significativa, principalmente com a utilização do Twitter. A revista TIME (05/06/2009) aponta que a preferência está baseada em três pontos que fazem com que o Twitter se destaque das outras: facilidade de criação da rede, a interação em tempo real e o compartilhamento dos links. Interessante notar que o jornalista responsável pela matéria, no parágrafo de abertura destaca que sua primeira impressão sobre o Twitter foi terrível e complementa perguntando “Por que o mundo precisar disso?”.

A Sports Illustrated (05/06/2009) publicou uma reportagem intitulada “Mania do Twitter está mudando a face do esporte” e um dos destaques é “a obsessão do

mundo esportivo pelas ferramentas do microblog, através do qual atualizam sua audiência na web com mensagens frequentes”.

O impacto dessas mídias é instantâneo, possibilitando aos que estão conectados, contato imediato com novos fatos, informações, acontecimentos, inclusive, banalidades. Os atletas, equipes, dirigentes, clubes e patrocinadores passam a utilizar massivamente estes novos instrumentos para propagar novas ações de marketing e publicidade, afazeres, negociações (REBUSTINI; ZANETTI; MOIOLI; SCHIAVON; MACHADO, 2011; BLASZKA, 2011), o que inclui também desavenças e a exposição da intimidade, que passa a ser compartilhada entre os seguidores da rede e os seguidores dos seguidores, em um efeito cascata no ciberespaço.

De acordo com Huberman, Romero e Wu (2009), acadêmicos, patrocinadores e ativistas políticos, veem as redes sociais online como uma oportunidade estudo, propagação das ideias, formação de amizades e marketing viral, dentre outros. Muito em razão de que “a mídia eletrônica está caracterizada pela habilidade de remover, ou ao menos rearranjar, as barreiras entre o espaço público e o privado”, afirma Papacharissi (2009, p. 206).

Os efeitos dessas novas mídias já foram percebidos pelos órgãos que controlam o esporte. REBUSTINI; ZANETTI; MOIOLI; SCHIAVON; MACHADO, 2011) apontam que as Instituições Esportivas (Comitê Olímpico Internacional, Confederação Brasileira de Futebol, National Basketball Association - NBA) têm criado formas de limitar e coibir o uso das redes sociais pelos atletas.

Nesse fenômeno da virtualização e das redes sociais, como são construídas as relações entre os jornalistas e os membros do esporte? No mesmo artigo Rebustini e colaboradores (2011, p. 145), destacam que:

Nesse mundo, os jornalistas seguem as páginas dos atores principais do espetáculo esportivo, assim, as mensagens postadas são remetidas diretamente para as páginas dos jornalistas que escreverão em seus blogs análises sobre as mensagens dos atletas, e “retuitarão” para seus seguidores, em muitos casos, os próprios atletas, criando uma rede de repercussão. Antes das redes sociais, as reportagens ficavam restritas aos seus leitores dos jornais do dia seguinte, atualmente, esse processo é potencializado, os seguidores de seguidores terão acesso aos fatos, quase instantaneamente. O poder e o impacto real dessa nova dinâmica ainda não podem ser calculados.

Reed (2011) contribui afirmando que há uma ausência de consenso de como as mídias sociais “encaixam” dentro do profissionalismo do jornalismo tradicional e como têm influenciado a relação entre os jornalistas e suas fontes.

Uma reportagem do UOL (18/10/2011) aponta que as redes sociais são uma forma de “libertar” os atletas, tornando-os mais espontâneos. A reportagem da Sport Illustrated (05/06/2009) afirma que o Twitter satisfaz a sede dos fãs por uma conexão mais próxima com os grandes atletas, proprietários das equipes, e mesmo de outros fãs; ainda acrescenta que para muitos fãs os “tweets” mostram o lado

humano dos seus atletas favoritos ou dos proprietários, fazendo com que eles se sintam em uma relação próxima.

Mas como se constrói a relação entre o que usa para expor sua vida e o que “consome”? O consumidor pode adotar como espelho a vida daquele que idolatra, já que o “admirador” está num mundo praticamente sem fronteiras e limites, eles compartilham as glórias dos seus ídolos, na realidade eles se sentem partes do feito. Comm e Burge (2009, p. 75) contribuem com o seguinte apontamento “os sites da web têm usuários, o Facebook tem amigos, e o Twitter tem seguidores. Eles seguem suas mensagens – e, no processo, seguem sua vida”

Os atletas que utilizam de forma sistemática suas redes postam mensagens divulgando suas ações, de seus patrocinadores, da equipe e fatos do cotidiano (mundano). As modalidades que não apresentam grande cobertura da mídia utilizam as redes como forma de potencializar suas modalidades e eventos. Esse apontamento ganha corpo com os resultados apresentados na pesquisa de Reed (2011) quando estudou a relação dos jornalistas com as redes sociais, e ficou claro que os jornalistas acessam e utilizam as informações postadas pelos atletas dependendo do nível de resultados deles.

Outra consequência dessa nova dinâmica está em que antes o atleta, o técnico e o dirigente transferiam a culpa da repercussão de determinada reportagem às distorções feitas pelos jornalistas; hoje, o próprio atleta ou sua assessoria é responsável por fornecer a informação, sem intermediários, livre das interpretações ou especulações, portanto, são responsáveis por avaliar as consequências (REBUSTINI; ZANETTI; MOIOLI; SCHIAVON; MACHADO, 2011).

Num ambiente em que os atletas de altíssimo nível são profissionais com estruturas profissionais questiona-se a conduta dos jornalistas, então como isso ocorre no mundo virtual? De acordo com Lewis (2010, p. 51), as mídias sociais são uma ameaça potencial para o profissionalismo, porque o grau e o tipo de participação permitidos em espaços online desafiam as organizações de notícias de reavaliar seus limites estabelecidos.

Neste novo ambiente e cenário como fica a figura do jornalista? Nesse sentido Hermida (2010) conclui que os jornalistas utilizam as novas mídias apenas para dois aspectos: compartilhar informações e relatar notícias, o que parece muito pouco diante do potencial da ferramenta. A possibilidade de “furo” jornalístico é reduzida. Além do que as checagens das fontes e da correção da informação parecem estar deterioradas diante da dinâmica e da velocidade da informação na sociedade contemporânea.

Os efeitos sobre o desempenho dos atletas ainda carece de aprofundamento, ações por parte dos órgãos de controle já têm sido tomadas, no intuito de “tentar” controlar as redes sociais, mas mesmo que se controle e/ou orientem os atletas, que se intensifique o “media training” para atender e compreender essas novas ferramentas, como controlar os que cercam os atletas? Com controlar as mensagens postadas por familiares, por agentes e empresários? Em que uma multiplicidade de interesses estão envolvidos.



Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BLASZKAS, M. **An examination of sport consumers' Twitter usage**. Master degree dissertation. Georgia States University. Georgia – USA, 2011.
- BOURG, J.F.; BOUGUET, J.J. **Economia do esporte**. Bauru, Edusc, 2005
- COMM, J.; BURGE, K. **O poder do Twitter: estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por vez**. São Paulo: Editora Gente, 2009.
- GARCIA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- HERMIDA, A. **Twittering the news: The emergence of ambient journalism**. *Journalism Practice*, 4(3), 297-308, 2010.
- HUBERMAN, B. A.; ROMERO, D. M.; WU, F. **Social network that matter: Twitter under the microscope**. *First Monday*, Bridgman, v. 14, n. 1 - 5 January 2009. Disponível em: <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/2317/2063>. Acessado em 10 de fevereiro de 2012.
- LEVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2009.
- LEWIS, S. C. **Journalism innovation and the Ethic of participation: a case study of the Knight Foundation and its News Challenge**. Thesis. The University of Texas at Austin, 2010.
- MACHADO, A. A.; ZANETTI, M. C.; MOIOLI, A. **O corpo, o desenvolvimento humano e as tecnologias**. *Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 4, p. 728-737, out/dez 2011.
- PAPACHARISSI, Z. **The virtual geographies of social networks: A comparative analysis of Facebook, LinkedIn and ASmallWorld**. *New Media Society*, London, 11, 199-220, 2009.
- REBUSTINI, F.; ZANETTI, M. C.; MOIOLI, A.; SCHIAVON, M.; MACHADO, A. A. **Twitter e o esporte de alto rendimento**. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, Jundiaí. v. 10, p. 141-147, 2011.
- REBUSTINI, F.; ZANETTI, M. C.; MOIOLI, A.; MACHADO, A. A. **Análise da repercussão do uso do Twitter no esporte de alto rendimento**. In: **V Simpósio Nacional da Abciber**, 2011, Florianópolis. *Anais do V Simpósio Nacional da Abciber*. São Paulo: Ed. Unip, 2011. v. 1. p. 1-10.
- REED, S. J. **Print Sport journalist' use of social media and its effect on professionalism**. Master degree dissertation. University of Minnesota: Minnesota, 2011.
- SPORTS ILLUSTRATED. **Twitter craze is rapidly changing the face of sports**. 05 de junho de 2009. Disponível em: http://sportsillustrated.cnn.com/2009/writers/the_bonus/06/05/twitter.sports/index.html. Acessado em 13 de fevereiro de 2012.
- TERRA. **Jogadores do Santos discutem com fã na internet**. 02 de agosto de 2010. <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro/2010/noticias/0,,OI4600070-EI15406,00-Jogadores+do+Santos+discutem+com+fa+na+internet.html> Acessado em 20 de novembro de 2010.



TIME. **How Twitter Will Change the Way We Live.** 05 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1902818,00.html>. Acessado em 17 de fevereiro de 2012.

UOL. **Mídias sociais "libertam" atletas, e viram palco de desabafos e reclamações.** 18 de outubro de 2011. Disponível em: <http://pan.uol.com.br/2011/ultimas-noticias/2011/10/18/midias-sociais-libertam-atletas-mas-tambem-viram-palco-de-desabafos-e-reclamacoes.htm>. Acesso em: 18 de outubro de 2011.

UOL. **Ronaldo reconhece paternidade do 4º filho após exame de DNA.** <http://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2010/12/08/ronaldo-reconhece-paternidade-do-4-filho-apos-exame-de-dna.jhtm>. Acessado em 20 de dezembro de 2010.

Texto adaptado da Tese: Rebustini, F. "Vulnerabilidade no esporte e a exposição às novas mídias: um estudo sobre o Twitter". Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências da UNESP – Rio Claro, 2012

NOVOS OLHARES PARA A ADMINISTRAÇÃO NO ESPORTE: MEGA EVENTOS E SEUS LEGADOS

André Aroni¹, Claudio Gomes Barbosa¹

¹ LEPESPE/I.B./UNESP (Rio Claro)

INTRODUÇÃO

Esta mesa redonda abordará as questões relacionadas à administração esportiva, sendo que a minha contribuição será apresentar um estudo de caso, o legado de um mega evento, mais especificamente o das Olimpíadas de Barcelona, em 1992.

Mas por que esta Olimpíada? Atualmente no Brasil, falar de um mega evento é tema de longas e incansáveis discussões, sendo a sua maioria senso comum sobre fatores políticos e teorias com pobres fundamentos. Assim, o objetivo é apresentar, de forma direta e não partidária, uma cidade que se organizou para um grande evento, utilizando ao seu favor todo o prestígio do momento para crescer em diversos setores.

Em relação aos Jogos Olímpicos, Proni (2008) sugere que uma mentalidade comercial foi lentamente se impondo desde o ano de 1960 (mil novecentos e sessenta), e que a “era da globalização” definiu novas diretrizes de organização e financiamento do evento, preservando a imagem do Olimpismo na opinião pública mundial e “reinventando” os Jogos Olímpicos.

É importante frisar que o legado de um mega evento se constrói ao longo dos anos, por isso a escolha de um evento de vinte e um anos atrás. Se recortarmos o momento que antecedeu aos jogos e o analisarmos até os dias atuais, poderemos destacar com propriedade os pontos positivos e negativos do modelo.

REVISÃO DE LITERATURA

French e Discher (1997) destacam quatro benefícios para a cidade sede de um mega evento: 1) O legado da infraestrutura construída para a realização do evento; 2) O estímulo econômico em curto prazo para as novas construções, novos investimentos e novos visitantes; 3) A grande visibilidade e oportunidade de marketing catalisadora de negócios e turismo; 4) E o “redesenvolvimento” urbano, ponto considerado pelo autor, como o mais difícil de ser atingido. Solberg e Preuss (2007) afirmam que uma imagem cultural positiva, nova infraestrutura, produtos turísticos e qualidade do serviço são fatores que contribuem diretamente para o aumento da atividade turística em longo prazo.

No caso de Barcelona, parece que a cidade utilizou os Jogos Olímpicos de 1992 para transformar a sua infraestrutura e tornar-se uma cidade cultural. Brunet (1995) explica que no ano de 1975 (mil novecentos e setenta e cinco) a Espanha passou por uma crise econômica, Barcelona estava em dificuldades e, agravada pela saída da indústria da cidade, houve uma estagnação da população e

diminuição da sua atividade política. Contudo, a nomeação no ano de 1986 (mil novecentos e noventa e seis) para organizar as Olimpíadas de 1992 (mil novecentos e noventa e dois) levou a cidade da depressão ao “boom” econômico neste espaço de tempo.

Barcelona Holding Olympic S.A. – HOLSA (1992) apresenta as metas de Barcelona na organização dos jogos: reunir os melhores atletas do mundo, oferecer excelentes competições de acordo com espírito olímpico e promover uma grande transformação urbana em sua cidade, aumentando a qualidade de vida e suas atrações. Na época, esta foi considerada a mais importante mudança urbana da Europa. Brunet (1995) afirma que a chave do sucesso deste evento foi a força da sua principal meta de transformar e projetar a cidade, além da organização, que contou com acordos institucionais, a criação de áreas administrativas específicas que não estavam vinculadas a gestão pública, e acordos de administração compartilhada do setor público com a iniciativa privada.

De acordo com a HOLSA (1992), os números finais do evento mostram um investimento de 956,630 milhões de pesetas¹³, entre os anos 1986 (mil novecentos e oitenta e seis) e 1993 (mil novecentos e noventa e três). Sendo que, 61,5% (sessenta e um) deste dinheiro foi investido em projetos civis, os principais projetos eram, por ordem de importância: 1) Infraestrutura de estradas e transportes, 2) Casas, escritórios e locais comerciais, 3) Telecomunicação e serviços, 4) Hotéis, 5) Esportes, 6) Estruturas ambientais. De todo o investimento, 32,7% (trinta e dois) foi promovido pela iniciativa privada.

Além da aparente transformação urbana que a cidade passou, Brunet (1993) destaca outros impactos deste investimento para a cidade: O desemprego foi reduzido drasticamente neste período, sendo que no ano de 1986 (mil novecentos e oitenta e seis) estimava-se que cerca de 18,4% (dezoito) da população estava desempregada, no período dos Jogos Olímpicos no ano de 1992 (mil novecentos e noventa e dois), este número caiu para 9,6% (nove). Neste mesmo ano, a taxa de desemprego na Espanha era de 15,5% (quinze).

No ano de 1991 (mil novecentos e noventa e um) a cidade atingiu seu ápice na história, era a oitava cidade da Europa, escolhida por muitas empresas como o local ideal para as suas instalações. No ano de 1992 (mil novecentos e noventa e dois) caiu para a décima terceira posição, e no ano de 1993 (mil novecentos e noventa e três) subiu novamente para o décimo lugar, seus pontos fortes eram a qualidade de vida (quinto lugar na Europa), preço de escritórios (sexto lugar), proximidade e acessibilidade ao mercado (décimo lugar), infraestrutura de transporte (décimo quinto lugar) e telecomunicações (décimo nono lugar).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente os Jogos Olímpicos de 1992 (mil novecentos e noventa e dois) é o grande ponto da virada econômica e cultural desta cidade espanhola. Olhar atualmente para Barcelona é afirmar como uma boa gestão somada a um mega evento pode mudar a história de uma cidade. Segunda a fonte eletrônica <http://pt.wikipedia.org/>, a cidade de Barcelona é atualmente o maior centro industrial

¹³ A *peseta* foi a moeda corrente da Espanha entre 1869 e 2002.

www.lepespe.com.br

do país, o seu porto transformou-se no mais importante do mar mediterrâneo em tonelagem de mercadorias, número de contentores e número de cruzeiros turísticos que fazem escala na cidade. Destacam-se entre suas inúmeras atrações, as obras do arquiteto Antoni Gaudi, presentes por toda a cidade, as montanhas de Montjuic e Tibidabo, a primeira abriga alguns centros esportivos que foram utilizados nos Jogos Olímpicos.

No Brasil, Mascarenhas (2011) explica que a opção do país de se projetar mundialmente por meio dos mega eventos trará consequências, dívidas e “desfinanciamento” de áreas como saúde e a educação. É evidente que tanto na Espanha quanto no Brasil há oposição aos investimentos e ações realizadas, sem falar no superfaturamento das obras e licitações suspeitas. Contudo, o objetivo deste trabalho é apresentar os números e resultados de um legado que já atingiu a maioria.

REFERÊNCIAS

- BRUNET, F. **Economy of the 1992 Barcelona Olympic Games**. Lausanne: International Olympic Committee, 1993.
- BRUNET, F. An Economic Analysis of the Barcelona '92 Olympic Games: Resources, Financing and Impact. In: SPÁ, M. M., BOTELLA (Org.). **The keys of success: the social, sporting, economic and communications impact of Barcelona '92**. Bellaterra: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1995.
- FRENCH, P., DISHER, M. E. **Atlanta and the Olympics: A One-Year Retrospective**. Journal of the American Planning Association, 63(3), p. 379-392, 1997.
- HOLSA. **Los Juegos Olímpicos como generadores de inversión (1986-1992)**. Barcelona: Barcelona Holding Olímpic, S.A., 1992.
- MASCARENHAS, G. **O impacto dos mega eventos nas cidades**. Url: <http://rsurgente.opsblog.org/2011/04/15/professor-da-uerj-fala-sobre-impacto-de-megaeventos-nas-cidades/> (Consultado em 27/07/2013), 2011.
- PRONI, M. W. **A reinvenção dos Jogos Olímpicos: Um projeto de marketing**. Revista Esporte e Sociedade, 3 (9), jul08-out08, 2008.
- SOLBERG, H. A., PREUSS, H. **Major sport events and long-term tourism impacts**. Journal of Sport Management, 21, 213-234, 2007.
- WIKIPEDIA. **Barcelona**. Url: <http://pt.wikipedia.org> (consultado em 03 de setembro de 2013).

ORGANIZAÇÃO DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: NOVOS OLHARES PARA O GESTOR ESPORTIVO

*Cláudio Gomes Barbosa, André Aroni e Afonso Antonio Machado.
LEPESPE, Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, UNESP – Rio Claro - SP*

O esporte, considerado como um fenômeno integrador da sociedade, esta presente nas principais fases de desenvolvimento (cognitivo e social) dos seres humanos, em todas as suas ramificações: desde o esporte-participação até o esporte-desempenho. Para Sarmento et al (2011), o esporte esta envolvido com todos os níveis da sociedade e deve ser usado como fonte de pesquisas para questões relacionadas ao comportamento humano. Além disso, o esporte é assumido como um fenômeno social de enorme complexidade por meio da interação entre vários setores da sociedade.

Em sua maior forma de expressão, por meio dos megaeventos, o esporte atinge uma grande parte da população mundial por meio das redes de televisão e internet. Neste sentido, os megaeventos esportivos são considerados peça fundamental para a divulgação e incentivo à prática esportiva.

Além desta visão social, o que levanta uma grande discussão entre os grandes pensadores da área sobre estes megaeventos esportivos são as influências sofridas por fatores econômicos e também pelos interesses da mídia, por meio dos direitos de transmissão. Sobre a definição exata de megaeventos, Hall apud Tavares (2011) realiza uma síntese:

“Grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (Hall apud Tavares, 2011)”.

O Brasil, nesta década (2010-2020), está passando por uma fase de enorme crescimento e investimento no setor esportivo devido a realização dos principais eventos mundiais deste segmento em um curto espaço de tempo: Jogos Mundiais Militares (2011), Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo da FIFA (2014) e Jogos Olímpicos (2016). Durante a realização destes eventos o Brasil será assistido por bilhões de pessoas em todo o mundo.

Segundo Giacomelli e Henkelman (2012), as cidades que receberam estes megaeventos esportivos sofreram grandes mudanças de reestruturação do espaço urbano, construção e reforma de arenas esportivas e aumento de investimento das áreas de turismo e mobilidade urbana. Estes mesmos autores afirmam que, os megaeventos podem trazer melhoras sociais, mesmo que modestas, por onde passam. Estas transformações e grandes investimentos feitos durante estes eventos trazem a tona uma das maiores discussões desta área: quais são os legados deixados por estes eventos?

Segundo Tavares (2011), os legados deixados pelos megaeventos esportivos são impactos deixados em nossa sociedade, tanto positivos, quanto negativos. Ainda segundo o autor pode-se citar como exemplo de legados: geração

de empregos e renda, o aumento da indústria do turismo, a projeção internacional do país e da cidade e a melhoria da qualidade de vida da população.

É inegável que houve um aumento significativo no número de pesquisas enfatizando os mega eventos e seus legados. Segundo Horne e Manzenreiter (2006) apud Tavares (2011) afirmam que, embora existam trabalhos anteriores, o número de produções que focassem nestas temáticas cresceu significativamente a partir dos anos 2000.

Entretanto, poucos pesquisadores focam seus estudos no principal agente organizador, executor e transformador do esporte: o gestor esportivo. Este profissional deve ser capaz de entender grande parte dos princípios da administração bem como aplicá-las no contexto esportivo (MAZZEI e BASTOS, 2012). Com relação a sua atuação, o gestor do esporte tanto pode ser responsável pelo maior posto de uma organização (presidente) como funções inferiores (gerente).

Segundo Mazzei e Bastos (2012), a gestão do esporte apesar de ser uma profissão existente há muito tempo, fruto da industrialização do esporte no século XX, seu desenvolvimento científico é bastante recente. Para Rocha e Bastos (2011), em termos de atuação e intervenção profissional, as organizações públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, de prática ou administração esportiva se configuram como campos de atuação para o gestor do esporte.

Reconhecendo a importância da realização de pesquisas voltadas para entender as questões econômicas sobre gastos públicos e legados na realização de mega eventos esportivos, não podemos deixar de lado o entendimento das funções e competências do gestor esportivo, bem como definir suas formas de atuação profissional.

Pires e Sarmento (2001) apud Moreira e Freitas (2009) afirmam exatamente que precisamos buscar novos olhares para os problemas enfrentados pelos gestores esportivos:

“Os desafios atuais encontrados na gestão do desporto implicam uma busca de diferentes soluções e oportunidades de intervenção que se multiplicam em função da criatividade das pessoas, das organizações e até da própria dinâmica social em que se encontram” (Pires e Sarmento, 2001 apud Moreira e Freitas, 2009).

Existem alguns atributos psicológicos que podem afetar o desempenho de um gestor esportivo. A liderança e a criatividade são os exemplos de atributos psicológicos que foram recentemente relacionados à busca do sucesso em um gestor do esporte. Moreira e Freitas (2009) elaborou uma pesquisa que abordou a criatividade como solução possível para as questões presentes nas atividades diárias de um gestor desportivo e das organizações desportivas. Já Parent, Oliver e Seguína (2009) buscaram entender a influência dos princípios da liderança na gestão de um grande evento esportivo.

Portanto, afirmando que esta área seja peça fundamental para gerir com eficiência e eficácia instituições e federações esportivas na organização de eventos, este trabalho visa elaborar apontamentos sobre as principais competências dos

gestores esportivos e relacionar trabalhos referentes ao tema e que relacionem os parâmetros psicológicos que podem afetar suas atribuições (criatividade e liderança).

Em uma pesquisa realizada pela Universidade do Porto sobre Gestão da qualidade e da excelência nos eventos esportivos, Tavares (2007) apresenta um modelo como ferramenta de gestão de eventos esportivos e aponta algumas competências gerais dos gestores para efetuar suas tarefas. Para a autora, a gestão de um evento esportivo implica em um grande número de ações, e que por isso, devemos ter o olhar de um evento na sua totalidade como também de uma forma mais particular, focando apenas um aspecto do seu todo.

Esta mesma autora apresenta uma revisão de autores que abordam de formas semelhantes alguns processos fundamentais na gestão de eventos. Em geral Correia (2001) apud Tavares (2007), aponta que o gestor desportivo ou a organização deverá:

- a) Fazer a análise da situação
- b) Definir objetivos
- c) Definir opções estratégicas
- d) Definir programas
- e) Controlar o processo de gestão do evento esportivo.

A seguir apresento um quadro para melhor visualização dos objetivos, metodologia, resultados e conclusões dos dois trabalhos que evidenciam parâmetros psicológicos como peça chave para o sucesso na gestão esportiva.

TÍTULO	A CRIATIVIDADE COMO ALAVANCA PARA UMA MELHOR GESTÃO DESPORTIVA.	UNDERSTANDING LEADERSHIP IN MAJOR SPORTING EVENTS: THE CASE OF THE 2005 WORLD AQUATICS CHAMPIONSHIPS
AUTORES	MOREIRA, M.; FREITAS, D. M. (2009)	PARENT, M. M.; OLIVER, D.; SEGUINA, B. (2009)
OBJETIVO	Demonstrar que a criatividade amplia o espectro de soluções possíveis para as questões presentes no dia-a-dia de um Gestor Desportivo e das organizações desportivas.	O objetivo deste trabalho foi o de começar a entender a liderança dentro de um grande evento esportivo.
METODOLOGIA	Baseia-se na revisão bibliográfica dos principais autores sobre criatividade e pensamento sistêmico.	Um estudo de caso do Campeonato Mundial de Esporte Aquáticos da Federação Internacional de Natação (FINA) em 2005. Foi desenvolvido por meio de entrevistas e material de arquivo, usando uma perspectiva multissetorial.
RESULTADOS	Por meio da abordagem sistêmica do conceito de criatividade adotado, construiu-se um discurso consistente orientado para o gestor desportivo. Segundo a autora: "A criatividade	Descobertas destacam que os elementos fundamentais da liderança na gestão em eventos de grande porte foram melhor descritos pela teoria da liderança ligação múltipla,

	<p>vista de uma perspectiva sistêmica, ajuda o Gestor a identificar inter-relações entre diferentes elementos, em vez de observar cadeias de relações lineares.”</p> <p>Foi descrito também, baseado em Peter Sauge, a associação do pensamento sistêmico a um grupo de disciplinas visando melhorar a prestação das organizações. São elas: Maestria pessoal, Modelos Mentais, Visão Compartilhada e Aprendizagem em equipe.</p>	<p>que inclui o compromisso de tarefas, capacidade e clareza, organização do trabalho, cooperação e confiança mútua, recursos e apoio e coordenação externa, como as seis variáveis intervenientes.</p>
CONCLUSÃO	<p>Ao analisar a literatura teórica sobre o pensamento sistêmico e a criatividade no contexto organizacional deparamos com inúmeras informações que poderão subsidiar a atuação do Gestor Desportivo no sentido de promover o seu potencial criativo.</p> <p>De modo geral, a criatividade amplia o espectro de soluções possíveis para as questões presentes no dia-a-dia de um Gestor Desportivo e das organizações desportivas, constituindo, por conseguinte, uma alavanca para uma melhor Gestão Desportiva.</p>	<p>Ao estudar eventos e de níveis diferentes com a mesma abordagem utilizada neste estudo, a área de estilos de liderança em gestão de eventos esportivos vai apresentar uma contribuição significativa para o desenvolvimento e sucesso do evento. Ele também irá ajudar a fortalecer e ampliar a gestão do esporte (evento) e literaturas de liderança.</p>

Concluimos, portanto que, quando se pensa em gestão esportiva e megaeventos em publicações científicas, o tema que mais se encontra é referente aos legados deixados após o evento. Entretanto, novos estudos já buscam descobrir e elucidar inquietudes sobre o gestor esportivo, por ser aquele profissional que irá planejar e coordenar o evento e gerenciar os espaços físicos após o término do mesmo.

Com relação às competências necessárias para o profissional da gestão aplicada ao esporte, dois estudos recentes encontraram respostas parecidas em dois setores distintos. Mello e Silva (2013) procuraram investigar as competências de gestores esportivos que trabalham em academias. Já Barbosa (2013) identificou quais eram as competências de gestores que eram responsáveis pelas federações esportivas universitárias estaduais. Os dois estudos concluíram que as competências mais relacionadas a gestão esportiva refere-se a conhecimentos específicos da área (conhecimento técnico, marketing, legislação), competências de habilidade em gestão (liderança, transparência, dinamismo, ética) e atitudes pessoais (confiança, criatividade).

Após a apresentação dos estudos citados anteriormente, pode-se direcionar



nossas pesquisas para caminhos novos que tenham o gestor esportivo como foco central visando sua capacitação e dando embasamento teórico para novas formas de condução de sua equipe, administração do espaço físico após os mega eventos e incentivando o planejamento de projetos inovadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, C. G.; MACHADO, A. A. Percepções de liderança e competências para a gestão do esporte universitário. **VIII Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XIV Simpósio Paulista de Educação Física. UNESP**, Rio Claro, mai/jun, 2013.
- GIACOMELLI, F. F.; HENKELMAN, A. Organização de megaeventos esportivos: cases e modelos. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**. Vol. 2, n. 2, p. 86-107, jul/dez, 2012.
- MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C. **Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas**. 1ª edição, Ícone Editora, São Paulo, 2012.
- MELLO, J. A. C.; SILVA, S. A. P. S. Competências do gestor de academias esportivas. **Revista Motriz**. Rio Claro, v.19 n.1, p.74-83, jan./mar. 2013
- MOREIRA, M.; FREITAS, D. M. A criatividade como alavanca para uma melhor gestão desportiva. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol.9, no.2, p.17-25, nov, 2009.
- PARENT, M. M.; OLIVER, D.; SEGUINA, B. Understanding Leadership in Major Sporting Events: The Case of the 2005 World Aquatics Championships. **Sport Management Review**. Vol. 12, n. 3, p. 167-184, ago, 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1441352309000059>> Acesso em: 15 Ago. 2013.
- ROCHA C. M.; BASTOS F. C. Gestão do esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.25, p.91-103, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1807-5509&lng=en>. Acesso em: 15 Abr. 2013.
- SARMENTO, J. P.; PINTO, A.; COSTA, C. P.; SILVA, C. A. F. O evento desportivo como factor de desenvolvimento. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**. Vol 1, n.1, p. 1-14, jan/jun, 2011.
- TAVARES, A. P. P. S. **Gestão da Qualidade e da Excelência nos eventos desportivos: O modelo MEDE como ferramenta de gestão de eventos desportivos**. Dissertação (mestrado em Gestão Desportiva), Faculdade de Desporto, Universidade do Porto. Porto, Portugal, 2007.
- TAVARES, O. Megaeventos esportivos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 11-35, jul/set, 2011.



PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO CANADÁ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Prof. Dr. Marcelo Callegari Zanetti

Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – UNESP/Rio Claro

Mestre em Ciências da Motricidade Humana – UNESP/Rio Claro

Especialista em Tecnologias e Educação à Distância – UNICID/São Paulo

Licenciado Pleno em Educação Física – FFCL/São José do Rio Pardo

Membro do LEPESPE/UNESP/Rio Claro

I. Introdução

Ao ser convidado para a mesa redonda “Perspectivas da Psicologia do Esporte no Canadá, Portugal e EUA: visão de doutorandos-bolsistas” no V Seminário de Psicologia do Esporte e Motricidade Humana do Instituto de Biociências e II Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança e posteriormente para a apresentação do manuscrito referente a essa mesa comecei a me questionar sobre o que de importante poderia apresentar aos participantes do Seminário e à comunidade acadêmica. Após muita reflexão cheguei à conclusão de que minha fala e depoimento escrito seriam enriquecidos pelos quatro meses que passei realizando estágio doutoral na *Université du Québec à Trois-Rivières*, na cidade de Trois-Rivières, Canadá, no formato de relato de experiência, discorrendo sobre três assuntos que julgo bastante relevantes na abordagem em questão: (1) Oferta de material de estudo e pesquisa, (2) Desenvolvimento de trabalhos baseados no empirismo, (3) Criação do instrumento de pesquisa: “Escala de Convicções Relativas a Situações Competitivas”.

II. Oferta de material de estudo e pesquisa

Acredito que um dos pontos fortes da Psicologia do Esporte no Canadá esteja atrelado à sua capacidade de disponibilizar material de estudo e pesquisa, principalmente no formato de livros. Nesse sentido, no dia 29/04/13 optei por realizar uma busca na Amazon.ca, que pode ser considerada uma das maiores lojas virtuais com oferta de livros do Canadá, e fiquei impressionado com a quantidade de títulos disponíveis nas áreas de Psicologia do Esporte, Psicologia e Esportes. Na oportunidade ao inserir no sistema de busca de livros o nome: “Sports Psychology” (Psicologia do Esporte), o buscador do site apontou haver 6.255 títulos disponíveis (Figura 1). Ao buscar títulos de Psicologia (Psychology) me deparei com 247.279 resultados e 235.192 resultados relativos a Esportes (Sports). Outro fato que me chamou atenção é que muitos desses títulos eram ofertados gratuitamente no formato eletrônico e muitos outros com valores abaixo de 5 dólares no formato impresso, o que possibilita acesso facilitado à muitas dessas obras. Além da grande variedade de títulos e preços baixos esse site conta ainda com a pré-venda de títulos que serão publicados nos próximos 2-3 anos, o que permite ao interessado acompanhar as tendências de publicações futuras.

Ao realizar o mesmo tipo de pesquisa no site da Livraria Cultura no Brasil me deparei com um número bastante inferior de livros em relação ao site canadense. Foram localizados 500 itens (Figura 2) com a palavra chave: “Psicologia do Esporte”, além dos mesmos apresentarem média de preço bastante superior aos do Canadá, mesmo com a conversão da moeda.

O livro “Sport Psychology: a canadian perspective” de Peter R. E. Crocker também demonstra a grande diferença nas publicações dos canadenses em relação aos brasileiros. Enquanto os brasileiros optam por abordar em suas publicações perspectivas e linhas argumentativas conceituais, os norte-americanos parecem ir mais além ao trazer propostas de investigação por meio de instrumentos válidos, fidedignos e com grande amparo nas respectivas teorias. Porém, cabe frisar que esses dados não têm em momento algum o intuito de apontar superioridade/inferioridade dos canadenses em relação aos brasileiros, mas sim de apontar as diferenças nesse quesito em relação às duas culturas.

Figura 1: Livros relacionados à Psicologia do Esporte encontrados na Amazon.ca

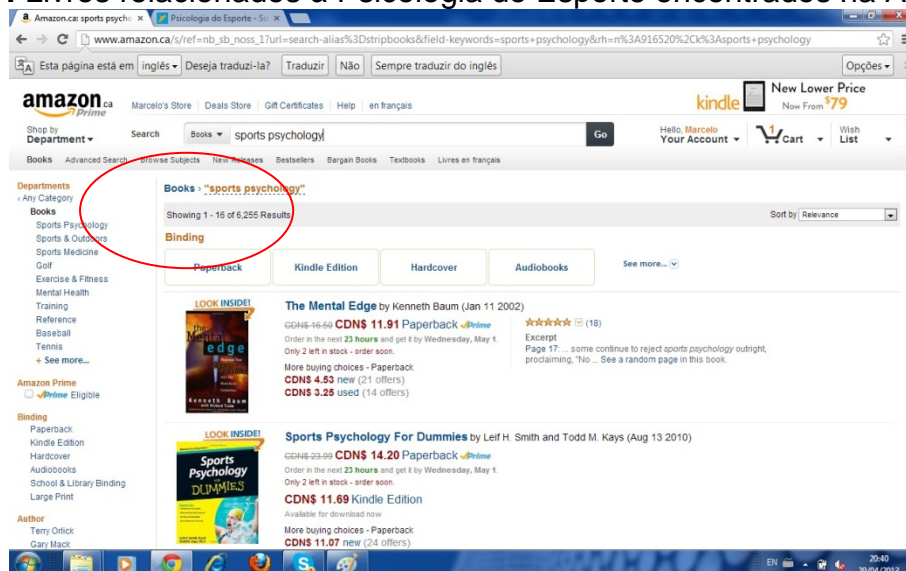
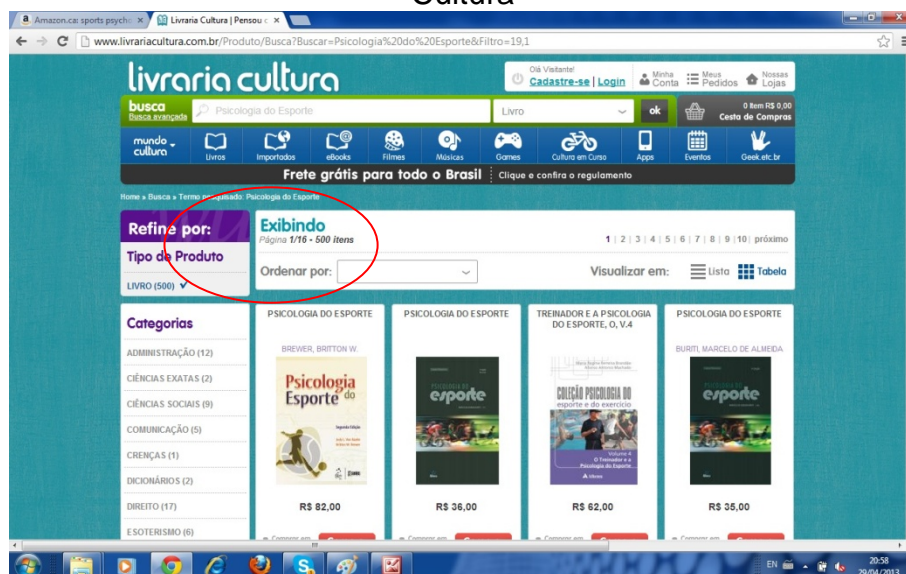


Figura 2: Livros relacionados à Psicologia do Esporte encontrados na Livraria Cultura



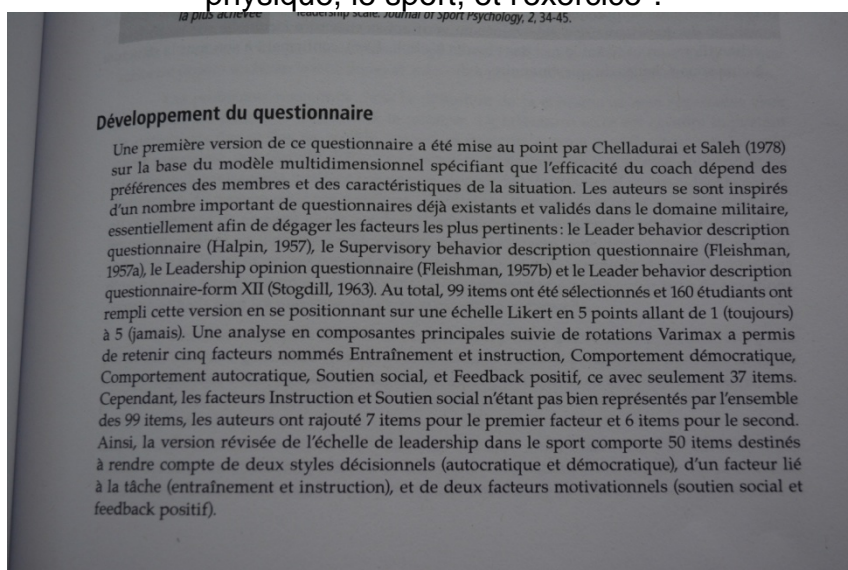
III. Desenvolvimento de trabalhos baseados no empirismo

Na filosofia, o Empirismo (2013) é uma teoria do conhecimento que afirma que o conhecimento vem apenas ou principalmente, a partir da experiência sensorial, já que, um dos vários pontos de vista da epistemologia, o estudo do conhecimento humano, juntamente com o racionalismo, o idealismo e historicismo, o empirismo enfatiza o papel da experiência e da evidência, experiência sensorial, especialmente, na formação de ideias, sobre a noção de ideias inatas ou tradições. Empiristas podem argumentar, porém, que as tradições (ou costumes) surgem devido às relações de experiências sensoriais anteriores. O empirismo na filosofia da ciência enfatiza a evidência, especialmente porque foi descoberta em experiências. É uma parte fundamental do método científico que todas as hipóteses e teorias devem ser testadas contra observações do mundo natural, em vez de descansar apenas em um raciocínio a priori, a intuição ou revelação. Um conceito capital na ciência no método científico é que toda evidência deve ser empírica, isto é, depende da comprovação feita pelos sentidos. Geralmente, são empregados termos que o diferenciam do empirismo filosófico, como o adjetivo empírico, que aparece em termos como método empírico ou pesquisa empírica, usado nas ciências sociais e humanas para denominar métodos de pesquisa que são realizados através da observação e da experiência (por exemplo, o funcionalismo). Em outro sentido, a palavra pode ser usada nas ciências como sinônimo de "experimental". Nesse sentido, um resultado empírico é uma observação experimental. O termo semi-empírico é usado em situações parecidas, já que designa métodos teóricos que empregam leis científicas pré-estabelecidas e só depois se utilizam da experiência. Através disso, o corpo teórico se reforça.

Além da maior oferta de material de estudo e pesquisa disponível no Canadá em relação ao Brasil, a Psicologia do Esporte canadense também parece avançar

ao fundamentar suas publicações e investigações no empirismo e não apenas em perspectivas conceituais ou muito menos “achismos”. Grande exemplo nessa questão é o livro: “Questionnaires psychologiques pour l'activité physique, le sport, et l'exercice” (Figura 3) de Louis Laurencelle e Nathalie André, publicado em 2011 e que traz diversos instrumentos de pesquisa em Psicologia do Esporte, bem como, suas características de desenvolvimento, validação e aplicação.

Figura 3: Estrutura interna do livro "Questionnaires psychologiques pour l'activité physique, le sport, et l'exercice".



IV. Criação e desenvolvimento do instrumento de pesquisa: “Escala de Convicções Relativas a Situações Competitivas”

Nesse período de estudos no Canadá também tive a oportunidade de trabalhar no desenvolvimento do instrumento de pesquisa: “Escala de Convicções Relativas a Situações Competitivas”, junto ao *Laboratoire de Méthodes Psychométriques et Expérimentales / Groupe d'études en Méthodes Psychométriques Appliquées à la Psychologie du Sport* da Université du Québec à Trois-Rivières e que contou com a supervisão do Prof. Dr. Marcos Alencar Abaide Balbinotti, Ph.D, coordenador do laboratório. Nosso principal objetivo era criar um instrumento de pesquisa em Psicologia do Esporte que pudesse verificar questões relativas às crenças irracionais no contexto do esporte.

Antes de iniciarmos a confecção do instrumento buscamos um referencial teórico para que pudéssemos entender a teoria mais profundamente, além de nos basearmos para que pudéssemos formular as questões, bem como, suas respectivas dimensões. Duas obras fundamentais nesse processo foram os livros: “The Feeling Good Handbook” de David D. Burns e “The Anti-Anxiety Workbook: Proven Strategies to Overcome Worry, Phobias, Panic, and Obsessions” de Martin M. Antony and Peter J. Norton. Essas obras apontaram haver 18 diferentes dimensões relativas às crenças irracionais, sendo: 1. Tudo ou nada, 2. Supergeneralização, 3. Filtro mental, 4. Descontando o positivo, 5. Conclusões

apressadas (a. leitura mental / b. premonição/adivinhação), 6. Magnificação, 7. Raciocínio emocional, 8. Afirmções do tipo deveria, 9. Rotulação, 10. Personalização e colocação de culpa, 11. Superestimação da probabilidade, 12. Catastrofização, 13. Regras rígidas, 14. Suposições que provocam ansiedade, 15. Crenças negativas centrais/arraigadas/profundas, 16. Impulsos provocadores de ansiedade, 17. Imagens provocadoras de ansiedade e 18. Superstição.

Após vários dias trabalhando na confecção do instrumento chegamos à nossa primeira versão, que contou com 96 questões e que posteriormente foi aplicado junto a 276 atletas de 15 diferentes modalidades. Resultados preliminares da análise fatorial apontaram 18 diferentes dimensões na primeira versão do instrumento que está passando agora pelo processo de validação.

V. Conclusões

A experiência vivida durante meu estágio doutoral no Canadá me permite afirmar que há importantes diferenças entre os rumos da Psicologia do Esporte nesse país quando comparadas ao Brasil. Como dito anteriormente não tenho a pretensão de desmerecer aquilo que é produzido por aqui, porém, acredito ser fundamental o investimento do governo brasileiro em programas como o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), financiado pela CAPES e que permite aos doutorandos brasileiros contato com diferentes realidades ao redor do mundo, além de maior interação com as pesquisas desenvolvidas por estas instituições.

VI. Referências

- ANDRÉ, C. **Questionnaires psychologiques:** pour l'activité physique, le sport, et l'exercice. Montreal: Université du Québec, 2011.
- ANTHONY, M. M.; NORTON, P. J. **The Anti-Anxiety Workbook:** Proven Strategies to Overcome Worry, Phobias, Panic, and Obsessions. New York: Guilford Press, 2009.
- BURNS, D. D. **The feeling Good Handbook.** New York: Plume Book, 1999.
- CROCKER, P. R. E. **Sport Psychology:** a canadian perspective. Toronto: Pearson Education Canada, 2006.
- EMPIRISMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Empirismo&oldid=36618963>>. Acesso em: 1 set. 2013.



PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PORTUGAL*

Altair Moiolli

*Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias | Instituto e Biociências |
Departamento de Educação Física | UNESP Campus Rio Claro-SP*

** Bolsa CAPES - processo BEX 0227/13-7*

Introdução:

Para o homem, lidar com o novo e com o imprevisível é algo assustador, quanto mais se estiver relacionado com seu desenvolvimento. As intempéries cotidianas a que o homem está exposto são intimidadoras, mas fundamentais para seu crescimento e a construção de um conjunto de competências e habilidades. Em se tratando da atividade esportiva, em especial na área de alto rendimento, estas situações poderão interferir na *performance* do atleta.

Nesse sentido, nasce a Psicologia do Esporte como uma ciência que contribui para a mediação desse sujeito com a prática esportiva, atuando para harmonizar as sensações, emoções e sentimentos que poderiam prejudicar seu desempenho.

Vieira, Vissoci, Oliveira, Vieira (2010), mostram que o avanço da Psicologia do Esporte como área de intervenção e pesquisa ocorre a partir da segunda metade do século XX, juntamente com a criação das Federações e Associações Internacionais e a realização de eventos para divulgar as principais investigações na área. Isso acontece, efetivamente, para consolidar essa área como ciência e assim, ganhar respeito e credibilidade no mundo científico, tanto como disciplina acadêmica quanto campo de intervenção.

Assim, a evolução e o crescimento quali e quantitativo da Psicologia do Esporte do ponto de vista da pesquisa e das diferentes áreas de intervenção permeiam as discussões desta ciência jovem e atual. Em nenhum continente se nega a importância de acompanhamento psicológico para aos adeptos de atividade física e esportiva em todas as dimensões da prática. Entretanto o caminho entre o saber e o fazer ainda se mostra longo e acidentado.

No campo da intervenção, Vieira, Vissoci, Oliveira, Vieira (2010), Machado (1997) lembram que, em função do grande número de espaços para atuar e os diferentes profissionais ligados ao esporte diretamente na preparação de atletas – médicos, assistentes sociais, professores de educação física, treinadores, empresários e familiares - convém ressaltar a importância da presença de profissionais formados em psicologia. Enquanto que outros profissionais poderão conduzir outras formas de intervenções, ligadas a motivação, ativação, relaxamento, por exemplo, desde que não se aventurem em diagnósticos clínicos ou atendimentos individualizados.

Outra área de atuação está reservada a área acadêmica, vinculados ao ensino e a pesquisa em universidades que ofereçam estrutura para tal função (WEINBERG; GOULD, 2001).

Portanto, seja na área acadêmica, realizando pesquisas e atuando na formação de profissionais para a prática, ou em campo, se relacionando diretamente com atletas, comissão técnica, dirigentes, familiares, o profissional que esteja ligado à Psicologia do Esporte necessita de formação específica, graduação na área, conhecimentos da área esportiva, e continuação da formação em cursos de pós-graduação. (WEINBERG; GOULD, 2001).

Entre outras coisas, todo profissional envolvido com ensino, pesquisa ou extensão, preferencialmente deveria ampliar a formação dedicando-se à experiências em laboratórios de outras instituições de ensino, bem como, intercâmbios com outras áreas de estudo. Esta é a linha para expor este relato de experiência.

Entre as diversas instituições que mantém Laboratórios específicos de pesquisa e concordam em abrir as portas para firmar convênios de intercâmbio acadêmico com Universidades estrangeiras, encontra-se a Escola de Psicologia da Universidade do Minho – Braga, Portugal, onde funciona o laboratório ARDH/GI – Adaptação, Rendimento e Desenvolvimento Humano: Grupo de Investigação. Este Laboratório viabilizou a realização dessa experiência.

O ARDH-GI tem como missão “*compreender os processos psicológicos envolvidos na adaptação, rendimento e desenvolvimento em diferentes contextos de funcionamento humano*”, e para tanto, desenvolve pesquisa em três áreas de investigação: desporto, jovens e laboral (ARDH-GI, 2013).

Cada um destes domínios disponibiliza diferentes linhas de pesquisa. A área de desporto oferece as linhas para pesquisa em rendimento; exercício físico e saúde; liderança e educação e formação.

Os objetivos do grupo podem ser classificados em “*estudar os fatores psicológicos envolvidos no desporto de alto rendimento; estudar os fatores psicológicos associados à prática de exercício físico e a relação entre exercício físico e comportamentos de saúde; estudar os estilos de liderança dos treinadores em contextos desportivos; e, por fim, estudar os fatores associados à educação e formação de treinadores e professores*” (Ibid, 2013).

O grupo, com agenda de reuniões mensais, procura discutir temas viáveis para novas investigações, e ainda, temas mais específicos relacionados a pesquisa e a estratégias para a coleta de dados, elaboração de novos projetos, escrita científica e critérios para escolha das revistas para publicação de artigos.

Objetivo:

Analisar a experiência do estágio doutoral no exterior e apresentar as percepções da psicologia do esporte em Portugal.

Metodologia:

A apresentação desse manuscrito configura-se como um relato de experiência, portanto, trata-se de trabalho com abordagem qualitativa, descritiva, na vertente da observação direta.

O campo de estudo foi a Escola de Psicologia da Universidade do Minho – Braga, Portugal, de março a julho de 2013, em um período de estágio de doutoramento subsidiado pela CAPES, em convênio para bolsa de doutorado sanduiche no exterior conforme processo BEX 0227/13-7.

O estágio aconteceu no Laboratório de investigação ARDH/GI - Adaptação, Rendimento e Desenvolvimento Humano: Grupo de Investigação - coordenado pelo Professor Doutor António Rui Gomes.

Nesse período, entre as atividades desenvolvidas houve a participação nos encontros semanais promovidos pelo Prof. Rui Gomes para orientandos do Programa de Mestrado e Doutorado da Escola de Psicologia, nos quais foram abordados temas referentes a pesquisa qualitativa e quantitativa, epistemologia da pesquisa, instrumentos para codificação, análise e interpretação dos dados.

Ainda ocorreu a participação nas reuniões do grupo de investigação – ARDH/GI – que também conta com profissionais e professores do Instituto Superior da Maia – Maia, Portugal. Estes encontros, realizados mensalmente, tinham como propósito a apresentação dos trabalhos em desenvolvimento e outros já finalizados submetidos a Congressos Internacionais e para publicação em revistas ISI com nível de impacto alto.

Outras formas de interação ocorreram por meio da participação nas aulas de graduação do curso de Psicologia, em cursos breves de metodologia qualitativa e em eventos científicos naquele país.

Considerações finais:

Em relação à área de intervenção, observou-se que, semelhante ao que ocorre no Brasil, por exemplo, exceto alguns poucos clubes de futebol da primeira liga, os demais clubes de futebol e de outras modalidades não disponibilizam investimentos na contratação de profissional da psicologia, tendo em vista os baixos orçamentos para o setor.

Esse trabalho, sistematizado e orientado por profissional qualificado fica restrito somente a algumas seleções nacionais, como ocorreu recentemente com a Seleção Portuguesa de *Boccia* Paralímpica. A equipe nacional desta modalidade participou do Campeonato Europeu de Boccia, realizado na cidade de Guimarães, Portugal - escolhida este ano como a Cidade Europeia do Desporto – e esteve sob a orientação psicológica do Prof. Dr Rui Gomes (EUROBOCCIA, 2013).

No âmbito formativo, as atenções são voltadas para as atividades desenvolvidas pelos técnicos nas equipes de iniciação esportiva. As cidades que mantêm equipes participando de competições nacionais em diferentes modalidades e faixas etárias incentivam seus técnicos a uma formação continuada. Algumas cidades mantêm programas em escolas de formação de treinadores.

Entre as atividades oferecidas aos treinadores amadores estão cursos e palestras ministrados por profissionais de áreas diversas, com objetivo de desenvolver *expertise* na gestão do processo de iniciação e especialização de atletas, além de orientá-los em intervenções possíveis e permitidas na ausência de profissional especializado.

Na área de pesquisa (investigação), as observações realizadas no ARDH/GI, permite relatar que toda a produção passa primeiramente por um planejamento participativo, no qual se estabelecem as metas para o ano. A elaboração das metas é realizada em reunião específica do grupo na qual os coordenadores das linhas de pesquisa, juntamente com o coordenador geral, estabelecem as prioridades e os trabalhos que serão explorados.



Para tal, existe um compromisso com o rigor científico, sendo as questões metodológicas exaustivamente debatidas e analisadas, fator que garante publicações em importantes revistas indexadas internacionais e da comunidade europeia.

Nesse sentido, na temporada 2012-2013, o Laboratório ARDH/GI conseguiu emplacar 2 trabalhos em revistas ISI - *Institute for Scientific Information* -, 6 trabalhos em revistas internacionais e aprovação de 6 trabalhos em Congressos da área, publicados integralmente nas Atas do evento (ARDH-GI, 2013).

As observações realizadas por meio da participação nos encontros de discussão realizadas no Laboratório foi possível verificar que a produção de conhecimento via pesquisa científica só recebe reconhecimento internacional a partir de alguns pressupostos básicos: controle rigoroso e conhecimento profundo dos métodos de coleta e análise de dados, valorização das metodologias quantitativas e seus métodos de análise, internacionalização dos Laboratórios e participações em eventos científicos.

Nesse sentido, é possível considerar que, para se firmar junto à comunidade científica internacional ou se caminha para a profissionalização dos laboratórios ou se brinca de fazer ciência. Nesta área não há espaço para amadores, curiosos ou turistas. Só assim se consegue publicação para atender as metas institucionais (no caso brasileiro, órgãos de fomento como CAPES/ CNPQ).

Mas esse assunto merece análise mais profunda em manuscritos futuros e outras publicações.

Referências Bibliográficas

ARDH-GI, Adaptação, Rendimento e Desenvolvimento Humano – Grupo de Investigação. Disponível em <http://ardh-gi.com/index.html>. Acessado em 26 de Agosto de 2013.

EUROBOCCIA. Campeonato Europeu de Boccia Paralímpica. Guimarães, Portugal, 2013. Disponível em: <http://euroboccia2013.com/>. Acessado em 26 de Agosto de 2013.

MACHADO, A. A.. Psicologia do Esporte: sua história. *Psicologia do Esporte: temas emergentes*, 1 Jundiaí: Ápice, 1997.

VIEIRA, L.F.; VISSOCI, J.R.N.; OLIVEIRA, L.P.; VIEIRA, J.L.L.. Psicologia do Esporte: uma área emergente da psicologia. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 391-399, abr./jun. 2010.

WEINBERG, R.; GOULD, D.. *Fundamentos da Psicologia aplicada ao exercício e ao esporte*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PSICOLOGIA DO ESPORTE NA ÉPOCA DA CIBERPSICOLOGIA OU DA NETNOPSICOLOGIA

Afonso Antonio Machado e Altair Moiola ()*

Verificamos que as possibilidades de utilização das redes sociais fazem com que os indivíduos estejam inseridos nesses ambientes em posições de extrema fragilidade. A observação, acompanhamento e participação das experiências pessoas por inúmeros seguidores são fatores que, por um lado, podem incomodar e criar situações de constrangimento e vulnerabilidade, mas por outro, pode ser o retorno e o resultado desejado pelo indivíduo que se inseriu no mundo virtual. A exposição de seu corpo, de seu perfil preenche uma necessidade psicológica pulsional.

Ao ser tratado como um objeto virtual, o corpo perde o simbolismo biológico e, por consequência, a capacidade para emitir mensagens e significados, aos olhos de Santoro (2005). Desta maneira, a representação do corpo virtual mostra formas de um jogo dialético de encaixar e desencaixar, montar e desmontar, armar e desarmar, mover e remover, num jogo entre vida e morte, em que as peças são cambiantes para mostrar a posição ambígua de um corpo/objeto experimental.

Estes deslocamentos causam sensações de adaptação e desadaptação em cada uma das caminhadas, de modo a criar novas e maiores visibilidades do corpo, ainda que em situações cruéis ou não-pretendidas; a exposição não perdoa nem facilita: ela divulga.

As relações e as trocas afetivas no ciberespaço, passam pela adequação do sujeito/objeto às necessidades momentâneas e contextuais para alcançar o clímax, o gozo e a satisfação dos desejos inconscientes. A marca do corpo virtual (o corpo volátil, o corpo etéreo) reforça sua dimensão dicotômica, ao dividi-lo em partes e expor (postar) para veneração e consumo, seja de ou para quem for. Forte exemplo disto pode ser observado nas constantes mudanças das fotos pessoais nas páginas das redes sociais, como o Facebook, por exemplo, e a comunidade de amigos relacionados recebem um apelo para “comentar”, “compartilhar” ou “curtir”.

Machado; Zanetti; Moiola (2011) argumentam que a necessidade do homem pós-moderno é ser desejado. Para tanto, amplia seu mundo de exposição, inserindo-se em diferentes comunidades. Nessas comunidades, ele tem a oportunidade de mostrar-se, exibir-se, cultuar-se num sentido narcísico e erótico de contemplação.

É desta maneira que o corpo ganha o sentido de *bodyscape*, conceito de utilização do corpo para a exposição e divulgação de certos marcas e produtos, com poder para despertar no outro a sensação e o desejo de consumo tanto do produto quanto do corpo (CANEVACCI, 2008), despertando a atenção para o produto oferecido, que pode ser o corpo ou a outra mercadoria.

Ampliando a visão, sabemos ainda que, considerado como um espaço-panorama onde se inserem objetos de desejo, adornos, joias, roupas e acessórios, maquiagem colorida, implantes, tatuagens, etc, o corpo desperta forte atração, passando a observação alheia a partir de códigos fetichistas, que se voltam para a totalidade ou partes do corpo exposto.

Na visão Canevacci, os fetichismos visuais são estimulados a partir de imagens de corpos diferentes, às vezes em composição com outros corpos, em cenas que se complementam para excitar trocas conscientes e inconscientes de desejos sexuais, alimentadas por contrastes exóticos e eróticos, como nas campanhas publicitárias, por exemplo (ibid, 2008).

“[...] o *fetish* se difunde ao longo de entrelaçamentos que cruzam e desorganizam as distinções clássicas entre sexualidade, erotismo, pornografia; ele se performa entre corpos panorâmicos (*bodyscape*), territórios urbanos (*location*) ou imateriais (*e-space*), por meio de contínuas invenções de atratores. As pragmáticas sobre a *web* têm transformado tal palavra em um verdadeiro código de ingresso, no qual tudo o que estava separado se mistura (CANEVACCI, 2008. p.255)”.

Assim, inserido em um território e pertencente a um das tribos em que seu perfil seja respeitado, parte em busca de uma liberdade de ações e decisões a respeito do seu corpo, disponível apenas no mundo virtual.

Na mesma linha, Bauman (2011) destaca como o homem, em busca de uma liberdade incondicional para controlar as demandas do próprio corpo, se expõe às dependências das novas tecnologias. A partir do uso de medicamentos para controlar o ritmo biológico de desenvolvimento, crescimento e reprodução humana, o ser humano se submete a “indústria do corpo”.

A partir daí, a liberdade desejada se transforma em dominação, em submissão, em impotência para controlar os desejos. É a submissão aos caprichos de um líder virtual e tecnológico que a tudo e a todos controla e orienta. Ocorre, portanto, uma inversão na posição e distribuição dos papéis sociais, em que o aqui e o agra passam a ter outra dimensão e temporalidade; não se fala de uma relação linear, mas antes disso, de uma relação fugaz e etérea, em que o real-virtual são comuns e próximos.

O que comunga com a ideia de Kehl (2003) da existência de um corpo como objeto social, que busca na representação do Outro o sentido da própria existência. A partir dessa proposição psicanalítica, a autora argumenta que “*ao contrário da concepção do corpo como propriedade privada de cada um, afirmo que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao Outro; o corpo é formado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se constituir* (KEHL, 2003. p.243)”.

Seguindo por este princípio, a onda é “compartilhar”, “curtir”, “comentar”, “postar”. No mundo virtual tudo cabe, não há compromisso com a privacidade. O desejo atendido é o antídoto para combater os momentos de frustração, ansiedade e angústia da vida moderna. O imediatismo, a flutuação dos espaços, a fragilidade das relações, a atemporalidade das ações, coloca o sujeito como um *voyeur* de si mesmo.

Não há como negar o fato de que nestes tempos de mudança e revoluções que ocorrem a olhos vistos, as relações estabelecidas entre líderes e liderados, sejam elas no campo do trabalho, da educação, da família ou do esporte,

demandam algumas competências e habilidades para equilibrar as necessidades, prioridades, metas e desejos dos envolvidos. Tanto para melhorar o desempenho, para conquistar o poder, quanto para manter a autoridade.

Neste cenário da sociedade pós-moderna, a liderança não se configura apenas no plano físico, face a face, como nos períodos das grandes revoluções de séculos atrás. Atualmente há a necessidade de outras competências para comandar pessoas que estão em rede a quilômetros de distância, em planos virtuais. Entretanto, se uma pessoa não concordar em se submeter às ordens do líder *on line*, basta um “click”, para sair do campo de visão do comandante e assumir o controle da situação e se tornar líder.

Os cordões que outrora controlavam e movimentavam as peças e os bonecos no teatro de marionetes, hoje são substituídos pelo *mouse*, *joystick* ou, pela tecnologia *touch*. Ocorre que os bonecos de marionetes eram fixados pelas linhas possibilitando ser facilmente manipulado. O sujeito pós-modernos atende o comando do controle se achar interessante. Ele pode ser conduzido, mas tem autonomia para conduzir o processo de acordo com seus interesses e desejos e está inserido num novo contexto, com novo corpo e nova dinâmica relacional: nada é o mesmo

Almeida (2008) apresenta uma análise interessante para a plasticidade dos sujeitos e seus corpos. Com a capacidade de modificação do corpo, associada à ideia de identidades mutáveis e a possibilidade de integração entre corpo e máquina, fica a dúvida de quem opera esse processo. Se o operador ou a máquina, se o líder ou o liderado, ou ainda, se existe claramente a definição do papel de líder e liderado, tendo em vista a capacidade operativa da comunicação em rede. Quem define o comando e emite as ordens, o homem ou a máquina?

Como salienta Machado; Zanetti; Moiolli (2011, p. 733), “o *tecnofetichismo que se instala é suficiente para entendermos que fica cada vez mais distante a compreensão do homem, de seu corpo e de seu desenvolvimento, sem estar aliado ou transformado pela tecnologia.*” E isso nos leva a pensar: o corpo não é o mesmo, mas o esporte praticado é o mesmo? As relações estabelecidas são as mesmas? Não houve mudança no contexto? Se sim, então mudou tudo?

Desta concepção pode partir a ideia de que a exposição do corpo como forma de saciar um desejo erótico inconsciente, pode partir do princípio que o plano real e o virtual estabelecem um jogo de mão dupla, onde em alguns momentos o real lidera as ações e asserções e em outros esse papel é atribuído ao virtual. Líder e liderado coparticipam num processo indissociável.

Tentando encerrar...

A incorporação da tecnologia na vida do sujeito, o submete aos caprichos e regras desse ambiente. Seduzido pela tecnologia, o corpo se transforma igualmente em tecnologia passando a ser uma extensão desta.

Embora, como prega Canevacci (2008), num processo invertido, o fetichismo virtual pode favorecer a transformação do sujeito numa reação de mimetização progressiva. Conduta diferente da imitação inconsciente. A imitação é uma prática psicossomática por um modelo de identidade de referência, uma réplica, enquanto a *mimese*, “é ativada por frações corpóreas sexuadas, afetivas, amigáveis, que não requerem ou impõem modelo do sócia [...] (ibid, p.308)”.



A função do líder nestes diferentes ambientes da sociedade atual pressupõe a ideia de compartilhamento, de gestão de pessoas, mesmo as virtuais. Estabelecendo com elas relações pautadas pela ética.

Embora exista uma movimentação virtual de domínio e convencimento, o *ciberpoder*, no sentido de dominação pela força não se sustenta, tendo em vista as infinitas possibilidades do ciberespaço, da navegação nos labirintos da rede, de *deletar* os falsos desejos e manipular as informações.

A virtualidade permite a inexistência do sujeito e por consequência, do corpo. Assim não há um controle, uma submissão, mas pode haver uma comunhão de sentidos e desejos.

Os desafios na construção desta sociedade de informação, informatizada, tencologizada, midiaticizada, visceralmente exposta, estão à contra mão das teorias de liderança que pregam que, quando um grupo informal se estabelece, há a eleição natural de um líder. Para esse momento histórico, alguns pequenos grupos ainda se beneficiam da submissão a um líder, como a família, por exemplo.

Conforme alerta o Professor Langdon Winner do Departamento de Ciência e Tecnologia do Instituto Politécnico de Nova York, desde a década de 70, a humanidade está sendo transformada em razão de um determinismo tecnológico. Ocorre, no entanto, que este determinismo diário não incentive que as pessoas possam procurar um papel importante a desempenhar nesses períodos de mudança.

Desta forma, ao estudarmos a Psicologia do Esporte, neste momento do século XXI, é preciso incorporar conhecimentos que apontem para um outro corpo, um outro relacionamento humano e um outro esporte, inseridos no mundo tecnologizado, de maneira a entender que as tecnologias de comunicação são entendidas como extensão do corpo. Não será possível entender do homem se não se entender, também e ainda, de suas extensões.

Este é o ponto que nos leva a crer na existência de uma Ciberpsicologia esportiva ou de uma netnopsicologia do esporte: essa contemporaneidade ainda está por se estabelecer mais e mais, mas já nos mostra a que veio.

(*) Afonso Antonio Machado é coordenador do LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, da UNESP-IB-Rio Claro. Altair é doutorando no PPG-DEHUTE, docente na UNIP e UNIRP, em SJR Preto.

REFLEXÕES POSSÍVEIS: ENCAMINHAMENTOS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR - UM ESTUDO DE CASO.

Arlete Guisso Scaramuzza Portilho Nicoletti

Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível – FAECA

INTRODUÇÃO

Em tempos difíceis como esse em que a educação vem passando se faz necessário um árduo trabalho de diálogo e pesquisa junto aos professores e em especial, aos de Educação Física, para que a teoria e a prática possam caminhar o mais próximo possível, possibilitando uma maior interação e compreensão entre docente e discente no âmbito escolar.

Era tarde de terça-feira e a professora de Educação Física relatou com angústia as dificuldades encontradas em sua aula, durante o primeiro trimestre do ano de 2013, com crianças do Ensino Fundamental I, entre 7 e 10 anos.

Por mais que tentasse, as crianças não conseguiam ouvir as explicações das atividades que seriam desenvolvidas. Falavam o tempo todo, pulavam uns sobre os outros, reclamavam que a aula demorava para começar, que a atividade do dia era “chata”, que queriam outras atividades. E sempre que se abria mão do que havia sido proposto anteriormente, os alunos mantinham a mesma postura dificultando o desenvolvimento do trabalho. Estava exausta e vinha a procura de possíveis culpados, soluções ou explicações.

Enquanto coordenadora deste seguimento de alunos na escola questionei-a sobre quais seriam suas maiores angústias para que pudéssemos, juntas, pensar em como resolver aquela situação. Desta forma os questionamentos que se seguiram nortearam nossos encontros, estudos e encaminhamentos futuros.

Quais os motivos de não conseguirem ouvir o professor? Por que era e é tão difícil para o aluno pensar sobre o que os seus atos acarretam para o outro? Onde se encontra a raiz da agressividade exacerbada presente nas aulas de Educação Física? O que fazer quando todo o discurso disponível não consegue levar à reflexão necessária sobre as atitudes dos alunos em relação aos xingamentos e ofensas feitas ao outro? Como fortalecer as relações de amizade e solidariedade em prol de aulas mais prazerosas e menos conflitantes? Quais as intervenções pedagógicas e educativas mais eficientes para a resolução dessas situações que tanto angustiavam?

A construção conjunta de ações que pudessem permear todos os conflitos expostos, a necessidade de um suporte teórico interdisciplinar entre a Pedagogia, a Psicologia Social e a Psicologia do Esporte, reconhecendo que a busca, no sentido de mudança do fazer pedagógico, deveria ocorrer num âmbito mais amplo que a Pedagogia tentando uma compreensão mais profunda da realidade fez com que nos movimentássemos em busca de possíveis soluções.

Para que pudéssemos viabilizar um trabalho menos sofrido e aulas mais eficientes e prazerosas, nossas pesquisas e estudos se pautaram em *recortes* da literatura que se configuraram em reflexões e ações para a compreensão das

relações que se estabelecem no âmbito escolar e em especial nas aulas de Educação Física.

A BUSCA NA REVISÃO DA LITERATURA

Desde o início deste novo século sofremos com uma crise que assola grande parte dos educadores: crise da incompreensão das relações estabelecidas entre a criança e as novas tecnologias, a criança e a escola, a criança e a família, a criança e o jogo e a criança e o outro. Não pertencemos a esta geração, mas somos os educadores à frente dela, portanto, também temos a tarefa de refletir sobre as alternativas de ação no nosso campo de trabalho.

A escola, a partir da década de 1980 foi marcada por um debate crítico sobre a orientação marxista, denunciando o papel conservador do sistema educacional que contribuía para a reprodução dos moldes do capital.

Não obstante, o movimento de busca de alternativas na década de 1990, colocou o desafio de mudanças reais na prática pedagógica.

Segundo Bracht et al (2002) no âmbito da Educação Física um movimento paralelo, percorrido pela Pedagogia no Brasil buscou também o desenvolvimento de propostas pedagógicas progressistas ou críticas que buscavam sua afirmação na prática.

Apesar de todos os esforços, ao longo dos anos, o profissional de Educação Física tem sofrido inúmeros prejuízos quanto às condições de trabalho, a falta de espaço adequado para as aulas, a interrupção constante das atividades, má remuneração, salas super lotadas, inadequação de materiais, desinteresse dos alunos, desvalorização deste conteúdo curricular pelos demais profissionais que atuam dentro e fora da escola, falta de medidas governamentais que atuem de forma concreta na educação entre outras, o que tem levado este educador, muitas vezes, ao desinteresse e falta de estímulo para uma aula diferenciada.

Segundo Darido e Rangel (2012, p.46)

É preciso ressaltar igualmente alguns elementos extras à disciplina de Educação Física na escola. O primeiro é relativo ao papel que a mídia desempenha atualmente no imaginário da população em geral, trazendo uma valorização expressiva do esporte de rendimento, o que aumenta as dificuldades do professor, no sentido de implementar propostas que escapem deste modelo na escola.

Ainda, de acordo com as autoras, o contexto de trabalho dificulta os avanços de qualidade nas aulas de Educação Física, a formação desses profissionais, tanto inicial, quanto continuada, precisa ser melhorada e investimentos precisam ser feitos para aqueles que já estão atuando na profissão (ibid, 2012).

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), a escola é responsável pelo ensino formal no qual os alunos devem atingir a formação cidadã. Assim, de acordo com Moiolli, Nicoletti e Souza (2010, p.8)

Nesse processo de desenvolvimento, como pressuposto básico, a criança sai de uma situação de heteronomia para alcançar autonomia e status de cidadão crítico, reflexivo,

consciente de seu papel histórico na transformação da sociedade.

Para a compreensão das questões da violência e agressividade, precisamos ter em mente que são fenômenos que acompanham a humanidade desde o princípio da civilização e que atuam sobre o homem em maior ou menor intensidade de acordo com o período histórico ou da importância cultural que o fenômeno exerce em relação à sociedade (MOIOLLI, NICOLETTI, SOUZA, 2010).

A Psicologia Social nos auxilia na compreensão do conceito de agressão como sendo qualquer comportamento que tem a intenção de causar danos físicos ou psicológicos, em outro organismo ou objeto. A agressão é um comportamento aprendido de acordo com observações de conduta de outros e assim sendo, tem um reforço em exibição de atitudes semelhantes (RODRIGUES et al., 2000).

Bach e Goldberg (1978) apresentam a agressividade também como possibilidade de utilização no sentido de melhorar as inter-relações pessoais e de maneira a favorecer um crescimento individual e profissional. A este fenômeno dão o nome de agressividade criativa. Para isso foram criados alguns jogos capazes de apresentar essa agressividade em nova forma de conduta, ou deslocando para outros alvos.

A agressividade indireta apresentada na forma de mesquinhez, fofocas, mentiras que muitas vezes estão presentes nas aulas de Educação Física estereotipam a essência da relação humana tornando-a coisificada e desvalorizam o outro na luta por posição de *status* e poder.

Além disso, todos os avanços tecnológicos que a sociedade contemporânea vem sofrendo, com a transmissão dos acontecimentos em tempo real interferem no comportamento desta nova geração ora para melhor, ora para pior, naquilo que é considerado aceitável socialmente. Torna-se evidente o quanto esta geração do século XXI precisa-se afirmar diante das demandas sociais e das exigências atuais.

A família exerce papel preponderante no auxílio do enfrentamento das situações de conflito e frustração decorrentes dos acontecimentos diários tanto interno, quanto no âmbito da escola, na medida em que não banalizam as condutas agressivas e também não as incentiva.

De acordo com Brenner & Salovey (1999), na medida em que a criança cresce e amadurece emocionalmente, física, social e psicologicamente, vai sendo capaz de controlar suas emoções e trabalhar com pensamentos mais elaborados sem o auxílio de adultos. Este amadurecimento ocorre nas interações em contexto com a família e a escola sendo fundamental para a formação da criança essa interação saudável e tranquila.

Conveniente seria, segundo Machado (2008) que as crianças pudessem, com o auxílio do educador, diminuir seus erros aproveitando este momento para interferir no processo ensino-aprendizagem de forma positiva a fim de evitá-los posteriormente.

Com relação aos erros alheios, a situação é mais delicada por envolver toda uma situação de melindre, de ansiedade e temor entre as partes envolvidas: uns por se sentirem constrangidos, apontando o defeito alheio e sabendo que será preciso corrigi-lo; outros por se sentirem invadidos em sua interioridade de

forma tal que se descubram suas falhas, que serão comentadas, discutidas e corrigidas por estranhos. Se soubermos contornar, com sutileza e segurança o momento da abordagem entre o que mostra o erro e o que cometeu a falha, a chance de sucesso na correção é quase que garantida, além de não levantar barreiras entre as partes. É compreensível que a intervenção positiva venha a facilitar o caminho adequado e eliminar as partes impróprias de um comportamento (MACHADO, 2008, p.236).

A criança está na escola de corpo inteiro, é impossível pois, dissocia-la. É necessário um cuidado atento de todos os envolvidos no processo para que seu desenvolvimento global aconteça.

DISCUSSÃO

Nesta análise de microuniverso pode ser observado que enquanto, na escola, a Educação Física for tratada como algo menor no currículo haverá uma grande tendência de que ela (escola) continue reproduzindo o sistema econômico estabelecido num contexto de reprodução do capital.

É possível que os cursos de graduação em Educação Física possam estender sua preocupação na formação extensiva às demais intervenções da docência na sociedade, dando a esses profissionais uma maior visibilidade e maior valor nas atribuições de suas funções, reconhecendo que as intervenções deste, possam influenciar de maneira sistemática, na reorganização e transformação dos saberes da cultura corporal e de seu conhecimento nas suas mais variadas dimensões.

Em sintonia com os estudos realizados, hoje, mais do que nunca, há um desejo de que o processo educacional nas sociedades humanas possa, segundo Rodrigues (2001) preparar os indivíduos em crescimento, para que possam assumir seus papéis sociais de maneira a exercer sua cidadania no uso adequado e responsável de seus conhecimentos e habilidades na vida em sociedade.

Apesar do distanciamento da escola em relação ao compromisso de uma educação integral, de fato, é certo de que o ambiente escolar compõe cenários para que as crianças possam extravasar na atividade física, experimentando as várias possibilidades de expressão de seu corpo e reconhecendo sua corporeidade como algo belo e saudável.

Evidentemente os conflitos existentes em meio às aulas de Educação Física não decorrem apenas de proposições de jogos ou atividades diferenciadas, mas da somatória de todas as reproduções da sociedade e da família que a escola, se propõe a reproduzir, mesmo que inconscientemente no trabalho diário. A violência então extrapola ao encontrar neste espaço, condições propícias para seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retrato do trabalho do professor de Educação Física, na maioria das vezes, é estabelecido pela quantidade de problemas ou conflitos que ele encaminha ao Orientador Educacional, Coordenador ou Diretor da Escola. E seu prestígio se

estabelece a partir das competições que participa e sai vitorioso. Há, ainda, um árduo trabalho a fazer para que este profissional possa ser reconhecido como parte indissociável do projeto político pedagógico da escola.

As relações que se dão nas aulas de Educação Física podem ser mudadas na medida em que as demonstrações de confiança ao aluno, encorajamento e dedicação ao seu desempenho positivo, forem apreciados e observados com atenção e cuidado. Machado (2008) afirma que uma ação pedagógica correta resultará em atitudes que validarão e influenciarão a aplicação das normas e princípios pedagógicos. As atividades de competição ou cooperação nas aulas, que resultam em atitudes ou comportamentos violentos devem ser encaradas como situações que merecem ser avaliadas, amadurecidas e refletidas no âmbito da aula, da escola e junto às famílias, para que juntos possam contribuir eficazmente na formação íntegra e global do aluno.

Assim, o trabalho inicial foi de recuperar a importância da professora e da disciplina de Educação Física colocando em evidência o quanto seu trabalho é valorizado e visualizado no âmbito desta escola. Em seguida de acordo com os estudos realizados, houve uma reflexão em conjunto sobre o que a literatura traz sobre a dificuldade que esta nova geração apresenta de se manter concentrada por muito tempo em determinadas atividades. Portanto a adequação das atividades foi pensada em relação ao tempo e ao espaço utilizado.

Desta forma, recuperamos algumas atividades cooperativas que trabalhassem os aspectos da solidariedade, do cooperativismo, da inclusão e do jogo simbólico sempre levando para as aulas duas ou três atividades (que atendessem aos objetivos propostos no plano de aula) para que fosse feita uma votação sobre qual seria a escolhida do dia, deixando a outra para a próxima aula. O aspecto de escolha trouxe para os grupos a apropriação das atividades com maior rendimento e estímulo o que também facilitou as conversas sobre os “xingamentos” e agressividade. Foram feitos alguns combinados sobre as questões de desrespeito (quer fossem através da verbalização ou da agressão física) ao outro e quais seriam as consequências e estes foram escritos num quadro fixado na quadra, para que pudessem recuperar sempre que necessário.

Foram marcadas reuniões individuais com pais (cujos filhos apresentavam dificuldades) para uma maior aproximação das famílias na escola e de sua valorização na formação permanente da criança.

O trabalho tem melhorado consideravelmente, problemas continuam surgindo, mas nos apoiamos nos estudos, na reflexão em dupla e na troca com os demais docentes para que possamos criar condições coletivas de espaços de formação cidadã de modo a integrar todos os partícipes no processo.

REFERÊNCIAS

- BACH, G. R.; GOLDBERG, H. **Agressividade Criativa**. Tradução de César Tozzi. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978.
- BRACHT, V. et al. A Prática Pedagógica em Educação Física: A mudança a partir da Pesquisa-Ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v 23, n.2, p.9-27, janeiro de 2002.



V SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE E MOTRICIDADE HUMANA,
II CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA,
ESPORTE, RECREAÇÃO E DANÇA.



BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física, terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, 1988.

BRENNER, E. & SALOVEY, P. - Controle emocional na infância: considerações interpessoais, individuais e de desenvolvimento. In: SALOVEY, P. & SLUYTER, D. J. **Inteligência Emocional na Criança: Aplicação na Educação e Dia-a-Dia**. 1ª ed. São Paulo: Editora Campus, p. 214-244, 1999.

MOIOLLI, A.; NICOLETTI, L. P.; SOUZA, de G. C. A Agressividade nas aulas de Educação Física Escolar: Um Estudo e Caso. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.9, n 1, p.7-14, 2010.

DARIDO, C. S.; RANGEL, I. C. A. Por que a Educação Física não avança ou avança tão lentamente? Algumas considerações. In: PACHECO, N. M.; (Org.) **Educação Física e Corporeidade e Saúde**. Dourados: Editora UFGD, 2012.

MACHADO, A. A. Psicologia do Esporte. Especialização Esportiva Precoce: afinal, problema ou solução? In: MACHADO, A. A.; (Org.) **Especialização Esportiva Precoce. Perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí, S.P. Editora Fontoura, 2008.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação e Sociedade**, v. 22, n. 76, 2001.

USO DE VARIÁVEIS LATENTES COMO AVANÇO NOS ESTUDOS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE: ESTUDO DE CASO COM A TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO

*João Ricardo Nickenig Vissoci¹⁴
Leonardo Pestillo de Oliveira¹⁵*

Introdução

Quando fui convidado a falar sobre os avanços em Psicologia do Esporte que experienciei no período de research fellowship na Duke University, percebi que teria um desafio grande pela frente. Quando optei por fazer o doutorado sanduiche nos Estados Unidos, decidi por me dedicar ao estudo de metodologia de pesquisa para ampliar a minha capacidade de desenvolver designs de estudos e também para melhorar a qualidade e complexidade das pesquisas. Dessa forma, o principal avanço que poderia discutir nessa mesa temática seria avanços em metodologias de pesquisa.

Por outro lado, também não deixei de estudar conceitos e conteúdos aplicados à Psicologia do Esporte. Especificamente, a teoria da autodeterminação têm aumentado sua presença em estudos da Psicologia do Esporte. Durante o meu período aqui nos EUA pude participar do evento XXX da Teoria da Autodeterminação. Não por coincidência, um dos principais avanços que percebi nos trabalhos apresentados no evento se relacionavam ao uso de métodos de pesquisa mais inovadores e complexos, que permitem maiores inferências. Principalmente o uso do método que pretendo apresentar nessa mesa.

O método de pesquisa a que me refiro, ou de análise de dados que decidi me especializar chama-se modelagem de variáveis latentes. Variáveis latentes são aquelas que não são medidas diretamente, mas são constituídas pelas variâncias compartilhadas de variáveis observadas. Nessa apresentação pretendo fazer uma introdução ao conceito de variáveis latentes, usos e recomendações e demonstrar sua utilização em resultados utilizando a teoria da autodeterminação como referencial teórico.

O que são variáveis latentes e qual o seu uso?

Como já apresentado, variáveis latentes são variáveis que não são medidas diretamente, portanto não podem ser observadas. Essas variáveis são construtos ou conceitos elaborados através do comportamento de um grupo de variáveis observáveis. Entenda variáveis observáveis como aquelas que são medidas diretamente junto ao sujeito da pesquisa.

¹⁴ Psicólogo CRP/08-12469, professor do departamento de Medicina da Faculdade Ingá, doutorando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP

¹⁵ Psicólogo CRP/08-12613, professor do Centro Universitário Cesumar-Unicesumar, doutorando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP

Costumeiramente utilizamos como variáveis observadas o conteúdo das perguntas em um questionário, ou os indicadores coletados sobre o desempenho do atleta (como tempo, velocidade entre outros). Assim, quando perguntamos a um atleta porquê ele pratica determinado esporte não estamos avaliando a Motivação, mas sim o comportamento ou a significação que o atleta atribui à sua prática esportiva. Motivação, neste mesmo exemplo, é uma variável não-observada diretamente (ou latente) que explica o conjunto de respostas dadas a perguntas de um questionário. Portanto, uma variável latente é um construto que é criado conceitualmente através da junção das variâncias de outras variáveis observadas.

Outro exemplo que permite evidenciar o conceito de variáveis latentes é o desempenho do atleta. Desempenho pode ser medido por diversos indicadores como *ranking* final, quantidade de gols marcados, tempo de prova entre outros (dependendo o tipo de esporte). Entretanto, nenhum deles individualmente representa desempenho. Desempenho, conceitualmente, é o nome que se atribui à variância desses indicadores (variáveis observadas), configurando assim uma variável latente.

Contudo, os dois exemplos utilizados acima são apenas figurativos para facilitar a compreensão do conceito de variáveis latentes. Tecnicamente falando, uma variável latente não é apenas a junção de variáveis observadas, mas sim um cálculo efetuado através de suas variâncias estatísticas. A utilização de variáveis latentes na investigação científica é efetuada através da criação de modelos que tem variáveis latentes como intervenientes ou como variáveis de resposta. Esses modelos trabalham com diversos tipos de variáveis, sejam contínuas, discretas, categóricas ou dicotômicas, há também aplicações do conceito de variáveis latentes para resultados qualitativos (entrevistas ou recortes documentais). Os principais métodos empregados atualmente em Psicologia do Esporte são: Modelagem de Equações Estruturais (*Structural Equation Modeling - SEM*), Análise Fatorial Exploratória ou Confirmatória, Teoria de resposta ao item (*Item Response Theory*) e curvas de crescimento latente (*Latent Growth Curves*). Com destaque para o SEM, são métodos de análise que requerem certa complexidade mas tem se tornado comuns pela facilidade de aplicação com programas estatísticos como MPLUS, SPSS - AMOS, Language R entre outros.

Os objetivos do uso de variáveis latentes se organiza em 3 braços: 1) representar o efeito de um fator/covariante de variáveis não observadas diretamente; 2) controlar para erros de mensuração, o chamado *true-score*; 3) resumir diferentes medidas de uma mesma característica não-observada.

Modelos de Equações Estruturais aplicados à Teoria da Autodeterminação

Para exemplificar a utilização das variáveis latentes em estudos na área da Psicologia do Esporte vou utilizar os dados e resultados publicados em um estudo realizado pelo grupo Pró-Esporte (VISSOCI et al., no prelo). São dados sobre percepção de estilos de suporte parental, motivação autodeterminada e estratégias de enfrentamento de coping em atletas de futebol de campo. Mais informações podem ser encontradas no estudo ou com os autores.

Cabe aqui mencionar que o suporte teórico da autodeterminação utilizada no momento da pesquisa compreendia o modelo hierárquico da motivação proposto

por Vallerand (2001). Nesse modelo a motivação era entendida como uma variação dentro de um continuum de autodeterminação que variava de Falta de Motivação para Motivação Intrínseca. Dessa forma, os autores desenvolveram um instrumento (SMS, autores) que era idealizado para avaliar a motivação esporte em 3 grandes dimensões latentes: Falta de motivação, Motivação Extrínseca (ME) e Motivação Intrínseca (MI). As dimensões ME e MI ainda se subdividiam em 3 sub-dimensões cada (ver COSTA, et. al., 2001 para maiores informações sobre o instrumento).

Seguindo esse pressuposto, em nosso estudo analisamos o efeito do suporte parental sobre as estratégias de enfrentamento em atletas de futebol de campo, mediadas pela autodeterminação através um modelo de variáveis latentes através Modelagem de Equações Estruturais-SEM (*Structural Equation Modeling* - HOX; BECHGER, 1998; KLINE, 2012). Esse é um método de análise de dados que tem sido amplamente utilizado para compreender diversas características psicológicas no esporte em pesquisas internacionais (AMIOT; GAUDREAU; BLANCHARD, 2004; FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO, 2005; McDONOUGH; CROCKER, 2007; BRUNET; SABISTON, 2008; NTOUMANIS; STANDAGE, 2009).

Esse tipo de análise representa a interpretação de uma série de relações de causa e efeito entre variáveis observadas ou latentes, que considera os padrões de dependência estatística. Os relacionamentos dentro deste modelo, são descritos pela magnitude do efeito (direto ou indireto) que as variáveis independentes (observadas ou latentes) têm nas variáveis dependentes (observadas ou latentes) (HERSHBERGER; MARCOULIDES; PARRAMORE, 2003). O método SEM foi utilizado para testar as hipóteses, delineadas a partir da literatura da área, de que a percepção de criação parental (SP) interfere no estilo regulatório motivacional (MI e ME) dos atletas, que por sua vez determina a capacidade e estratégias do sujeito ao lidar com o estresse (Índice de Confronto no Esporte - ICE).

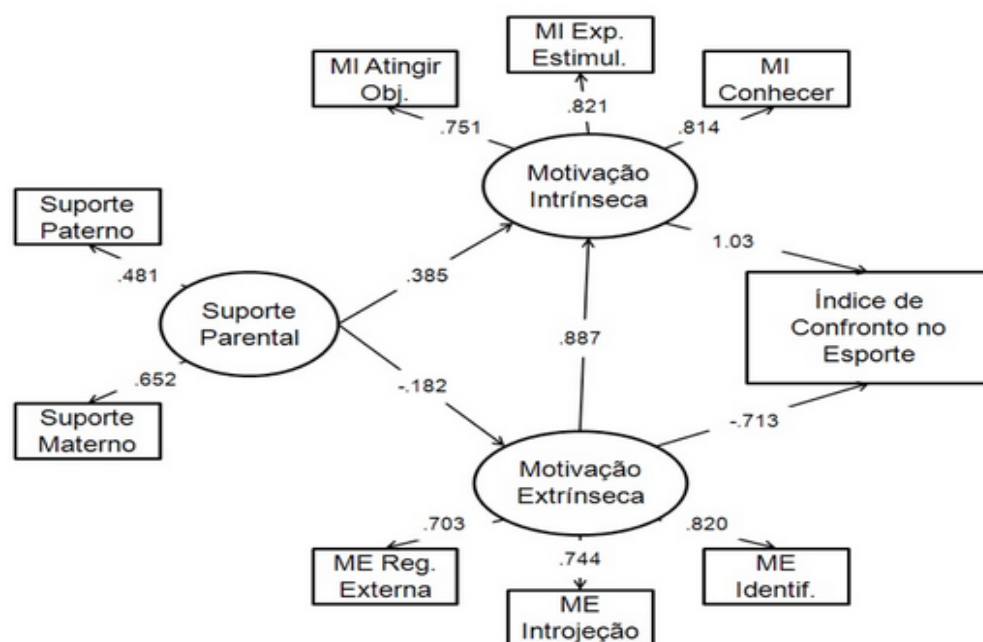


Figura 1. Modelo de Equação Estrutural da influência do SP sobre o ICE mediado pela motivação autodeterminada. Adaptado de Vissoci et al. (no prelo).

Após as análises iniciais evidenciou-se a configuração de três variáveis latentes: Motivação Intrínseca, Motivação Extrínseca e Suporte Parental. Após diversas possibilidades testadas, encontrou-se um modelo com caminhos significativos, percebendo-se que uma trajetória entre a ME para a MI. O modelo apresentado então contém todos os caminhos com significância estatística ($P < 0,05$), explicando 37,6% da da variância do ICE em atletas de futebol de campo. Analisando então as trajetórias, pode-se observar que o SP teve um efeito médio (positivo) sobre a MI (0,385) e entre baixo e médio (negativo) sobre ME (-0,182). A motivação por sua vez apresentou fortes efeitos sobre o ICE, com direção positiva para MI (1,03) e negativa para ME (-0,713), indicando que a MI favorece as estratégias de enfrentamento enquanto ME dificulta as capacidades de lidar com o estresse do esporte.

Nota-se na Figura 1 que o modelo satisfatório fixou uma relação recíproca entre MI e ME, sugerindo que as motivações estaria conectadas interferindo uma na outra. Esse resultado vai ao encontro do modelo hierárquico da motivação que prediz um continuum da motivação e não fases isoladas. Dessa forma, como a motivação é um processo em desenvolvimento, a sua compreensão como MI e ME estava enviesada. O continuum da autodeterminação postula que o indivíduo evolui em sua autodeterminação partindo de motivos mais extrínsecos (regulados externamente) para motivos mais intrínsecos (regulados internamente). Portanto há um momento nesse continuum que a MI e ME se confundem, no qual o motivo do atleta para a prática é extrínseco mas pode ser compreendido como regulado internamente (motivação extrínseca para identificação ou motivação extrínseca integrada) (VALLERAND, 2007).

Atualmente, os estudos da autodeterminação têm trabalhado com a motivação em duas dimensões diferentes da intrínseca e extrínseca. É consenso na teoria da autodeterminação que a motivação é fruto da capacidade do indivíduo em satisfazer certas necessidades básicas (autonomia, competência e relacionamento). Assim, a motivação seria fruto da percepção do indivíduo do foco da sua regulação motivacional, podendo ser um controladas externo (CE - regulações externas ou introjetadas) ou autônomo (CA - quando a percepção da regulação é interna, própria do indivíduo). Nessa perspectiva, elementos da ME (como motivação identificada ou integrada) se tornam características da motivação com controle autônomo.

Assim, modificamos o modelo proposto no estudo tomado como exemplo nessa apresentação, reavaliando as variáveis latentes MI e ME, agora configurando-as como CA e CE. Essa modificação permitiu evidenciar mudanças nos fatores preditivos do SP para CA e CE e da motivação para o ICE (Figura 2). Percebe-se que o suporte parental passa a predizer positivamente tanto CA quanto CE. Por outro lado, a variância de suporte parental quando passa por CE perde o impacto sobre ICE. Por fim, vale ressaltar que o modelo da Figura 2 não apresenta a trajetória de predição de ME para MI, tornando assim CA e CE variáveis mais bem definidas sem compartilhamento de variância. Ambos os modelos apresentaram indicadores de adequação estatística satisfatórios.

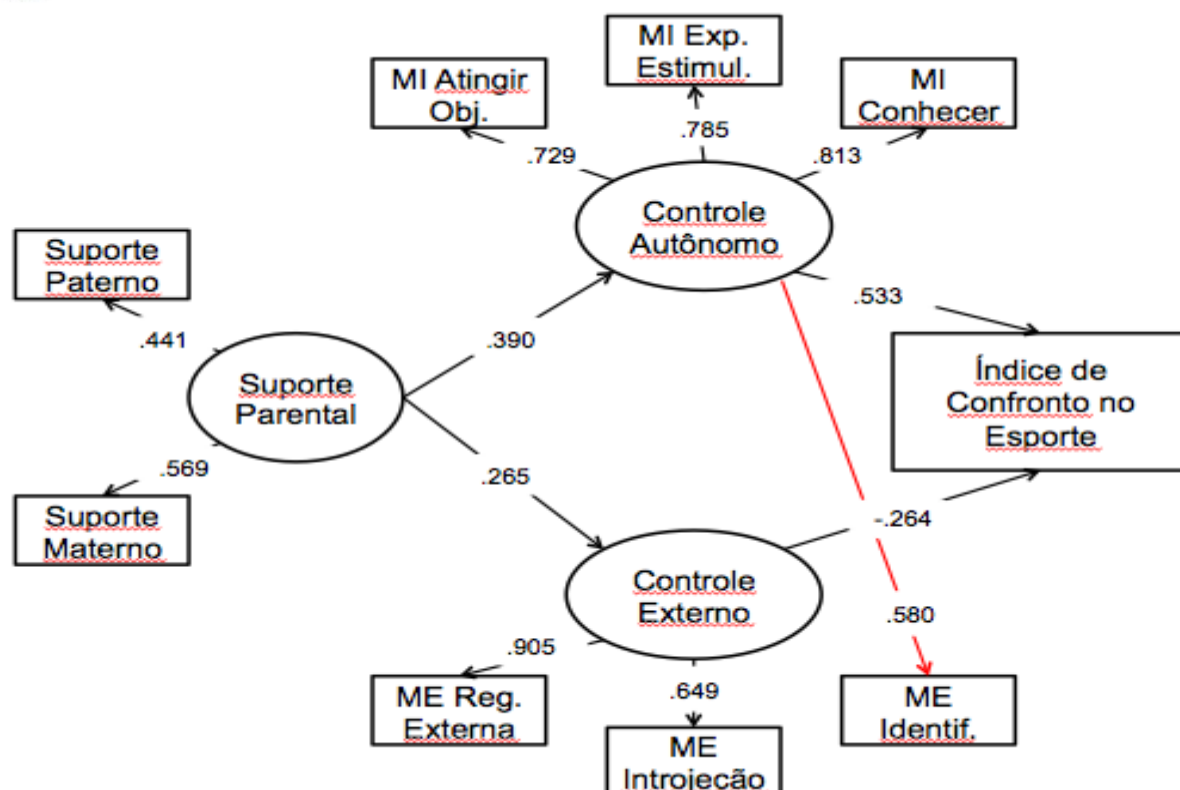


Figura 2. Modelo de Equação Estrutural da influência do SP sobre o ICE mediado pela motivação autodeterminada, modificado para motivação com controle externo e autônomo.

Conclusões

Esta fala teve como objetivo apresentar o conceito de modelos de variáveis latentes, introduzidos como um dos principais avanços na Psicologia do Esporte que vivenciei no meu período como bolsista junto a Duke University. O exemplo apresentado permite evidenciar como a utilização das variáveis latentes permite compreender o efeito de construtos teóricos (como a autodeterminação), até então analisados isoladamente. Esse tipo de análise permite ampliar o impacto dos estudos desenvolvidos em Psicologia do Esporte e também a compreensão do fenômeno psicológico no contexto esportivo.

Referências

- AMIOT, C. E.; GAUDREAU, P.; BLANCHARD, C. M. Self-determination, coping and goal attainment in sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 26, p. 396-411, 2004.
- BRUNET, J.; SABISTON, C. M. Social physique anxiety and physical activity: A self-determination theory perspective. **Psychology of Sport and Exercise**, p.1-7, 2008.
- COSTA, V.T.; ALBUQUERQUE, M.R.; LOPES, M.C.; NOCE, F.; COSTA, I.T., FERREIRA, R.M.; SAMULSKI, D.M. Validação da escala de motivação no esporte (SMS) no futebol para a língua portuguesa brasileira. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, v.25, n.3, p.537-46, 2011



- FERNANDES, H. M.; VASCONSELOS-RAPOSO, J. Continuum de auto-determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. **Estudos de Psicologia**, v.10, n.3, p. 385-395, 2005.
- HERSHBERGER, S. L.; MARCOULIDES G. A.; PARRAMORE, M. M. Structural equation modeling: an introduction. In B. H. PUGSEK, A.; TOMER, A. (Eds.). **Structural equation modeling: Applications in ecological and evolutionary biology**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003, p.3-41.
- HOX, J. J.; BECHGER, T. M. An Introduction to structural equation modeling. **Family Science Review**, v. 11, p. 354-373, 1998.
- KLINE, R. B. **Principles and Practice of Structural Equation Modeling**. New York: The Guilford Press, 2012.
- MCDONOUGH, M. H.; CROCKER, P. R. E. Testing self-determined motivation as a mediator of the relationship between psychological needs and affective and behavioral outcomes. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.29, p.645-663, 2007.
- NTOUMANIS, N.; STANDAGE, M. Motivation in physical education classes: A self-determination theory perspective. **Theory and Research in Education**, v.7, p.194-202, 2009.
- VALLERAND, R. J. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise. In: ROBERTS, G. C. **Advances in Motivation in Sport and Exercise**. Champaign: Human Kinetics, 2001, cap. 8, p. 263-319.
- VALLERAND, R. J. A hierarquical model of intrinsic and extrinsic motivation for sport and physical activity. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport**. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007. Cap 17, p. 255-279.

VIOLÊNCIA INSTRUMENTAL E AS LUTAS/ OU ESPORTIVA

Afonso Antonio Machado; Guilherme Bagni e Henrique Michelin ()*

Atualmente, com o considerável desenvolvimento das ferramentas tecnológicas, em especial aquelas promovidas pelo advento da *Internet*, surgem, na sociedade atual, novas formas de comunicação, de organização das atividades humanas e de relacionamentos, facilitando o surgimento das redes sociais, para as quais o interessado deve apoiar-se em computadores que sejam capazes de oferecer uma gama de possibilidades de uso. Tais ferramentas são desde os celulares, os smartphones, até os mais sofisticados computadores que favorecem o estreitamento de usuários e a criação de laços no ambiente virtual, de modo a iniciar pelos *e-mails*, fóruns e listas de discussão, sistemas de boletins eletrônicos (BBSs), grupos de notícias, *Chats* e *Softwares* Sociais.

Devido à grande expansão tecnológica, a rede social aparece como uma grande metáfora, que representa os tempos atuais, com necessidade de ser melhor analisada e compreendida, o que motivou o desenvolvimento deste estudo, no sentido de se ampliar as reflexões acerca do universo pessoal de acesso aos softwares sociais, com ferramentas voltadas para a formação de comunidades virtuais e com a valorização do aspecto de relacionamentos interpessoais, no caso, a formação de grupos afeiçoados às lutas televisionadas..

Interessante perceber que, em qualquer que seja a mídia, um foco recai no papel social do indivíduo, que poderia ser compreendido por meio dos grupos (redes) dos quais ele faz parte, como também pelas posições que ele ocupa nessas redes. Então, tendo isso como premissa, pode-se inferir que, nos dias atuais, para algumas pessoas, pensar em vivência no lazer remete à idéia de ficar em casa, dialogando com um computador e viajando pela *Internet*. O interesse por esse tipo de vivência no âmbito do lazer vem crescendo muito a cada dia, transformando-se em um novo conteúdo cultural, conforme evidenciou Schwartz (2003), principalmente no que diz respeito à busca por relacionamentos.

Relacionar-se significa a interação entre duas pessoas, no mínimo, em que se buscam trocas de informações, usando-se de meios significativos e adequados. Em todo grupo existe a intensificação de tendências, chamada de polarização do grupo, em que as pessoas discutem atitudes do grupo, com a maioria se opondo ou concordando. Com o avanço tecnológico e dos meios midiáticos a sociedade passa um período de relativização dos valores sociais apregoados aos relacionamentos, colocando as pessoas ou grupos em contato com situações inusitadas, que jamais sonhariam em experienciar há algum tempo atrás, como, por exemplo, vibrar pela vitória do anti-herói ou torcer pelo malvado ou ainda delirar diante de um massacre televisivo.

É verdade que todo esse universo tecnológico é capaz, também, de imprimir maior introspecção e isolamento social, mas não é mentira que muitos se apropriam deste espaço para desenvolver seus mais grosseiros e cruéis instintos de violência, escondidos que estão num espaço virtual e distante de olhares de julgamento ou censura. Pelo dinamismo deste veículo de relacionamento, torna-se premente

novos estudos, no sentido de se aprimorar as reflexões surgidas nestas reflexões, em especial, devido à complexidade do envolvimento humano com o ambiente virtual.

Após a explanação sobre o mundo virtual, por onde são captadas informações e assumidas culturas e contraculturas, iniciamos nosso trajeto pelas emoções proporcionadas pelo mundo do espetáculo, oferecido pelos esportes. Acreditamos que os processos emocionais, no esporte, não são provocados apenas por atos externos, mas pode haver uma “onda” que contagie o grupo que pratica e o que assiste, como uma manifestação de alegria de uma equipe em situação de desempenhos satisfatórios que contagie o público, que delira de entusiasmo, especialmente por haver uma situação que ambos estavam desejando.

Ou ainda, uma certa euforia que desemboque em agressões, descontrolada e insana, diante de um resultado ou um evento qualquer, como o causado pelo “selinho” dado pelo jogador Sheik em um amigo, que levou partes/facções de torcedores a atuarem com gestos e expressividades de agressão e violência, iniciando um movimento homofóbico e destruidor. E, mais frequentemente, a violência instalada entre grupos de torcidas rivais, diante de uma partida decisiva ou um resultado insatisfatório.

Da mesma forma, a reação do público diante do espetáculo esportivo assistido, com resultados quaisquer, fica expresso em seus gritos, cantos de guerra e ações. Tais manifestações acarretam um deslocamento de emoções que atinge aos atletas, à mídias e aos torcedores ausentes. É sabido que a transferência dos processos emocionais entre atletas e espectadores ocorre quando ambos os grupos perseguem os mesmos objetivos, identificando-se mutuamente e desenvolvendo um sentimento de “unidade”.

Os torcedores são parte importante do espetáculo esportivo, mas a violência entre eles seja verbalizada ou até mesmo direta, recorrendo a objetos jogados nos atletas, juízes e fiscais, faixas com frases de ordens e xingamentos e gritos de comando são variáveis específicas para o aumento da agressividade dentro e fora da área de jogo, gerando uma ansiedade por antecipação aos momentos esportivos (MACHADO, 1998).

Estudos realizados por Serpa (1999) afirmam que o papel da mídia é a não publicação da agressão como espetáculo, procurando, assim, por um lado, uma verdadeira imersão em episódios agressivos, favorecendo a aprendizagem por observação de tais comportamentos, sem que se procure explicitar os objetivos do noticiário. Entretanto, a mídia esportiva vem se especializando, também, em atribuir valores aos atos de violência e agressão, de modo a oferecer detalhes e possibilitar a repetição, com maior e melhor chance de sucesso.

É bem verdade que os esportes podem oferecer uma folga no Código de Honra dos homens, conforme já dissemos em outras oportunidades; mas é necessário notar que se tem tanto uma oportunidade para a abertura, a expressão e a intimidade, quanto para a solidão, a vergonha e a competição desleal. Portanto, os esportes podem ser um lugar onde se demonstre uma agressividade desenfreada, um momento em que se extravasam sentimentos de raiva e frustração e, sendo assim, realmente machuca os outros.

Os exemplos apontam para o fato dos esportes poderem, sim, então impelir grupamentos para uma cultura de competição, cuja meta seja ganhar a qualquer custo, numa busca de glória narcisista, à custa dos outros. Fazem, desta maneira, com que algumas pessoas – especialmente aquelas que não estão interessadas em esportes ou que não foram talhados para praticá-los – sintam-se de lado, sem chances como jogadores mas valorizados como torcedores, levando às últimas consequências o seu empenho em levantar a equipe e encaminhá-la à vitória, pagando o preço que for preciso.

É notório observar que a competição ferrenha entre os homens raramente eleva o caráter e pouco faz para aproximá-los uns dos outros. O desenvolvimento do espírito destrutivo e da violência são exacerbados diante de repetições midiáticas, como se aquele fosse o objetivo do esporte; nada passa a ser mais comentado ou difundido do que um quebra-quebra ou um final de jogo tumultuado. As performances esportivas são deixadas de lado em detrimento dos elevados números de destruição a que temos assistido.

Da maneira como temos visto, o esporte é um pretexto para o confronto bélico e as novas mídias têm atuado como mediadoras ou articuladoras destes encontros, como se orquestrassem e arregentassem grupos para uma guerra a ser realizada antes, durante ou depois do jogo. O confronto passa a ser o espetáculo. E o resultado deste espetáculo está tomado pelos riscos próprios das pulsões desenfreadas dos gestos violentos.

Afinal, os esportes são a figura ou o fundo? E a violência? Que papel desempenha neste cenário esportivo? Como estaremos atuando para disponibilizar as novas mídias a favor de uma prática esportiva sadia? Ou ainda entendemos que as novas mídias não têm relação com o cenário esportivo? No século XXI, estudar Psicologia do Esporte, pesquisar na área e pensar em intervenções demanda um forte e profundo conhecimento desta tecnologia que nos faz pertencer a um Mundo Conectado.

(*) Afonso Antonio Machado é coordenador do LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, da UNESP-IB-Rio Claro; Guilherme Bagni e Henrique Michelin são graduandos do Departamento de Educação Física- I.B.-UNESP, campus de Rio Claro e membros do LEPESPE, onde desenvolvem suas iniciações científicas voluntárias.